



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

ROBSON WILLIAM POTIER

**REUNINDO CORDÉIS, COLECIONANDO MEMÓRIAS:  
JUAZEIRO DO NORTE NARRADA PELA COLEÇÃO CENTENÁRIO –  
LITERATURA DE CORDEL  
(2011)**

FORTALEZA

2021

ROBSON WILLIAM POTIER

**REUNINDO CORDÉIS, COLECIONANDO MEMÓRIAS:  
JUAZEIRO DO NORTE NARRADA PELA COLEÇÃO CENTENÁRIO –  
LITERATURA DE CORDEL  
(2011)**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor no Curso de Pós-Graduação em História, Área de Concentração em História Social, Linha de Pesquisa Memória e Temporalidade, da Universidade Federal do Ceará.  
Orientador: Prof. Dr. Francisco Régis Lopes Ramos.

FORTALEZA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

P891r Potier, Robson William.

Reunindo cordéis, colecionando memórias : Juazeiro do Norte narrada pela Coleção Centenário – Literatura de Cordel (2011) / Robson William Potier. – 2021.  
280 f.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em História, Fortaleza, 2021.

Orientação: Prof. Dr. Francisco Régis Lopes Ramos.

1. Memória. 2. Cordel. 3. Centenário. 4. Coleção. I. Título.

CDD 900

---

ROBSON WILLIAM POTIER

**REUNINDO CORDÉIS, COLECIONANDO MEMÓRIAS:  
JUAZEIRO DO NORTE NARRADA PELA COLEÇÃO CENTENÁRIO –  
LITERATURA DE CORDEL  
(2011)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em História. Área de concentração: História Social.

Aprovada em: 22/01/2021.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Francisco Régis Lopes Ramos. (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Douglas Attila Marcelino  
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

---

Profa. Dra. Kênia Souza Rios  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Profa. Dra. Martine Suzanne Kunz  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Profa. Dra. Rosilene Alves de Melo  
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

---

Prof. Dr. Edilberto Cavalcante Reis (suplente)  
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

---

Profa. Dra. Meize Regina de Lucena Lucas (suplente)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

À Leda, por estar sempre por perto, por acreditar  
e por me fazer melhorar sempre.

## AGRADECIMENTOS

À Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP), pelo apoio institucional que, por meio da concessão de uma bolsa de estudos, me proporcionou, por 48 meses, auxílio imprescindível para que esta pesquisa fosse desenvolvida.

Aos colaboradores do Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade Federal do Ceará, pela gentileza e pelo profissionalismo com os quais nos ajudaram sempre, em tudo o que foi preciso.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade Federal do Ceará, pela dedicação, por todos os aprendizados, pelas interações e conversas dentro ou fora das salas de aula.

Aos meus colegas de turma no doutorado, Ana Cristina, Elane, Queila, Gabriel, Manoel, Reginaldo. Cada conversa que tivemos foi importante para a construção desse trabalho e para o meu crescimento pessoal e profissional.

Aos amigos de Natal, Antônia, Gabriela e Gil, pessoas queridíssimas que entraram no doutorado junto comigo. Agradeço pelo choro compartilhado no início do processo, pelas madrugadas nos ônibus entre Natal e Fortaleza, pelas conversas intermináveis na pousada, pelos lanches na praça, pelo apoio imprescindível, por me ajudarem a crescer e a melhorar.

Ao meu orientador e professor, Dr. Francisco Régis Lopes Ramos, historiador que admiro e em quem me inspiro. Muito obrigado por sua generosidade e paciência, por suas leituras atentas, orientações precisas e, principalmente, por me apresentar a coleção de cordéis que deu mote a este trabalho.

Às professoras Dra. Kênia Sousa Rios e Dra. Martine Suzanne Kunz, por todas as importantíssimas contribuições que me foram dadas durante a banca de qualificação desta tese. Este trabalho mudou muito em relação ao que se propunha no início do processo, e vocês deram imensa contribuição para essa mudança.

À professora Dra. Rosilene Alves de Melo e ao professor Dr. Douglas Attila Marcelino, pela disponibilidade em aceitarem o convite para se reunirem às professoras que já haviam participado do exame de qualificação, a fim de formarem uma banca de defesa que presenteou a todos

os que participaram, com valiosíssimas contribuições que fizeram daquela tarde de 22 de janeiro de 2021, um momento memorável de aprendizado.

Aos amigos queridos que estiveram próximos: Thiago e Diego, que leram e criticaram meu projeto de doutorado e seguiram contribuindo com diálogos que não têm preço; Lucila, Maiara, Kleber, Mariano, historiadores talentosos atuantes e dedicados com os quais aprendi e aprendo imensamente.

À Sukita, meu transporte em duas rodas, “cavalo mecânico” que me acompanhou por todos os anos do doutorado sem nunca “reclamar” nem apresentar problemas; que me levou e me trouxe em segurança, não apenas pelo belo trajeto sertanejo entre Natal e Juazeiro do Norte mas também por inúmeras idas e vindas entre Natal e Fortaleza.

À atenciosíssima equipe de profissionais do SESC de Juazeiro do Norte, que me permitiu digitalizar preciosos folhetos de seus acervos, além de me apresentarem ao Projeto SESCordel – Novos Talentos.

À prestativa equipe de profissionais do Memorial Padre Cícero que me recebeu e me orientou sobre questões que se tornaram importantes em minha busca por compreender Juazeiro do Norte.

Aos profissionais da Lira Nordestina, sobretudo, ao poeta Zé Lourenço que me forneceu contatos em Juazeiro do Norte sem os quais a presente tese não teria tomado o formato aqui apresentado.

Aos prezados e prestativos José Carlos, Renato Dantas, Roberto Viana e Rosário Lustosa. Vocês ajudaram a fazer com que Juazeiro se abrisse para mim em termos de possibilidades para esta pesquisa.

À minha família – Mãe, Ronald, Raquel, Cida, Dona Leda – pequena em número de pessoas, imensa em apoio e participação. Vocês me incentivaram a largar meu antigo ofício, entre *bits* e *bytes*, para abraçar a História, minha verdadeira paixão. Obrigado por acreditarem.

À Leda, companheira de uma existência, mulher da minha vida, esposa, amiga e historiadora talentosa. Só nós sabemos o que significaram esses anos em que a tese se desenvolveu. Eu não conseguiria sem você e por isso eu lhe dediquei este trabalho.

Ao Arthur, filho, amigo e amor maior. Você era uma criança quando isso tudo começou. Hoje é um rapaz que cresceu e tem se tornado um ser humano incrível enquanto seu pai pesquisa, lê, escreve, leciona... Nesse meio tempo em que lutamos juntos, com nossos sabres de luz, estudamos juntos, tocamos e cantamos juntos, você foi o melhor companheiro que alguém sonharia em ter. Talvez um dia você queira ler um pouquinho dessas coisas que seu pai vive escrevendo.

Para mim e para outros milhares de brasileiros e brasileiras, foram particularmente difíceis os anos que coincidiram com o desenvolvimento do meu doutoramento. Iniciei o curso atento aos movimentos sociais e políticos que deram mote a um golpe parlamentar que culminou no impedimento de uma presidente da República eleita democraticamente. Terminei meu doutorado em meio a uma grave pandemia que ceifou milhares de vidas no planeta e, no Brasil, combinou-se com uma séria crise política marcada por elementos autoritários e discursos negacionistas contra as ciências, que buscaram promover a desvalorização das pesquisas acadêmicas desenvolvidas em todas as áreas. Gostaria, portanto, de finalizar agradecendo aos historiadores e às historiadoras do Brasil, por exercerem o imprescindível papel de, por meio da História, ajudarem as pessoas a orientarem-se no tempo e no espaço, auxiliando-as a refletirem sobre suas respectivas realidades e a compreenderem o mundo em que vivem, de forma crítica e autônoma. Agradeço, portanto, concordando com Carlos Drummond de Andrade, quando afirmou que nós, historiadores, viemos para “escalpelar os mortos” e “para contar o que não faz jus a ser glorificado”, somos, muitas vezes, “importunos”, sabemos disso e temos consciência de que devemos insistir, rancorosos e fiéis.



“[...] Mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos para-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras.” (CALVINO, 1990, p. 14-15).

## RESUMO

A presente pesquisa relaciona-se com as formas com as quais a literatura de folhetos brasileira – mais mencionada pelo senso comum como “literatura de cordel” – vem, desde as primeiras décadas do século XX, produzindo narrativas sobre a cidade de Juazeiro do Norte - CE, seus personagens mais conhecidos, seus lugares, dinâmicas sociais, ritos e crenças. Nossas principais reflexões recairão sobre os processos de elaboração, edição e distribuição da *Coleção Centenário – Literatura de Cordel*, coletânea formada por cem poemas em formato de folhetos, divididos nos segmentos “cordéis clássicos” e “cordéis contemporâneos”, idealizada para ser lançada durante as comemorações do jubileu de cem anos de Emancipação Política de Juazeiro do Norte. Pretende-se discutir a *Coleção Centenário*, problematizando intencionalidades em relação as manutenções de memórias sobre a cidade; circunstâncias de produção; relações com os respectivos tempo e espaço de elaboração de cada folheto; e, principalmente, suas forma de organização de conteúdos. Os olhares produzidos sobre os folhetos do segmento “cordéis clássicos” permitirão que sejam discutidas algumas das formas com as quais literatura de folhetos produziu representações sobre Juazeiro, sempre buscando atender às demandas de seus respectivos tempos de composição e edição. Veremos como esses poemas, que narraram a cidade ao longo de mais de um século, esse “meio do caminho” entre a Emancipação Política da cidade e a Festa do Centenário, são ressignificados em sentidos e finalidades quando reunidos, no início da segunda década do século XXI, a fim formarem um conjunto coeso de narrativas a serem apresentadas a um público diferente daquele ao qual os poemas se destinavam originalmente. Quando as atenções desta pesquisa voltam-se aos folhetos do segmento “cordéis contemporâneos”, as mudanças e permanências que a literatura de folhetos sofreu com o tempo, apresentam-se para serem discutidas. Os “cordéis contemporâneos” da *Coleção Centenário* mostram-nos que não apenas a literatura de folhetos mudou com o tempo, mas também, seus leitores e ouvintes, seus espaços de circulação e consumo, seus efeitos de produção de discursos. Longe de apresentar-se como um conjunto homogêneo e consonante de narrativas sobre Juazeiro do Norte, a coletânea de “cordéis contemporâneos” nos permite antever um campo de disputas entre segmentos que pretendem preservar o cordel em suas características “tradicionais”, tomadas muitas vezes como “canônicas” e, os movimentos que buscam caminhos de renovação para as formas de se escrever, produzir e enunciar essa literatura. Também, os “cordéis contemporâneos” nos ajudarão a refletir sobre como se pretendeu narrar a cidade em seu jubileu de centenário, apresentando para novos e antigos adeptos, as características de sacralidade e de progresso

que quase nunca deixam de se fazer presentes quando Juazeiro é representada. Reunindo os cem folhetos, os “clássicos” e os “contemporâneos”, este trabalho permite refletimos sobre como podem ser implementadas produções editoriais, potencialmente consolidadoras de discursos sobre a cidade, a partir das interações entre os esforços e intencionalidades de grupos bastante heterogêneos, formados por artistas, memorialistas, gestores municipais e instituições de fomento à pesquisa.

Paravras-chave: Memória. Cordel. Centenário. Coleção.

## ABSTRACT

This research relates to the forms in which the Brazilian literature booklets – more mentioned by the common sense as “cordel literature” – has been producing, since the first decades of the 20th century, narratives about the city of Juazeiro do Norte – CE, its most popular characters, its places, social dynamics, rites and beliefs. Our main reflections will be about the processes of elaboration, edition and distribution of the *Coleção Centenário – Literatura de Cordel*, a collection composed by a hundred poems in the form of booklets, divided in the segments of “classic cordel” and “contemporary cordel”, idealized to be released during the commemoration of the jubilee of a hundred years of Political Emancipation of Juazeiro do Norte. We intend to discuss the *Coleção Centenário*, problematizing the intentionality in relation to the maintenance of memories about the city; production circumstances, relations with the respective time and space of elaboration of each booklet; and, mainly, its forms of content organization. The results provided through the investigation of the booklets from the segments of “classic cordel” will allow the discussion about some of the ways in which booklet literature created representations about Juazeiro, always seeking to fulfill the demands of its respective time of composition and edition. We will see how these poems, which has narrated the city through more than one century, this “middle of the way” between the Political Emancipation of the city and the Centenary Party, are reframed in relation to its meanings and significations when reunited, in the beginning of the second decade of the 21st century, in order to create a cohesive set of narratives to be presented to a different public from the one the poems were originally destined. When the focus of this research shifts to the booklets from the “contemporary cordel”, the changes and permanence which booklet literature has passed through time present themselves to be discussed. The “contemporary cordel” from the *Coleção Centenário* shows us that not only cordel literature has changed with time, but also its readers and listeners, its places of circulation and consumption, its effects of production of discourses. Far from presenting itself as a homogenous and consonant set of narratives about Juazeiro do Norte, the collection of “contemporary cordel” allows us to foresee a dispute field among segments which intend to preserve cordel with its “traditional” characteristics, commonly taken as “canonicals”, and the movements which search for ways of renewal towards the forms of writing, producing and enunciating this literature. Besides, the “contemporary cordel” will help us to reflect about how it was intended to narrate the city in its centenary jubilee, presenting to new and old adepts, the traits of sacredness and progress

that almost never is absent when Juazeiro is represented. Putting together the one hundred booklets, the “classic” and “contemporaries” ones, this paper allows us to think about how editorial productions can be implemented, which are potentially consolidators of discourses about the city, from the interactions between the efforts and intentionality of highly heterogenous groups, composed by artists, memorialists, municipal managers and institutions of research promotion.

Keywords: Memory. Cordel. Centenary. Collection.

## RESUMEN

Esta investigación se relaciona con las formas en que los folletos de literatura brasileña - más comúnmente conocida como "literatura de cordeis" – viene produciendo narrativas sobre la ciudad de Juazeiro del Norte, estado de CE; sus personajes más conocidos, sus lugares, las dinámicas sociales, ritos y creencias. Nuestras principales reflexiones recaerán sobre los procesos de elaboración, edición y distribución de la *Coleção Centenário – Literatura de Cordel*, una colección formada por un centenar de poemas en forma de folletos, divididos en los segmentos “Cordeis clásicos” y “Cordeis contemporáneos”, idealizados para ser lanzados en las conmemoraciones del jubileo de los cien años de Emancipación Política de Juazeiro do Norte. Se pretende discutir la *Coleção Centenário*, problematizando intencionalidades en relación al mantenimiento de la memoria sobre la ciudad; circunstancias de producción; relaciones con el respectivo tiempo y espacio de elaboración de cada folleto; y, principalmente, sus formas de organización de contenidos. Las perspectivas hacia los folletos del segmento “cordel clásico” nos permitirán discutir algunas de las formas en que la literatura de folletos produjo representaciones sobre Juazeiro, buscando siempre atender las exigencias de sus respectivas épocas de composición y edición. Veremos cómo en estos poemas, que narran la ciudad a lo largo de más de un siglo, este “medio camino” entre la Emancipación Política de la ciudad y la Fiesta del Centenario, cambian su significado en sentidos y propósitos en reunirse, a principios de la segunda década del Siglo XXI, con el fin de formar un conjunto compacto de narrativas para ser presentadas a una audiencia diferente a la que originalmente estaban destinados los poemas. Cuando la atención de esta investigación se dirige a los folletos “Cordeis contemporáneos”, se presentan para ser discutidos los cambios y permanencias que ha experimentado la literatura de folletos a lo largo del tiempo. Los “Cordeis contemporáneos” de la Colección Centenário nos muestran que no solo la literatura de folletos ha cambiado con el tiempo, sino también sus lectores y oyentes, sus espacios de circulación y consumo, sus efectos en la producción de relatos. Lejos de presentarse como un conjunto homogéneo y consonante con los relatos acerca de Juazeiro do Norte, la colección de “Cordeis Contemporáneos” permite tener la visión de un campo de conflicto entre segmentos que pretenden preservar el “Cordel” en sus características “tradicionales”, muchas veces tomadas como “Canónicos” y movimientos que buscan maneras de renovar las formas de escribir, producir y enunciar esta literatura. Asimismo, los “Cordeis contemporáneos” nos ayudarán a reflexionar sobre cómo se pretendía relatar la

ciudad en su jubileo centenario, presentando a nuevos y antiguos adeptos, las características de sacralidad y progreso que casi nunca dejan de estar presentes cuando se representa a Juazeiro. . Reuniendo los cien folletos, los “clásicos” y los “contemporáneos”, este trabajo nos permite reflexionar sobre cómo se pueden implementar las producciones editoriales, consolidando potencialmente discursos sobre la ciudad, a partir de las interacciones entre esfuerzos e intenciones de grupos bastante heterogéneos, conformados por artistas, memorialistas, gestores municipales e instituciones que promueven la investigación.

Palabras clave: Memoria. Cordel. Centenário. Colección.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Cartaz anunciando Romaria e festa à Nossa Senhora das Dores, em 2016, ano que abriu as comemorações do Centenário da Basílica Menor de Nossa Senhora das Dores .....	45
Figura 2 – Cartaz comemorativo pelo Centenário da Basílica Menor de Nossa Senhora das Dores (2017) .....	45
Figura 3 – Programação dos eventos do ano jubilar dos 150 anos de ordenação sacerdotal do Padre Cícero (2020) .....	46
Figura 4 – Panfleto de evento em comemoração ao Cinquentenário da Estátua do Padre Cícero no Monte do Horto (2019) .....	46
Figura 5 – Revista Especial em comemoração ao Centenário de Emancipação Política de Juazeiro do Norte (2011) .....	47
Figura 6 – Capa e face posterior da contracapa do folheto selecionado para sabrir a Coleção <i>1ª Mostra de Cordel Poeta Expedito Sebastião da Silva</i> .....	50
Figura 7 – Capa e contracapa de um dos folhetos selecionados para abrir a Coleção <i>1ª Mostra de Cordel Poeta Expedito Sebastião da Silva</i> .....	50
Figura 8 – Disposição física da Coleção <i>1ª Mostra de Cordel Poeta Expedito Sebastião da Silva</i> , com os folhetos em ordem e devidamente laçados por fita comemorativa .....	51
Figura 9 – Capa do folheto e dados sobre a autora .....	59
Figura 10 – Logomarca oficial do Centenário de Juazeiro do Norte .....	63
Figura 11 – <i>Coleção Centenário - Literatura de Cordel</i> : imagens frontais das bolsas porta-folhetos dos volumes 1, 2, 3 e 4.....	73
Figura 12 – <i>Coleção Centenário - Literatura de Cordel</i> : bolsas porta-folhetos abertas de modo a exibir parte de seus conteúdos .....	74
Figura 13 – <i>Coleção Centenário - Literatura de Cordel</i> : painel expositor do volume 3 .....	74
Figura 14 – Folheto <i>Cinquentenário de Juazeiro e dados históricos</i> , capa editada em 1961, indicando a autoria de Expedito Sebastião da Silva.....	140
Figura 15 – Folheto <i>Cinquentenário de Juazeiro e dados históricos</i> , capa editada em 2012, indicando a autoria do editor José Bernardo da Silva .....	141
Figura 16 – Apresentação do <i>folder</i> de divulgação do Centenário de Juazeiro, página 1 ....	169



Figura 17 – Capa do <i>folder</i> de divulgação do Centenário de Juazeiro, exibindo a logomarca da festa.....	169
Figura 18 – <i>Folder</i> de divulgação do Centenário de Juazeiro: “O Sentido da Festa do Centenário”, página 2.....	170

## LISTA DE ABREVIATURAS

ACC	Academia dos Cordelista do Crato
Celca	Companhia de Eletricidade do Cariri
Chesf	Companhia Hidrelétrica do São Francisco
Coelce	Companhia Energética do Ceará
DPH-SP	Departamento do Patrimônio Histórico de São Paulo
FJN	Faculdade de Juazeiro do Norte
Funcap	Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico
ICVC	Instituto Cultural do Vale Caririense
MAUC	Museu de Arte da UFC
SDETR	Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Turismo e Romaria
Sesc	Serviço Social do Comércio
SPB	Sociedade dos Poetas de Barbalha
UFC	Universidade Federal do Ceará
Urca	Universidade Regional do Cariri

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO – NARRAR PARA CELEBRAR A CIDADE</b> .....	<b>16</b>
<b>2</b>	<b>CEM CORDÉIS PARA COMEMORAR UM CENTENÁRIO</b> .....	<b>36</b>
2.1	Celebrando datas redondas .....	36
2.2	Uma coleção para narrar a cidade .....	57
<b>3</b>	<b>JUAZEIRO SE DESENVOLVE, ENTRE FOLHETOS E TIPOGRAFIAS</b> .....	<b>84</b>
3.1	Coletando narrativas sobre a “Juazeiro do Padre Cícero” .....	84
3.2	Fabricando narrativas sobre o “meio do caminho” .....	105
<b>4</b>	<b>NO “MEIO DO CAMINHO”, JUAZEIRO CRESCE E FESTEJA</b> .....	<b>129</b>
4.1	Narrando o progresso, sonhando o futuro .....	129
4.2	Uma festa para o Cinquentenário .....	153
<b>5</b>	<b>JUAZEIRO CENTENÁRIA E SEUS “CORDÉIS CONTEMPORÂNEOS”</b> .....	<b>165</b>
5.1	Memórias colecionadas .....	165
5.2	O cordel institucionalizado: entre benditos e “mauditos” .....	193
5.3	Comemorando o Centenário.....	210
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS – REMINISCÊNCIAS DE UMA CELEBRAÇÃO</b> ..	<b>227</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>238</b>
	ANEXO A – CATÁLOGO DOS “CORDÉIS CLÁSSICOS” (CONFORME APRESENTADO PELA COLEÇÃO CENTENÁRIO – LITERATURA DE CORDEL).....	<b>256</b>
	ANEXO B – CATÁLOGO DOS “CORDÉIS CONTEMPORÂNEO” (CONFORME APRESENTADO PELA COLEÇÃO CENTENÁRIO – LITERATURA DE CORDEL).....	<b>259</b>
	ANEXO C – PROJETO DA COLEÇÃO CENTENÁRIO – LITERATURA DE CORDEL .....	<b>262</b>
	ANEXO D – O CORDEL E JUAZEIRO.....	<b>271</b>
	ANEXO E – PENSANDO O MOVIMENTO DOS MAUDITOS .....	<b>273</b>

## 1 INTRODUÇÃO – NARRAR PARA CELEBRAR A CIDADE

*“As cidades também acreditam ser obra da mente ou do acaso, mas nem um nem outro bastam para sustentar suas muralhas. De uma cidade, não aproveitamos suas sete ou setenta e sete maravilhas, mas as respostas que dá às nossas perguntas.”<sup>1</sup> (Marco Polo ao Kublai Khan).*

No primeiro semestre do ano em que terminei de escrever esta tese, um acontecimento, pessoal e casual, provocou-me e inquietou-me a ponto de eu decidir narrá-lo, anedoticamente, neste texto de introdução.

Durante um evento acadêmico, deparei-me com um amigo com quem não me encontrava havia algum tempo. Ele, nascido e criado em Juazeiro do Norte (CE), havia se mudado para Natal (RN) a fim de cursar mestrado e doutorado em Geografia e acabou fixando-se definitivamente nessa cidade.

Assim que me encontrou, logo quis saber como estava se dando o desenvolvimento da minha tese de doutorado. Ele mencionou saber que minha pesquisa estava relacionada com a cidade de Juazeiro do Norte e pediu para que eu lhe explicasse resumidamente sobre o que se tratava a tese.

Falei ao meu amigo que minha pesquisa estava relacionada às formas com as quais a literatura de folhetos brasileira – mais mencionada pelo senso comum como “literatura de cordel”<sup>2</sup> – vinha, desde as primeiras décadas do século XX, produzindo narrativas sobre Juazeiro, suas personagens mais conhecidas, seus lugares, suas dinâmicas sociais, seus ritos e suas crenças. Expliquei que essas narrativas produziam representações acerca das memórias em torno daquela cidade e que, com o tempo, após circularem e serem consumidas por diversos públicos, de dentro ou de fora de Juazeiro, convertiam-se em discursos que ajudavam a construir, a dar manutenção e a renovar todo um imaginário sobre a cidade.

Segui contando que eu estava trabalhando, majoritariamente, com uma série específica de documentos em folhetos: a *Coleção Centenário – Literatura de Cordel*,

---

<sup>1</sup> CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 44 .

<sup>2</sup> Esse comentário segue pela perspectiva apresentada por Marcia Abreu, acerca dessas nomenclaturas, na obra ABREU, Márcia. **História de cordéis e folhetos**. Campinas: Mercado das Letras, 1999.

coletânea de 100 folhetos, acompanhados de outros materiais de apoio, organizada para ser lançada no ano de 2011, durante as comemorações do aniversário de 100 anos de Emancipação Política de Juazeiro do Norte. A coleção em questão fora idealizada e implementada por uma comissão composta por pesquisadores e memorialistas da cidade, com o apoio dos poderes públicos e de entidades de pesquisa.

Além disso, relatei que essa série documental seria, para a minha pesquisa, ao mesmo tempo, tomada como objeto e fonte, uma vez que vinha sendo analisada e problematizada a partir das intencionalidades, das estratégias de organização, dos objetivos e dos públicos-alvo, pretendidos pelas pessoas e instituições que compuseram a comissão que “deu vida” àquele material. Expliquei, portanto, que eu tomava, como fontes para as minhas problematizações, poemas em folhetos que, ao longo de mais de um século, ofereceram versos sobre alguns dos mais recorrentes elementos relacionados a Juazeiro do Norte e que, naquela coletânea, eram intencionalmente reunidos a fim de ajudar a “narrar a cidade”, (re)ativando memórias e dando-lhes manutenção.

Contei, então, que os 100 folhetos da coleção eram, em sua maioria, escritos por poetas que nasceram ou se estabeleceram na região em torno de Juazeiro do Norte; que 50 daqueles folhetos foram tipificados como “cordéis clássicos” por serem mais antigos e terem sido compostos e editados por autores que se tornaram célebres ao versejarem sobre Juazeiro durante as décadas que perfizeram o século XX. Os outros 50 folhetos foram categorizados como “cordéis contemporâneos”, não apenas por serem mais recentes em suas datas de primeira edição mas também devido ao fato de vários destes terem sido elaborados especialmente para fazerem parte daquela coleção, além de oferecerem uma diversidade de propostas em termos de abordagens narrativas e temáticas, que estavam em consonância com demandas discursivas encontradas no início do século XXI.

Meu amigo perguntou, então, se essa não seria uma pesquisa mais para a área de Letras do que de História, uma vez que se debruçava sobre obras literárias. Respondi que o que fazia desta uma pesquisa em História era o fato de que as questões-problema que demandaram as análises e as discussões desenvolvidas referiam-se à produção, *no tempo*, de representações sobre uma cidade, portanto, investigavam as maneiras como, ao longo do tempo, a literatura de folhetos ajudou a consolidar noções de realidade em torno das memórias ligadas àquela espacialidade. Argumentei que a pesquisa investigava, também, as formas

como a “relação dos homens no tempo” – para mencionar a famosa frase de Bloch<sup>3</sup> – ganhou materialidade e trouxe à tona ações e intencionalidades cabíveis de serem compreendidas historicamente, quando foram reunidos folhetos compostos e lançados em épocas distintas, a fim de fazerem parte de uma coleção elaborada para ser distribuída em comemoração de uma importante data redonda – o Centenário.

Foi a partir desse momento que passei a falar sobre alguns dos aspectos ligados a Juazeiro do Norte, os quais costumam ser representados recorrentemente pelos poemas em folhetos, entre outras formas de discurso, e ajudaram a consolidar e a dar manutenção às memórias em torno daquela cidade.

Comecei sublinhando que as narrativas sobre Juazeiro, em grande parte das vezes, desde as primeiras décadas do século XX, orbitam em torno da personagem do Padre Cícero Romão, sacerdote que chegou àquela localidade em 1872 e, desde então, teve sua história fortemente imbricada à história de Juazeiro.

Mencionei que, depois de correrem notícias sobre milagres ocorridos na cidade, em 1889, envolvendo a beata Maria de Araújo, no momento da eucaristia operada pelo Padre Cícero, fluxos ininterruptos de romarias tornaram-se parte efetiva das dinâmicas locais e que tais dinâmicas ajudaram a formular Juazeiro como um território constantemente perpassado por sentidos que transitam entre o sagrado e o profano.

Falei que muitos lugares de Juazeiro foram sendo ressignificados a partir de operações de atribuições de sentidos que são capazes de consolidar imaginários e de fazer com que algumas pessoas enxerguem esses lugares mais com os “olhos da memória” do que com os do corpo. Seria esse o caso de como, com o tempo, a partir de uma complexa teia de dinâmicas discursivas, a própria Juazeiro do Norte passou a ser tomada, por romeiros e devotos, como a “Nova Jerusalém”, materializada naquele espaço por Nossa Senhora, a “Mãe de Deus”, para receber as pessoas carentes de curas para as enfermidades da alma e do corpo, além de amparo, redenção e salvação.

Como exemplo de lugares ressignificados, falei sobre o Monte do Horto, que com o tempo passou a ser “enxergado” por muitos como o Monte das Oliveiras. Citei, também, os caminhos de subida ao Horto que “se tornaram” a própria *Via Crucis* percorrida por Jesus.

---

<sup>3</sup> Ver: BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O Ofício de Historiador**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2001.

Lembrei que o Riacho do Salgadinho foi transformado em Rio Jordão, a partir de processos de atribuições de sentidos semelhantes às aquelas que fizeram do Santo Sepulcro, local em Juazeiro onde descansam os restos mortais de um antigo beato, o local de sepultamento do próprio Jesus Cristo. Mencionei, ainda, práticas que foram sendo ritualizadas com o tempo, envolvendo relações corpóreas entre os romeiros do Juazeiro e algumas das imagens do Padre Cícero espalhadas pela cidade, ou, ainda, envolvendo alguns objetos e aparelhos arquitetônicos relacionados às memórias daquele que se tornou, ainda em vida, o “santo do Juazeiro”.

Expliquei ao meu amigo que o cordel faz parte das dinâmicas desses processos de ressignificação e de manutenção de memórias, ritos e crenças. O cordel sobre Juazeiro foi, em grande medida, gestado por essas dinâmicas ao mesmo tempo em que ajudou a criá-las e a consolidá-las. Não é à toa que, em meados do século XX, Juazeiro do Norte já havia se constituído como um dos mais importantes espaços de produção e de distribuição da literatura de folhetos no Brasil. O cordel que narrou Juazeiro ajudou a formular essa cidade em termos de sentidos e de significados.

Por fim, reafirmei que, quando, em 2011, 100 folhetos de cordel foram reunidos para compor uma coleção comemorativa, que tinha como objetivo narrar a cidade para futuras gerações, tanto a coletânea, materializada em forma de coleção, quanto os processos que fizeram com que ela virasse realidade poderiam ser analisados e problematizados a partir da perspectiva de quem busca entender como podem se operar tais representações sobre a cidade, nos momentos de suas respectivas concepções e em momentos posteriores.

Meu amigo ouviu tudo atentamente, embora esboçasse uma inquietante expressão que o fazia parecer surpreso e intrigado. Perguntei a ele o que o estava incomodando. Creio que a resposta que obtive foi ao mesmo tempo provocativa e desconcertante, apesar de me ajudar, sobremaneira, a “afinar” minhas reflexões acerca da proposta do presente trabalho: meu amigo me respondeu que, mesmo tendo nascido em Juazeiro do Norte e lá vivido durante quase 3 décadas, nunca havia percebido ou sequer ouvido falar sobre a maioria dos elementos que, em poucas palavras, eu havia apresentado sobre a sua cidade natal. Ele afirmou que, quando muito, percebia o quanto o Padre Cícero era importante para Juazeiro. Ainda assim, meu amigo contou que não sabia nada sobre lugares ressignificados, tipografias que se tornaram importantíssimas ao produzirem poemas em folhetos, muito menos lhe teria sido

dado a refletir sobre como o cordel do Juazeiro havia ajudado na construção de noções de realidades e na manutenção de memórias sobre a cidade.

Naquele momento, antes de seguirmos conversando sobre outros assuntos, senti-me provocado a levar em conta que Juazeiro do Norte, assim como qualquer outra cidade, possui camadas de discursos que se sobrepõe, memórias que se entrelaçam, facetas que se complementam, aspectos que se mostram ou se omitem a depender das indagações que lhe forem formuladas.

Senti-me, também, provocado a refletir que, assim como ocorre com inúmeras pessoas que venham a travar algum tipo de contato com uma cidade como Juazeiro do Norte, se meu amigo pudesse perceber prontamente todos os elementos que compõem múltiplas camadas que se combinam para formar a sua cidade, talvez não fosse necessário serem desenvolvidas pesquisas como a que se apresenta nesta tese.

Mesmo que tenha sido desenvolvido por um pesquisador “forasteiro” em relação a Juazeiro do Norte, mesmo que muito já se tenha dito e escrito sobre essa cidade, o trabalho que ora se apresenta busca oferecer novas possibilidades de olhares àqueles que busquem refletir sobre essa espacialidade. Afinal, como nos assinala o texto em epígrafe nesta introdução, o que aproveitamos de uma cidade, são as respostas que ela dá às nossas perguntas.

\*\*\*

Assim como ocorre sempre que voltamos nossos olhares para buscar compreender em profundidade qualquer cidade<sup>4</sup>, Juazeiro do Norte pode ser enxergada e abordada a partir de diversas perspectivas. No presente trabalho, Juazeiro será analisada a partir de representações que a literatura de folhetos produziu sobre suas dinâmicas sociais, seu desenvolvimento, seus principais marcos temporais e personagens, ao longo de mais de um século. Nessa perspectiva, a Juazeiro que será estudada tem sua composição intimamente relacionada com camadas de discursos que as narrativas produzidas pela literatura de folhetos ajudaram a fazer circular, a serem consumidas e, com o tempo, a (re)produzir memórias coletivas, até mesmo hegemônicas, acerca de muitas das facetas da cidade.

---

<sup>4</sup> Ver: PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 27, n. 53, jan./jun. 2007.



Refletir sobre essas camadas de Juazeiro do Norte permite-nos abordar elementos que relacionam mitos de origens, costumes, tradições, personagens icônicas, tipos humanos peculiares e lugares carregados de simbolismos, em constante ressignificação. Pensar sobre a Juazeiro que o cordel ajudou a construir exige-nos olhares capazes de “enxergar” a cidade por meio de muitas das suas práticas cotidianas, festejos, ritos, sagrados e profanos, tantas vezes representados em verso por seus poetas populares, proféticos, devotos, tecedores de tramas feitas para serem lidas, enunciadas e ouvidas, tramas estas formadas a partir de narrativa, sensibilidade e fé, capazes de relações inusitadas com o tempo e com o espaço, capazes, também, de criar conexões entre o tecido que compõe a cidade, o resto do mundo e o Céu.

A Juazeiro que a literatura de folhetos ajudou a formular nasceu de um povoado que se tornou cidade, porém seus habitantes e visitantes, seus traçados, lugares e práticas em torno destes, as simbologias que foram sendo consolidadas desde então fizeram com que Juazeiro fosse, também, convertida em território, que transita entre as condições de sagrado e profano, que extrapolam noções meramente cronológicas e geográficas de tempo e de espaço. Juazeiro foi sendo construída a partir de um caleidoscópico conjunto de elementos discursivos e tornou-se, para muitos, de dentro e de fora de suas fluídas fronteiras, a “Nova Jerusalém”, ou, ainda, o “meio do mundo”<sup>5</sup>.

A cidade nasceu de um processo que se inicia na primeira metade do século XIX, momento em que, no local interiorano denominado Fazenda Taboleiro Grande, pertencente à cidade do Crato, uma capela em homenagem à Nossa Senhora das Dores fora erguida em frente a três frondosos juazeiros<sup>6</sup>. Naqueles tempos, a antiga estrada Missão Velha-Crato consistia em pousada obrigatória para viajantes e tropeiros que viviam em andanças pelo sertão. Décadas mais tarde, em finais do século XIX, por toda uma série de contextos e de acontecimentos, as notícias que circulavam pelas matas da caatinga davam conta de que “Juazeiro despontava como uma boa opção para os desvalidos em busca de sobrevivência [...]

<sup>5</sup> Reflexões sobre Juazeiro como “meio do mundo” serão discutidas em maiores detalhes nos próximos capítulos, a partir, principalmente, dos estudos de Francisco Régis Lopes Ramos e Ricardo Luiz de Souza. Ramos nos apresenta a expressão, argumentando: “Meio do mundo significa, também, o que conduz ao mundo. Transporte ao existente, fazendo-o existir, tornando-o significante e, portanto, significativo, expressivo. Afinal, o sagrado se faz na medida em que cria vias de acesso ao sentido de tudo que existe, desde antes do nascimento até depois da morte. O ser que tem fé faz da experiência religiosa o meio de constituir o sentido do mundo e de localizar-se. Além de centro, o meio é um através.” Ver: RAMOS, Francisco Régis Lopes. **O meio do mundo: território sagrado em Juazeiro do Padre Cícero**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014a.

<sup>6</sup> Árvore frutífera típica da flora da caatinga, nas regiões semiáridas do Brasil, o juazeiro é conhecido por sua resistência a condições climáticas do ambiente extremamente seco e quente, permanecendo sempre viçoso e frondoso mesmo quando outras plantas da vegetação sucumbem e secam.

foram muitos os que chegaram a Juazeiro ou Belo Monte, como romeiros ou migrantes à procura de novo endereço”<sup>7</sup>. No epicentro do processo de formação desse território, encontra-se a figura do Padre Cícero Romão Batista, fundador da cidade, além de seu mentor político e espiritual ao longo de mais de meio século.

A formação de Juazeiro confunde-se com a atuação do Padre Cícero Romão Batista desde que ele chegou à localidade, em 1872, para assumir a capela do povoado. Consta que, em suas primeiras décadas no “Joazeiro”, o Padre Cícero empreendeu, junto à população, missão ao mesmo tempo evangelizadora e moralizante, que modificou os costumes da população, afastando do local a presença de malfeitores e combatendo pessoalmente a bebedeira e a prostituição.

Foi, porém, em 1889, que uma série de fatos extraordinários mudou definitivamente a rotina, o cotidiano e os rumos da localidade: durante uma comunhão oficiada pelo Padre Cícero, a beata Maria Madalena do Espírito Santo de Araújo teve, em sua boca, a hóstia consagrada convertida em sangue. O fato que se repetiu por diversas outras vezes ganhou grande repercussão junto à população local, tendo sido considerado, por muitos, um milagre. Para os crentes, na boca da beata, manifestara-se o próprio sangue de Jesus Cristo, como forma de demarcar naquela localidade o lugar sagrado escolhido por Maria, a “Mãe de Deus”, para constituir-se a “Nova Jerusalém”.

Desde os eventos milagrosos que ficaram conhecidos como “os fatos do Juazeiro”, a cidade entrou em um profundo e ininterrupto processo de reconfiguração e de ressignificação de seu espaço. À medida que as notícias sobre os milagres espalharam-se, multidões de pessoas passaram a buscar Juazeiro como lugar de morada que garantiria novas oportunidades para aqueles que buscavam alcançar graças para si ou para os seus, ou, ainda, melhores condições de vida, na Terra e no Céu.

Com o passar dos anos, na bagagem de cada devoto, de cada romeiro ou peregrino, emanações de religiosidade e fé eram convertidas em narrativas que ligavam o Padre Cícero a velhos e novos milagres. Eram narrativas sobre a misericórdia de Jesus e de Maria, Mãe de Deus; histórias sobre provações, graças e curas alcançadas, castigos divinos exemplares, a serem contados por uns e ouvidas por muitos, histórias sempre protagonizadas

---

<sup>7</sup> RAMOS, Francisco Régis Lopes. Com quantas memórias se faz o sagrado? Narrativas e narradores da “Nova Jerusalém”. *Cadernos do CEOM*, Chapecó, v. 2, p. 311-348, 2003. p. 312.

pelo “santo da cidade”, e, nessa direção, o espaço de Juazeiro foi sendo forjado por narrativas que se multiplicaram e se entrelaçaram em tramas que foram se combinando na formação de um tecido composto por sentidos em constante manutenção e reelaboração. Muito dessa força narrativa vem das produções que a literatura de folhetos ofertou desde os tempos dos primeiros folheteiros do início do século XX até os dias atuais. Afirmando que “antes de explicado, Juazeiro do Norte é narrado”<sup>8</sup>, Lopes Ramos argumenta:

Familiarizados com o contar e o ouvir de graças alcançadas, bem como das prodigiosas biografias de homens e mulheres escolhidos por Deus, os devotos dos sertões receberam as notícias sobre o “Milagre de Juazeiro” como um acontecimento extraordinário, porém inserido em perspectiva coerente e plausível. Assumindo a condição de devotos do Padre Cícero, homens e mulheres passaram a dar ressonância aos prodígios de Juazeiro do Norte na medida em que todos também se sentiram partícipes do movimento, protagonizando narrativas de promessas e dádivas recebidas. As crenças geravam histórias, assim como as histórias produziam crenças.<sup>9</sup>

Discursivamente, as maneiras como foram se dando as tessituras da cidade contribuíram para que a Juazeiro dos milagres, dos romeiros, dos devotos, dos poetas de folhetos e das histórias lidas, contadas e ouvidas não pudesse ser definida a partir de um lugar fixo. Essa Juazeiro dos discursos religiosos e das representações da literatura de folhetos também não se constituiu a partir de um regime de temporalidade único, estático ou linear. Em relação ao tempo, a Juazeiro representada pelo cordel é, ao mesmo tempo, moderna e antiga, quase “atemporal” para muitos.

No que diz respeito ao espaço, a Juazeiro do cordel não é composta por fronteiras, material e rigidamente, bem definidas. Leve, fluída, desatrelada do chão por não ser formada apenas pelo peso que sua simples materialidade poderia impor, Juazeiro do Norte projeta-se “para cima”, flutuante, em sintonia com as formulações que a colocam em constante manutenção e ressignificação.

Aliás, enxergar o território do Juazeiro em diversas de suas nuances exige o tipo de visão que se produz quando os olhos estão fechados, olhando para dentro, ou, então, semicerrados, turvos como o “olho que lacrimeja diante das imagens do santuário doméstico,

<sup>8</sup> RAMOS, Francisco Régis Lopes. O tempo e a trama: o Padre Cícero na narrativa dos devotos. **Revista Kairós**, Fortaleza, v. 11, n. 1-2, p. 53-78, 2014b. p. 56.

<sup>9</sup> Ibid., p. 56 .

ou em face da grande estátua do Horto”<sup>10</sup>. Vista através dos devaneios do mundo sagrado e das interações desse mundo com os elementos da cidade profana, desenvolvida, detentora de um progresso palpável e um comércio pulsante, Juazeiro passa a ser dotada daquilo que Lopes Ramos chamou de “invisibilidade barroca”, ou melhor, “uma forma historicamente situada da claridade que se vê no escuro da vista, em jogo turvo de sombra e luz”<sup>11</sup>.

As relações de Juazeiro do Norte com o *tempo* são intimamente ligadas a algumas das formas como são construídas as suas memórias coletivas. Evocadas pela (re)ativação de imagens que colocam lado a lado passado e presente, cada representação construída sobre Juazeiro, incluindo-se aí aquelas produzidas pela literatura de folhetos, é formada por um mosaico de memórias que trazem para o momento presente elementos múltiplos, de diversos passados, na maioria das vezes, não necessariamente datados, indeterminados no tempo.

São momentos pretéritos que evocam lembranças capazes de serem revisitadas, contrapostas, combinadas, postas em diálogo de modo a (re)atualizar e dar manutenção nas tessituras daquela espacialidade. Em suas relações com a memória, portanto, Juazeiro do Norte compõe-se como cidade onde o passado e o presente se combinam e se confundem. Todas as vezes que um passado de tradições, baseado nas memórias da cidade, de sua gente, suas práticas e seus ritos, é evocado e utilizado em relação às demandas sociais do presente, o espaço da cidade é reconfigurado e atualizado. Tais relações colocam a cidade em uma dinâmica de constante reelaboração de si, o que faz de Juazeiro, paradoxalmente, território de permanentes sentimentos de nostalgia e de mudança.

*Espacialmente*, as formulações que ajudaram a constituir Juazeiro do Norte também experimentam inusitados processos de elaborações, calcadas nas maneiras como vários de seus lugares foram sendo dotados de simbolismo que lhes atribuíram sentidos.

Muito mais do que apenas por sua forma física, uma cidade é constituída pelos significados atribuídos aos símbolos que a representam e a tornam única. Os símbolos são capazes de promover a compreensão da cidade por meio de um texto complexo, dotado de um “vocabulário visual”, que se apresenta como linguagem definidora do espaço, dos seus territórios, hierarquias e práticas.

---

<sup>10</sup> RAMOS, 2003, p. 328.

<sup>11</sup> Ibid., p. 328 .

Juazeiro é, muitas vezes, enunciada como sendo “do Padre Cícero”, seu símbolo maior, o “Padim” dos devotos, dos romeiros e demais pessoas de fé. É a Juazeiro dos milagres, promotores dos processos iniciados com a transformação da hóstia em sangue na boca da beata Maria de Araújo; é, ainda, como já mencionamos, a Juazeiro do Monte do Horto, com o tempo, referenciado pelos beatos como “jardim das oliveiras” – lugar cujos caminhos sinuosos passaram a ser associados ao calvário de Cristo – local que desemboca onde, em 1890, começou a ser erguida a igreja fruto do “cumprimento de uma promessa feita por Padre Cícero a três colegas, com a finalidade de caírem chuvas no humilde povoado, acabando assim com uma grande seca”. Igreja que, mesmo tendo sua construção interrompida em 1896 e suas paredes derrubadas em 1936, não deixou de ser significada como local sagrado, demandador da crescente visitação dos peregrinos em romarias que não pararam de crescer. Também, é a Juazeiro do Riacho do Salgadinho que se converteu em Rio Jordão; da Capelinha do Santo Sepulcro, onde viveu e morreu o beato Manoel João; da fonte de Santa Ana, dotada de águas milagrosas e curativas que enchem as garrafas dos romeiros; do canhão que falhou “por obra de Deus” ao ser usado contra os romeiros em luta, no ano de 1914; da pedra de onde a cidade será desencantada e se tornará a Nova Jerusalém, com a volta de Jesus Cristo; desses e de incontáveis outros elementos que se convertem em símbolos que compõem a complexa teia de fios que (re)definem, ininterruptamente, o tecido desse espaço.

Juazeiro é, por fim, uma cidade que costuma ser representada por seu progresso. Segunda maior cidade do Ceará, a Juazeiro que transita entre o sagrado e o profano é a cidade que contempla o romeiro que vem pagar uma promessa ou agradecer por graças alcançadas por intercessão do “Padrim” e vê-se inserido, imerso, em uma desenvolvida rede de comércio “que se destaca pela variedade de mercadorias em circulação”<sup>12</sup>.

Aliás, desde os tempos em que o Padre Cícero atuava em Juazeiro, a cidade já era enaltecida por discursos que a destacavam como “cidade do desenvolvimento”, “cidade que mais cresce em sua região”<sup>13</sup>, território que abriga a missão de expandir-se continuamente sem, contudo, perder sua essência. Em essência, a Juazeiro experienciada como território sagrado e profano mantém-se, mesmo em suas periferias, seus centros comerciais, seus conjuntos habitacionais planejados e seu imenso *shopping center*, símbolo incontestado da metrópole moderna.

---

<sup>12</sup> RAMOS, 2003, p. 313.

<sup>13</sup> JUAZEIRO do norte em 1925. [S. l.: s. n.], dez. 2016. Publicado pelo canal Cariri das Antigas [ACERVO]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F7yk2UGPJio>. Acesso em: maio 2019.

As formas como Juazeiro do Norte foi narrada pela literatura de folhetos, pelos poetas que buscaram, em versos, registrar e apresentar suas vivências, seus sentimentos, suas visões de mundo, ao experienciarem esse complexo espaço, funcionará, no presente trabalho, como um fio condutor, um condicionante, um eixo, para que possam ser discutidas as tessituras desse território construído de modo tão fluido no tempo e no espaço.

São inúmeros os folhetos que vêm narrando Juazeiro ao longo de mais de um século. Muitos desses abordam assuntos religiosos. “Em quase todos há traços evidentes da moral católica, a maior parte contém uma exortação do bem, revelando, quase sempre, temor a Deus e respeito à Igreja”<sup>14</sup>. Grande parte desses folhetos versejam sobre o padre Cícero, seus milagres, sua assistência ao povo, em vida e após a morte.

Fato é que, desde as primeiras décadas do século XX, Juazeiro vem sendo amplamente representada pela literatura de folhetos. Alguns de seus mais expressivos poetas produziram narrativas importantes, contendo poemas reeditados por décadas, até os dias atuais, depois que passaram a viver em Juazeiro e dedicaram suas vidas a compor versos que representaram os ensinamentos e os milagres do Padre Cícero, as práticas e os ritos de devoção e fé em torno dos romeiros, os acontecimentos importantes, exemplares, o progresso, o desenvolvimento, as continuidades e as rupturas capazes de “virarem versos” sobre a cidade, atualizando-a, transformando-a.

\*\*\*

Sem exceção, todos os elementos sobre Juazeiro do Norte, elencados e mencionados nas páginas anteriores, são representados por poemas pertencentes a alguns dos folhetos que, em 2011, foram lançados pela *Coleção Centenário – Literatura de Cordel*. Será essa coleção que fornecerá o mote para as principais discussões na presente tese.

A breve contextualização apresentada nas páginas anteriores tem como objetivo situar o leitor deste trabalho na Juazeiro do Norte que será problematizada *por meio* da *Coleção Centenário*, apresentando alguns elementos da cidade em questão, que serão retomados e aprofundados nos capítulos que se seguem a esta introdução, a partir das análises que perpassarão os folhetos e demais materiais disponibilizados pela *Coleção*.

---

<sup>14</sup> KUNZ, Martine. **Cordel**: a voz e o verso. Fortaleza: Editora Museu do Ceará, 2001. p. 13.

É importante sublinhar que trabalharemos com uma coleção de cordéis idealizada a partir de 2009, para ser lançada em 2011, durante as comemorações do Centenário de Emancipação Política de Juazeiro do Norte. É necessário levarmos em conta que esse é o período de organização e edição da coletânea em análise, portanto, é nesse período que se situa a sua proposta de elaboração, a definição dos objetivos pretendidos, o agenciamento de atores e instituições para apoiar na demanda, os processos de feitura, com todas as reelaborações e mudanças de rumo decorrentes desse processo.

Apesar de a *Coleção* reunir folhetos editados entre 1909 e 2011, analisaremos um produto editorial e cultural que buscou atender a demandas do seu tempo de lançamento. Um produto, aliás, organizado com a participação de pesquisadores, memorialistas, poetas e poetisas, membros da administração municipal, incluindo-se aí o prefeito da cidade, instituições de pesquisa, financiadores e patrocinadores.

Trata-se, portanto, de um produto que recolocou, no presente de parte daqueles que participaram dos festejos do Centenário de Juazeiro do Norte, narrativas produzidas e circulantes em diversas outras épocas e que já haviam buscado atender às demandas de seus respectivos tempos. O “elo”, o elemento que une os 100 folhetos disponibilizados pela *Coleção Centenário*, reside no fato de que, exceto em raríssimas exceções, eles apresentam poemas que narram Juazeiro do Norte, seus acontecimentos importantes, personagens notórias, comemorações memoráveis. São, pois, poemas que versem sobre o Padre Cícero, as romarias, os romeiros e devotos, os milagres, as vitórias alcançadas, os costumes do povo da cidade, a Emancipação Política. Em seus respectivos textos, essas narrativas percorrem Juazeiro promovendo pontos de contato entre diversas camadas da cidade, desenvolvidas em seus 100 anos de municipalidade, reativando memórias que ajudam a compor um imaginário acerca do percurso, o “meio do caminho” entre a Emancipação Política (1911) e o jubileu do Centenário (2011).

Durante os primeiros contatos com documentos relacionados ao processo de produção, divulgação e lançamento da *Coleção Centenário* (Projeto de implementação, planilhas de custos e de seleção de folhetos, entrevistas com os coordenadores da Comissão do Centenário, matérias jornalísticas, programas e *folders* de divulgação, peças publicitárias de promoção do Centenário, discursos proferidos por autoridades públicas), um elemento chamou a atenção e ajudou a delinear os objetivos específicos e principais questões-problema a serem tratados por este trabalho: em todos os materiais supracitados, apareciam afirmações

como as seguintes: “uma das melhores maneiras de *contar a história de Juazeiro do Norte* é através de seus cordéis”; “os cordéis da *Coleção Centenário* contarão a *história de Juazeiro* para as gerações futuras”; “tudo na história de Juazeiro tem cordel”. Ora, sabemos que, pelo menos em sentido estrito, a literatura de folhetos não é imbuída da missão de “ensinar a história” de lugares, pessoas e acontecimentos. Sabemos, porém, que, ao longo do tempo, em diversos espaços por onde os cordéis circularam, leitores e ouvintes tomaram suas narrativas como representações críveis da realidade. Talvez, a recorrente afirmação que defende que “os cordéis da *Coleção* serviriam para *contar a história* de Juazeiro”, tome a expressão “contar a história” a partir de certo senso comum que estaria se referindo à produção de narrativas que, ao circularem e serem consumidas, ajudam a dar manutenção a memórias, sentimentos de pertencimento e noções de realidade.

Sendo assim, a presente tese se propõe a investigar, analisar e ajudar a compreender alguns dos processos que fizeram com que cordéis editados em diferentes períodos tivessem seus públicos-alvo, seus sentidos enquanto representações da realidade, seus potenciais narrativos de produção de discursos ressignificados ao serem selecionados e reunidos, em 2011, a fim de compor um conjunto que fosse capaz de oferecer narrativas que ajudassem potenciais leitores e ouvintes a informarem-se sobre elementos que, ao longo do tempo, foram se tornando representativos e simbólicos para Juazeiro do Norte.

Buscamos, portanto, debruçar-nos sobre as narrativas oferecidas pelos versos contidos nos folhetos selecionados pela *Coleção Centenário – Literatura de Cordel*, com o propósito não apenas de produzir reflexões sobre como esses folhetos representaram Juazeiro a partir de demandas de seus respectivos tempos, mas também sobre como essas narrativas puderam ser ressignificadas em sentidos e “enquadramentos de memórias”<sup>15</sup>, quando passaram a fazer parte de um conjunto maior de representações, reunidas em um só tempo, a partir de intencionalidades e de finalidades bastante específicas.

Ao longo dos próximos capítulos, os folhetos disponibilizados pela *Coleção Centenário* serão analisados e discutidos a partir de operações que colocarão em diálogo duas perspectivas: 1) serão abordadas as formas como cada folheto produziu narrativas acerca da Juazeiro do Norte em seus respectivos períodos de edição e de circulação; 2) serão

---

<sup>15</sup> Tomamos por “enquadramento de memórias” o conjunto de operações discutidas por Michael Pollak em POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989. p. 9-12.



problematizados os efeitos de composição de realidades e de (re)ativação de memórias, que esses folhetos passam a exercer sobre o imaginário acerca de Juazeiro do Norte, a partir do momento em que, mesmo no caso dos folhetos produzidos em outros tempos a fim de atender a outras demandas, passaram a fazer parte de uma coletânea que se propõe a apresentar um conjunto coeso de narrativas sobre a cidade.

Propomos, portanto, que o que há de *novo* em torno da *Coleção Centenário* não se resume ao conjunto de folhetos inéditos oferecidos no segmento “cordéis contemporâneos”, mas, principalmente, às maneiras como estes são reunidos a outros folhetos, muito mais antigos, com a finalidade de que seja formado um *novo conjunto* harmonioso e coerente de narrativas.

Uma vez seguindo por esse tipo de estratégia de análise e de escrita, é importante ressaltarmos que, mesmo não sendo esse o objetivo do presente trabalho, enquanto as narrativas existentes nos folhetos disponibilizados pela *Coleção Centenário* estiverem sendo apresentadas, analisadas e discutidas, aspectos relacionados às memórias de Juazeiro do Norte estarão sendo narrados por esta tese. Esses diacrônicos movimentos que consistem em “olharmos para as Juazeiros do Norte”, construídas entre os tempos de produção de cada folheto e o período de lançamento da *Coleção*, farão com que, inevitavelmente, em diversos momentos, o leitor deste trabalho se depare com narrativas sobre notórios elementos e acontecimentos que fazem parte da trajetória da cidade no tempo.

Sabe-se que, ao longo das últimas décadas, diversas produções acadêmicas pertencentes à História, mais especificamente, ou às Ciências Humanas, em termos mais abrangentes, têm se dedicado a trabalhar diretamente ou indiretamente com Juazeiro do Norte e/ou as suas relações com a literatura de folhetos<sup>16</sup>. As problematizações encontradas nesses trabalhos são inúmeras e contribuem sobremaneira com quem esteja conduzindo pesquisas relacionadas com a Juazeiro representada pelo cordel.

---

<sup>16</sup> Devidamente referenciados no final desta tese, encontram-se livros, teses, dissertações e artigos que tratam das representações produzidas sobre Juazeiro do Norte a partir dos cordéis. Há, dentre estes, trabalhos que discutem, especificamente, as relações entre Juazeiro e o cordel; um outro conjunto de produções acadêmicas que tomam Juazeiro do Norte como objeto e, eventualmente, recorrem ao cordel a fim de discutir sobre como a cidade é representada por essa literatura ao longo do tempo; produções cujo objeto é o cordel em si e seu potencial de produzir representações sociais, sem, necessariamente, estarem trabalhando com Juazeiro do Norte. Existem, ainda, os livros produzidos por memorialistas do Juazeiro ao longo do século XX. Todas essas produções, devidamente pensadas a partir de seus respectivos tempos de produção e dos lugares sociais dos autores, contribuíram significativamente para que pudéssemos ir traçando visões e problematizações sobre a Juazeiro que ora se discute.

Vale, porém, mencionar que, apesar de serem muitas as produções acadêmicas que trabalham direta ou indiretamente com a literatura de folhetos, muitas destas relacionando-as às narrativas que versem sobre Juazeiro do Norte, não são muitos os trabalhos de pesquisa que tomaram a *Coleção Centenário – Literatura de Cordel* como objeto ou fonte. O levantamento realizado até o momento da defesa desta tese conseguiu encontrar quatro produções que trabalharam com a *Coleção*. Dentre essas produções, está o artigo *Elas (re)escrevem a literatura de cordel: autoria feminina na Coleção Centenário*<sup>17</sup>, de Everton Grangeiro Gonçalves, Vitória Gomes Almeida, Germano Araújo Sampaio e Deise Santos do Nascimento, que discute a participação de poetisas nos cordéis selecionados para a *Coleção*. Há, também, artigos acadêmicos que fazem breves menções aos folhetos selecionados pela *Coleção Centenário*, tais como, *Benditos da Ladeira do Horto: uma breve etnografia do silêncio*<sup>18</sup>, de Ewerton Rocha; *Mais que impressões: a presença dos penitentes caririenses em textos que inventam o Brasil e o Cariri*<sup>19</sup>, de Cícero da Silva Oliveira, ou, ainda, a tese em Educação, *Academia dos Cordelistas do Crato: história, memória e educação (1991-2016)*<sup>20</sup>, de Cecília Camelo de Sousa.

Para poder ser apresentada e discutida nesta tese, a *Coleção Centenário* passou, inicialmente, por um processo de análise crítica que buscou compreender seu percurso de elaboração e de implementação. Esse processo de análise buscou levantar quais atores sociais estiveram envolvidos com essa demanda; quais eram, à época, os respectivos lugares sociais desses atores sociais; como esse produto editorial foi organizado em termos de estrutura material; como se deu o processo de seleção dos folhetos e quais foram os critérios adotados para essa seleção; além dos folhetos selecionados, quais materiais de apoio foram confeccionados para fazerem parte da *Coleção* e quais as suas finalidades no conjunto ofertado; quais eram os objetivos almejados para a *Coleção*, declarados em seu projeto; quais públicos os elaboradores da *Coleção* propunham-se a atingir após o lançamento desse material.

<sup>17</sup> ALMEIDA, V. G.; GONÇALVES, E. G.; NASCIMENTO, D. S.; SAMPAIO, G. A. Elas (re)escrevem a literatura de cordel: autoria feminina na Coleção Centenário (Juazeiro do Norte-CE). In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL INTERDISCIPLINAR EM CULTURA E SOCIEDADE DO PGCULT, 2., 2019, São Luís. **Anais** [...]. São Luís: UFMA, dez. 2019.

<sup>18</sup> ROCHA, Ewerton. Benditos da Ladeira do Horto: uma breve etnografia do silêncio. **Rev. Inst. Estud. Bras.**, São Paulo, n. 73, maio/ago. 2019.

<sup>19</sup> OLIVEIRA, Cícero da Silva. Mais que impressões: a presença dos penitentes caririenses em textos que inventam o Brasil e o Cariri. **Macabéa: Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 3, n. 1, p. 33-50, jun. 2014.

<sup>20</sup> SOUSA, Cecília Camelo de. **Academia dos Cordelistas do Crato: história, memória e educação (1991-2016)**. 2018. 242 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

Para levantarmos informações que fornecessem respostas para as indagações supracitadas, foram de imensa importância entrevistas fornecidas por três coordenadores que fizeram parte da Comissão do Centenário de Juazeiro do Norte<sup>21</sup>. Cada um dos entrevistados contribuiu com explicações detalhadas acerca de como a *Coleção* foi pensada, organizada e implementada. Também nos foram de grande valia documentos como o *Projeto de publicações de cordéis (clássicos e inéditos)*<sup>22</sup>, que detalhava a proposta de elaboração da *Coleção Centenário – Literatura de Cordel* e serviu como projeto a ser apresentado ao Banco do Nordeste do Brasil (BNB), um dos financiadores da demanda. Ademais, foram disponibilizadas, para auxiliar na presente pesquisa, planilhas e listagens contendo dados referentes: 1) aos folhetos que se pretendeu selecionar inicialmente para fazerem parte da coleção; 2) aos folhetos que de fato foram selecionados; e 3) aos folhetos que, por motivos variados, ficaram de fora da coletânea.

Matérias jornalísticas veiculadas pela imprensa, física ou digital, que deram notícias sobre a *Coleção*, seu lançamento e suas propostas, também serviram para que buscássemos compreender algumas das formas como esta obra foi apresentada ao público.

Além da crítica efetuada sobre o conjunto que compõe a *Coleção Centenário*, cada folheto utilizado como fonte, individualmente, também precisou passar por processo de análise que levou em conta seus respectivos tempos e contextos de produção, seus autores e as respectivas biografias.

No que diz respeito às análises das narrativas contidas nos folhetos, cada um dos 100 poemas<sup>23</sup> que compuseram a *Coleção*, além de outros 21 poemas pertencentes a folhetos que não fizeram parte da coletânea em análise, mas foram utilizados para auxiliar nas reflexões e nas discussões propostas, foram lidos, analisados, fichados e classificados. A classificação dos poemas que serviram como fonte para as discussões da presente tese foi auxiliada por uma ferramenta computacional de banco de dados<sup>24</sup> que permitiu que os poemas

<sup>21</sup> Os três coordenadores da Comissão do Centenário de Juazeiro do Norte entrevistados foram José Carlos dos Santos, Francisco Renato Sousa Dantas e Maria do Rosário Lustosa.

<sup>22</sup> XAVIER JÚNIOR, Altamiro Pereira. **Centenário de Juazeiro**: publicações de cordéis (clássicos e inéditos). Juazeiro do Norte: Fundação Memorial Padre Cícero, 2010a. Projeto apresentado ao Banco do Nordeste do Brasil (BNB) como proponente a financiamento para a edição de coletânea de 100 folhetos de cordel em comemoração pelo Centenário de Emancipação política de Juazeiro do Norte. Ver anexos.

<sup>23</sup> Para sermos mais exatos, 99 folhetos disponibilizados pela *Coleção Centenário* apresentam poemas. Um único folheto, exceção à regra, contém, em prosa, o texto *Machadinha de Noé*, atribuído ao Padre Cícero Romão.

<sup>24</sup> A ferramenta *Microsoft Access* foi utilizada para modelar e confeccionar o banco de dados.

fossem organizados quanto aos seus ciclos; às temáticas; aos autores; aos dados biográficos dos autores; ao período de primeira edição, ao número de páginas etc.; a fim de que, ao longo da pesquisa, esses dados pudessem ser combinados e cruzados, convertendo-se em informações a serem problematizadas.

Nem todos os 100 textos disponibilizados em folhetos pela *Coleção Centenário* foram diretamente mencionados nas discussões que se seguirão. Estrategicamente, foram escolhidos, para serem perpassados pelas discussões apresentadas, 34 folhetos cujos poemas representassem, em termos de elementos formativos e temáticas, diversos outros, que compõem o conjunto da coletânea de narrativas em discussão.

Também foi adotada, como estratégia de escrita para o presente trabalho, a apresentação de estrofes pertencentes aos poemas ora analisados ao longo dos textos que compõem os capítulos. Tal opção tem a intenção de permitir que o leitor possa experienciar, pelo menos em parte – uma vez que estará em contato com fragmentos pertencentes a um texto maior –, algumas das formas com as quais os cordéis narraram Juazeiro do Norte. A opção por colocar estrofes dos poemas analisados em diálogo com os textos que os problematizam pode oferecer certo vislumbre de como se operam narrativamente as representações produzidas pela literatura de folhetos, porém é importante ser levado em conta que, assim como ocorre com a maioria das citações encontradas em outros tipos de trabalhos acadêmicos, os fragmentos de um texto são recortes que, quando destacados de seus textos originais, podem produzir variações de percepções quanto aos seus sentidos.

Em termos estruturais, o texto desta tese foi distribuído por *quatro capítulos*, sendo que os três primeiros foram divididos em dois tópicos cada um, e o quarto e último capítulo, um pouco maior que os demais, foi dividido em três tópicos. Documentos analisados que não se encontram disponíveis em outros trabalhos acadêmicos – planilhas, fichas catalográficas, entre outros materiais que serviram de base para a pesquisa – foram inseridos na seção de anexos.

O *primeiro capítulo* deste trabalho é iniciado com uma discussão acerca das comemorações de datas redondas como forma de promover manutenções às memórias em torno de acontecimentos considerados importantes para serem ciclicamente rememorados por um grupo social. Essa abordagem permite que, estrategicamente, sejam inventariadas e apresentadas algumas das importantes comemorações de datas redondas ocorridas em

Juazeiro do Norte, nos anos próximos ao do Centenário de Emancipação Política da cidade. O capítulo segue apresentando aspectos relacionados ao processo de organização e de promoção da Festa do Centenário, discutindo sobre seus formatos, intencionalidades e atores envolvidos. Em seguida, é apresentada a *Coleção Centenário*, seus objetivos, seus suportes, suas propostas e seus processos de organização. Nesse ponto, são discutidos os primeiros resultados da análise crítica empreendida sobre a *Coleção*, a fim de preparar o leitor para as problematizações decorrentes das análises dos folhetos, desenvolvidas nos capítulos posteriores.

O *segundo capítulo* dedica-se a analisar algumas das formas com as quais os folhetos, tipificados pela *Coleção Centenário* como “cordéis clássicos”, representaram a Juazeiro do Norte do “meio do caminho” entre a Emancipação Política e a Festa do Centenário. As análises de folhetos desenvolvidas nesse capítulo buscaram problematizar o fato de que Juazeiro cresceu e se desenvolveu envolta em tipografias, cordéis e suas narrativas. Para tanto, discutem-se poemas que versejam não apenas sobre a cidade mas também sobre seu parque tipográfico, seus poetas e folhetos. O capítulo tem por finalidade principal apresentar, a partir de narrativas encontradas em folhetos editados ao longo do século XX e reunidos pela *Coleção Centenário*, aspectos ligados ao potencial existente em Juazeiro do Norte para a produção de narrativas sobre seu espaço por meio da literatura de folhetos. Assim, poemas editados em diversas épocas ao longo do século XX são postos em diálogo a fim de problematizar a relação de “criador e criatura” que o cordel desenvolveu com Juazeiro. Ao final do capítulo, são discutidas algumas das possibilidades de manutenção para as memórias da cidade, assumidas pelos “cordéis clássicos”, quando reunidos para formar um conjunto de narrativas em 2011.

O *terceiro capítulo* segue trabalhando com os “cordéis clássicos” da *Coleção*, porém passa a abordar as representações em folhetos que narraram o crescimento e o progresso de Juazeiro ao longo do século XX. As discussões acerca de como o cordel buscou produzir imagens de uma Juazeiro do Norte que crescia e se modernizava sem, contudo, perder a sua tez de cidade sagrada desembocam, nesse capítulo, em cordéis que narraram a cidade em momentos festivos nos quais se comemoravam, inclusive, importantes datas redondas.

Um dos principais fios condutores da trama que se desenvolve com essa discussão consiste nas análises de dois folhetos que versejam sobre a Juazeiro *cinquentenária*. Nessas

narrativas, os poemas produzem imagens sobre como era a cidade e o quanto ela havia se desenvolvido no período em que completou seu *Cinquentenário de Emancipação*. Essas narrativas, quando pensadas a partir de suas respectivas reedições em 2011, permitem que aqueles que tiverem contato com a *Coleção Centenário* possam colocar em diálogo as Juazeiros de “ontem” e de “hoje”, a fim de refletir sobre permanências, rupturas, consonâncias e dissonâncias entre o “agora”, de 2011, e o que era apenas horizonte de expectativas de futuro, cinquenta anos antes.

O *quarto e último capítulo* dedica-se a analisar os folhetos pertencentes ao segmento “cordéis contemporâneos”, com o intuito de produzir reflexões acerca de como esses poemas produziram narrativas *sobre e para* o Centenário do Juazeiro do Norte. É esse o único capítulo dividido em três tópicos. No primeiro tópico, buscamos, primeiramente, apresentar aspectos relacionados à Festa do Centenário e ao lançamento da *Coleção* durante o evento. Em seguida, optamos por analisar um texto de Gilmar de Carvalho, escrito para prefaciar um livro de cordéis de autoria da poetisa Maria do Rosário Lustosa, lançado durante os festejos do Centenário, paralelamente ao lançamento da *Coleção*.

Nesse capítulo, as análises sobre os “cordéis contemporâneos” da *Coleção* serão precedidas por um levantamento problematizado de dados sobre o conjunto de folhetos que compõem esse segmento. Isso inclui situarmos esses poemas em seus respectivos tempos de produção, além de analisarmos dados biográficos dos autores “contemporâneos” na forma como foram organizados e disponibilizados pela *Coleção Centenário*.

O segundo tópico discute os papéis e as influências exercidos pelas instituições de “fomento” e de “preservação” da literatura de cordel, existentes na região do Cariri desde as últimas décadas do século XX. Essa discussão se propõe, ainda, a promover “diálogos” entre os projetos de instituições que se declaram “tradicionalistas” e outras, que se pretendem incentivadoras de um “novo cordel”, renovado em abordagens, temáticas e estratégias narrativas.

No tópico que fecha o capítulo, são apresentadas e analisadas representações em cordel sobre o Centenário de Juazeiro do Norte. Esse é o momento em que buscamos promover reflexões a respeito de como se buscou representar a Juazeiro centenária, suas principais características naquele período, suas permanências, rupturas e atualizações em

relação à cidade que fora narrada pelos cordéis clássicos e, ainda, as preparações para os festejos desse jubileu.

Esperamos que as análises e as reflexões apresentadas ao longo desses quatro capítulos possam fornecer um conjunto coerente de visões acerca de alguns dos processos sobre os quais Juazeiro do Norte teve construída a sua íntima relação com a literatura de folhetos ao longo do tempo. Esperamos, principalmente, que as diacrônicas idas e vindas no tempo, apresentadas pelo presente texto, possam ajudar o leitor a refletir em relação às intencionalidades e aos efeitos de manutenção de memórias que se pretendeu produzir no início da segunda década do século XXI, quando, mais uma vez, os cordéis sobre Juazeiro foram agenciados a fim de “narrar a cidade para as próximas gerações”.

## 2 CEM CORDÉIS PARA COMEMORAR UM CENTENÁRIO

### 2.1 Celebrando datas redondas

*“Sob o manto de Maria tu nasceste  
E o amor do Padre Cícero Romão.  
Haverá lugar bendito como este?  
Quanta honra, luz e glória neste chão!*

-----  
*Nesta terra, cada lar é uma oficina,  
Oratório de labor e devoção.  
A semente que se lança aqui germina,  
Multiplica, gera fruto em profusão*

-----  
*Maravilha! Celebrar teu Centenário.  
Grande festa de beleza singular.  
Te saudamos, ó cidade-relicário,  
Hoje e sempre haveremos de te amar.”<sup>25</sup>*

Comemorar! Comemorar *datas redondas* como forma de rememorar e de salvaguardar as memórias de um grupo social.

Os aniversários redondos – decenários, quinquentenários, centenários – de acontecimentos considerados importantes, marcantes para um lugar ou um povo, costumam ser utilizados como momentos de (re)ativação de memórias que geralmente conclamam por homenagens, debates e balanços historiográficos. Convertidas em ritos, essas comemorações podem ser momentos propícios para a organização de exposições, coleções e apresentações artísticas.

São recorrentes, nesse tipo de comemoração, os lançamentos de filmes e de documentários, as publicações de edições especiais de revistas, encartes extraordinários de jornais. No campo acadêmico, esses são momentos em que se organizam seminários, simpósios, mesas redondas. O mercado editorial republica livros historiográficos ou de memorialistas, tidos como “clássicos”, assim como são lançados novos estudos, muitas vezes

---

<sup>25</sup> Estrofes I, III e IV do *Hino do Centenário*, composto por Paulo de Souza para comemorar o Centenário de Emancipação Política da cidade de Juazeiro do Norte. Ver: JUAZEIRO DO NORTE. Lei nº 3.828, de 7 de junho de 2011. Oficializa o Hino ao Centenário da Cidade de Juazeiro do Norte, Estado do Ceará e adota outras providências. **Diário Oficial do Município**: nº 3.043, 15 jun. 2011.



resultados de teses e dissertações. Atores sociais ligados aos poderes públicos, aos sindicatos, às entidades de classe, aos grupos culturais, aos movimentos sociais, às igrejas elaboram festejos e apresentações públicas que buscam, entre outras coisas, dar manutenções aos seus respectivos papéis sociais, a partir das intrínsecas relações entre o contexto presente e o passado evocado. Esses aniversários marcam, portanto, uma multiplicidade de eventos que recolocam o passado dentro do debate público no presente.

As comemorações de datas redondas costumam ser marcadas por novos estudos especializados que buscam tomar como objeto o passado posto em pauta, problematizando-o a partir das demandas sociais do tempo presente. Tais operações costumam ser perpassadas por disputas em torno das revisões e das permanências que se apresentem possíveis, pertinentes e potencialmente aplicáveis. Nelas, busca-se rememorar os grandes acontecimentos do período, os fatos relevantes, os principais marcadores temporais, como também as permanências, as transformações e os legados do fato convertido em efeméride, o que pode terminar por produzir séries inteiras de novas representações sociais.

São comuns, nesse tipo de operação de “enquadramento de memórias”, ocasiões em que monumentos, placas e memoriais são construídos e inaugurados em eventos que não apenas homenageiam o passado em comemoração mas também servem para monumentalizar aquele momento de celebração, de modo que este possa ser comemorado anos mais tarde na forma de aniversário do próprio monumento inaugurado.

Esse é o caso, por exemplo, das várias camadas de comemorações que foram se constituindo em torno do Monumento do Ipiranga ou Altar da Pátria, conjunto arquitetônico escultórico em granito e bronze, concebido e executado pelo artista italiano Ettore Ximenes, no Parque do Ipiranga, em São Paulo, às margens do riacho onde teria sido proclamada a Independência do Brasil, para as comemorações do Centenário da Independência, em 1922<sup>26</sup>, mesmo que sua construção não estivesse concluída, o que ocorreu finalmente quatro anos mais tarde.

Em 1952, o subterrâneo do Monumento do Ipiranga passou a conter uma Capela Imperial, construída para abrigar criptas com os despojos mortais do Imperador D. Pedro I e das Imperatrizes D. Leopoldina de Habsburgo e D. Amélia de Beauharnais. Os restos mortais

---

<sup>26</sup> OLIVEIRA, Cecília Helena de Sales. O Museu Paulista da USP e a memória da Independência. *Cad. Cedex*, Campinas, v. 22, n. 58, p. 65-80, dez. 2002. p. 77.

da Imperatriz D. Leopoldina foram trasladados do convento de Santo Antônio no Rio de Janeiro, em 1953, em evento que marcou parte das comemorações do Quarto Centenário da cidade de São Paulo. Em 1972, em decorrência das comemorações do Sesquicentenário da Independência do Brasil, parte corpo do imperador D. Pedro I foi transferido do Panteão Real da Casa de Bragança, no Convento de São Vicente de Fora, em Lisboa, para repousar na cripta do Ipiranga. Dez anos mais tarde, em meio às comemorações do dia 7 de setembro de 1982, a Capela Imperial recebeu os restos mortais da Imperatriz D. Amélia.<sup>27</sup>

No ano 2000, em meio às comemorações do Quinto Centenário da chegada dos portugueses ao Brasil, o Departamento do Patrimônio Histórico de São Paulo (DPH-SP) inaugurou uma via de acesso público ao interior do monumento onde se encontra a Capela e a Cripta Imperial. Atualmente, o Monumento do Ipiranga é palco tanto de comemorações dos aniversários de Independência do Brasil como também dos aniversários de sepultamento do Imperador e de suas esposas em solo brasileiro.<sup>28</sup>

O exemplo aqui elencado torna-se relevante para a nossa discussão na medida em que possamos perceber que os eventos comemorativos organizados em torno daquele monumento multiplicam-se tendo sempre a Proclamação da Independência como *evento fundante* a ser rememorado. A cada novo desdobramento, uma nova comemoração e novas oportunidades para que se evoquem as memórias em torno do processo de emancipação política do Brasil.

Em cada tempo de comemoração, os discursos produzidos buscam atender às necessidades que o tempo presente apresenta em relação ao passado sobre o qual se busca dar manutenção. A trajetória de eventos ligados às comemorações em torno do Monumento do Ipiranga não chega a ser singular, no que diz respeito às escolhas das datas que serviram para marcar e dar visibilidade às comemorações relacionadas à nação e a sua emancipação política. Não é difícil perceber que, em torno daquele monumento, os principais eventos comemorativos em alusão a um dos principais mitos fundadores nacionais ocorreram em datas redondas, contabilizadas pelo fechamento de ciclos de 50 ou 100 anos.

<sup>27</sup> MONUMENTO representa personagens e fatos da emancipação nacional. **Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo**, São Paulo, 5 set. 2008. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=285634>. Acesso em: jun. 2019.

<sup>28</sup> INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Monumento [à Independência]: São Paulo, SP**. [S. l.: s. n.], [19--]. 1 fotografia, p&b. Id: 39409. Localidade: 3550308. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=439424&view=detalhes>. Acesso em: jun. 2019.

A notoriedade dada a esses ciclos temporais chega a ser bastante recorrente nas comemorações locais, nacionais e internacionais desde, pelo menos, o Século XIX. O bicentenário da Revolução Francesa, por exemplo, comemorou-se no mundo inteiro, no mesmo ano em que, no Brasil, comemorávamos os 200 anos da nossa Conjuração Mineira (1989). Foi também nesse ano que se celebrou o Centenário da Proclamação da República no Brasil. O Centenário da Abolição da Escravatura ocorreu um ano antes e inaugurou novos debates sociais e revisões históricas acerca da relevância e dos papéis da Lei Áurea para as populações afro-brasileiras.<sup>29</sup>

No ano de 2014, só para citarmos outro exemplo bastante conhecido, uma série de eventos foi organizada em decorrência do Cinquentenário do Golpe Civil-Militar que, em 1964, promoveu a consolidação do regime ditatorial que durou 21 anos no Brasil. Devido à natureza do momento histórico ora rememorado, o Cinquentenário do Golpe não consistiu em um conjunto de festejos comemorativos mas em debates promovidos por entidades sindicais e culturais, seminários acadêmicos, movimentos sociais, segmentos de imprensa, entidades de classe, entre outros tipos de instituições e atores sociais, que naquele momento invocavam a relevância de problematizar o Golpe e a subsequente Ditadura dele decorrente, a partir de demandas que se mostravam pertinentes naquele momento.<sup>30</sup> Vale ressaltar que 50 anos passados do Golpe, o que se discutia estava diretamente relacionado às demandas advindas dos discursos circulantes no período do seu Cinquentenário.

Em 2014, ano em que também se podia celebrar os 30 anos do Movimento das Diretas Já, campanha fortemente relacionada ao fim da Ditadura e ao processo de redemocratização do país, “novelas, filmes, documentários, peças teatrais, publicação de depoimentos, na área cultural e as políticas públicas voltadas à reparação de vítimas, colaboraram para fomentar a curiosidade sobre esse passado recente”<sup>31</sup>. O ano do Cinquentenário do Golpe foi, portanto, perpassado por balanços, (re)atualizações historiográficas, revisões históricas e debates, que deram àquele momento a condição de efeméride.

---

<sup>29</sup> FICO, Carlos. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 24, n. 47, p. 29-60, 2004. p. 29.

<sup>30</sup> Ibid., p. 31.

<sup>31</sup> JOFFILY, Mariana. Aniversários do golpe de 1964: debates historiográficos, implicações políticas. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 204-251, jan./mar. 2018. p. 222.

Vistas por esse ângulo, é preciso perceber que as efemérides podem ser entendidas como lembranças de datas importantes, de marcadores temporais, mesmo que não se apresentem gratas aos que a rememoram e que, nesses casos, não se convertam em comemoração.

A epígrafe que inicia este capítulo compõe-se de fragmentos do *Hino do Centenário*, canção especialmente composta e escolhida, entre outras candidatas, para figurar nas comemorações do Centenário da Emancipação Política de Juazeiro do Norte. A maioria das discussões apresentadas nesta parte da corrente tese buscará problematizar algumas das formas como as comemorações e as produções que orbitaram esse jubileu serviram para dar manutenção às memórias em torno da “cidade do Padre Cícero”.

Nas estrofes do *Hino do Centenário*, novos versos saúdam antigos e tradicionais elementos, devidamente elencados para rememorar importantes componentes formadores da identidade daquela cidade. Em princípio, evocam-se Maria, a Mãe de Deus, e o Padre Cícero Romão, elementos fundantes da mitologia em torno daquela terra. Em seguida, o meio do caminho, a trajetória de formação e de consolidação do Juazeiro é representada pela referência a um clássico ensinamento atribuído ao Padre Cícero e amplamente reverberado pela literatura de folhetos produzida por poetas da cidade – “em cada casa um altar, em cada quintal uma oficina” – ensinamento, aliás, que, de tão conhecido, é referenciado no *slogan* “Juazeiro do Norte: terra de oração e trabalho”, utilizado pela gestão da prefeitura da cidade à época do Centenário<sup>32</sup>. O adágio tornou-se, também, tema do samba-enredo do Grêmio Recreativo Escola de Samba Tradição, em 2011, ano do Centenário de Emancipação<sup>33</sup>. A mesma estrofe ainda demonstra que basta que se sigam os conselhos do Padrinho e se creia na providência da Mãe das Dores para que a vida seja boa a quem for viver em Juazeiro, afinal, a semente que é lançada naquele chão germina e dá frutos em profusão.

Na estrofe final do Hino, passado, presente e futuro se apresentam em consonância, pois, aqui, o passado de glórias da “cidade relicário” ganha seu ápice no presente, no aniversário de 100 anos, que merece “grande festa de beleza singular”. Para o futuro, uma promessa: “hoje e sempre haveremos de te amar”.

<sup>32</sup> Entre 2008 e 2011, estava à frente do Poder Executivo de Juazeiro do Norte o prefeito Manoel Raimundo de Santana Neto, mais conhecido como Dr. Santana, médico e político cearense filiado ao Partido dos Trabalhadores (PT).

<sup>33</sup> JUAZEIRO do Norte, terra de oração e trabalho. 100 anos de Fé, Poder e Tradição. Intérprete: Lico Monteiro. Compositores: Z. Gomes, D. Alves, E. Sam e R. Jacopetti. Rio de Janeiro: [s. n.], 2011. Samba-enredo do Grêmio Recreativo Escola de Samba Tradição.

Esse tipo de evocação que traz para o presente em festa o passado e o futuro, nada tem de novidade no que diz respeito às comemorações de importantes datas redondas. Tais enunciações são até bastante recorrentes nos discursos solenes, proferidos por figuras públicas escolhidas como porta-vozes desse tipo de evento. Nesses casos, o *passado* tende a ser rememorado como campo de batalhas onde lutas foram travadas e vitórias alcançadas para aquele povo; o *presente* é quase sempre um sorriso de triunfo, momento de reconhecimento em relação a uma trajetória virtuosa, é tempo de colheita dos frutos galgados durante esse devir; o *futuro* traz em seu horizonte de expectativas um panorama de continuidade de progresso, de crescimento e de esperança para as gerações vindouras.

Desde que publicamente executados de maneira eficiente, que circulem e ganhem visibilidade e que façam sentido e cativem o habitante do Juazeiro, o turista ocasional, o devoto e o romeiro, os versos do *Hino do Centenário* se converterão em discurso que dialogará com centenas de outros que dão manutenção às memórias de Juazeiro do Norte. Aliás, não seria essa a intenção quando se decide investir na elaboração e na difusão desse tipo de discurso em momentos comemorativos?

Para pensarmos, especificamente, a importância das grandes comemorações organizadas em função dos ciclos “redondos” de 100 anos, que tenham como ponto de partida algum evento que se deseje fazer rememorar, vale-nos voltarmos a atenção ao que nos é apresentado por Jaques Le Goff:

A grande conquista em matéria de unidade do calendário superior ao ano é o século, período de cem anos. A palavra latina *saeculum* era aplicada pelos Romanos a períodos de duração variável, ligada muitas vezes à idéia de uma geração humana. Os cristãos, embora conservassem a palavra na sua antiga acepção, conferiram-lhe também o sentido derivado de vida humana, vida terrena, em oposição ao além. Mas, no século XVI, certos historiadores e eruditos tiveram a idéia de dividir os tempos em porções de cem anos. A unidade era bastante longa, a cifra 100 simples, a palavra conservava o prestígio do termo latino, e no entanto levou algum tempo a impor-se. O primeiro século em que verdadeiramente se aplicaram o conceito e a palavra foi o século XVIII: a partir daí, esta cômoda noção abstrata ia impor a sua tirania à história. Doravante, tudo deveria entrar nesta forma artificial, como se os séculos fossem dotados de uma existência, tivessem uma unidade como se as coisas ‘mudassem de um século ao outro’. Para os historiadores, o sentido da verdadeira duração histórica teve de passar pela destruição desta dominação do século. Mas o século (talvez preparado na Idade Média pelo jubileu de 1300, celebrado pela primeira vez pelo papa Bonifácio VIII e que, em princípio, deveria celebrar-se todos os cinquenta anos) favoreceu todo um renovar-se de comemorações: os centenários, que podem ser múltiplos.

O século é um bom instrumento de uma humanidade que domina porções cada vez maiores do tempo e da história.<sup>34</sup>

Quando nos propomos a pensar comemorações de datas importantes relacionadas à história de Juazeiro do Norte, é preciso lembrar que ali quase tudo é simbioticamente sagrado e profano, tudo passa pela premissa de ser determinado pelos planos de Deus e pela intervenção da Mãe das Dores. Nesse tipo de tessitura, um evento que seja fruto de processos sociopolíticos, como é o caso da Emancipação Política da cidade, em 1911, ganha tónus diferenciado quando as narrativas mostram que a luta ocorreu conduzida por dois padres<sup>35</sup>, sendo um deles, o “líder primeiro” que, em nome de Nossa Senhora das Dores, acolheu o povo romeiro, fez o vilarejo prosperar, mediou os milagres da hóstia e se tornou o “santo vivo” do lugar.

Ademais, é importante levarmos em consideração que as histórias que servem de alicerce para que surjam comemorações costumam amalgamar-se em *mitos-fundadores* capazes de explicar não apenas o sentido da comemoração mas também a razão primeira de existência do lugar comemorado.

No caso de Juazeiro do Norte, por vezes, evoca-se a chegada do Padre Cícero Romão Batista ao pequeno povoado do Juazeiro como sendo o evento-fundador, ponto inicial das narrativas que compõem o tecido de memórias entrelaçadas sobre a cidade. Nesses casos, as memórias sobre a chegada do “homem santo” que viria a transformar o lugar e a vida de sua população, trazendo crescimento e progresso, fazendo o lugarejo melhorar e dar frutos, galgando sua condição de cidade anos mais tarde, costumam ser agenciadas a partir da premissa de que a ida definitiva do Padre Cícero àquele povoado, após missão dada ao jovem vigário por Jesus em sonho em 1871, foi obra da providência divina<sup>36</sup>.

Noutros casos, o evento-fundador da história local costuma ser o milagre da transformação da hóstia em sangue na boca da Beata Maria de Araújo em 1889, nos momentos em que o Padre Cícero operava a Eucaristia. Nessas tessituras, costuma ser posta

---

<sup>34</sup> LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. p. 523-524.

<sup>35</sup> Além do Padre Cícero Romão Batista, o processo de Emancipação Política de Juazeiro do Norte teve como um de seus principais protagonistas o padre Joaquim de Alencar Peixoto, nascido no Crato em 26 de abril de 1871, oriundo de tradicionais famílias cariarienses. Ao lado de Padre Cícero e de Floro Bartolomeu da Costa, o padre Alencar Peixoto formou o trio que coordenou as ações políticas do movimento pró-emancipação de Juazeiro da jurisdição do Crato, em 1911, principalmente por meio de matérias jornalísticas que escreveu e publicou no jornal juazeirense *O Rebate* (1909-1911).

<sup>36</sup> DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joazeiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. p. 56-58.

em cena a predestinação do lugar sagrado escolhido por Deus e por Maria para ser a Nova Jerusalém, terra de acolhimento e de salvação para os romeiros e devotos, depois de ter seu solo marcado pelo sangue vivo de Cristo, vertido pela boca da Beata.

A simbiótica relação entre o sagrado e o profano na constituição de Juazeiro do Norte costuma reafirmar-se na maneira como são rememorados e comemorados fatos de diversas naturezas, quase sempre concentrados em acontecimentos que orbitaram a figura e as ações do Padre Cícero durante os mais de 50 anos em que viveu no lugar. Mesmo com as mudanças constantes demandadas pelo presente, as manutenções do tecido identitário da cidade se realizam sob o fundo imutável da mitologia e de seus mitos-fundadores. Juazeiro se modifica, se renova, se adapta, porém mantém a tez sagrada, o *status* de Nova Jerusalém do povo romeiro e de terra do Padre Cícero, seu mito-fundador maior.

Assim como o sonho natalino, que teria definido a santa missão do vigário com a cidade (1871), e o Milagre da Hóstia, que serviria para confirmar a tez sagrada para o lugar ao seu povo (1889), diversos acontecimentos foram, com o tempo, principalmente durante a segunda metade do século XX e o início do Século XXI, se convertendo em datas comemorativas que passaram a se intercalar, consolidando-se como *lugares de memória* que colocam Juazeiro do Norte na condição de cidade em ininterrupto processo de rememoração, revisão e atualização de sua identidade.

São acontecimentos como o nascimento do Padre Cícero no Crato (1844); sua ordenação após formação no Seminário da Prainha (1870); sua chegada em Juazeiro para assumir a paróquia como capelão da capelinha erguida, antes, pelo Padre Pedro Ribeiro de Carvalho em honra à Nossa Senhora das Dores (1872); a Emancipação Política em relação ao Crato, após anos de intrincadas lutas políticas que envolveram o povo da Vila, os romeiros e as oligarquias locais (1911); a série de conflitos que ficou conhecida como Sedição do Juazeiro e terminou não apenas com a vitória da cidade mas também com a queda do presidente do Estado do Ceará e a ascensão do Padre Cícero a vice-presidente do Estado (1914); a visita de Lampião e seu bando, que intencionavam juntarem-se ao Batalhão Patriótico de Juazeiro para lutar contra a Coluna Prestes, fato que não se consolidou devido ao falecimento do Dr. Floro Bartholomeu (1926); e, finalmente, o falecimento do Padre, marcado pela derradeira benção e pranteada despedida, presenciada por mais de 60 mil pessoas (1934).

Além das cíclicas e regulares romarias, novenas e procissões, que se desenvolvem durante o ano litúrgico de Juazeiro, grandes comemorações costumam ser constantemente promovidas pelos poderes públicos e eclesiásticos da cidade em decorrência dos aniversários redondos de acontecimentos notórios. Vultosas festas públicas foram promovidas em momentos como o Centenário do Nascimento do Padre Cícero, no mesmo ano em que completava 10 anos de seu falecimento (1944), assim como 50 anos mais tarde, quando se comemorou o Sesquicentenário de Nascimento do Padre (1994). Também foram comemorados o Centenário de Ordenação Sacerdotal do Padre Cícero (1970) e durante todo o ano de 2020, uma farta programação de eventos ocorrerá mensalmente em homenagem ao Sesquicentenário da Ordenação Sacerdotal<sup>37</sup>. Em 2014, um programa semelhante de eventos religiosos e festivos conduziu as comemorações do Centenário da Sedição do Juazeiro. Em 2017, uma série de comemorações homenagearam o Centenário da Matriz de Nossa senhora das Dores. Em 2019, foi a vez de ser comemorado o Cinquentenário da Grande Estátua do Padre Cícero no alto do Monte do Horto.

Os habitantes e os romeiros de Juazeiro, quando familiarizados com as dinâmicas de promoção de eventos na cidade, todos os anos, em diversos momentos a cada ano, acostumaram-se com a farta propagação de cartazes, *banners*, *folders*, livrinhos contendo programações e edições especiais de revistas impressas. Sempre há uma data importante a ser festejada em Juazeiro, muitas delas organizadas em torno de datas redondas como cinquentenários, centenários e sesquicentenários. Tais celebrações, quase sempre, são organizadas a partir de esforços empreendidos pela Igreja e pelos poderes públicos locais, eventualmente, com alguma participação de entidades privadas.

---

<sup>37</sup> Segundo o panfleto promocional organizado pela Basílica Menor de Nossa Senhora das Dores, a “programação do ano jubilar dos 150 anos de ordenação sacerdotal do Padre Cícero Romão Batista” iniciou-se em 30 de novembro de 2019 e foi planejada para ser concluída no mesmo mês do ano seguinte. Dentre os eventos programados, classificados mensalmente nos textos do panfleto, as comemorações do Sesquicentenário contemplaram Cerimônia Oficial; Encontro de estudo e oração sobre a vida do Padre Cícero; romarias e peregrinações; defesa de uma tese de doutoramento sobre o Padre Cícero; exposições fotográficas; Seminários e Congressos acadêmicos; festas religiosas e seculares; edição do Simpósio sobre o Padre Cícero.



Figura 1 – Cartaz anunciando Romaria e festa à Nossa Senhora das Dores, em 2016, ano que abriu as comemorações do Centenário da Basílica Menor de Nossa Senhora das Dores



Fonte: Acervo pessoal do autor

Figura 2 – Cartaz comemorativo pelo Centenário da Basílica Menor de Nossa Senhora das Dores (2017)



Fonte: Acervo pessoal do autor

Figura 3 – Programação dos eventos do ano jubilar dos 150 anos de ordenação sacerdotal do Padre Cícero (2020)

**PROGRAMAÇÃO DO ANO JUBILAR DOS 150 ANOS DE ORDENAÇÃO SACERDOTAL DO PADRE CÍCERO ROMÃO BATISTA**

NOVEMBRO/2019		
DATA	ATIVIDADE	LOCAL
30 de 17h	Abertura oficial do Ano Jubilar com a realização da Romaria e peregrinação em direção à Basílica Santuário Nossa Senhora das Dores, onde acontecerá a Celebração Eucarística.	Concentração no Santuário São Francisco das Chagas e peregrinação em direção à Basílica Santuário Nossa Senhora das Dores, onde acontecerá a Celebração Eucarística.

DEZEMBRO/2019		
DATA	ATIVIDADE	LOCAL
Todo dia 30 de cada mês (30 de dezembro/2019 a 30 de outubro/2020)	Encontro de estudo e oração sobre a vida e a pessoa do Padre Cícero (Substituído)	Comunidades e paróquias do Nordeste

JANEIRO/2020		
DATA	ATIVIDADE	LOCAL
29/01 a 02/02	Romaria de Candelas	Santuários de Juazeiro do Norte - CE
03/01 a 03/02	Peregrinação Nordesteana	Da Basílica Nossa Senhora das Dores, em Juazeiro do Norte - CE, pela Catedral das Arquidioceses de Olinda e Recife - PE (Sé Metropolitana) - Matriz de São Salvador do Mundo)

FEBREIRO/2020		
DATA	ATIVIDADE	LOCAL
04 a 06	Defesa da Tese de Armar Peregrinação sobre o padre Cícero, na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) / Seminário temático / Exposição fotográfica / Missa para os romeiros.	UNICAP - Santuário de Nossa Senhora de Fátima, em Recife - PE.
19	Exposição Fotográfica e participação na Romaria ao Pe. Ibiapina.	Santuário Padre Ibiapina em Santa Fé - PB

MARÇO/2020		
DATA	ATIVIDADE	LOCAL
07	Seminário sobre o Padre Cícero / Missa / Exposição Fotográfica.	Seminário Diocesano São José, em Crato - CE.
20 a 24	Semana Padre Cícero	Juazeiro do Norte - CE.
30 e 31	Congresso Padre Cícero: História e Legado no sertão nordestino.	Rio de Janeiro - RJ

MAIO/2020		
DATA	ATIVIDADE	LOCAL
01 a 03	Romaria do Aposentado da Oratório	Juazeiro do Norte - CE
20	Seminário "Nos velhos tempos e da elaboração do encontro de Padre Azeite e Padre Cícero", Cominhada e missa.	Cajazeiras - PB
Maio	Exposição Fotográfica / Roda de Conversa / Missa com os romeiros	Caruaru - PE

JULHO/2020		
DATA	ATIVIDADE	LOCAL
17 a 20	Romaria do aniversário de morte do Padre Cícero	Juazeiro do Norte - CE
22	139 anos de emancipação política de Juazeiro do Norte	Juazeiro do Norte - CE

SETEMBRO/2020		
DATA	ATIVIDADE	LOCAL
04 a 15	Festa e Romaria de Nossa Senhora das Dores.	Basílica de Nossa Senhora das Dores, em Juazeiro do Norte
27	Romaria da Juventude do Regional Nordeste I.	Juazeiro do Norte - CE

OUTUBRO/2020		
DATA	ATIVIDADE	LOCAL
29/10 a 02/11	Romaria de Finais	Juazeiro do Norte - CE

NOVEMBRO/2020		
DATA	ATIVIDADE	LOCAL
07 e 08	Romaria das Famílias	Juazeiro do Norte - CE
09	Exposição fotográfica, missa em memória do Pe Cícero e homenagem pelos 150 anos da Paróquia de São Pedro.	Carriácia - CE
29/10 a 02/11	Romaria de Finais	Juazeiro do Norte - CE
27 a 30	Simpósio sobre o Padre Cícero	Juazeiro do Norte - CE

Fonte: Acervo pessoal do autor

Figura 4 – Panfleto de evento em comemoração ao Cinquentenário da Estátua do Padre Cícero no Monte do Horto (2019)

**50 ANOS** Estátua do PADRE CÍCERO 1969 - 2019

**SESSÃO DE HOMENAGEM AOS 50 ANOS DA ESTÁTUA DO PADRE CÍCERO**

Entrega da comenda 50 Anos da Estátua do Padre Cícero à personalidades pela participação histórica no processo de construção de um dos mais importantes monumentos religiosos do Brasil.

**31.OUT**  
QUINTA-FEIRA | 20h  
Local: FUNDAÇÃO MEMORIAL PADRE CÍCERO  
Praça do Cinquentenário S/N - Socorro

**JUAZEIRO DO NORTE**  
Cidade do PE e do Nordeste

Fonte: Acervo pessoal do autor

Figura 5 – Revista Especial em comemoração ao Centenário de Emancipação Política de Juazeiro do Norte (2011)



Fonte: Acervo pessoal do autor

Em Juazeiro, esse tipo de comemoração traz ainda um elemento bastante característico: a forte presença de poemas da literatura de folhetos – mais reconhecida pelo senso comum simplesmente pela denominação “cordel” – representando em versos os acontecimentos ligados à cidade e às suas personagens, “historiando” os processos que levaram aos eventos em efeméride e “biografando” personagens ligadas às memórias do povo local. Desde sua “era de ouro”, na primeira metade do século XX, momento em que Juazeiro se consolidou como uma das cidades mais promissoras do país na produção de poemas em folhetos, até os dias atuais, não faltaram produções de poetas populares fazendo com que seus versos chegassem ao povo em momentos festivos.

Berço de poetas importantes e de uma sólida tradição tipográfica ligada à literatura de folhetos, Juazeiro acostumou-se a ser narrada em verso. Mesmo que, ao longo de sua trajetória histórica, outras formas de discurso, tais como aqueles derivados de matérias

jornalísticas, livros de memorialistas e pesquisadores acadêmicos, tenham produzido fartas representações de cada época da cidade, são os folhetos do cordel uma das melhores formas para comunicar ao romeiro, ao devoto ou mesmo ao intelectual que aprendeu a ouvir, embalados pelo ritmo desses poemas, as histórias sobre o Padre Cícero, os acontecimentos importantes do Juazeiro, seus lugares sagrados e profanos, suas festas e comemorações.

A forte ligação entre os versos dos folhetos populares e as festas e comemorações da cidade consolidou-se, inicialmente, pela própria natureza do cordel: é nos locais de grande circulação popular e é narrando os acontecimentos que mais interessem aos passantes, que o cordel encontra seu principal espaço para ser ouvido, lido, adquirido e levado para casa. Sendo assim, os momentos festivos e as grandes comemorações que agreguem o povo demandam a confecção de folhetos compostos especialmente para a ocasião, assim como permitem que outros poemas, mais antigos, narrando outras histórias e estórias, possam ser apresentados e adquiridos pelo público.

Tornaram-se célebres, verdadeiros campeões de vendas, poemas escritos durante o século XX com o objetivo de narrar Juazeiro do Norte em seus momentos festivos. Durante os “mesversários” de falecimento do Padre Cícero, celebrados no dia 20 de cada mês, poemas que se tornaram clássicos, como “A pranteada morte do reverendíssimo Padre Cícero Romão” *Batista*<sup>38</sup>, de José Bernardo da Silva, entre outros títulos famosos, podem ser encontrados à venda nas bancas do Mercado Municipal ou da Feirinha de Artesanato próxima ao Largo do Socorro. O poema “Cinquentenário de Juazeiro e dados históricos”, de Expedito Sebastião da Silva, recordista de vendas até os dias atuais, foi escrito em 1961 especialmente para os festejos do Cinquentenário de Emancipação Política da cidade. Além disso, Expedito Sebastião escreveu “O progresso e a elevação histórica de Juazeiro do Norte”<sup>39</sup>, em decorrência da inauguração da grande estátua do Padre Cícero no alto do Monte do Horto, poema no qual também são apresentados versos sobre o Cinquentenário ocorrido anos antes. Expedito Sebastião ainda escreveu “Centenário de ordenação Sacerdotal do Padre Cícero” especialmente para ser lançado durante comemoração daquele jubileu, em 1970.

Mais recentemente, a literatura de folhetos tem sido agenciada para narrar Juazeiro em seus momentos comemorativos a partir de, pelo menos, duas estratégias distintas:

<sup>38</sup> BERNARDO DA SILVA, José. **A pranteada morte do reverendíssimo Padre Cícero Romão Batista**. Juazeiro do Norte: Lira Nordestina, 1982. 8 p.

<sup>39</sup> SEBASTIÃO DA SILVA, Expedito. **O progresso e a elevação histórica de Juazeiro do Norte**. Fortaleza: IMEPH, 2012a. 48 p.

as próprias comissões de organização de cada comemoração encomendam a poetas populares locais a composição de poemas especialmente pensados para o evento; ou, ainda, são organizadas coletâneas com reedições especiais, contendo pequenas ou grandes coleções de títulos antigos do cordel, considerados clássicos e relevantes no que diz respeito a colocar suas narrativas a serviço de dar manutenção às memórias da cidade.

É esse o caso da pequena coleção, contendo seis folhetos de cordel, editada e organizada em 2019, para ser distribuída durante as comemorações do Cinquentenário da Estátua no Padre Cícero no Monte do Horto<sup>40</sup>. Na ocasião, a Prefeitura Municipal de Juazeiro do Norte, por intermédio da Secretaria de Cultura, lançou essa coletânea para ser distribuída em evento organizado pela Biblioteca Pública Municipal Dr. Possidônio da Silva Bem, sob o nome de *1ª mostra de Literatura de Cordel – Poeta Expedito Sebastião da Silva*.

A cuidadosa e delicada forma de apresentação na qual a pequena coleção de folhetos foi montada oferece seis folhetos unidos por uma fita colorida contendo dizeres “Juazeiro do Norte – Estátua do Padre Cícero – 50 anos – 1969/2019”. Na frente dos demais títulos, servindo de “capa” para a própria coleção, foi colocado o folheto “O Monumento ao Pe. Cícero”<sup>41</sup>, de autoria do homenageado, Expedito Sebastião da Silva. O poema foi composto especialmente para a inauguração do Monumento, 50 anos antes. Os demais títulos da *Coleção* formam uma série de folhetos mais recentes, escritos por poetas locais contemporâneos que dedicaram seus versos a homenagear a Estátua do Horto e a rememorar a vida e as ações do Padre Cícero, apresentando aos ouvintes e leitores as Juazeiros da época do Cinquentenário do Monumento e a do tempo de sua inauguração.

---

<sup>40</sup> PREFEITURA MUNICIPAL DE JUAZEIRO DO NORTE. **1ª mostra de Literatura de Cordel**: poeta Expedito Sebastião Batista. Juazeiro do Norte: [s. n.], 2019.

<sup>41</sup> SEBASTIÃO DA SILVA, Expedito. **O Monumento ao Pe. Cícero**. Juazeiro do Norte: Tipografia São Francisco, 1969.

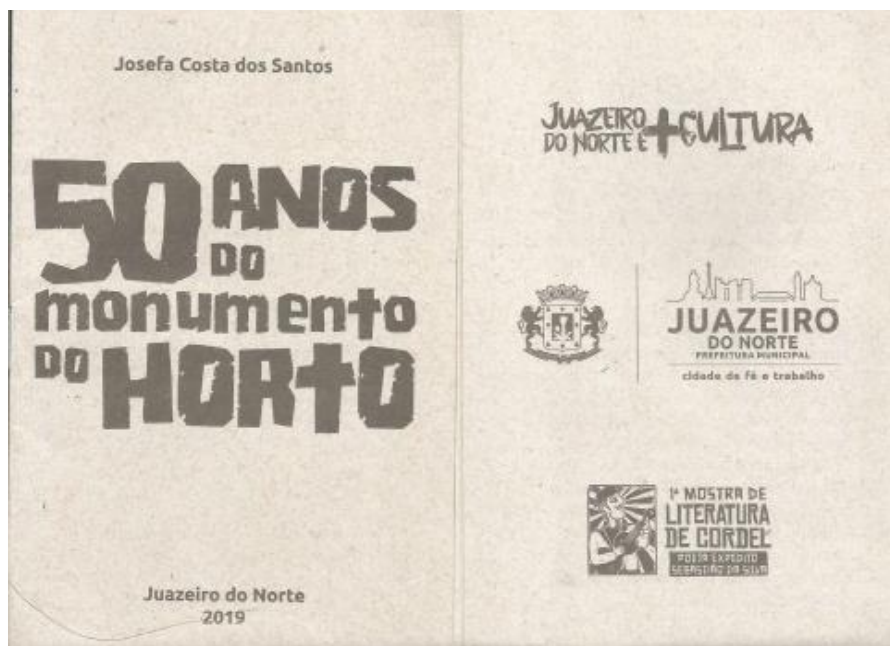


Figura 6 – Capa e face posterior da contracapa do folheto selecionado para sabrir a Coleção *1ª Mostra de Cordel Poeta Expedito Sebastião da Silva*



Fonte: Acervo pessoal do autor

Figura 7 – Capa e contracapa de um dos folhetos selecionados para abrir a Coleção *1ª Mostra de Cordel Poeta Expedito Sebastião da Silva*



Fonte: Acervo pessoal do autor

Figura 8 – Disposição física da Coleção *1ª Mostra de Cordel Poeta Expedito Sebastião da Silva*, com os folhetos em ordem e devidamente laçados por fita comemorativa



Fonte: Acervo pessoal do autor

Seguindo a premissa, defendida por grande parte das instituições e dos poderes públicos promotores de comemorações para eventos notórios ligados a Juazeiro, de que aquela cidade “pode sempre ser bem representada quando narrada pela literatura de cordel”, a face da contracapa de cada um dos folhetos da *Coleção* traz um texto de apresentação que expõe os objetivos da *Mostra*, ligando-os às comemorações do Cinquentenário da Estátua do Padre e à própria constituição histórica e literária de Juazeiro. O poeta homenageado é apresentado como construtor de um legado que espalha, mundo afora, versos e rimas sobre Juazeiro do Norte, reconstruindo-a permanentemente:

A mostra é uma ação da Biblioteca Pública Municipal Dr. Possidônio da Silva Bem e uma homenagem a Expedito Sebastião da Silva, poeta juazeirense cujo trabalho muito contribuiu com a produção literária de Juazeiro do Norte. Além de poeta foi tipógrafo, revisor e gerente da Lira Nordestina, antiga Tipografia São Francisco, de propriedade de José Bernardo da Silva. Falecido em 1997, Expedito Sebastião deixou um enorme legado em versos e rimas que correm soltos nas páginas dos cordéis mundo afora.<sup>42</sup>

<sup>42</sup> Texto da contracapa posterior de cada um dos livretos da Coletânea de Cordéis da *1ª Mostra de Literatura de Cordel – Poeta Expedito Sebastião da Silva*, Juazeiro do Norte, 2019.

É interessante perceber que, quando colocados no papel de narrar os acontecimentos em torno de uma data comemorativa, os poemas em folhetos terminam por funcionar como efemérides da cidade. A capacidade de recepção e de capilarização que esses poemas costumam possuir junto aos romeiros e habitantes do Juazeiro faz com que os versos do cordel não apenas representem os fatos históricos da cidade, mas, principalmente, (re)construam, consolidem e cristalizem as memórias em torno da cidade.

Agenciada pelos poderes públicos e institucionais de Juazeiro, a literatura de folhetos ganha tónus de “veículo oficial” posto a narrar os fatos memoráveis nos momentos em que se comemoram seus aniversários. Para muitos dos leitores e ouvintes que travam contato com as tessituras da literatura de folhetos, “os acontecimentos se deram do jeitinho que foram narrados pelo cordel”. É essa literatura de folhetos que, por vezes, se presta ao papel de confeccionar as efemérides de Juazeiro, quem mais ajudou a consolidar, junto ao romeiro e ao devoto, a noção de que a cidade construída, sob o manto da Mãe de Deus, não tem tempo nem espaço fixos e delimitados. Esse é, aliás, um dos principais fatores que fazem com que o cordel seja uma das melhores formas de promover discursos a serem estudados por quem busque compreender as representações que ajudaram a construir e a consolidar o imaginário religioso sobre Juazeiro.

Em 2011, ocorreu a comemoração que tomamos como objeto principal de nossas discussões: nesse ano, foi comemorado o Centenário de Emancipação Política de Juazeiro do Norte, jubileu tido como tão importante que, por ser muito referenciado apenas como “Centenário do Juazeiro”, tende a ser confundido, por parte dos mais desavisados, com o que seria referente à fundação do vilarejo inaugurado em 15 de setembro de 1827 em terras da Fazenda Tabuleiro Grande.

Nessa comemoração, foram organizadas festas, cerimônias solenes, atividades acadêmicas e eventos culturais, que reuniram milhares de pessoas. Essa foi mais uma comemoração de Juazeiro em que, como veremos em detalhes, os folhetos de cordel receberam posição de destaque por meio da missão de, mediante seus versos, rememorarem a cidade em suas dimensões profana e sagrada, além de narrar não apenas os acontecimentos relacionados à emancipação mas, principalmente, sua trajetória histórica nos 100 anos percorridos desde então.



A comemoração fez referência a acontecimentos ocorridos nos primeiros anos do século XX. Nesse tempo, Juazeiro ainda era uma vila vinculada politicamente ao Crato. Seus principais vizinhos caririenses, Crato e Barbalha, estavam experimentando enorme fomento em suas atividades econômicas devido ao crescimento das atividades exportadoras do algodão e de derivados da cana-de-açúcar para outros estados.<sup>43</sup> Apesar do Crato ainda ser, à época, economicamente mais desenvolvida, era Juazeiro quem crescia mais rapidamente e com maior força, em razão do imenso fluxo de romeiros que visitavam a cidade do Padre Cícero e do forte desenvolvimento da atividade artesanal decorrente das romarias constantes.

No final da primeira década do Século XX, as lideranças políticas do Crato, comandadas pelo Coronel Antônio Luiz Alves Pequeno, passaram a ter questionada a hegemonia política e econômica do Crato sobre Juazeiro, que contava com o Padre Cícero e Floro Bartholomeu como lideranças políticas. O rápido crescimento do Juazeiro e, principalmente, a forma como as receitas locais terminavam sendo direcionadas para o Crato foram as principais motivações para que fosse iniciado um movimento pela Emancipação Política da cidade.

A Emancipação foi alcançada no dia 22 de julho de 1911, depois de intrincada série de disputas e de desavenças entre as lideranças de Juazeiro e do Crato, que quase levaram as duas localidades à luta armada. O processo que culminou na Emancipação envolveu embates que, entre 1908 e 1911, agenciaram não apenas forças políticas da região mas também intelectuais ligados à imprensa local, além de grande parte da população de Juazeiro, que chegou a organizar greves com o objetivo de prejudicar a economia do Crato e, em 1910, participou de uma passeata pela liberdade que reuniu cerca de 15 mil pessoas.

Um elemento, porém, merece destaque, não apenas para que possamos compreender as dinâmicas que levaram à Emancipação do Juazeiro como também para que venhamos a refletir sobre as relações entre esse evento e o desenvolvimento da literatura de folhetos naquela urbe: em 1909, foi inaugurada em Juazeiro a primeira Tipografia da cidade, instalada para imprimir o periódico *O Rebate*, criado para permitir que as elites políticas do Juazeiro pudessem “rebater” as notícias e as provocações recorrentemente publicadas pela

---

<sup>43</sup> MELO, Rosilene Alves de. **Arcanos do Verso: trajetórias da Tipografia São Francisco em Juazeiro do Norte, 1926 – 1982.** 2003. Dissertação (Mestrado em História Social) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2003. p. 36.

imprensa do Crato, principalmente por meio do jornal *Correio do Cariri*, “que qualificava aquele lugar como um antro de fanatismo e de banditismo”<sup>44</sup>.

*O Rebate*, fundado por José Joaquim Telles Marrocos (1842-1910) e pelo Padre Joaquim de Alencar Peixoto (1871-?), seu principal redator, circulou entre junho de 1909 e agosto de 1911, perfazendo 104 edições gratuitas e semanais, publicadas sempre aos domingos. Tornou-se rapidamente veículo imprescindível em prol da campanha de emancipação do Juazeiro. Segundo o memorialista Heitor Feitosa Macedo<sup>45</sup>, além das demandas decorrentes do movimento pela liberdade política, *O Rebate* também dedicou muito de seu espaço editorial ao tema das minas de cobre do Sítio Coxá, à época objeto de intensa disputa judicial envolvendo o Padre Cícero, proprietário das terras onde havia as jazidas.

A questão da Emancipação foi sendo noticiada e debatida a partir de textos ácidos e incisivos, em sua maioria redigidos pelo Padre Alencar Peixoto, e experimentou um crescente acirramento de ânimos à medida que os embates iam se tornando mais severos. Já entre os primeiros números do periódico era possível acompanhar as reivindicações das forças políticas juazeirenses em relação ao Crato, bem como seus desdobramentos, conforme podemos acompanhar na série de colunas assinadas por membros da então constituída Comissão de Engrandecimento de Joazeiro<sup>46</sup>, que solicitava ao presidente do Ceará, Antônio Pinto Nogueira Acioly, e ao interlocutor da Comissão na Assembleia do Estado, Cel. Adolpho Barroso, providências à demanda que só viria a ser concluída dois anos mais tarde, depois de intrincada teia de acontecimentos.

Às discussões conduzidas na presente pesquisa, torna-se relevante o fato de que a Tipografia, montada inicialmente para a impressão de *O Rebate*, foi a primeira editora artesanal a se instalar no Juazeiro. Sua importância decorre não apenas da publicação do primeiro periódico da cidade como também por seu potencial de produzir impressões de diversos tipos e gêneros, incluindo folhetos de cordel que passavam a permitir que seus poetas transpusessem a oralidade de seus versos para o suporte de folhetos em papel

---

<sup>44</sup> MELO, 2003, p. 37.

<sup>45</sup> MACEDO, Heitor Feitosa. O primeiro jornal de juazeiro do norte: O Rebate. **Estórias e História**, 2 abr. 2015. Disponível em: <http://estoriasehistoria-heitor.blogspot.com/2015/04/o-primeiro-jornal-dejuazeiro-do-norte-o.html>. Acesso em: jan. 2020.

<sup>46</sup> À época, assinavam as reivindicações da Comissão de Engrandecimento de Joazeiro os membros José André, Cincinato Silva, Manoel Victorino da Silva, João de Siqueira, João Baptista de Oliveira, João Victorino da Silva, Pelusio Correia de Macedo, João Duarte Pinheiro, Joaquim Augusto Sobreira e Adonias Sobreira da Cruz.

impresso. O importante papel daquela Tipografia para o que viria a ser anos mais tarde o parque editorial desenvolvido em Juazeiro do Norte pode ser percebido no anúncio publicado já no primeiro número de *O Rebate*.

Typographia D' O Rebate

Esta typographia encarrega-se de qualquer trabalho de impressão com máxima prestesa e nitidez. Imprime: cartas, cartazes, cartões de visita, recibos, rótulos, facturas, annuncios, etc. O trabalho é feito com toda perfeição e asseio na machina “Felicja” sendo os preços sem competência.<sup>47</sup>

Nas páginas de *O Rebate*, espaços foram dedicados para a poesia popular que se apresentava, inicialmente, mediante glosas escritas por poetas juazeirenses. Aos poetas populares que disponibilizavam suas composições em formatos diversos, foi aberta no jornal a coluna *Lyra Popular*, que trazia semanalmente desde pequenos poemas em quadrinhas até sofisticados sonetos. Posteriormente, as edições semanais do periódico passaram a contar, também, com poemas de consagrados rapsodos do cordel como Pacífico Pacato Cordeiro Manso (1865-1931), que publicou poemas em quatro das edições do jornal, e Leandro Gomes de Barros (1865-1918), autor de uma série de 13 poemas publicados no periódico<sup>48</sup>.

Notemos, portanto, que o principal veículo de divulgação dos elementos que levaram a cabo o processo de Emancipação Política do Juazeiro valeu-se da poesia popular que, sem perder a força de sua oralidade, passava, então, a ser divulgada em suporte escrito. Devido à continuidade desse tipo de literatura ao longo de toda a existência do periódico, o pesquisador Gilmar de Carvalho argumenta que a publicação de criações literárias de autores do Cariri “poderia ser um índice de que a divulgação da produção do cordel encontrava ressonância e de que a difusa oralidade, manifestada pelos cantadores e repentistas, ganhava o suporte da escrita”<sup>49</sup>.

Outro importante elemento editorial inaugurado por *O Rebate* e consolidado nas décadas seguintes foi o uso de xilogravuras nas ilustrações de poemas e de matérias. O uso do

<sup>47</sup> TYPOGRAPHIA d'o 'Rebate'. **O Rebate**, ano 1, n. 1, p. 4, 18 jul. 1909.

<sup>48</sup> Segundo Rosilene Melo, do poeta Pacífico Pacato Cordeiro Manso, *O Rebate* publicou: *A Victoria; Plantei cravo e nasceu rosa; Nunca vi; Glosa*. De Leandro Gomes de Barros, *O Rebate* publicou: *Lucta do diabo com Antônio Silvino; Romano e Inácio da catingueira; O sorteio militar; A criação do mundo; As capas de uma viúva; Ciúme de duas noivas; A certidão do caboclo; As lágrimas de Antonio Silvino por Tempestade; Padre Nosso dos cassados; A lavoura e a crise; O cometa; A proclamação dos bandidos; O Padre do Joazeiro*. Ver: MELO, 2003, p. 38-39.

<sup>49</sup> CARVALHO, Gilmar de. **Madeira matriz: cultura e memória**. São Paulo: Annablume, 1998. p. 139.

recurso da xilogravura por parte do periódico foi pioneiro no desenvolvimento de uma tradição que se consolidou e tornou-se, a partir de Juazeiro do Norte, parte da história da literatura de folhetos em todo o Brasil. A técnica de produzir, por intermédio de um processo artístico simples e de baixo custo, imagens a partir de xilogravuras foi, décadas mais tarde, incorporada aos folhetos, almanaques e orações produzidos não só pela Tipografia São Francisco, de José Bernardo da Silva, mas também por todas as outras tipografias que vieram a ser implantadas posteriormente em Juazeiro do Norte.

É fato que, durante todo o período em que se desenvolveu o processo de Emancipação Política da cidade, os poemas populares, que, a partir da literatura de folhetos, viriam a tornar-se parte importante do imaginário sobre Juazeiro do Norte, faziam-se presentes e eram apreciados pela população que se informava por meio do jornal da cidade. Mesmo depois de conquistada a emancipação, o espaço reservado pelo jornal para o *Boletim Caricata* manteve-se publicando glosas que contavam com xilogravuras, versos e trovas compostas para ridicularizarem autoridades do Crato, tais como o Coronel Antônio Luiz.

Durante o decorrer do restante do século, Juazeiro do Norte desenvolveu-se juntamente com o apreço de seus praticantes pelos poemas em folhetos que narravam cada um dos acontecimentos dignos de virar uma boa história. As primeiras máquinas tipográficas a chegarem à cidade, ainda na primeira década do século, permitiram que fosse se desenvolvendo um mercado editorial que se notorizou pela publicação de folhetos de cordel, almanaques, orações e lunários. O mascate, folheteiro e poeta, José Bernardo da Silva tornou-se editor, tendo desenvolvido seu trabalho a partir da tipografia que, anos mais tarde, chegou a se tornar a mais importante do país na produção de folhetos. Outros poetas seguiram o caminho de José Bernardo, ajudando a consolidar Juazeiro como um dos berços da literatura de cordel no Brasil. Muito do que foi produzido em cordel, a partir do espaço de Juazeiro, passou a ser evocado em diversas outras épocas para narrar e reativar suas memórias.

## 2.2 Uma coleção para narrar a cidade

*“Já não coleciono selos.  
O mundo me enquizila.  
Tem países demais, geografias demais. Desisto.  
Nunca chegaria a ter um álbum igual ao do Dr. Grizolia, orgulho da  
cidade.  
E toda gente coleciona os mesmos pedacinhos de papel.  
Agora coleciono cacos de louça  
quebrada há muito tempo...”<sup>50</sup>*

Quase 100 anos após Juazeiro tornar-se independente do Crato, quando foi montada uma comissão para planejar as comemorações do Centenário de Emancipação do Juazeiro do Norte, uma premissa foi levantada, proposta e aceita por unanimidade entre os atores envolvidos na demanda: *Juazeiro do Norte seria bem narrada quando pelos versos do cordel*, portanto, entre as diversas formas de materiais a serem idealizadas e confeccionadas para a ocasião, o cordel deveria ocupar um lugar de destaque. Assim foi proposto, assim foi realizado<sup>51</sup>.

Em 2004, 7 anos antes do aniversário de 100 anos da Emancipação, iniciaram-se discussões que levariam um grupo de pessoas a compor, oficialmente, 5 anos mais tarde, em 2009, uma força de trabalho que foi denominada *Comissão do Centenário de Juazeiro do Norte*. As primeiras conversas sobre como poderiam ser planejadas e implementadas as comemorações do Centenário da Emancipação aconteceram durante um evento que reuniu diversas naturezas de pesquisadores e de entusiastas acerca de Juazeiro e do Padre Cícero: o III Simpósio Internacional sobre o Padre Cícero, que naquele ano trazia o tema “Pe. Cícero. E... Quem é ele?”<sup>52</sup>. A edição anterior desse Simpósio Internacional havia acontecido 15 anos antes (1989). Em 2004, interrompia-se, portanto, um incômodo interregno entre as edições do

<sup>50</sup> ANDRADE, Carlos Drummond de. Coleção de cacos. In. VILLAÇA, Alcides. **Passos de Drummond**. São Paulo: Cosac Naif, 2006. 152 p. p. 28.

<sup>51</sup> Informação obtida a partir de relato gravado, cedido pelo conselheiro da Comissão do Centenário, Francisco Renato Souza Dantas, em 21 de fevereiro de 2020, e reafirmada pelo coordenador executivo da Comissão do Centenário, José Carlos dos Santos, em 22 de fevereiro de 2020. Ver: DANTAS, Francisco Renato Sousa. **Sobre a Coleção Centenário** – Literatura de Cordel. Entrevista concedida a Robson William Potier. Juazeiro do Norte, 22 fev. 2020.

<sup>52</sup> O III Simpósio Internacional sobre o Padre Cícero do Juazeiro foi organizado pela Urca e aconteceu em Juazeiro do Norte, entre os dias 18 e 22 de julho de 2004.

evento, o que permitiu que fosse reativado um espaço de discussões para aqueles que se propunham a pesquisar e a escrever sobre Juazeiro do Norte e o Padre Cícero Romão<sup>53</sup>.

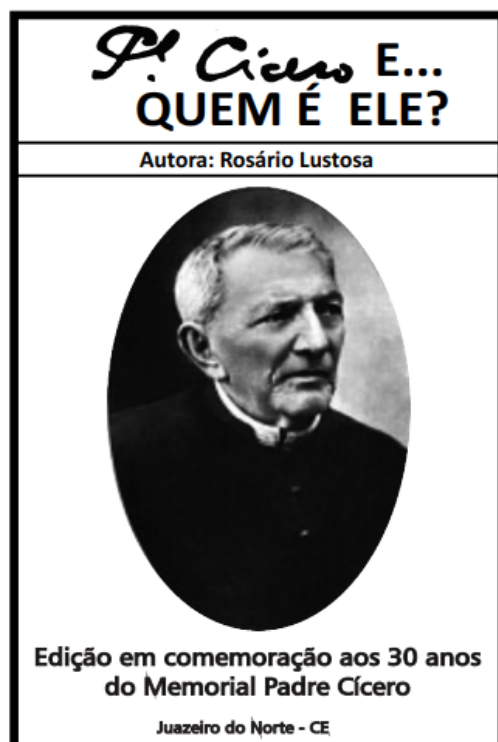
José Carlos dos Santos, professor da Universidade Regional do Cariri (Urca), que desde aquele momento esteve à frente do grupo de trabalho que organizaria as comemorações do Centenário, foi também o coordenador da comissão organizadora do III Simpósio Internacional sobre o Padre Cícero. Segundo Santos, aquela edição teve como importante peculiaridade o fato de ter reunido duas gerações de pesquisadores: a primeira, formada por pioneiros nas pesquisas e nas publicações sobre Juazeiro e o Padre Cícero; a segunda, uma “nova geração”, composta por nomes que, nos últimos anos, haviam produzido trabalhos acadêmicos relevantes, pautados em renovadas séries documentais e problematizações sobre o tema<sup>54</sup>.

Para abrir o III Simpósio Internacional..., foi dada à poetisa juazeirense Maria do Rosário Lustosa a missão de compor um poema em cordel que apresentasse o Padre Cícero ao público participante, narrando as características que fizeram o “fundador da cidade” tornar-se um “santo popular”, inventariando seus principais feitos em vida bem como o seu legado *post mortem*. O poema foi editado no formato de folheto e recebeu título homônimo ao evento – *Pe. Cícero e... quem é ele?*. Em sua capa, os caracteres que grafavam “Pe. Cícero” reproduziam a assinatura que o Padre usava em vida. Uma conhecida fotografia do Padre Cícero, já idoso, serviu como imagem principal para a capa do folheto.

---

<sup>53</sup> Até o momento do fechamento do presente texto, o Simpósio Internacional Sobre o Padre Cícero contou com cinco edições lançadas sem que se siga uma periodicidade regular entre uma e outra. O Evento acadêmico tem sido sempre sediado em Juazeiro do Norte, reunindo relevante elenco de pesquisadores que tomam como principais objetos de pesquisa o Padre Cícero e Juazeiro do Norte. Por ordem cronológica, as edições do Seminário ocorreram a partir dos seguintes títulos temáticos: I Simpósio Internacional sobre o Pe. Cícero e os romeiros do Juazeiro do Norte (1988); II Simpósio Internacional sobre o Padre Cícero e a beata Maria de Araújo: um contexto de milagre (1989); III Simpósio Internacional sobre o Padre Cícero do Juazeiro. E... Quem é ele? (2004); IV Simpósio Internacional sobre o Padre Cícero do Juazeiro. E onde está ele? (2014); V Simpósio Internacional sobre o Padre Cícero do Juazeiro. Reconciliação... E agora? (2017).

<sup>54</sup> Fizeram parte da Comissão Científica do III Simpósio Internacional sobre o Padre Cícero a irmã Annette Dumoulin; o teólogo Antenor de Andrade; a pastoralista Ana Tereza Guimarães; o escritor Daniel Wálker; os historiadores Francisco Régis Lopes e Gilmar de Carvalho; a psicóloga Maria do Carmo Forti; a antropóloga Renata Marinho Paz e o memorialista Renato Casimiro. Ver: URCA abre inscrições para III Simpósio. **Diário do Nordeste**, 20 abr. 2004. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/regiao/urca-abre-inscricoes-para-iii-simpósio-1.564380>. Acesso em: jan. 2020.



### Sobre a Autora



Maria do Rosário Lustosa da Cruz é natural de Juazeiro do Norte onde reside. É membro do Instituto Cultural do Vale Caririense – ICVC, cadeira nº 3; Da Academia dos Cordelistas do Crato, cadeira nº 8; do Instituto Cultural do Cariri – ICC, cadeira nº 39 seção de letras em Crato; Da Sociedade dos Poetas de Barbalha – SPB, cadeira nº 18; da Academia de Xilógrafos e Cordelistas do Cariri, cadeira nº 10. Da Academia de Letras do Brasil, cadeira nº 5. É Griô ( contadora de história) pelo Ministério da Cultura em projeto da Universidade Regional do Cariri URCA, pelo Ponto de Cultura Lira Nordestina. Pedagogo e Assistente Social, é pós graduada em Língua Portuguesa e Arte e Educação. Tem seus trabalhos publicados em livros e revistas com os quais conquistou prêmios, conta com mais de cem cordéis publicados e quatro livros. Ministra oficinas de Literatura de Cordel.

Fonte: Acervo pessoal do autor

Segundo Rosário Lustosa, cada participante do Simpósio recebeu um exemplar do folheto cujos versos foram lidos a um grande público de ouvintes durante a cerimônia de abertura do evento. À poetisa, foi dada a incumbência de recitar o poema, porém, no momento da cerimônia, ela afirma não ter conseguido, o que fez com que a tarefa fosse repassada à outra pessoa: “Eu estava tão emocionada em poder apresentar o meu Padrinho a partir de um cordel meu, que na ‘hora H’ a voz embargou num choro. Não consegui dizer o poema”<sup>55</sup>.

Naquele momento, ocorrido nos primeiros anos do século XXI, mais uma vez, as fortes relações culturais e históricas entre Juazeiro do Norte e a literatura de folhetos fazia-se presente. De maneira renovada, se comparada às práticas de divulgação dos poemas populares feitas em praça pública pelos folheteiros da primeira metade do século XX, o potencial da literatura de cordel produzida no Juazeiro era, agora, agenciado por outros tipos de atores sociais e instituições. Sem perder suas principais características literárias nem se distanciar de sua natureza oral, o cordel estava ali, na abertura de um evento promovido por diversas

<sup>55</sup> LUSTOSA, Maria do Rosário. **Sobre a Coleção Centenário – Literatura de Cordel**. Entrevista concedida a Robson William Potier. Juazeiro do Norte, 22 fev. 2020/6 mar. 2020.

naturezas de pesquisadores, narrando aos ouvintes imagens de memórias sobre Juazeiro, por meio de passagens da vida do Padre Cícero.

A poetisa Rosário Lustosa, devota declarada do Padre Cícero Romão, relatou em entrevista que, “em seus versos sobre o Padrinho, buscou dar ênfase mais no homem do que no santo”<sup>56</sup>. Ainda assim, o Padre não deixou de ser narrado a partir da noção providencial de ter vindo ao nosso mundo para cumprir em Juazeiro uma missão dada por Deus. A tessitura hagiográfica, tão característica nos poemas sobre a vida do Padre Cícero desde o início do século XX, fez-se, portanto, presente e seguiu tradições consolidadas pelo cordel, em estrofes como:

Que Deus do céu me inspire  
 E não me faça calar  
 Eu vou tentar responder  
 Esta pergunta no ar  
 Quem é o Padrinho Cícero?  
 Eu vou aqui explicar  
 -----  
 Ele foi um sacerdote  
 Que Deus botou em seus planos  
 E que cuidou do Juazeiro  
 Como muitos soberanos.  
 No ano de trinta e quatro  
 Morreu com noventa anos  
 -----  
 Foi um líder natural  
 Que Deus do céu enviou,  
 Este santo peregrino  
 Que o povo consagrou  
 Cumpriu bem sua missão  
 Quando na terra passou.<sup>57</sup>

Nos versos da poetisa, as histórias do Padre e de Juazeiro confundem-se de modo que uma não se demonstre possível sem a outra. Aqui, narrar Juazeiro torna-se requisito indispensável, já que o objetivo é responder, sobre o Padre Cícero, a pergunta “...e quem é ele?”. Afinal, o Padrinho é tão criador quanto criatura da cidade que viu nascer.

Pergunta que não é fácil  
 De falar e responder

<sup>56</sup> LUSTOSA, 2020.

<sup>57</sup> LUSTOSA, Maria do Rosário. **Pe. Cícero e... Quem é ele?** 2004. 8 p. Passim.



Sei que é filho do Crato  
 Saiu de lá pra viver  
 Na Vila de Juazeiro  
 Cidade que viu Nascer.

-----  
 Ele fez de Juazeiro  
 Uma terra prometida  
 Amava muito esta terra  
 E por ela dava a vida  
 O romeiro que chegar  
 Tem por certeza a guarida.

Ele até disse uma vez  
 “Filho do Crato eu sou  
 Mas Juazeiro é filho meu”  
 Assim ele se expressou  
 Mostrou sua sapiência  
 Quando se justificou.<sup>58</sup>

Em situação nada incomum quando analisamos a trajetória de diversos poemas em folhetos ao longo dos anos, os versos que haviam sido compostos especialmente para a abertura do III Simpósio sobre o Padre Cícero foram ouvidos e lidos por muitas pessoas. Os folhetos foram adquiridos e circularam, convertendo-se em discursos capazes de renovar e de dar manutenção às memórias em torno do Padre Cícero e de sua cidade.

Ajudando a narrar Juazeiro, o folheto em questão foi reimpresso pelo menos outras quatro vezes, atendendo a demandas de campanhas de divulgação ou a momentos comemorativos promovidos pelos poderes públicos da cidade: em 2009, o poema passou a ser distribuído, no Aeroporto Internacional Orlando Bezerra de Menezes, aos visitantes que ali desembarcavam em visita ao Cariri; no ano seguinte, foi declamado e distribuído em evento na Assembleia Legislativa de Juazeiro do Norte; em 2011, foi republicado em decorrência das comemorações do Centenário de Emancipação de Juazeiro<sup>59</sup>; em 2013, o folheto foi lido e distribuído nas comemorações dos 30 anos do Memorial Padre Cícero.

Em 2009, foi constituída a Comissão do Centenário de Juazeiro do Norte, que teve como presidente de honra o escritor Geraldo Menezes Barbosa<sup>60</sup> e foi coordenada pelo

<sup>58</sup> LUSTOSA, 2004, passim.

<sup>59</sup> O Poema foi republicado no volume 2 da *Coleção Centenário – Literatura de Cordel*, principal objeto de nossas análises.

<sup>60</sup> Geraldo Menezes Barbosa foi vereador em Juazeiro do Norte e presidente da Câmara Municipal em 1960. Em 1949, lançou o jornal *Correio do Juazeiro*. Criou a Associação Juazeirense de Imprensa e suas crônicas diárias no CRP. Dedicou 50 anos da sua vida como Diretor e professor da Escola Técnica de Comércio de Juazeiro, 30 anos como professor de Biologia da Escola Normal, Colégio Moreira de Souza e 6 anos no

então Secretário do Turismo e Romarias de Juazeiro do Norte, José Carlos dos Santos<sup>61</sup>, tendo à frente dos trabalhos, divididos por áreas, pesquisadores e memorialistas da cidade, tais como Renato Cassimiro, Daniel Walker e Renato Dantas<sup>62</sup>, além de representantes da Igreja Católica e do Memorial Padre Cícero.

Também em 2009, uma série de comemorações começaram a ser implementadas em Juazeiro sob a justificativa de servirem como preparação para o grande momento de celebração que ocorreria 2 anos mais tarde. Entre as comemorações daquele ano, foi celebrado o Centenário da Imprensa Juazeirense, marcado pela abertura do jornal *O Rebate*, em 1909<sup>63</sup>. Já naquela “prévia” da festa do Centenário, a importância do referido periódico foi comemorada, principalmente, por sua relevância como veículo de imprensa que contribuiu para os movimentos de Emancipação do município.

Ao longo dos 3 anos de trabalho da Comissão, foram inúmeros os preparativos e os eventos prévios organizados em torno do Centenário. Consolidaram-se diversas parcerias, ações de captação de recursos, seminários, mostras de arte, entre outras formas de eventos culturais em alusão ao momento de culminância das comemorações que deveriam se dar na “grande festa do Centenário”, em julho de 2011.

No ano em que antecedeu a “grande festa”, os 99 anos de municipalidade do Juazeiro foram comemorados promovendo a união simbólica entre os dois maiores centros de romarias do País: Juazeiro do Norte (CE) e Aparecida do Norte (SP). Durante a “Semana do Padre Cícero” daquele ano (17 a 20 de julho de 2010), milhares de romeiros acompanharam a imagem de Nossa Senhora Aparecida, que fora levada ao Cariri e peregrinou pelas principais paróquias do Juazeiro, em itinerário concluído na Basílica Menor de Nossa Senhora das Dores. A partir de então, um grande cartaz promocional do Centenário de Juazeiro foi fixado

---

Colégio Salesiano de Juazeiro do Norte. Foi por 10 anos cronista na Rádio Iracema, 5 anos na Rádio Educadora do Cariri e 45 anos na Rádio Progresso de Juazeiro, como sócio fundador, diretor, formador de opinião pública, com uma crônica diária. Ademais, foi editor da *Revista Memorial*, escreveu e publicou livros sobre a História do Juazeiro, Crônicas, Literatura. Escreveu crônicas diárias para a Rádio Progresso, totalizando mais de 26 mil crônicas. Informações coletadas do Currículo Lattes em 3 de fevereiro de 2020.

<sup>61</sup> José Carlos dos Santos era, à época, secretário na Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Turismo e Romaria (SDETR), coordenou a Comissão do Centenário de Juazeiro e foi parte dos Conselhos Editoriais da *Coleção Centenário – Livros* e da *Coleção Centenário – Literatura de Cordel*.

<sup>62</sup> Francisco Renato Souza Dantas era, à época, assessor técnico da Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Turismo e Romaria (SDETR) e foi parte do Conselho Editorial da *Coleção Centenário – Literatura de Cordel*.

<sup>63</sup> 100 ANOS de instalação da cidade de Juazeiro. **Diário do Nordeste**, out. 2011. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/regiao/100-anos-de-instalacao-da-cidade-de-juazeiro-1.755156>. Acesso em: dez. 2018.

em cada altar católico de cidade. Naquela semana, foi anunciada a logomarca oficial do Centenário, obra do juazeirense Reginaldo Farias<sup>64</sup>, escolhida por meio de concurso.

Figura 10 – Logomarca oficial do Centenário de Juazeiro do Norte



Fonte: Acervo pessoal do autor

No início de 2011, a Universidade Federal do Ceará (UFC) firmou parceria com a Comissão do Centenário. O então reitor da Universidade, Jesualdo Farias, natural de Juazeiro do Norte, passou a figurar como forte presença nos preparativos da festa. Foram diversas as ações comemorativas promovidas em parceria com a UFC, entre as quais, em junho do mesmo ano, a XXI edição do Cine Ceará – Festival Ibero-americano de Cinema, evento que, normalmente, ocorre apenas na cidade de Fortaleza, contou com exibições paralelas em Juazeiro do Norte e, naquele ano, teve como tema *Religião e Religiosidade no Cinema*<sup>65</sup>. Ao final do evento, foi concedido o título de Doutor Honoris Causa ao historiador norte-americano Ralph Della Cava por sua contribuição na propagação histórica de Juazeiro, mundo afora. Depois de concedida a homenagem, iniciou-se, em Juazeiro do Norte, o Seminário Religião e Religiosidade, em que foram exibidos 10 filmes que tomaram o Padre Cícero Romão como objeto.

<sup>64</sup> 100 ANOS de Juazeiro do Norte. **O Berro**, 22 jul. 2011. Disponível em: <http://oberronet.blogspot.com/2011/07/100-anos-de-juazeiro-do-norte.html>. Acesso em: dez. 2018.

<sup>65</sup> 21º CINE Ceará começará nessa quarta-feira (08) no Teatro José de Alencar. **Governo do Estado do Ceará**, 8 jun. 2011. Disponível em: <https://www.ceara.gov.br/2011/06/08/21o-cine-ceara-comeca-nesta-quarta-feira-08-no-palco-principal-do-theatro-jose-de-alencar/>. Acesso em: jan. 2020.

No Museu de Arte da UFC (MAUC), que completou 50 anos em 2011, foi realizada uma exposição com trabalhos de artistas juazeirenses. Também, foi programada uma apresentação de músicos naturais de Juazeiro na Concha Acústica da Reitoria da UFC. Evocando dias futuros, naquele momento de preparação das comemorações do Centenário, o Prof. Jesualdo Farias, reitor da UFC, declarou em entrevista esperar que aquela “festa histórica” pudesse fazer com que as gerações futuras do Juazeiro “iniciem o seu segundo centenário já com a perspectiva de referencial de cidade polo cultural, econômico e social do Cariri, com repercussão até nos estados vizinhos”<sup>66</sup>.

Dentre as diversas peças fílmicas produzidas naquele período com a finalidade de homenagear ou de divulgar os 100 anos da Emancipação, destaca-se, por suas estratégias narrativas, um documentário dirigido e escrito pelo escritor, jornalista, crítico literário e documentarista Maurício Melo Júnior. O filme *Juazeiro do Norte – Centenário da fé* foi veiculado no programa Tela Brasil, pertencente à programação da TV Senado. Em seus quase 17 minutos de duração, o documentário intercala imagens antigas e recentes de Juazeiro do Norte, historicizando sua trajetória, desde os tempos do povoado do Tabuleiro Grande até os dias atuais.

Não por acaso, o documentário é inteiramente narrado em versos que formam setilhas, estilo bastante utilizado e apreciado por poetas do cordel. Do início ao fim, o programa reverbera discursos que se tornaram tradicionais, em forma e em conteúdo, quando o objetivo é narrar o Juazeiro. Ali, mais uma vez, bem do jeito que poderia ser encontrado em um clássico folheto de João de Cristo Rei, José Bernardo ou Expedito Sebastião, entre tantos outros poetas, fazem-se presentes imagens poéticas que narram a construção da capela em honra à Nossa Senhora das Dores, pelo Padre Pedro Ribeiro; o sonho em que o Padre Cícero recebe de Jesus a santa missão com o povo do Juazeiro; o crescimento da vila a partir das ações e dos ensinamentos, espirituais e econômicos, proferidos pelo “Padrim”; a recolocação nos caminhos de Deus, operada pelo Padre junto aos “desviados da fé”; o milagre da hóstia; o crescimento das romarias; as desavenças entre o Padre Cícero e as autoridades católicas; a perda dos votos sacerdotais; a assistência aos romeiros feita pela janela da residência; a chegada de Floro Bartholomeu; as lutas pela Emancipação Política; a Sedição do Juazeiro; a

---

<sup>66</sup> UFC participará do centenário de Juazeiro do Norte. **Universidade Federal do Ceará**, 18 fev. 2011. Disponível em: <http://www.ufc.br/noticias/noticias-de-2011/2697-ufc-participara-do-centenario-de-juazeiro-do-norte>. Acesso em: jan. 2020.

morte da beata Maria de Araújo; a seca de 1915; o falecimento do Padre Cícero logo após a última bênção; o testamento do Padre e a construção da estátua do Horto.

Nos últimos versos, logo após a afirmação de que o Padre Cícero, mesmo não sendo canonizado, “é um santo verdadeiro”, vem a reafirmação de que, provavelmente, haverá ainda muitas estrofes a serem compostas com a finalidade de narrar antigos eventos a partir de novos poemas:

Santuário do Nordeste  
 Juazeiro é uma beleza  
 Vive bem de sua crença  
 Exibe força e grandeza  
 E a saga do meu Padrim  
 Em cordel ou folhetim  
 É contada com clareza<sup>67</sup>

Em outro filme, a peça de propaganda televisiva do Centenário, produzida pela SDETR e pela Prefeitura de Juazeiro do Norte, não foge aos padrões adotados no documentário supracitado. A narração é feita a partir de um poema ao estilo do cordel, e o fundo musical evoca um “estilo sertanejo”, lembrando arranjos do Movimento Armorial. Segundo o texto do poema, a cidade não para de crescer, o Padrinho, “vivo”, fala lá do céu ao povo de sua cidade, que nunca deixará de estar com ele conectada. A modernidade e o progresso são a principal marca do presente no Juazeiro habitado por um povo que se orgulha de uma história construída por meio de trabalho e de fé. Ao final da peça, a logomarca do Centenário é exibida acima do *slogan* daquela administração municipal: “Juazeiro do Norte, terra de oração e trabalho”<sup>68</sup>.

Seguindo pelas ações decorrentes das comemorações do Centenário, o Instituto Cultural do Vale Caririense (ICVC)<sup>69</sup> criou a Medalha Centenário para homenagear personalidades que ajudaram no desenvolvimento de Juazeiro do Norte. Por sua “contribuição com o engrandecimento de Juazeiro do Norte”, personalidades como o Professor Jesualdo

<sup>67</sup> JUAZEIRO do Norte – O Centenário da Fé. Direção: Maurício Melo Júnior. Roteiro: Maurício Melo Júnior. Brasil: TV Senado, 2014. 1 vídeo (17 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GmqBHalpts4>. Acesso em: out. 2018.

<sup>68</sup> CENTENÁRIO de Juazeiro do Norte (2011). Direção de Arte: Erick Barreira. Redação: Carol Macedo. Ceará: Kroma, 2011. 1 vídeo (1 min). Disponível em: [youtube.com/watch?v=YFEQJb2OpXk](https://www.youtube.com/watch?v=YFEQJb2OpXk). Acesso em: out. 2018.

<sup>69</sup> Nos referiremos com maiores detalhes a essa instituição no Capítulo 4.

Farias, o escritor Lira Neto e a artista plástica Assunção Gonçalves foram agraciados com a homenagem, entregue em ato solene no Memorial Padre Cícero. Na ocasião, Jesualdo Farias discursou em agradecimento pela homenagem, elencando, em suas palavras, elementos que se tornaram típicos na construção discursiva acerca de Juazeiro do Norte:

Juazeiro confunde-se com a riqueza de seus múltiplos personagens, de sua cultura, de seus artistas, dos cordéis, dos beatos, da xilogravura, do som da rabeça de cego Oliveira, dos reizados, das lapinhas, das nossas renovações, das feiras de ruas, do homem da cobra e dos camelôs. É o Juazeiro das oficinas de ouro, dos flandeleiros, ferreiros, seleiros, das mãos mágicas de Ciza do Barro Cru, de mestre Noza, das tecelãs de palha da Rua do Horto, das rezadeiras, das telas de Assunção Gonçalves, dos nossos poetas repentistas, dos quais destaco a genialidade do grande amigo e mestre Pedro Bandeira.<sup>70</sup>

Para receber os milhares de visitantes aguardados para as festividades, a SDETR anunciou que, pela primeira vez nos seus 41 anos de existência, a grande estátua do Padre Cícero, no alto do Horto, passaria por reformas que envolveram investimentos em estrutura de segurança, para os que sobem ao Monte do Horto, reparos em rachaduras já existentes no monumento e uma pintura geral, que apagaria as tradicionais mensagens escritas pelos romeiros nas últimas 4 décadas, mas abriria espaço para que a tradição popular se mantivesse por meio de novas mensagens daquele momento em diante<sup>71</sup>.

Afora as ações aqui apresentadas, várias outras foram efetivadas fomentando as preparações para comemorações do Centenário nos meses que antecederam a data do aniversário. Na semana festiva, que finalmente ocorreu entre os dias 17 e 24 de julho de 2011, missas campais, procissões, solenidades públicas, espetáculos musicais, entre outros tipos de atrações culturais, marcaram as comemorações que tiveram seu ápice durante show com a cantora baiana Ivete Sangalo, na sexta-feira, dia 22, no Parque de Eventos Padre Cícero.

Com o objetivo de marcar o Centenário a partir de uma produção material que pudesse dar manutenção à cidade do Padre Cícero, a Comissão do Centenário organizou duas coletâneas de obras literárias que fossem capazes de fazer com que as pessoas se recordassem

---

<sup>70</sup> REITOR recebe Medalha Centenário em Juazeiro do Norte. **Universidade Federal do Ceará**, 10 jul. 2011. Disponível em: <http://www.ufc.br/noticias/noticias-de-2011/1748-reitor-recebe-medalha-centenario-em-juazeiro-do-norte>. Acesso em: out. 2018.

<sup>71</sup> ESTÁTUA de Padre Cícero será reformada para centenário, no Ceará. **G1**, 9 jun. 2011. Disponível em: <http://g1.globo.com/ceara/noticia/2011/06/estatua-de-padre-cicero-sera-reformada-para-centenario-no-ceara.html>. Acesso em: out. 2018.

daquele momento festivo nos anos vindouros, ao mesmo tempo em que pudessem ter acesso a materiais capazes de “manter vivas” a memória e as tradições do Juazeiro. Assim foi criada a *Coleção Centenário*, publicada para ser lançada e distribuída em homenagem aos 100 anos do município. Dividida em dois seguimentos editoriais, foram lançadas, simultaneamente, a *Coleção Centenário – Livros*<sup>72</sup> e a *Coleção Centenário – Literatura de Cordel*<sup>73</sup>.

A *Coleção Centenário – Livros* foi organizada visando à edição (revisão, publicação e lançamento) de 20 livros, sendo 5 títulos inéditos, 5 reedições e 10 livros a serem compostos a partir de textos advindos de pesquisas acadêmicas.<sup>74</sup> Dentre os principais objetivos contidos na versão final do *Projeto*, elaborado pela Comissão Centenário para essa coletânea, podemos destacar: “preservar e difundir o passado histórico de Juazeiro do Norte”; publicar livros “que contam a história de Juazeiro do Norte e de Padre Cícero, principal figura histórica do município”; “fortalecer a autoestima da população local através da valorização de sua cultura e história”; “fomentar o turismo histórico-cultural-religioso na cidade”; “incentivar a pesquisa relacionada a temas que estabelecem um vínculo com a história e cultura do Nordeste, tendo como ícone a cidade de Juazeiro do Norte”<sup>75</sup>.

Percebe-se, a partir dessa lista de objetivos, que a *Coleção* foi organizada buscando a valorização histórica e cultural da cidade como forma não apenas de beneficiar e informar a população local mas também incentivar a pesquisa e o turismo em Juazeiro do Norte. A edição dos livros selecionados para a coleção<sup>76</sup> segue pela premissa de que contar a história de Juazeiro é, também, contar a história do Padre Cícero, sublinhado no texto do projeto como figura histórica mais relevante para esse fim. Tal afirmação reaparece nas justificativas do *Projeto* já no primeiro parágrafo, junto com as primeiras apresentações de informações sobre a cidade:

Juazeiro do Norte é uma cidade situada no sertão do Ceará, a 514 km da capital Fortaleza, sua área é de 248,558 km<sup>2</sup> e a população do município é

<sup>72</sup> PREFEITURA MUNICIPAL DE JUAZEIRO DO NORTE. *Coleção Centenário – Livros*. Juazeiro do Norte: IMEPH, 2011a.

<sup>73</sup> PREFEITURA MUNICIPAL DE JUAZEIRO DO NORTE. *Coleção Centenário – Literatura de Cordel. Juazeiro do Norte*: IMEPH, 2011b.

<sup>74</sup> XAVIER JÚNIOR, Altamiro Pereira. *Centenário de Juazeiro*: publicação de livros. Juazeiro do Norte: Fundação Memorial Padre Cícero, 2010b. Projeto apresentado ao Banco do Nordeste do Brasil (BNB) como proponente a financiamento para a edição de livros em comemoração pelo Centenário de Emancipação Política de Juazeiro do Norte. Ver projeto completo nos anexos desta tese.

<sup>75</sup> *Ibid.*, p. 2.

<sup>76</sup> Ver lista nos anexos.

estimada em 242.139 habitantes. A cidade tem na figura de Padre Cícero Romão Batista um marco na construção da religiosidade e da cultura do seu povo e nos acontecimentos políticos da região do Cariri. Graças à figura de Padre Cícero, Juazeiro é considerado um dos maiores centros de religiosidade popular da América Latina, atraindo milhões de romeiros todos os anos.<sup>77</sup>

No *Projeto* elaborado para a *Coleção Centenário – Literatura de Cordel*, nosso principal objeto para análise a partir deste ponto, os objetivos<sup>78</sup> mais relevantes apresentados foram: “preservar e difundir a literatura de cordel, assim como a xilogravura, elementos marcantes da cultura nordestina”; “colaborar para divulgação do passado histórico de Juazeiro do Norte”; publicar “1000 volumes compostos por 100 cordéis cada um, sendo destes, 50 clássicos e 50 inéditos”; “distribuir os cordéis para escolas e bibliotecas do país”; “sedimentar a cultura da região Nordeste do Brasil”; “incentivar a pesquisa relacionada a temas que estabelecem um vínculo com a literatura de cordel e a xilogravura, assim como a história e cultura do Nordeste, tendo como enfoque a cidade de Juazeiro do Norte”.

Na sessão de justificativas do *Projeto Coleção Centenário – Literatura de Cordel*, elementos componentes da relação histórica entre Juazeiro do Norte e a literatura de folhetos são apresentados de maneira a demonstrar que o cordel ganhou força no mesmo período dos milagres da hóstia. Também, que os poemas populares e as xilogravuras foram utilizados de forma pioneira nos anos de publicação de *O Rebate*. No texto, ainda é apresentada a trajetória da tipografia de José Bernardo da Silva, não apenas por sua importância para a cidade mas, principalmente, por sua relevância para o desenvolvimento e a consolidação da literatura de folhetos em todo o Brasil:

Saída do improvisado dos repentistas, a Literatura de Cordel dá os seus primeiros passos no final do Século XIX, justo no momento que acontecia o milagre da hóstia ensanguentada com a Beata Maria de Araújo, quando da comunhão ministrada pelo Padre Cícero, no dia 06 de março de 1889. Era o mote para uma produção vasta de folhetos e romances sobre o assunto. Em 18 de julho de 1909, era lançado o primeiro número do jornal *O Rebate* que iria fomentar a campanha da emancipação política do povoado de Juazeiro, então pertencente ao município de Crato. No número 20, no dia 29 de novembro do mesmo ano, apresenta o jornal, na sua coluna *Lyra popular*, o poema “Luta do Diabo com Antônio Silvino” de Leandro Gomes de Barros, abrindo a vertente de publicação de folhetos. Tinha-se aí, a coluna *Lyra*

<sup>77</sup> XAVIER JÚNIOR, 2010b, p. 4.

<sup>78</sup> Id., 2010a, p. 2.



Popular encimada com a Xilogravura, que mais tarde seria a tônica das capas dos folhetos impressos em Juazeiro do Norte. Acompanhando a afirmação de Juazeiro como espaço privilegiado à Literatura de Cordel, surgem os “folheteiros” que, seguindo o roteiro sagrado dos romeiros, vendiam orações, novenas e folhetos, estes com a forma de um auto popular, principalmente os que relatavam a construção do Juazeiro como lugar sagrado e a vida santificada do Padre Cícero. É, porém, com a chegada de José Bernardo da Silva que Juazeiro passa a ser o maior produtor de folhetos do Brasil. Em 1932, o mascate alagoano instala a Folheteria Silva, depois Folheteria São Francisco e hoje Lira Nordestina. De uma oficina familiar, transforma a Folheteria Silva na maior editora de Literatura de Cordel, principalmente quando compra em 1949, os direitos autorais da folheteria de João Martins de Athayde, que possuía de grande acervo, um dos mais importantes do Nordeste. A história da Lira Nordestina confunde-se com a história da literatura de cordel. No auge da confecção de folhetos, 10 mil eram impressos a cada dia e comercializados em todo o território nacional, tendo o Ceará, partindo de Juazeiro, como destaque na produção [...].<sup>79</sup>

O texto que busca justificar a relevância da *Coleção* evoca as dinâmicas históricas do Juazeiro no sentido de apresentar a cidade como campo fértil para uma produção de folhetos que se desenvolveu com o tempo, ganhou vulto e tornou-se relevante, até protagonista, no papel de representar a Juazeiro do Padre Cícero, o Ceará e o Nordeste brasileiro.

Um detalhe digno de nota: nas décadas imediatamente posteriores ao milagre da hóstia, os poetas populares foram levados, pelas determinações da Igreja Católica oficial, a não produzir poemas que versassem diretamente sobre esses prodígios. Ainda assim, a série de milagres que envolvem a Beata Maria de Araújo e o Padre Cícero é apresentada no *Projeto* como marco inicial de uma produção de poemas que se desenvolveria e cresceria com o tempo. Segundo o texto, o milagre em solo juazeirense seria o mote para uma produção vasta de folhetos e romances sobre o assunto. A afirmação pode ser tomada como pertinente se levarmos em conta que, mesmo nas primeiras décadas do século XX, quando não estavam sendo produzidos poemas que narrassem diretamente os milagres de 1889, aquele foi o momento a partir do qual “mil e uma” outras histórias passaram a ser narradas sobre o Padre Cícero e “mil e um” outros milagres lhe foram atribuídos por meio dos versos populares que produziram discursos e deram visibilidade ímpar a Juazeiro do Norte.

Em entrevista concedida acerca do processo de idealização da *Coleção Centenário – Literatura de Cordel*, o professor José Carlos dos Santos argumentou que, desde

---

<sup>79</sup> XAVIER JÚNIOR, 2010a, p. 5-6.

a formação da Comissão, em 2009, uma das primeiras ideias sugeridas e aprovadas era a “organização de uma coleção capaz de *contar a história de Juazeiro, do Padre Cícero e do Centenário* a partir de cordéis editados em diversos períodos”<sup>80</sup>.

Utilizando-se de expressões como “resgate histórico e cultural de Juazeiro” ou ainda “manutenção da memória da cidade”, Santos declarou que a *Coleção* foi pensada para funcionar como “lugar de memória sobre Juazeiro”<sup>81</sup>. Segundo o coordenador, desde o início, os membros da Comissão comentavam que a festa passaria e, em alguns anos, não seria mais lembrada por muitos dos habitantes e romeiros do Juazeiro. A *Coleção*, porém, permaneceria, circularia e serviria “aos que fossem construir a Juazeiro do segundo centenário”, uma vez que, por meio de seus cordéis e demais publicações, seria possível continuar oferecendo narrativas sobre o passado da cidade, “mantendo-o vivo na memória das pessoas”<sup>82</sup>.

A pretensão de que a *Coleção* venha a assumir o papel de *lugar de memória* para Juazeiro e seu povo encontra consonância na forma, não necessariamente otimista, com a qual Pierre Nora ajuda a construir esse conceito. Para Nora, os lugares de memória seriam, antes de tudo, “restos” de uma memória espontânea, organizados de maneira externa, com a finalidade de manter aquilo que não se quer correr o risco de perder pelo esquecimento. É nessa perspectiva que os lugares de memória se constituem, objetivando aquilo que se quer conservar para aqueles que estarão por vir, “valorizando por natureza mais o novo que o antigo, mais o jovem do que o velho, mais o futuro do que o passado”<sup>83</sup>.

O esforço de criação de lugares de memória desconfia, ou mesmo duvida, do potencial de qualquer forma de memória espontânea. Assim, para que se mantenham “vivas”, “de fora para dentro”, determinadas memórias que demandem interesse por certos grupos, em cada época, são criados “museus, arquivos, cemitérios, coleções, festas, aniversários, tratados,

---

<sup>80</sup> Ao longo do texto desta tese, veremos que o investimento no argumento de que o cordel possui grande potencial para “contar a história de Juazeiro do Norte e do Padre Cícero” será proferido por diversas personalidades, tais como o então prefeito, Manoel Santana, o historiador e pesquisador do cordel, Gilmar de Carvalho, ou, ainda, o radialista Elói Teles de Moraes, fundador da Academia de Cordelistas do Crato. No entanto, em vez de investir na ideia de que o cordel “conta a história de pessoas e lugares”, preferimos seguir pela perspectiva dos trabalhos de Pierre Nora, a fim de argumentar que o cordel produz representações sobre a sociedade capazes de ressignificar sentidos e noções de realidade junto às memórias individuais e coletivas acerca do Padre Cícero, de Juazeiro e de seu Centenário. Ver: NORA, Pierre. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares**. Tradução: Yara Aun Houry. São Paulo: Projeto História, 1993.

<sup>81</sup> SANTOS, José Carlos dos. **Sobre a Coleção Centenário – Literatura de Cordel**. Entrevista concedida a Robson William Potier. Juazeiro do Norte, 23 fev. 2020.

<sup>82</sup> Id., 2020.

<sup>83</sup> NORA, 1993, p. 7.

processos verbais, monumentos, santuários, associações”<sup>84</sup>, pensados para servirem como “testemunhas de outra era, das ilusões de eternidade”<sup>85</sup>.

Na *Coleção*, as comemorações e os festejos, aos quais ela está diretamente relacionada, enquadram-se nesse tipo de esforço de manutenção das memórias do Juazeiro, *no presente, pelo passado, para o futuro*.

Pelo que se pôde perceber nas declarações supracitadas, os conceitos de história e memória parecem estar sendo utilizados a partir de algum lugar do senso comum onde se poderia crer não haver problemas em utilizá-los como se fossem análogos, ou mesmo, como sendo sinônimos. Enunciações que afirmam o cordel como propício a “contar a história de Juazeiro do Norte” serão verificadas outras vezes ao longo do presente texto, proferidas por diversos atores sociais ligados àquela cidade<sup>86</sup>.

Cabe, porém, esclarecer que a concepção com a qual trabalhamos segue pela premissa de que, por sua natureza, os cordéis não são livros de história e nem lhes cabe cumprir papel que se aproxime do historiográfico. Quando evocam o passado, as imagens poéticas oferecidas pelos poemas em folhetos nos servem como construtores/(re)ativadores de memórias junto ao público com quem venham a ter contato direta ou indiretamente. Nesse sentido, não só a Festa do Centenário, com todas as representações de passado que cada um de seus eventos buscou rememorar, mas, principalmente, a própria *Coleção Centenário*, com seus livros e cordéis, selecionados especialmente para compor uma série coerente de narrativas voltadas a *fazer conhecer* ou *fazer lembrar*, configuram esforços pela construção de lugares de memória para Juazeiro, por meio de acontecimentos envolvendo, majoritariamente, o Padre Cícero, a cidade e sua Emancipação Política, que “não devem ser apagados com o tempo”, junto às memórias de uma dada coletividade.

Por esses motivos, ao refletirmos sobre a *Coleção*, podemos verificar a paradoxal relação desta com o tempo, relação consonante com os argumentos de Nora quando ele discorre sobre os lugares de memória. A *Coleção Centenário* é nostálgica, evoca um passado que, segundo seus elaboradores, não deve ser esquecido, mas volta-se ao novo, dedicando-se

---

<sup>84</sup> NORA, 1993, p. 7-8.

<sup>85</sup> Ibid., loc. cit.

<sup>86</sup> No devido momento, nos depararemos com esse tipo de afirmação proferida por memorialistas, pesquisadores do cordel, autores de folhetos e, até mesmo, o então prefeito da cidade, Manoel Santana.

no presente a promover, pedagogicamente, a manutenção de memórias, junto àqueles que comporão as gerações futuras.

Por buscarmos defender que produções como a *Coleção Centenário* possuem propósitos e intencionalidades ligados às manutenções de memórias e não às reconstruções especializadas e problematizadoras da História, recorreremos, mais uma vez, às argumentações de Nora:

Memória, história: Longe de serem sinônimos, tomamos consciência de que tudo opõe uma à outra. A memória é a vida, assumida sempre por grupos vivos e, neste sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória se acomoda em detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta e a torna sempre prozaica. A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quanto grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações entre as coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo.<sup>87</sup>

Em termos de composição física, a *Coleção Centenário – Literatura de Cordel* foi organizada em quatro volumes cujos conteúdos foram disponibilizados em caixas confeccionadas em tecido e plástico, denominadas “bolsas porta-folheto”<sup>88</sup>, cada qual contendo 25 folhetos de cordel, além de outros materiais editoriais elaborados em auxílio àqueles que forem utilizar-se dos folhetos. Em 2012, ano seguinte ao lançamento da *Coleção*, a Companhia de Energia do Ceará (Coelce) forneceu apoio para a impressão de mais duas tiragens de mil folhetos cada uma. Nesse caso, além de uma tiragem de 100 coleções, cada

<sup>87</sup> NORA, 1993, p. 3.

<sup>88</sup> Bolsas de capa rígida, revestidas em tecido e plástico fechada por zíper. No interior de cada bolsa, foram colocados plásticos capazes de acondicionar, individualmente, o catálogo dos folhetos do respectivo volume, o fascículo do livro *O universo da Literatura de Cordel Nordestina*, referente ao respectivo volume, os 25 folhetos do respectivo volume e 1 CD contendo materiais informativos adicionais sobre a *Coleção*.

uma contendo 100 folhetos, distribuídos em “bolsas porta-folhetos”, formato adotado no ano do Centenário, foram, também, confeccionadas 100 coleções nas quais os respectivos folhetos eram divididos em quatro *displays* que serviam como painéis expositores feitos para serem colocados em paredes, de modo que os folhetos ficassem visíveis e acessíveis.

Figura 11 – *Coleção Centenário - Literatura de Cordel*: imagens frontais das bolsas porta-folhetos dos volumes 1, 2, 3 e 4



Fonte: Banda Desenhada e Fantasia (2015)

Figura 12 – *Coleção Centenário - Literatura de Cordel*: bolsas porta-folhetos abertas de modo a exibir parte de seus conteúdos



Fonte: Grande Campina (2013)

Figura 13 – *Coleção Centenário - Literatura de Cordel*: painel expositor do volume 3



Fonte: Acervo pessoal do autor

As coleções montadas em painéis expositores foram doadas às escolas da região como forma de fomentar o uso pedagógico da literatura de cordel, enquanto recurso didático para o “aprendizado da história do Juazeiro e da cultura Nordestina”<sup>89</sup>. Em consonância com a percepção de que são recorrentes as enunciações de que, segundo diversos atores sociais e instituições de Juazeiro do Norte, o cordel possuiria potencial para contar aos seus leitores e ouvintes “a história de Juazeiro”, o texto que encabeça cada um dos painéis expositores da *Coleção Centenário* apresenta os dizeres: “Juazeiro, um fio de inspiração – Uma história em 100 cordéis”.

Apesar de o *Projeto* especificar que a *Coleção* estaria dividida em 50 cordéis “clássicos” e outros 50 “inéditos”, essa nomenclatura precisou ser modificada durante a fase

<sup>89</sup> LUSTOSA, 2020.

de seleção dos poemas que entrariam na coletânea. A dificuldade deu-se, principalmente, em reunir 50 folhetos de cordel que fossem realmente inéditos. Assim, os organizadores<sup>90</sup> decidiram que os 2 primeiros volumes da *Coleção* reuniriam 50 cordéis “clássicos”, mais antigos, famosos em sua maioria, de grande circulação e pertencentes aos primeiros ¾ do século XX, muitos destes compostos pelos poetas da assim chamada “era de ouro” do cordel. Nos 2 últimos volumes da *Coleção*, foram reunidos 50 poemas mais recentes, editados e circulantes a partir do início do século XXI. Parte desses poemas abordava temáticas atuais sobre Juazeiro ou, então, versava sobre os temas mais tradicionais da história da cidade a partir de novos olhares e de novas estrofes. Muitos dos poemas pertencentes a esse último segmento, foram compostos especialmente para a *Coleção*, buscando atender às demandas mais específicas do momento comemorativo que a gestou. Para os 50 folhetos desses 2 últimos volumes, adotou-se a nomenclatura “cordéis contemporâneos”.

Conforme os responsáveis por selecionar quais poemas seriam incluídos na *Coleção*, um primeiro critério de escolha pensado para ser adotado seria *o autor* do poema e sua “relevância para a literatura de folhetos”, a ser pautada no conjunto de sua obra e a contribuição desta para o Juazeiro<sup>91</sup>. Aqui, algumas dificuldades apresentaram-se principalmente na seleção dos “cordéis contemporâneos”, uma vez que alguns dos autores com poemas selecionados possuíam produção relativamente recente e pouco circulante.

Também não se puderam adotar critérios análogos aos utilizados com os “cordéis clássicos” para avaliar a recepção e a capilaridade de folhetos produzidos no século XXI,

---

<sup>90</sup> Francisco Renato Souza Dantas foi incumbido, inicialmente, da missão de selecionar os cordéis que comporiam a *Coleção Centenário – Literatura de Cordel*, em seus segmentos “clássicos” e “contemporâneos”. Segundo relatou em entrevista para esta tese, a certa altura do trabalho, quando já estavam selecionados (analisados e autorizados) quase todos os folhetos do segmento “clássicos”, por motivos pessoais, Renato Dantas necessitou afastar-se daquela atividade. A partir desse momento, a tarefa passou a contar com a organização e a coordenação da poetisa Maria do Rosário Lustosa, que finalizou a organização dos cordéis “clássicos” e procedeu à dos “contemporâneos”.

<sup>91</sup> A noção de autor, aqui, se enquadra na forma como Foucault busca construir argumentos ao que chamou de “função-autor”. Segundo Foucault, “o autor é uma produção ideológica na medida em que temos uma representação invertida de sua função histórica real. O autor é então a figura ideológica pela qual se afasta a proliferação do sentido.” Ou seja, o autor não é simplesmente aquele que escreve e assina os textos, mas aquele pelo qual se confere certa noção de identidade ao texto. Entender, sob a perspectiva de Foucault, a escolha dos organizadores da *Coleção Centenário* em agrupar cordéis “pela importância do autor”, nos é possível quando compreendemos que Foucault define pelo menos três abordagens para a função-autor, a saber: 1. Sob a perspectiva da iniciativa, o autor funciona como um motor meta-literário à medida que o livro de um autor famoso tenderá a ser mais procurado e lido; 2. De forma classificativa, textos, em nossos tempos, tendem a ser agrupados por autor, o que conferirá à coletânea, de forma sempre incompleta, a noção de “obra”; 3. Saber quem é o autor ainda funciona a partir da função explicativa sob a qual se buscará compreender e criticar “intenções” do autor em determinado texto, a partir de sua biografia. Ver: FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** São Paulo: Passagens, 1992. p. 42.

visto que as dinâmicas que envolvem os públicos consumidores e os processos de produção, de divulgação, de venda e de circulação do cordel, nessas duas épocas, são frutos das demandas de cada um desses tempos, portanto, sensivelmente distintas umas das outras<sup>92</sup>.

É necessário levar em conta que a organização de uma coleção envolve, entre outros, elementos técnicos, burocráticos e legais. Um dos fatores que fizeram com que alguns poemas, carregados de potencial narrativo, fossem incorporados à *Coleção*, enquanto outros ficassem de fora, foi a exigência legal de obtenção de autorização para a publicação, por parte dos poetas que estivessem vivos ou dos seus familiares, no caso dos poetas já falecidos. Houve, também, casos de poetas vivos que, por motivos diversos, de cunho particular, não quiseram autorizar a publicação de seus poemas. Levar em conta tais fatores auxilia-nos na compreensão do conjunto final de folhetos quando forem analisados.

É importante ressaltar que, entre os 100 cordéis selecionados, mesmo os poemas não inéditos e aqueles considerados “famosos”, devido à sua grande circulação e ao consumo ao longo dos anos, foram publicados em *folhetos novos*, uma vez que a organização editorial, as capas e os textos que complementaram cada folheto eram inéditos e foram elaborados, especialmente, para a *Coleção*. Tal prática não consiste em novidade no mercado editorial nem na literatura de cordel, já bastante acostuada com a reedição de antigos poemas a partir de folhetos que trazem novas capas, novos textos complementares e, inclusive, pequenas alterações em algumas estrofes.

---

<sup>92</sup> Muitos dos folhetos desse início de século XXI são frutos de um tempo de difusão e propagação das informações a partir da Internet ou da TV por assinatura. São, muitas vezes, folhetos diagramados em editores de texto computacionais domésticos e editados a partir de modernos processos de formatação e de impressão, menos trabalhosos e mais baratos do que nos antigos processos tipográficos do século anterior. Grande parte desses poemas procura atender às demandas de uma época em que se busca, pelo cordel, “emular” antigos formatos e dinâmicas de recepção e de consumo originários dessa literatura em períodos pretéritos. São, portanto, folhetos com tiragens pequenas destinadas a um público de apreciadores do cordel por suas tradições, ou, então, poemas que não chegam a ser impressos em papel, sendo disponibilizados apenas em sítios da Internet para o consumo de leitores devidamente adaptados a esse tipo de suporte. Já os folhetos selecionados dentro da categoria de “cordéis clássicos” pertencem ao tempo em que os principais meios de comunicação e de difusão da informação eram o jornal impresso, o rádio e, posteriormente, a televisão. Nesse período, em que eram menos significativas as distinções entre as localidades interioranas do campo e as grandes cidades, o cordel assumiu o importante papel de versar sobre problemas cotidianos, distinções entre classes sociais, além de narrar notícias e acontecimentos em verso, a partir de simbologias e de linguagens que se identificassem com seus milhares de leitores e ouvintes. Mesmo os processos tipográficos utilizados nas primeiras décadas da literatura de folhetos brasileira, por serem mais trabalhosos e dispendiosos do que aqueles que temos disponíveis nesse início de século XXI, exigiam que fossem selecionados para serem editados poemas com maiores potenciais de sucesso para vendas, afinal, como foi analisado por Rodolfo Coelho Cavalcante ao discutir as teorias poéticas em torno da composição de folhetos, “um folheto mal rimado e desmetrificado é dinheiro perdido de quem empresa a sua versificação”. Ver: CAVALCANTE, 1982 *apud* ABREU, 1999, p. 111.



Editorialmente, foram adotados os seguintes padrões para as produções dos folhetos da *Coleção*: os miolos de cada folheto passaram por processos atuais de composição, de editoração e de impressão, tendo sido editados e diagramados pela Editora responsável<sup>93</sup>, em Fortaleza (CE), com o auxílio de *softwares* computacionais e equipamentos contemporâneos ao início do século XXI. Já as capas dos folhetos foram confeccionadas a partir do processo “tradicional”, desenvolvido pelas antigas tipografias que consolidaram o cordel na primeira metade do século XX. Para essa tarefa, 10 xilógrafos<sup>94</sup> de Juazeiro foram incumbidos de produzir, cada um, matrizes para 10 xilogravuras inéditas, totalizando 100 matrizes, uma para cada nova capa a ser lançada.

Como forma de demarcar, material e historicamente, Juazeiro do Norte como importante centro editorial para a literatura de folhetos no Brasil, a impressão das capas foi feita na cidade, na *Lira Nordestina*, local onde, nos dias atuais, se encontram, ainda em funcionamento, antigos equipamentos pertencentes à clássica tipografia de José Bernardo da Silva. Os profissionais que atuam na *Lira* imprimiram a tiragem de capas para os 100 títulos, utilizando-se do tradicional maquinário da tipografia de José Bernardo.

Devidamente “montados”, os folhetos contaram com capas que traziam, de cima para baixo, autor(a) do poema, título, xilogravura, local e ano de impressão, logomarca da Editora e a especificação “clássicos” ou “contemporâneos”, a depender do segmento ao qual pertenciam. Na capa posterior de cada folheto, foi reservado um espaço para as logomarcas ligadas à *Coleção Centenário*, instituições que participaram da organização, patrocinadores e financiadores. Nos folhetos do segmento “contemporâneos”, a capa posterior trazia, também, uma breve biografia do autor. Os autores do segmento “clássicos” não foram biografados pela *Coleção*<sup>95</sup>.

O miolo de cada folheto foi organizado de modo a trazer, além do poema, uma folha catalográfica com dados como título, autor do poema, autor da xilogravura da capa, tema, classificação quanto ao ciclo histórico, editor, local, tiragem, quantidade e composição poética das estrofes e esquema de rimas. Os folhetos foram recortados seguindo o padrão tradicional de tamanho das folhas, medindo 11 cm x 16 cm, porém, talvez devido a fatores

<sup>93</sup> Editora IMEPH, Fortaleza (CE).

<sup>94</sup> As xilogravuras especialmente confeccionadas para estar nas capas dos folhetos da *Coleção* foram elaboradas pelos xilógrafos: Antônio Dias (Juciê), Airton Laurindo, Antônio Laurindo, Cícero Lourenço, Cosmo Braz de Lemos, C.V., Francorli, José Lourenço, Manoel Inácio e Nilo.

<sup>95</sup> As biografias, presentes nos “cordéis contemporâneos” e ausentes nos “cordéis clássicos”, serão discutidas mais detalhadamente no capítulo 4.

como tamanho e tipo de fonte utilizados para a diagramação das estrofes ou, então, pelo tipo de processo editorial adotado para a confecção dos miolos, nem todos os poemas seguiram o padrão clássico que fazia, no tempo das antigas folheterias, com que o número de páginas do folheto fosse sempre múltiplo de oito<sup>96</sup>.

Junto aos 100 folhetos, distribuídos pelos 4 volumes da *Coleção*, foram incorporados materiais de apoio que consistiam em um *Catálogo*, contendo os títulos, os autores e o número de páginas de cada folheto do respectivo volume; e um livro, dividido em 4 fascículos, um para cada volume, intitulado *O Universo da Literatura de Cordel Nordestina*<sup>97</sup>, escrito pelo cordelista e pesquisador Crispiniano Neto.

O livro de Crispiniano Neto é aberto por um texto de apresentação escrito pelo então prefeito de Juazeiro, Manoel Raimundo de Santana Neto, formulado não apenas para prefaciar o livro em questão mas também para, em tom comemorativo, apresentar aos leitores o Centenário do Juazeiro e a própria *Coleção Centenário – Literatura de Cordel*. Ilustrado e bastante farto em esquemas explicativos, o livro oferece a quem vier a ter contato com a *Coleção* detalhadas informações sobre a literatura de cordel. Nesse material, o “cordel nordestino” é historicizado e problematizado a partir das possíveis interações entre o cordel ibérico, desembarcado das caravelas no Brasil colonial, e a poesia popular dos nossos sertões.

Há, no livro, capítulos mais “esquemáticos” como aquele que busca esquadriñar, em forma e em conteúdo, o que é e o que não é literatura de cordel, ou, ainda, o capítulo em que se buscam diferenças e interseções entre o cordel e o repente nordestino. Há, também, capítulos que discutem as classificações e as tipificações temáticas do cordel ao longo do tempo ou os usos do cordel como ferramenta pedagógica nas escolas.

Em uma coleção como a que estamos apresentando, a presença desse detalhado “manual” sobre o cordel nos permite entrever algumas das intenções por parte dos organizadores, no sentido de direcionar os públicos-alvo ao que se pretende como o “uso correto” e “esclarecido” dos poemas em folhetos. Sendo essa uma coleção com cordéis

---

<sup>96</sup> Márcia Abreu baseia-se em um artigo de Rodolfo Coelho Cavalcante, intitulado *Como fazer versos*, para discorrer sobre a formatação física dos folhetos brasileiros. Segundo Cavalcante, “o tamanho do folheto não deve ultrapassar 11-16 centímetros. Quando maior ou menor, perde as características do cordel.”. Abreu ainda argumenta que o padrão referente ao aspecto gráfico do folheto, definido por João Martins de Athayde, na década de 1920, define que o texto de um cordel deve estar vinculado a um certo número de páginas (entre 8 e 64) que deverá sempre ser múltiplo de 8. Ver: ABREU, 1999, p. 110-114.

<sup>97</sup> CRISPINIANO NETO, Joaquim. **O Universo da Literatura de Cordel Nordestina**. Fortaleza: Editora IMEPH, 2011.

majoritariamente sobre o Padre Cícero, Juazeiro e seu Centenário, a presença de um *livro-manual* talvez busque potencializar os efeitos pedagógicos que a leitura ou a audição dos poemas possa surtir naqueles que busquem informar-se sobre as temáticas abordadas nessas narrativas.

De certa forma, o conjunto da *Coleção* – livro-manual, catálogo e folhetos sobre Juazeiro – atendem às demandas por produção de discursos capazes de dar manutenção às memórias constituídas em torno de Juazeiro do Norte, objetivo ressaltado desde a formação da Comissão do Centenário, a qual, já na primeira reunião, discutia que “Juazeiro seria o principal celeiro da literatura de cordel brasileira”, portanto, “sua *história* deveria poder ser contada pelos cordéis”<sup>98</sup>.

No que diz respeito às tessituras acerca de Juazeiro do Norte, as noções formuladas por Foucault acerca das relações entre a produção de discursos e as instituições envolvidas ajudam-nos a refletir sobre o papel de uma coleção como a que estamos analisando. Foucault nos lembra de que o discurso é regulado pelas instituições que sempre o vigiam, concedendo a ele um lugar que o honra, porém, o desarma<sup>99</sup>.

Dentre os processos de regulação e vigilância dos discursos, há sempre os procedimentos externos como aqueles que excluem ou interditam pela desqualificação do discurso que “não serve”, por não atender ao que se tem por “permitido” em dada ordem social; por não ser proferido por quem seja “autorizado”; ou, mesmo, por fazer oposição ao que se tem por “verdade”. Existe, também, o controle interno dos discursos a partir de regulações de si que usam elementos como classificação, ordenamento e distribuição. Nesses casos, o que se busca é “dominar uma outra dimensão do discurso: a do acontecimento e a do acaso”<sup>100</sup>.

Desde seu projeto, passando pelos sujeitos e pelas instituições envolvidos, seguindo pelos processos de seleção, de classificação, de ordenação e de composição, até chegarmos ao “nascimento” do produto final, à escolha do público a quem será destinada e, finalmente, à sua distribuição, a *Coleção Centenário* insere-se em dada ordem discursiva que busca atender a todo um conjunto de demandas que objetivam dar manutenção às memórias

---

<sup>98</sup> SANTOS, 2020.

<sup>99</sup> FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996. p. 1.

<sup>100</sup> *Ibid.*, p. 6-7.

em torno de Juazeiro do Norte. O potencial do cordel, nesse caso, reside na possibilidade de utilização de discursos capazes de narrar a cidade, seus principais acontecimentos e personagens, repetindo-os em enunciações que terminam por renová-los.

Foucault nos lembra de que as sociedades possuem discursos-fundantes, “narrativas maiores”, que se repetem e se renovam à medida que são reformuladas ou comentadas. Nesses casos, o novo não está naquilo que é dito, mas no acontecimento do seu retorno:

Suponho, mas sem estar muito certo disso, que não há nenhuma sociedade onde não existam narrativas maiores, que se contam, se repetem, e que se vão mudando; fórmulas, textos, coleções ritualizadas de discursos, que se recitam em circunstâncias determinadas; coisas ditas uma vez e que são preservadas, porque suspeitamos que nelas haja algo como um segredo ou uma riqueza.<sup>101</sup>

É dessa forma que a *Coleção Centenário*, organizada de modo a reunir narrativas produzidas em diversas épocas, segundo critérios de seleção e de classificação que atendam às temáticas desejadas, devidamente legitimadas, na medida do possível, por autores que confirmam credibilidade ao conjunto coletado, buscou, em 2011, apresentar narrativas sobre a cidade que comemorava seu centenário.

Um caso interessante e exemplar sobre como os discursos podem sofrer interdições pelas instituições que o regulam ocorreu no momento em que foi selecionado, para ser reeditado pela *Coleção Centenário – Livros*, o livro *Juazeiro do Cariri*<sup>102</sup>, de autoria do Padre Joaquim Marques de Alencar Peixoto, publicado pela primeira vez em 1913, 2 anos após a Emancipação Política do Juazeiro.

Segundo relato do coordenador da *Comissão do Centenário*, José Carlos dos Santos<sup>103</sup>, os membros da Comissão teriam escolhido o livro, cujo autor foi um dos principais redatores do jornal *O Rebate* e um dos mais engajados participantes das lutas pela Emancipação, justamente, pela relevância histórica investida naquela obra que narrava, criticamente, diversos fatos e episódios sobre o Padre Cícero e a Juazeiro dos primeiros anos do século XX. Ocorre que, logo após a Emancipação, o Padre Alencar Peixoto, que almejava

<sup>101</sup> FOUCAULT, 1996, p. 7.

<sup>102</sup> PEIXOTO, Joaquim Marques de Alencar. **Juazeiro do Cariri**. Fortaleza: Editora IMEPH, 2011.

<sup>103</sup> SANTOS, 2020.

ser nomeado o primeiro prefeito de Juazeiro, desentendeu-se com o Padre Cícero, que terminou ficando com o comando político da cidade recém-emancipada. O Padre Alencar Peixoto decidiu-se por ir embora de Juazeiro e foi nesse contexto que escreveu seu livro, carregado de argumentos que detratavam a figura do Padre Cícero Romão.

A reedição do livro em 2011 gerou insatisfação por parte de diversos segmentos sociais e institucionais de Juazeiro, descontentes com a existência, na coleção que comemorava o Centenário da cidade, de um livro que “falava mal” do Padre Cícero. Foram tantos os protestos que a Prefeitura da cidade determinou a interrupção da distribuição do referido livro junto aos demais títulos da *Coleção*.

A análise crítica realizada no corrente capítulo acerca da *Coleção Centenário*, principalmente no segmento *Literatura de Cordel*, ainda nos permite apresentar algumas constatações que consideramos relevantes para as análises que se seguirão. Se nos debruçarmos, separadamente, sobre as coletâneas de cordéis que compõem, respectivamente, os seguimentos “cordéis clássicos” e “cordéis contemporâneos”, perceberemos que os dois conjuntos apresentam formas distintas de atender às demandas propostas pela coleção.

Nos “cordéis clássicos”, há uma predominância de poemas centrados no Padre Cícero Romão. Dezenove dos 50 folhetos desse segmento fazem referência ao Padre Cícero em seu título. Quatorze folhetos trazem em seus títulos menções a Juazeiro e/ou a seus espaços sagrados. Dentre os folhetos já mencionados, sete referenciam o Padre Cícero e Juazeiro ao mesmo tempo em seus títulos. Quatro dos “cordéis clássicos” dedicam-se a narrar comemorações de datas redondas ligadas à história de Juazeiro ao longo do século XX. São, portanto, folhetos que trazem poemas que buscam dar visibilidade a elementos da trajetória de Juazeiro no tempo, narrando o “meio do caminho” entre sua Emancipação Política e o Centenário, tendo quase sempre a figura do Padre Cícero, vivo ou já falecido, como epicentro dos acontecimentos.

Esse é, também, o segmento que, na maioria dos casos, contém folhetos editados nos tempos áureos do cordel, tempos anteriores à década de 1980 em que tiragens enormes de folhetos eram editadas e distribuídas por importantes tipografias do Juazeiro. São folhetos com poemas que narram momentos pretéritos aos seus respectivos tempos de produção, mas também versejam sobre os acontecimentos “do momento”, aqueles que agradariam o povo e atingiriam bons índices de vendas em cada época. Escritos, muitas vezes, por poetas que se

consagraram no cordel, defensores das clássicas normas de rima e de métrica que consolidaram a literatura de folhetos ao longo do século XX, os “cordéis clássicos” poderiam ser chamados de “cordéis de antigamente”. Na *Coleção*, eles parecem receber a missão de narrar aos novos leitores e ouvintes uma “Juazeiro de antigamente”.

Entre os “cordéis contemporâneos”, há significativa diminuição na presença da personagem do Padre Cícero como elemento central nas narrativas sobre Juazeiro. Apenas sete folhetos mencionam o Padre Cícero em seus títulos. Oito folhetos referenciam, nos títulos, Juazeiro e/ou seus lugares sagrados. Diferentemente do que ocorre com o conjunto de “cordéis clássicos”, a centralidade da coletânea de “cordéis contemporâneos” está nas narrativas que festejam Juazeiro e seu aniversário de Emancipação. São, ao todo, 23 folhetos dedicados ao Centenário, a maior parte deles compostos, especialmente, para fazer parte da *Coleção*, sendo que vários possuem, inclusive, títulos homônimos entre si.

O que podemos perceber é que o segmento de “cordéis contemporâneos” parece ter resultado em um conjunto que celebra a Juazeiro atual, mesmo quando se dedicam a narrar os fatos passados da cidade. Alguns desses “cordéis contemporâneos” nos dão a impressão de estarem “emulando” os “cordéis clássicos” enquanto se preparam para comunicar-se com as gerações futuras. Esses esforços, por obediência às tradicionais normas poéticas da literatura de folhetos ligadas às formas, às rimas, às métricas mas também aos “temas clássicos” e a certo estilo que se pretende “sertanejo” e “nordestino”, buscariam dar manutenção ao cordel ao promover a permanência às características que consolidaram essa “vertente literária nordestina” em sua “era de ouro”.

No entanto, há, também, nesse segmento, cordéis compostos por poetas ligados a movimentos como a Sociedade de Cordelistas Mauditos, que se propõe a atualizar o cordel mantendo em seus poemas as principais características ligadas à forma, porém apropriando-se desta a fim de construir discursos a partir de temáticas renovadas que, de maneira intencionalmente “pós-moderna”, buscam valer-se dos cordéis para desconstruir estereótipos juazeirenses, sertanejos e nordestinos. Ainda assim, seja qual for a “corrente” à qual pertençam seus títulos, nesse segmento da *Coleção*, o principal componente é a celebração do Centenário. Ao que parece, o mais importante aqui é registrar que Juazeiro cresceu, se desenvolveu e chegou vigorosa em seu jubileu de 100 anos.

No segmento dos “cordéis clássicos”, a observação que realizamos é a de que a *Coletânea* possui a função de narrar Juazeiro a partir de uma série de eventos que marcaram a sua trajetória histórica durante os seus mais de 100 anos de existência. Por isso, esse seria o segmento destinado a narrar o percurso até que Juazeiro chegasse ao seu Centenário. Não por acaso, é nesse segmento que se encontram os poemas mais direcionados ao Padre Cícero, aos romeiros, à religiosidade e à sacralidade do território do Juazeiro. Também não é à toa que esse “meio do caminho” seja narrado por poemas dedicados a diversas outras datas importantes para a cidade, podendo-se, inclusive, destacar a presença de poemas que registram as comemorações do Cinquentenário da Emancipação<sup>104</sup>.

No texto de apresentação da *Coleção*, o então prefeito de Juazeiro, Manuel Raimundo de Santana Neto, justifica a produção da obra afirmando que, na Juazeiro do Padre Cícero, “tudo era motivo para um cordel”<sup>105</sup>. Em seus agradecimentos aos poetas e aos xilógrafos cujos trabalhos fizeram parte da *Coleção*, Manoel Santana ainda reiterou que “a produção cultural desses mestres promove a identidade e os valores da terra do Padre Cícero”<sup>106</sup>.

Sigamos, portanto, pelo itinerário que buscará compreender como os 100 poemas reunidos pela *Coleção Centenário – Literatura de Cordel* representaram Juazeiro nas comemorações de seu primeiro Centenário, narraram camadas de histórias sobre a cidade nesses 100 anos e serviram aos propósitos de dar manutenção e de renovar as memória sobre Juazeiro do Norte, buscando prepará-la para os anos vindouros.

---

<sup>104</sup> Os poemas mencionados são: *O progresso e a elevação histórica de Juazeiro do Norte e Cinquentenário de Juazeiro e dados históricos*. Ver: SEBASTIÃO DA SILVA, 2012a. Ver: BERNARDO DA SILVA, José. **Cinquentenário de Juazeiro e dados históricos**. Fortaleza: IMEPH, 2012b. 48 p.

<sup>105</sup> CRISPINIANO, 2011, p. 4.

<sup>106</sup> *Ibid.*, p. 9.

### 3 JUAZEIRO SE DESENVOLVE, ENTRE FOLHETOS E TIPOGRAFIAS

#### 3.1 Coletando narrativas sobre a “Juazeiro do Padre Cícero”

*“[...] ele começou a escrever, foi escrevendo convidando o povo pro Juazeiro e formulando a cidade e ajudando a crescer, porque a literatura de cordel ajuda a crescer uma cidade, ajuda convidar o povo para visitar a sua cidade, ajuda a transmitir as histórias, as notícias.”<sup>107</sup>*

O segmento “cordéis clássicos” da *Coleção Centenário – Literatura de Cordel* buscou oferecer memórias de Juazeiro do Norte a partir de um mosaico de narrativas em folhetos produzidas por “vozes do passado”, pertencentes a poetas de diferentes gerações, agregados em torno de uma característica em comum: dedicaram grande parte de suas respectivas obras a narrar Juazeiro, imbricando suas diversas camadas de elementos sagrados e profanos.

É esse o seguimento da *Coleção* com maior número de poemas dedicados a versar sobre o Padre Cícero Romão Batista, narrando ao público os eventos milagrosos a ele relacionados, seus feitos junto ao povo romeiro, seus ensinamentos, seus conselhos e suas bênçãos. Afinal, boa parte dos folhetos selecionados foram compostos, cada um em sua respectiva época, visando principalmente ao interesse dos romeiros que peregrinam ao Juazeiro.

Dos 50 folhetos selecionados para compor o seguimento, pelo menos 26 são dedicados, especificamente, a narrativas sobre o Padre Cícero e sua relação com o desenvolvimento de Juazeiro. São poemas em que a biografia do Padre aparece como elemento quase obrigatório e se repete sem muitas variações de enredo entre um folheto e outro. Muitos desses poemas foram dedicados a contar acontecimentos em torno do Padre Cícero antes de que sua vida expirasse, em 1934. Há diversos outros, posteriores à morte do patriarca, que evocam em versos sua proteção e sua providência à Juazeiro, vindas lá de sua morada celeste, onde o “santo da cidade” estaria sempre zelando por seu povo junto a Deus e a Mãe das Dores.

---

<sup>107</sup> MELO, 2003, p. 52.



Dentre os autores cujos folhetos foram selecionados para compor os “cordéis clássicos” da *Coleção*, alguns destacam-se seja por sua recorrência no conjunto, seja pela relevância histórica de suas respectivas obras e biografias junto a Juazeiro do Norte. São poetas que, assim como afirmou Manoel Caboclo na epígrafe deste tópico, por meio da literatura de folhetos, foram “formulando a cidade”, conferindo-lhe sentidos, convidando pessoas a vivenciar seus espaços e ajudando-a a desenvolver-se.

Manoel Caboclo, poeta, editor e astrólogo, é uma dessas “vozes” cujos versos se destacam na tarefa de narrar Juazeiro a partir dos “cordéis clássicos” da *Coleção Centenário*. Reunidos na coleção, os folhetos de Manoel Caboclo vêm acompanhados por outros, compostos por artistas com os quais ele conviveu durante sua trajetória de poeta-editor, “operário do verso”, na cidade que, com a sua ajuda, se manteria por décadas consolidada como um dos principais centros produtores de literatura de cordel no Brasil.

Na coletânea que, em 2011, buscou reunir poetas e poemas para comemorar o Centenário de Juazeiro, Caboclo encontra-se acompanhado, entre outros, por José Bernardo da Silva, alagoano que chegou a Juazeiro em 1926 e desenvolveu-se como poeta e promissor editor, em 1936, fundou a Tipografia São Francisco, a qual se desenvolveu como uma das mais importantes Editoras do país na produção e na distribuição de cordéis, almanaques e orações e manteve-se em operação até, aproximadamente, os últimos anos do século XX.

Também estão presentes poemas de João de Cristo Rei, o “poeta-profeta”, quem conviveu com o Padre Cícero, transformou em estrofes as palavras que ouviu diretamente de sua boca, tratando-o carinhosamente, intimamente, em seus versos por “meu padrinho”. Há, ainda, os poemas de Expedito Sebastião Batista, artista que trabalhou com Zé Bernardo em sua tipografia desde rapazote, editou seu primeiro poema aos 20 anos de idade; em 1948, nasceu e viveu em Juazeiro e dedicou mais de 50 anos de sua vida a trabalhar com a literatura de cordel, seja nas atividades tipográficas de montar, cortar, imprimir folhetos, seja compondo poemas que presentearam os leitores e ouvintes com um riquíssimo repertório de histórias e estórias.

Em comum, esse poetas possuíam a característica marcante de terem produzido cordel a partir da indissociável condição de “poetas-devotos”, homens que, por meio de seus versos, foram influenciados e influenciaram a fé no “santo da cidade”, as romarias, as comemorações que plasmam o sagrado ao profano, os ritos e as crenças que reconstróem,

continuamente, Juazeiro como uma Nova Jerusalém. Segundo Kunz, “Todos eram devotos do Padre Cícero e todos já se foram. Zé Bernardo em 1972, João de Cristo Rei em 1983, Manoel Caboclo em 1996 e Expedito Sebastião da Silva em 1997. As vozes permanecem”<sup>108</sup>.

Dedicaremos as próximas páginas para discutir, a partir de estrofes que compõem alguns dos folhetos dos referidos poetas, a forma como eles foram devidamente “ajuntados” para fazerem parte de uma coleção em um tempo que não foi o deles, a fim de narrar Juazeiro e, assim, ajudar a construí-la.

Entretanto, no fragmento em epígrafe, Manoel Caboclo referia-se, especificamente, a um homem, um tempo e uma espacialidade. A *espacialidade* à qual o poeta se referia compreende a cidade de Juazeiro do Norte, com suas dinâmicas sociais e práticas culturais desenvolvidas historicamente. O *tempo*, um período, está situado nas primeiras décadas do século XX, quando o Padre Cícero vivia na cidade e interagia de forma determinante com seus processos de significação. Nessa época, as romarias tornavam-se mais intensas em Juazeiro e o crescente fluxo de romeiros ajudava, constantemente, a reconfigurar as dinâmicas da cidade, não apenas no que diz respeito à sua sacralidade e às práticas religiosas mas também ao desenvolvimento do comércio, às realizações advindas dos embates políticos e ao constante crescimento migratório para aquele lugar. O *homem* ao qual Manoel Caboclo se referia era João Mendes de Oliveira, um dos primeiros a desenvolver, regularmente, o ofício de poeta popular da literatura de folhetos em Juazeiro do Norte.

Caboclo se referia a um tempo em que os romeiros já haviam desenvolvido a tradição de encaminharem-se, diariamente, à frente da casa onde o Padre Cícero residia, nas cercanias da antiga Praça da Independência, atual Praça Padre Cícero, e lá se aglomeravam à espera do momento em que o Padrinho apareceria na janela, consagrando os presentes com bênçãos, conselhos e palavras de acolhimento. Se, por um lado, esse ritual se repetiu por décadas, até o falecimento do Padre Cícero, em 1934, tornando-se indispensável àqueles que visitavam o Juazeiro; por outro, o fluxo constante de visitantes naquele percurso, situado na região central da cidade, atraía mascates que ofertavam aos visitantes um variado repertório de imagens de santos, miçangas, poemas em folhetos, orações e novenas.

---

<sup>108</sup> KUNZ, Martine. Melancia e Expedito: cordel na fala e na escrita. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 38, n. 1, p. 77-89, 2007. p. 79.

Mesmo antes de ter se estabelecido em Juazeiro do Norte o forte parque tipográfico, que tornou a cidade um dos mais importantes centros editoriais da literatura de folhetos no país<sup>109</sup>, esses mascates, por vezes conhecidos como “folheteiros”, “aproveitavam a presença dos visitantes para narrar, em versos as virtudes do Patriarca, milagres, graças alcançadas e, no ensejo, vender estes pequenos livros preciosamente escritos para os que não enxergam e para os que não sabem ler”<sup>110</sup>. Foi nesse sentido que Manoel Caboclo argumentou que João Mendes de Oliveira foi “formulando a cidade” à medida que ia escrevendo e convidando o povo para ir ao Juazeiro.

Aqueles eram tempos em que o analfabetismo, majoritário tanto entre os que visitavam a cidade quanto entre os seus moradores, não se convertia em empecilho que atrapalhasse a população a buscar saber sobre os acontecimentos em torno de seu município e de seu patriarca, enquanto ouviam atentamente os versos dos poemas narrados ao público presente. Para muitos romeiros, os folhetos, adquiridos por alguns trocados, ajudavam a compor precioso relicário pessoal, composto por objetos, tais como terços, rosários, pequenas imagens de santos, entre outros artefatos de fé que eram levados para casa, ajudando a difundir por outras paragens as narrativas sobre Juazeiro e atraindo para lá cada vez mais pessoas.

É nesse sentido que os fios do tecido que vão formando a cidade se entrelaçam com as enunciações advindas dos versos populares, e, desde os tempos que ali se estabeleceram, os poetas de folhetos ajudam convidar o povo para visitar Juazeiro, narrando suas histórias e notícias<sup>111</sup>.

Nessa dinâmica de urdiduras, Juazeiro tornou-se tema privilegiado por importantes segmentos na literatura de folhetos, principalmente, para aqueles que buscavam oferecer narrativas sobre assuntos religiosos que colocavam em evidência os prodígios e as mensagens do Padre Cícero, as romarias, os ritos em torno da Virgem Mãe das Dores, além dos lugares sagrados da “Nova Jerusalém”.

Quanto mais a cidade era narrada, mais atraía pessoas que para lá se encaminhavam, às vezes como passantes em romarias, às vezes para ficar e tentar conquistar

---

<sup>109</sup> A Tipografia pertencente a José Bernardo da Silva inaugurou em Juazeiro do Norte um importante mercado editorial de folhetos, entre outros tipos de produtos editoriais. As trajetórias dessa e de outras tipografias serão mais detalhadamente apresentadas e discutidas em textos posteriores nesta tese.

<sup>110</sup> MELO, 2003, p. 48.

<sup>111</sup> Ibid., p. 51.

uma vida com melhores oportunidades de sobrevivência. Os que iam em romaria voltavam para seus lares levando consigo histórias sobre Juazeiro que seriam contadas e recontadas, espalhando-se e capilarizando a sacralidade em torno daquele território. Entre os que iam para ficar, estavam famílias de agricultores, de comerciantes e, também, mais poetas populares, atraídos pela possibilidade de estabelecerem-se e sustentarem-se, narrando a cidade em versos que beberiam do farto repertório de possibilidades que suas histórias e seus acontecimentos ofertavam.

Sobre o papel dos narradores que elegeram os poemas em folhetos como estratégia para falar sobre os atributos sagrados e profanos de Juazeiro e do Padre Cícero, Lopes Ramos argumenta:

Como criadores e criaturas do imaginário que canonizou o Pe. Cícero, os poetas populares são janelas por onde é possível vislumbrar várias histórias de um mundo encantado, cheio de milagres, profecias e mistérios. Na poética popular, encontramos as narrativas que os romeiros guardam no acervo das informações vitais.<sup>112</sup>

Criador e criatura do imaginário que confere à Juazeiro a dimensão de um “mundo encantado” que “canonizou o Pe. Cícero” ainda em vida, o poeta de folhetos insere-se, naquele momento, no contexto em que a demografia da cidade crescia a partir da constante chegada de famílias que viam, ali, um lugar de esperança e de proteção.

A grande quantidade de pessoas que migravam de diversos lugares do Brasil, principalmente de regiões sertanejas, fez de Juazeiro um reduto de diversidade, onde histórias de outras paragens eram trazidas e acolhidas, atraindo a atenção dos poetas populares que, muitas vezes, incorporavam essas histórias ao repertório de narrativas sobre a cidade. A oralidade da literatura de folhetos ajudava a dar visibilidade e dizibilidade aos discursos que faziam de Juazeiro um território diferente de qualquer outro: em sua dimensão sagrada, vista pelos olhos da fé e narrada pela literatura popular, a cidade foi escolhida pela Mãe de Deus como lugar de salvação da humanidade, além de ser protegida e abençoada pelo Padre Cícero Romão.

---

<sup>112</sup> RAMOS, Francisco Régis Lopes. **O verbo encantado: a construção do Padre Cícero no imaginário dos devotos.** Ijuí: Unijuí, 1998. p. 69.

Pioneiro na poesia de folhetos em Juazeiro do Norte, João Mendes de Oliveira foi um dos “poetas-devotos”, que escreveram sobre o Padre Cícero enquanto este vivia e atuava na cidade. Pertencente ao período anterior à chegada de tipografias na cidade, Oliveira produzia e vendia seus próprios poemas, manuscritos cuidadosamente organizados nos fascículos em forma de folhetos, declamando-os em público onde houvesse ouvintes interessados, potenciais compradores. O poeta vivenciou a cidade em relevante fase de seu desenvolvimento, versejou sobre a Juazeiro sagrada, mas também sobre seu progresso e sobre a prosperidade ocorrida na vida de muitos que para lá se encaminharam. Ele próprio orgulhava-se de haver prosperado em prestígio e em dinheiro depois que passou a viver de sua poesia no Juazeiro.

Proprietário de um confortável sobrado no centro da cidade, dotado de boas relações com personagens notórias da Juazeiro de sua época, contraparente do cangaceiro Lampião, a quem hospedou em 1926, juntamente com homens de seu bando, em episódio que ganhou os holofotes da imprensa local e nacional<sup>113</sup>, João Mendes de Oliveira transformou em verso sua própria biografia, dando-lhe o “colorido” característico das imagens da literatura de folhetos, a partir de narrativas que omitem episódios vexatórios<sup>114</sup>, enunciam as conquistas financeiras proporcionadas por seus versos, ao mesmo tempo em que buscam legitimar o

---

<sup>113</sup> Em março de 1926, o cangaceiro Lampião e parte do seu bando estiveram hospedados em Juazeiro do Norte. A inusitada visita deu-se por convite do Deputado Floro Bartholomeu que viabilizaria ao cangaceiro e seu bando juntarem-se às tropas legalistas do Batalhão Patriótico de Juazeiro em sua luta contra os revoltosos da Coluna Prestes. Naquela ocasião, segundo entrevista que Lampião concedeu à *Gazeta do Cariri*, as Forças Legalistas vinham amargando insucessos em combate devido à falta de planejamentos estratégicos, dos quais Lampião poderia auxiliar na elaboração. Segundo propunha Bartholomeu, Lampião ganharia a patente de Capitão, tendo direito a armas e uniformes cedidos a ele e a seus homens. Devido ao falecimento de Floro Bartholomeu, no Rio de Janeiro, em 8 de março de 1926, enquanto Lampião o aguardava em Juazeiro, a demanda que levou o famoso cangaceiro à cidade não pode ser implementada. Ainda assim, Lampião ficou com as armas e as roupas que foi buscar, além de autodenominar-se “Capitão Virgulino” a partir de então. Durante sua estada em Juazeiro, Lampião concedeu entrevista em jornal, recebeu visita dos romeiros do Padre e foi fotografado. O evento foi narrado pela literatura de folhetos a partir de poemas que potencializaram visibilidade e dizibilidade ao cangaceiro e ao seu bando mas também à cidade do Padre Cícero. No período em que esteve em Juazeiro, a polícia ficou impedida de investir contra Lampião. “Segundo o pesquisador Leonardo Mota, a partir de depoimentos de Pedro Albuquerque Uchoa, ‘Não faltou quem se oferecesse para unhá-lo. O sargento cearense José Antônio até chorava, de raiva...’, mas o Padre não deixou! Lampião deixou a cidade dias depois, levando consigo ‘esplêndidas carabinas e fuzis do Exército, último modelo, tudo novinho da silva...’, e uma suposta patente de capitão, título que o cangaceiro incorporou ao seu nome dali pra frente.” Ver: MOTA, 2002 *apud* POTIER, Robson William. **O sertão virou verso, o verso virou sertão**: sertão e sertanejos representados pela literatura de cordel (1900 – 1940). 2. ed. Brasília, DF: Novas Edições Acadêmicas, 2016.

<sup>114</sup> Em 30 de agosto de 1919, João Mendes de Oliveira assassinou sua esposa e foi preso. Oliveira teve Floro Bartholomeu como advogado e, em seu depoimento, alegou ter cometido o crime em defesa da honra, uma vez que sua esposa teria fugido para morar com outro homem. Contando com testemunhas que confirmavam sua versão e com a legislação vigente à época, Oliveira foi absolvido pelo júri e continuou a viver em Juazeiro do Norte nos anos vindouros, desfrutando, inclusive, de prestígio junto às autoridades locais. Ver: MELO, 2003, p. 52-53.

ofício de poeta popular e a migração para Juazeiro como caminhos viáveis a quem deseje uma vida melhor, mais próspera, com as bênçãos do Padrinho.

Em onze, agricultor e missangueiro  
 Doze, em Pernambuco residia,  
 Em treze, não rimava poesia,  
 Quatorze, mudei-me pr'a Juazeiro  
 Quinze deixou-me lizo sem dinheiro  
 Em dezesseis comecei a tirar versos  
 Dezesete, já estava em bom progresso,  
 Dezoito, mais um cobrinho ganhei  
 Dezenove, foi quando enviuei,  
 Vinte pra mim, foi todo azavesso.<sup>115</sup>

Na estrofe do poema, a trajetória narrada ano a ano inicia-se antes de Oliveira ir morar em Juazeiro. Antes, também, de começar a fazer versos e viver como poeta. Em seus versos, o autor talvez possa levar a crer que ir morar em Juazeiro consista em promessa de melhoria de vida. Tornar-se poeta, versejar sobre as coisas da cidade sagrada e de seus lugares santos, narrar os acontecimentos em torno do Padre Cícero, santo vivo do Juazeiro, falar sobre a Mãe de Deus e sobre os bons feitos que apontam aos devotos o caminho do Céu parecem ter sido para o poeta a consagração de uma vida próspera.

Nessa linha de pensamento, sobre o encontro que teve com João Mendes de Oliveira em Juazeiro do Norte, o memorialista Leonardo Mota escreveu:

Conheci na cidade de Juazeiro (Ceará) um cantador que se gabava de lhe ter sido propícia a vida literária... Perambulando pelos sertões, João Mendes de Oliveira – o cantador de Juazeiro – vende folhetos de versos e os canta ou recita nas feiras sertanejas. Jactancioso no acto da oferta dos manuscriptos, afirma que a sua indústria tem lhe dado vultuosos rendimentos e já o fez “proprietário”.<sup>116</sup>

Desde que chegou ao Juazeiro, em 1914, João Mendes de Oliveira, muitas vezes acompanhado de uma viola, oferecia seus versos aos transeuntes que ocupavam os locais de maior circulação. Aos seus ouvintes, o poeta narrava, principalmente, os prodígios do Padre

<sup>115</sup> ALMEIDA; ALVES SOBRINHO, 1978 *apud* MELO, 2003, p. 49-50.

<sup>116</sup> MOTA, Leonardo. **Cantadores: poesia e linguagem do sertão cearense**. 1. ed. 1. mil. Rio de Janeiro: Livraria Castilho, 1921. p. 181.

Cícero, ressaltando sua dimensão sagrada e sua força junto ao povo e promovendo-lhe visibilidade:

É um pastô delicado,  
 É a nossa proteção,  
 É a salvação das alma  
 O Padre Ciço Romão,  
 É a justiça divina  
 Da Santa Religião.

É dono do Horto Santo,  
 É dono da Santa Sé,  
 É uma das Três Pessoa,  
 É filho de São José,  
 Manda mais que o Venceslau,  
 Pode mais que o São Tomé.

Vem carta até lá de Roma,  
 Vem carta do Ceará  
 Vem carta de Pernambuco,  
 Vem carta do Paraná,  
 Vem carta de Cajazeira,  
 Vem carta do Quipapá.

Vem carta do Maranhão,  
 Vem carta do Aracati,  
 Vem carta do Cabrobó,  
 Vem carta do Piô,í,  
 Vem carta do Batrité  
 Vem carta do Apodi.

Quem não presta atenção  
 Ao que o meu Padrinho diz  
 Também não crê na Matriz  
 Da Virgem da Conceição  
 Nem no Profeta São João,  
 Nem poderá ser feliz.<sup>117</sup>

Nos versos que eram ouvidos e adquiridos pelos romeiros do Juazeiro, a importância do Padre Cícero é demarcada por diversos elementos que ligam a autoridade do homem aos atributos do santo, reconfiguram noções de tempo e de espaço ou, ainda, entre elementos celestes e terrenos: o patriarca é “dono do Horto” e, conseqüentemente, de toda a carga simbólica que fez daquela colina um lugar sagrado aos olhos devotos; ele faz parte da santíssima trindade, é responsável pela proteção dos devotos, pela salvação das almas e pela

---

<sup>117</sup> MOTA, 1921, p. 195-196.

justiça divina da Santa Religião. Nos versos de Oliveira, o Padre ganha contornos que costumam ser típicos da poesia popular religiosa: ele é urdido como filho de São José, pode mais que São Tomé, manda mais que um presidente da República.

Juazeiro do Norte, nos versos do poeta, legitima-se como centro para onde todas as coisas convergem, o meio do mundo, que por sua força e sua relevância, recebe mensagens dos quatro cantos do país e até de lugares distantes no planeta, como Roma, cidade sede da Santa Igreja.

Por fim, o poema evoca a dimensão “invisível” em torno do lugar e de seu santo: é preciso prestar atenção ao que o Padrinho diz para que se possa enxergar a sacralidade da cidade, das romarias, da Matriz das Dores. A “felicidade” é enunciada como prêmio apenas àqueles cujos corpos conseguem enxergar com os olhos da fé: nos versos de Oliveira, lidos e ouvidos durante décadas por incontáveis romeiros e devotos, “quem não presta atenção” não é capaz de enxergar o sagrado em torno da cidade e de seu santo, “não poderá ser feliz”.

Durante as primeiras décadas do século XX, Juazeiro do Norte e o Padre Cícero foram fartamente narrados por importantes poetas da literatura de folhetos que ali fixaram morada, tornaram-se devotos do Padrinho e dedicaram-se a divulgar suas realizações e seus ensinamentos<sup>118</sup>. Juazeiro também inspirou narrativas que povoaram folhetos produzidos por poetas “de fora”, do litoral ou de outros estados, poetas tais como Leandro Gomes de Barros<sup>119</sup>, João Martins de Athayde ou Francisco das Chagas Batista, que se tornaram notórios

---

<sup>118</sup> Além de João Mendes de Oliveira, fixaram-se em Juazeiro poetas-devotos que ganharam notoriedade pela qualidade de sua poesia e pela forma como seus folhetos auxiliaram na constituição da Juazeiro invisível. Destacam-se, nesse elenco de artistas populares, nomes como o de João de Cristo Rei (João Quinto Sobrinho, 1931-1983), José Camelo de Melo Resende (1885-1964), José Bernardo Da Silva (1901-1971), Manoel Caboclo e Silva (1926-1996), Expedito Sebastião da Silva (1928-1997), Severino do Horto (Severino José da Silva, 1922-2008). Cada um em seu tempo, esses poetas participaram, significativamente, da construção simbólica de Juazeiro do Norte. No presente trabalho, optamos por reservar às notas de rodapé os aspectos biográficos e os dados históricos de poetas, editores e tipografias de fora de Juazeiro do Norte, mas que se relacionam com a cidade do Padre Cícero e contribuíram com sua constituição. Optou-se, porém, por discutir e problematizar, no texto principal desta tese, aspectos das biografias e das trajetórias profissionais daqueles que se fizeram editores e/ou poetas da literatura de folhetos *a partir* de dentro do espaço de Juazeiro do Norte. Portanto, nos parágrafos que se seguirão, discutiremos, em maiores detalhes, os poetas que produziram Juazeiro do Norte a partir de seu espaço.

<sup>119</sup> Pioneiro na “indústria” artesanal de folhetos, exímio poeta, reconhecido como um dos mais talentosos poetas da literatura de folhetos em todos os tempos, Leandro Gomes soube aproveitar o contexto propício para o surgimento de um mercado para os folhetos (carência de imprensa formal nas vilas sertanejas e crescimento da imprensa e da possibilidade de aquisição de prelos e máquinas por pequenos editores autônomos). Barros começou a imprimir seus folhetos em 1893 e, em grande medida, “criou a literatura popular escrita do Nordeste”. Paraibano de Teixeira, mudou-se para Recife em 1908, utilizando-se de serviços de tipografias



pela qualidade de seus poemas e dedicaram parte de suas produções a versejar sobre o Padre Cícero e sua cidade.<sup>120</sup>

Vale aqui um “parêntese”: embora consideremos importante procedermos problematizações acerca dos primeiros folheteiros que ganharam notoriedade a partir do território do Juazeiro, ressaltamos que, entre os folhetos reunidos para compor os “cordéis clássicos” da *Coleção Centenário*, não constam obras de João Mendes de Oliveira. Já Leandro Gomes de Barros, um dos grandes poetas da primeira geração da literatura de folhetos no Brasil, figura como um dos raros artistas do verso que, mesmo não tendo produzido na condição de “poeta do Juazeiro”, teve um de seus poemas selecionado para fazer parte da *Coleção*.

Segundo Maria do Rosário Lustosa, uma das responsáveis pela seleção dos folhetos da *Coleção*, o folheto *Juazeiro e o Padre Cícero*<sup>121</sup>, de Leandro Gomes, foi elencado por ser contemporâneo aos poemas desse autor que fizeram parte da série histórica publicada entre 1909 e 1911 pelo periódico *O Rebate*. Esse folheto, que toma o Juazeiro ao mesmo tempo como espacialidade e protagonista, é o mais antigo entre os selecionados pela *Coleção Centenário*.

Valendo-se de rebuscadas estrofes de 10 versos, Leandro Gomes de Barros conduziu sua narrativa colocando-se na voz “do Juazeiro”, metaforicamente, transitando entre as condições de resistente árvore sertaneja e de cidade, que carrega não apenas o nome

---

recifenses. Foi um dos primeiros empresários do cordel a organizar rede de distribuição que contava com agentes em cidades e em vilas interioranas nos estados dos atuais Norte e Nordeste brasileiros. Devido à grande circulação de seus folhetos, foi, também, um dos primeiros a tentar formular alguma proteção aos direitos do autor sobre os folhetos que produzia e sobre seus respectivos lucros. Com o sucesso e a fama de seu trabalho, adquiriu máquinas e tornou-se editor independente, fundando a Tipografia Perseverança, por volta de 1910. Juazeiro do Norte e o Padre Cícero foram temáticas constantes em seu repertório poético, que contabiliza folhetos célebres sobre o tema, tais como: *Lamentações de Joazeiro*; *A vida e os novos sermões de Padre Cícero* e *Festas do Juazeiro no Vencimento da Guerra*. Após seu falecimento em 1918, os direitos de publicação de suas obras foram vendidos ao poeta e editor João Martins de Athayde. Ver: MELO, 2003, p. 64-68. Ver: TERRA, Ruth Brito Lemos. **Memórias de lutas: a literatura de folhetos no Nordeste (1893-1930)**. São Paulo: Global, 1983. p. 39-41.

<sup>120</sup> João Martins de Athayde já era um importante poeta e editor de folhetos. Sua Tipografia, em Recife, já produzia e distribuía, por enorme número de localidades dos atuais Norte e Nordeste brasileiro, relevante elenco de poemas de sua autoria, quando, após 1918, Athayde comprou os direitos de edição dos poemas de Leandro Gomes de Barros. Com a aquisição desse acervo, Athayde tornou-se o mais importante profissional da literatura de folhetos em sua geração (até, pelo menos, 1949) e inaugurou no mercado editorial o conceito de editor-proprietário. Seguindo a noção de editorial propriedade de obra existente à época, Athayde passou a omitir o nome de Leandro Gomes de Barros das capas dos seus folhetos, além de retirar sua foto da quarta capa do folheto e modificar acrósticos, quando havia tais elementos para serem alterados. Em 1949, os direitos autorais sobre os folhetos de Athayde foram vendidos para José Bernardo da Silva, passando, portanto, a serem editados e distribuídos a partir de Juazeiro do Norte. Ver: MELO, 2003, p. 68-70.

<sup>121</sup> BARROS, Leandro Gomes de. **O Juazeiro e o Padre Cícero**. Fortaleza: IMEPH, 2012. 16 p.

daquela árvore mas também suas qualidades de força, de resistência e de acolhimento, por meio de frondosa sombra sob a qual o morador abriga-se e o viajante se alivia do calor. Assim, pelos versos do poeta, o Juazeiro fala:

Sou das arvores espinhosas  
 A que melhor sombra dá  
 Nas minhas ramas viçosas  
 Tudo alli vem descansar  
 Alli chega o estadista  
 O pobre e o capitalista  
 Em mim termina a viagem  
 Desde o mar a borborema  
 Tudo adota meu sistema  
 E vem render-me homenagem.

-----  
 Cheguei a ponto de ter  
 Meu nome com uma história  
 E ouço o mundo dizer  
 Que sou da pátria uma gloria  
 Meus filhos são bem nutridos  
 Seus feitos estão conhecidos  
 Sua fama se estendeu  
 Eu fallo a todas as cascatas  
 E digo a todas as matas  
 O Juazeiro sou eu.<sup>122</sup>

Contudo, o poema não se refere a uma cidade como as outras. Nos versos do poeta, o Juazeiro é cidade que acolhe todo o tipo de gente. Essa diversidade de necessitados e de desvalidos em busca de uma vida melhor, esse “rebanho” que, não estando sob o abrigo do Juazeiro, erra “sem pastor”, é justamente a matéria-prima que faz esse lugar tão forte, diferenciado e “abençoado”. Os versos do poema ainda nos dizem que do Juazeiro ecoa uma voz que chama os necessitados a fim de acolhê-los: “Chegue para o Juazeiro”. Essa também não é uma voz como as outras, é a voz do Padre Cícero:

E me disse fique aqui  
 Eu fui seu criador  
 Olhe que já vem ali  
 Rebanho que não tem pastor  
 Chega o órfão desvalido  
 Vem o padre foragido  
 Que correu o mundo inteiro

---

<sup>122</sup> BARROS, 2012, p. 2, 9.

Porém você diz ao mízero  
Filho eu sou o Padre Cícero  
Chegue para o Juazeiro.<sup>123</sup>

Lembremo-nos de que, durante as décadas de existência terrena do Padre Cícero, sua figura serviu como lume que mantinha Juazeiro no curso de um ambíguo crescimento, constante, ininterrupto, capaz de aliar fatores como o fortalecimento do comércio, a incorporação de elementos modernos de progresso urbano e o contínuo crescimento das romarias e das emanações de fé que (re)formulavam a dimensão sagrada do lugar.

Essa ambiguidade entre um progresso, considerado consonante com os requisitos da modernidade, e a constantemente renovada sacralidade da cidade, construída em torno da devoção ao seu patriarca, pode ser percebida por intermédio daquilo que, por vezes, noticiavam os jornais das grandes cidades, em matérias escritas por jornalistas capazes de representar, ao mesmo tempo, o maravilhamento e o estranhamento que o olhar “do outro”, nem sempre municiado de altos patamares de alteridade, pôde reproduzir.

É esse o caso da reportagem, produzida pelos jornalistas Paulo Sarasate e Alpheu Aboim e publicada pelo jornal *O Povo*, da capital cearense, em fevereiro de 1931, 3 anos antes do falecimento do Padre Cícero<sup>124</sup>. O objetivo da matéria foi entrevistar o quase nonagenário patriarca da cidade que, àquela época, já estaria com “sua influência política de certa forma arrefecida”, porém seria objeto de inabalável devoção por parte dos romeiros e dos habitantes da cidade.

Logo no início, o texto de Sarasate e Aboim descreve os primeiros contatos dos repórteres com a cidade, apresentando o que parecem ser duas Juazeiros: a do progresso e a dos “romeiros fanáticos” que denotariam estagnação e atraso.

A reportagem propõe à cidade certa “cartografia simbólica” que demarcaria as ambiguidades da “Meca nordestina”, uma vez que estabelece, com alguma dose de ironia, a residência do Padre Cícero como epicentro – escuro, turvo, místico – da devoção e do fanatismo, delineando, a partir do local de morada do Padre, um raio a ser percorrido, de

---

<sup>123</sup> BARROS, 2012, p. 14.

<sup>124</sup> SARASATE, P.; ABOIM, A. Na casa do Padre Cícero: duas horas de palestra com o patriarca do Juazeiro – suas opiniões sobre o momento nacional – Como encara o Comunismo e outras questões da actualidade. *O Povo*, Fortaleza, p. 1, 18 fev. 1931.

modo que, quanto mais distante se estiver do centro, mais brilhante e evoluída pode ser percebida a cidade:

Transposta a grande praça em que se ergue, dominadora, a estatua do padre, dahí a alguns passos penetramos na travessa onde o mesmo reside, numa vasta casa, em companhia da beata Mocinha. Era outro o ambiente. Inteiramente outro. Ao aproximar-se da residência do Padre Cícero, Joaseiro como se transforma subitamente. Toma outro aspecto. De cidade movimentada e alegre, empório comercial dos mais florescentes do sul do Estado, como se apresenta nas demais artérias públicas – transfigura-se ali, nas cercanias da mansão, patriarcal, num verdadeiro fóro de fanatismo. Não é mais a cidade clara e sorridente do Cariry, agitada pelo lufa-lufa quotidiano dos que trabalham: é o villarejo inculto e retardado, a nova e pacífica Canudos dos sertões nordestinos, com a figura tradicionalmente discutida do padre e a ignorancia contristadora dos romeiros. Defronte da casa e um pouco ao lado, quatro ou cinco tendas, armadas ao sol, recheadas de “santos, medalhas e rosários para vender”, desafiavam o ambiente escuro com o berrante desencontrado das cores. Eram medalhas e santos de todas as qualidades, inclusive o “Santo do Joaseiro”.

Após serem recepcionados pela Beata Mocinha – a qual, segundo a reportagem, durante toda a hora seguinte podia ser percebida procurando escutar as conversas por trás das portas – os repórteres foram recebidos por um Padre Cícero que, aos 87 anos de idade, demonstrou-se forte, ligeiro, sorridente e jovial. Por mais de uma hora, o Padre concedeu entrevista respondendo com objetividade a quase tudo o que lhe foi perguntado.

Ao ser solicitado para comentar os atuais movimentos da política nacional, o Padre respondeu objetivamente: “Não [...] Por óra não posso falar. Estou de resguardo [...] Eu agora sou apenas um espectador dos acontecimentos. Aprecio os factos e olho as coisas com uma grande vontade de que tudo se faça como eu desejo”<sup>125</sup>. Ainda assim, sem que necessariamente precisasse que muitas perguntas fossem formuladas, o Padre palestrou sobre diversos assuntos; afirmou ser contra o estado laico e ao que chamou de “constituição athéa”, defendendo ser o Brasil um país católico unido e governado por Deus; referiu-se ao “Movimento Revolucionário de 30”<sup>126</sup> como momento oportuno para se construir um Brasil novo, “com um futuro brilhante e cimentado em princípios divinos”, onde a “Revolução” teria

<sup>125</sup> SARASATE; ABOIM, 1931.

<sup>126</sup> Nota do Jornal: “Padre Cícero refere-se ao movimento revolucionário de 1930, que reuniu mineiros, gaúchos e paraibanos e derrubou o então presidente Washington Luiz e levou Getúlio Vargas ao poder.” (Ibid).

sido “uma intenção que Deus entregou aos brasileiros para se libertarem”<sup>127</sup>; desejou que os novos governantes fossem “zeladores e defensores da Pátria e do povo e não senhores de uma senzala”; elogiou Juarez Távora<sup>128</sup>, como “homem bravo”, buscando demonstrar conhecê-lo bem<sup>129</sup>; eximiu-se de tecer comentários sobre Washington Luiz, alegando não querer falar dos mortos; definiu Getúlio Vargas como “homem de bem” e desejou-lhe “felicidades”; adjetivou Epitácio Pessoa como “um dos maiores nomes do país”.

O Padre Cícero falou ainda sobre possíveis soluções econômicas para o Brasil, demonstrou erudição acerca de eventos históricos mundiais e terminou a entrevista expressando sua visão sobre o comunismo:

O comunismo – afirmou espontaneamente o Padre Cícero – foi fundado pelo demônio. Lucifer é o seu nome e a disseminação de sua doutrina é a guerra do diabo contra Deus. Conheço o comunismo e sei que é diabólico. É a continuação da guerra dos anjos máus contra o Criador e seus filhos. [...] Conheço a Rússia desde a minha meninice e sei que ella é um campo imenso de assassinatos, commetidos por governos que querem destruir moral e mentalmente a nação. Lenine foi um sargento do exercito e nada mais. Era, além disso, um judeu pelo espírito e pelo sangue. Só os seus discipulos consideram-no um grande homem. Os espíritos sensatos não pensam desse modo. O partido de Lenine é o partido do Anti-Christo, dito e anunciado por S. João, no Apocalypse. E chegará a governar o mundo, quando faltarem três anos para o incêndio final, porque tudo isso está escrito nos livros santos.

Findada a entrevista, o Padre Cícero deixou-se fotografar junto aos repórteres sob a condição de, antes, poder fazer a barba e trocar de batina “para não aparecer velho na fotografia”.

Os repórteres ainda relataram que, ao saírem da residência do patriarca, o número de romeiros que ali se concentravam era ainda maior do que horas antes. Descrevendo, a partir de certa ironia etnocêntrica, a onda de pessoas que se avolumavam formando um

<sup>127</sup> Na matéria jornalística em questão, Sarasate chama a atenção para o fato de que o Padre fala sobre política com desenvoltura sem, porém, jamais deixar de relacioná-la às coisas de Deus e do catolicismo (Ibid).

<sup>128</sup> Segundo a matéria jornalística “Juarez Távora era então ministro do governo Getúlio Vargas, no qual esteve entre 1930 e 1933. Mais tarde, em 1964, Távora foi ministro de Castelo Branco. Como militar, participara desde 1922 de levantes contra o Governo Federal, inclusive a Coluna Prestes. Em 29, rompeu com Luís Carlos Prestes, depois que este assumiu sua adesão ao comunismo, e participou do bloco de sustentação da Revolução de 30” (Ibid).

<sup>129</sup> Ao referir-se a Távora, o Padre Cícero afirmou conhecer sua família, atestou serem católicos e reafirmou certa proximidade com seus entes, declarando “Sou até padrinho do Adhemar, irmão do Juarez, e da Benigna, irmã dele” (SARASATE; ABOIM, 1931).

“ambiente asphyxiante de miséria e fanatismo”, os autores da matéria jornalística pontuaram anedoticamente o contato que tiveram com um romeiro “revoltado por não ter merecido ainda o favor de ser recebido pelo ‘padrinho’”. O tal homem, descrito como “pálido, barba crescida, imundo e asqueroso”, teria abordado os emissários do jornal fortalezense e, talvez diferenciando-os dos demais ali presentes por seus modos e indumentárias, bradou com a soberba de quem busca legitimar-se por seus bens e posses: “Deixem-me entrar que eu também sou rico! Eu também sou rico!”.

Na reportagem ora analisada, percebe-se o vigor com o qual o Padre Cícero lidou com as coisas mundanas e as de Deus até seus últimos anos de vida. Nota-se, nas falas do Padre, que, com a desenvoltura de quem liderou um povo por 5 décadas, os elementos sagrados e profanos que norteiam a vida das pessoas sempre eram enunciados, imbricados, indissociavelmente. As descrições da reportagem acerca de Juazeiro permitem, também, que verifiquemos o vigor das romarias e dos ritos de devoção em torno do patriarca e de sua cidade. Nas tendas comerciais montadas do lado de fora da residência do Padre, medalhinhas e imagens de santos oficiais da Igreja compartilhavam o espaço com imagens do “santo da cidade”, canonizado ainda em vida pela fé popular.

Assim como ocorria com os ensinamentos do Padre, os princípios e os valores difundidos em suas falas junto ao povo ganhavam forte ressonância sempre que reproduzidos pelos versos dos poemas em folhetos.

Nesses tempos, João de Cristo Rei, romeiro-poeta, escrevia seus versos buscando falar àqueles que enxergam as coisas do Juazeiro pelos os olhos da fé enquanto se consolidava como poeta-profeta. Foi João de Cristo Rei, nascido João Quinto Sobrinho e rebatizado a partir de uma promessa, fruto da força de sua religiosidade<sup>130</sup>, quem escreveu sobre o Padre Cícero, o qual conheceu pessoalmente, e versejou sobre milagres e profecias com a autoridade de quem vivenciou o Juazeiro dos tempos do “seu padrinho”. Cristo Rei dedicou muitos de seus versos à sacralidade de Juazeiro, ajudou a reverberar, junto aos romeiros, os elementos que fizeram do Padre Cícero o “santo da cidade” ainda em vida. Com a propriedade e a proximidade de quem se entregou ao papel de testemunha de uma época, escreveu sobre o padrinho que conheceu nos tempos em que este ainda habitava o Juazeiro. O poeta continuou escrevendo sobre ele muitos anos após sua morte.

---

<sup>130</sup> RAMOS, 2014a, p. 411.

João de Cristo Rei teve quatro de seus folhetos republicados em 2011, entre os “cordéis clássicos” da *Coleção Centenário*. Esses foram folhetos selecionados a partir da força poética de suas estrofes e por terem sido escritos por um importante poeta que vivenciou a “Juazeiro antiga”, dos tempos do Padre Cícero, vendo-a crescer, transformar-se e ressignificar-se, constantemente, com o auxílio das narrativas que (re)constroem suas memórias.

Em um desses folhetos, *O homem que falou com o Diabo em Juazeiro*<sup>131</sup>, é contada uma história na qual um farmacêutico da cidade encontrou-se com o Diabo em pessoa, disfarçado numa estrada à noite. Na história narrada, o homem surpreende-se, pois o Diabo lhe conta que estaria ali a mando do Padre Cícero Romão, adjetivado pelo Demônio como “a estrela do círculo da redenção”<sup>132</sup>. O Padre Cícero, com a autoridade que lhe cabia, teria mandado o Diabo àquele lugar para salvar a alma de outro padre, que havia sido sentenciado ao inferno após, num momento de destempero, seu pai ter-lhe rogado uma praga. Antes de desaparecer pela estrada deixando cheiro de enxofre pelo caminho, o Diabo narra ao farmacêutico uma lista de suas criações demoníacas.

Colocando-se na voz do Diabo, o poeta aproveita para reafirmar os valores morais pautados nos ensinamentos de Jesus e em tradicionais preceitos católicos, à época, em sintonia com grande parte do povo sertanejo que consumia os poemas do cordel. Aliás, tudo o que não fosse assim, tradicional, católico, ratificado pelos ensinamentos que o Padrinho professou, seria “coisa do demônio”, coisa feita para desvirtuar e levar à perdição.

Não seria, portanto, mero acaso a forte consonância existente entre as visões que o Padre Cícero emitiu sobre o comunismo na supracitada matéria jornalística de 1931 e aquelas que viraram versos no folheto de Cristo Rei, quando este relata o caso que teria ocorrido, aliás, no mesmo ano em que o Padrinho concedeu a entrevista. No famoso poema, Lúcifer apresenta-se de modo a agregar, em torno de si e de todo o mal que representa para a humanidade, uma série de elementos que, nos discursos do Padre Cícero, eram enunciados como fatores de degradação e de perdição. Entre tais elementos, o comunismo ganha lugar e aproxima-se do depoimento do Padre às folhas dos jornais:

---

<sup>131</sup> CRISTO REI, João de. **O homem que falou com o Diabo em Juazeiro**. Juazeiro do Norte: Editora de Manoel Caboclo, 1975. 16 p.

<sup>132</sup> *Ibid.*, p. 4.

Sucedeu em trinta e um  
 este caso horrorizado  
 Acima da Rua Nova  
 Num dia santificado  
 Dentro de uma casa velha  
 Em um campo alagoado<sup>133</sup>

-----  
 Disse-me uma voz estranha  
 - Declaro por minha vez  
 Sou Luço, rei do inferno  
 Vim dizer para vocês  
 Sou chefe do carimbo  
 Seiscentos e sessenta e seis

Revoltei-me com Jesus  
 E o seu catolicismo  
 Sou eu o dono da moda  
 E também do comunismo  
 Sou o chefe da Reforma  
 E o pai do espiritismo.<sup>134</sup>

Um elemento comum aos poemas de Cristo Rei selecionados para serem reeditados em 2011, elemento, inclusive, recorrente em muitos dos folhetos desse poeta, seria a forma como suas estrofes sempre (re)constroem Juazeiro como território sagrado. Nos devotados versos de Cristo Rei, às vezes proféticos, às vezes apocalípticos, Juazeiro reafirma-se como lugar misterioso, reino encantado, conectado à Terra e ao Céu, um porto para os eleitos de Deus. Seja no tempo em que poemas como esse foram lançados, seja várias décadas mais tarde, reunidos a partir da lógica narrativa que se estabelece quando se busca organizar uma coletânea que comporá uma coleção comemorativa, a força imagética dos versos que formulam juazeiro junto aos leitores e ouvintes faz-se presente:

O Juazeiro é o porto  
 Da Nova Jerusalém  
 E o horto é uma Herdade  
 Que Deus estima e quer bem  
 Ninguém no mundo avalia  
 Que mistério o horto tem.

É um reinado encantado  
 Cheio de riso e primor  
 Onde os eleitos de Deus  
 Cheios de riso e amor

---

<sup>133</sup> CRISTO REI, 1975, p. 2.

<sup>134</sup> Ibid., p. 3.



Vão prestar sua homenagem  
A Jesus seu redentor.<sup>135</sup>

O falecimento do Padre Cícero Romão Batista, no dia 20 de julho de 1934, consistiu-se em marco temporal dos mais impactantes para a história de Juazeiro do Norte, de seu povo e de seus romeiros. Também, foi acontecimento tratado com máxima atenção por veículos das imprensas local e nacional. O impacto imediato da perda decorrente da morte do Padre talvez não permitisse que, naqueles primeiros momentos, fossem elaboradas reflexões ou especulações bem formuladas sobre como seria a Juazeiro sem seu protetor. Possivelmente, nos dias que se seguiram aos últimos momentos do Padre Cícero, à última bênção concedida ao povo horas antes da partida, aos ritos de vigília, à derradeira notícia, ao cortejo fúnebre, ao sepultamento no interior da Capela do Perpétuo Socorro, aos primeiros dias de luto, não houvesse, ainda, condições para se buscar prever se a morte do patriarca consistiria em ruptura ou continuidade para a sacralidade em torno da cidade.

Já na véspera da morte do Padre, jornais receberam notícias acerca do seu estado de saúde e colocaram o povo nordestino em alerta, de maneira que muitos devotos, habitantes de localidades fora de Juazeiro, para lá se encaminharam a fim de estar perto do Padrinho em seus momentos finais e de, talvez, até receber uma derradeira bênção. No dia 20 de julho, o jornal *O Povo* noticiou conteúdo de telegrama recebido no dia anterior que dava conta de que a saúde do Padre estava em estado “muito grave”. No dia 20, chegava àquela Redação outro telegrama trazendo a mensagem “Joazeiro, 20 – 8hs, 45. Acaba de falecer padre Cícero. Povo em desespero, mandarei pormenores. Jesus Rodrigues”<sup>136</sup>. Naquele dia, a falta de maiores detalhes sobre os acontecimentos fizeram com que o periódico publicasse a notícia acompanhada de uma breve biografia da ilustre personagem cearense. Na edição do dia seguinte, o falecimento do Padre Cícero figurou na coluna central da primeira página do jornal de Fortaleza – ao lado da coluna que noticiava aos brasileiros a posse de Getúlio Vargas como Presidente do Brasil – em matéria intitulada “A morte do Padre Cícero – Antes de expirar o Patriarca do Juazeiro abençoou os presentes”<sup>137</sup>.

---

<sup>135</sup> CRISTO REI, 1975, p. 28.

<sup>136</sup> O FALECIMENTO do Padre Cícero – Profunda consternação em Joazeiro. **O Povo**, Fortaleza, 20 jul. 1934.

<sup>137</sup> A MORTE do Padre Cícero – Antes de expirar, o patriarca do Joazeiro abençoou os presentes. **O Povo**, Fortaleza, ano VIII, n. 1908, p. 1, 21 jul. 1934.

Na matéria, foram inventariados os últimos momentos do Padre Cícero, detalharam-se as tentativas médicas em curar aquela “vida preciosíssima”<sup>138</sup> acometida da paralisia de alguns órgãos desde o dia 18, relatou-se, também, que, antes de sucumbir, o Padrinho teria recuperado os sentidos, conseguindo abençoar uma última vez o povo presente que por ele orava em vigília. Somente na edição publicada no dia 22 de julho, as notícias sobre o funeral puderam narrar a dimensão de como se deram as manifestações populares em despedida ao Padrinho. Em matéria intitulada *Os funerais do Padre Cícero – Sessenta mil pessoas acompanharam o morto à derradeira morada*, o jornal fortalezense noticiou:

O movimento da cidade é intensíssimo desde ontem, não se tendo registrado até agora qualquer incidente. O corpo do padre foi visitado durante toda a noite por milhares de pessoas. Ontem às dezessete horas o avião militar fez demoradas evoluções sobre a cidade em homenagens ao morto. O município do Crato decretou luto oficial por três dias. [...] A's 7,45. O dr. Plácido Castelo, juiz municipal de Joazeiro, falou ao povo, dizendo que ia ser feita a retirada do caixão, até então exposto numa janela, afim de realizar-se a encomendação do corpo, que depois seria entregue aos presentes para o entêrro. O orador pediu máxima ordem e relembrou os conselhos do padre. Cumprindo o ritual católico, iniciou-se o cortejo que assumiu um aspecto empolgadíssimo e contrastador. Notava-se absoluta ordem ouvindo-se, no entanto, grandes lamentações no seio da massa popular, que carregou o féretro na cabeça. O desfile era constituído por mais de sessenta mil pessoas. Ao passar pela Praça Alexandrino todos os carros buzonavam.<sup>139</sup>

Após o falecimento do Padre Cícero, houve quem postulasse que as dinâmicas da cidade estariam fadadas a ser abruptamente interrompidas, precisando ser reformuladas. Alguns apostaram na tese de que sem o Padre as romarias cessariam, e, nessa perspectiva, a cidade pararia de crescer ou, então, precisaria abdicar da dimensão religiosa, que até então havia configurado sua tez, a fim de afastar-se daquilo que muitos dos intelectuais detratores do Padre e da cidade consideravam práticas de “fanatismo débil” para, enfim, a cidade poder abraçar plenamente o progresso. Segundo relato de Ralph Della Cava, “os pessimistas começaram a cerrar as portas de suas lojas e a abandonar a cidade, cujos verdes campos eles pensavam que iriam fenecer”<sup>140</sup>.

<sup>138</sup> A MORTE..., 1934.

<sup>139</sup> OS FUNERAIS do Padre Cícero – sessenta mil pessoas acompanharam o morto à derradeira morada – duas pessoas vitimadas por colapso cardíaco – acidentes de automóveis – manifestações de pesar – outras notas. **O Povo**, Fortaleza, ano 8, n. 1908, p. 1, 22 jul. 1934.

<sup>140</sup> DELLA CAVA, 1985, p. 312.

Na perspectiva de muitos, naquele momento, o desaparecimento do Padre Cícero poderia fazer com que trabalhadores do Juazeiro decidissem buscar abrigo em cidades do centro-sul ou do norte do país. Aqueles que por muitos eram considerados “fanáticos” não teriam mais a presença do Padrinho para aplacar-lhes os anseios das almas e disciplinar os comportamentos. Os romeiros e os retirantes que antes chegavam diariamente na cidade estariam agora sem o apoio espiritual e material do Sacerdote. Os peregrinos poderiam, a partir da ausência física de seu protetor, ter perdido a razão primeira de encaminharem-se para Juazeiro: o contato íntimo, pessoal, com o Padrinho.<sup>141</sup>

O fato é que, depois da morte do Padre Cícero, Juazeiro não minguou, não deixou de crescer nem de alcançar patamares significativos e peculiares de progresso. A dimensão sagrada da cidade reconfigurou-se acompanhando as dinâmicas demandadas pelas novas conjunturas; as romarias em nenhum momento pararam de crescer; as práticas religiosas que conferem sacralidade ao território do Padre Cícero não só se fortaleceram como impulsionaram a economia e o comércio. Após aquele julho de 1934, a “Terra da Mãe das Dores” continuou sua trajetória como território sagrado, e, nessa perspectiva, a última coisa que seria correto afirmar é que a cidade seguiu seu rumo *sem* o Padre Cícero Romão.

Com a morte do Padre, todo um novo território de crenças e de rituais abriu-se para aqueles que tiveram que reformular os mecanismos de manutenção das romarias e dos ritos de fé em Juazeiro. Histórias sobre o retorno do Padrinho começaram a circular, foram reverberadas e potencializadas pelos poemas de folhetos que confortavam os romeiros e devotos com narrativas nas quais o Padre Cícero continuava a se fazer presente depois de morto. O túmulo na Capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro tornou-se rapidamente mais um local sagrado no Juazeiro por guardar ali os restos mortais do Patriarca e, a partir de então, passar a representar a porta por onde ele adentrou no caminho para a sua nova morada “nas malhas do insondável”<sup>142</sup>.

Em vez de diluírem-se e de enfraquecerem seu fluxo, as romarias aumentaram e continuaram a dar lucro aos artesãos e aos comerciantes que se dedicavam a oferecer artigos de fé e de memória ligados ao padroeiro. O percurso de peregrinação da romaria sofreu ressignificações e ajustou-se à nova realidade. Se antes o romeiro tinha o final do percurso

---

<sup>141</sup> TEIXEIRA DA SILVA, Amanda. “A fisionomia da pedra”: um olhar sobre a escultura de Agostinho Balmes Odísio. *Revista Espacialidades*, v. 8, n. 1, 2015.

<sup>142</sup> RAMOS, 2014a, p. 148-149.

premiado com o encontro pessoal e a benção do Padrinho, agora o júbilo estava na dor e no êxtase da persistência do cumprimento do caminho e no rito de chegada ao território sagrado. O Padrinho não estaria mais na janela de sua casa de número 242 da Rua São José. Agora, a sua presença poderia ser sentida em todos os lugares santos da cidade, lugares que continuariam a ser narrados a partir de seus simbólicos elementos evocadores de devoção e de fé.

Após a morte do Padre, o dia 2 de novembro, Dia de Finados, passa a ser, no Juazeiro, o dia do grande morto, “tão grande que não morreu de verdade. Ainda hoje, os peregrinos afirmam: ‘meu padrinho se mudou’”<sup>143</sup>. Pelos engenhos da memória e da fé, o Dia de Finados torna-se lugar de memória, não para marcar a finitude da vida, mas para significar a continuidade e a permanência do santo que apenas se mudou de endereço, foi morar com a Mãe das Dores, no Céu, e, de lá, continua sua missão junto ao povo romeiro e ao território da cidade sagrada<sup>144</sup>. Desde então, o Dia de Finados passou a ser o dia da grande romaria, e o túmulo diante do altar tornou-se por excelência o novo espaço de devoção. Tempo e espaço passaram por ressignificações que se ajustaram a uma nova perspectiva de realidade, a fé e a devoção que permaneceram.

Para além da grande romaria do Dia de Finados, os dias de nascimento e de morte do padre também geraram romarias e ritos festivos. Com o tempo, o vigésimo dia de cada mês também passou a reunir peregrinos e devotos em torno de celebrações de missas campais que relembram os feitos do Padrinho antes e depois de sua partida. Afinal, mesmo depois de mudar-se para morar ao lado da Mãe das Dores, nunca deixaram de multiplicarem-se as histórias sobre o Padrinho, narrando milagres obrados, graças alcançadas e aparições inusitadas.

O Padrinho Cícero, que antes falava aos peregrinos em presença de voz e de carne, passou a relacionar-se com eles por meio das muitas imagens que o presentificam nos altares domésticos, nos arredores dos templos e em diversos outros espaços da cidade. Nesse jogo, em que a estátua serve como representação da presença do Padrinho, Juazeiro e o Céu se aproximam e se religam em inusitadas emanações de fé. Segundo Lopes Ramos,

---

<sup>143</sup> RAMOS, 2014a, p. 147.

<sup>144</sup> Ibid., p. 148.

Os olhos azuis, que antes invadiam o corpo dos peregrinos, estavam cerrados, sob o peso da lápide de mármore. Mas a memória tem seus engenhos. O mesmo azul continuava presente: estava impresso em estátuas de gesso ou em estampas coloridas, como detalhe penetrante de um rosto levemente reclinado, em tom de ternura e acolhimento. Azul com destaque garantido no espaço do altar doméstico, na sala de cada devoto que faz o interminável rosário da romaria. Morto nas tramoias do tempo, o padrinho foi salvo nas pelejas da memória.<sup>145</sup>

Tais “pelejas da memória” mantiveram salvo e vivo o Padre Cícero. Contudo, não foi apenas devido às suas representações nas estátuas e nas figuras impressas, fartamente distribuídas pelos recantos da cidade ou pelos altares domésticos. Nos versos da literatura de folhetos, após o fatídico 20 de julho de 1934, o Padrinho passou a ser narrado mais vivo do que nunca. Ele agora habitava no Céu, junto à Virgem Maria, mas, de sua nova morada, intercedia pelo povo devoto através do território do Juazeiro. Ele aparece em sonho aos devotos, dá conselhos, faz previsões e profecias, atende aos pedidos de proteção e altera elementos da natureza. Nesse sentido, a partir das histórias narradas pela literatura oral, Juazeiro tem reforçada sua dimensão de território que liga o Céu ao mundo, o Padre Cícero está lá e aqui, mais presente e imortal do que nunca.

### 3.2 Fabricando narrativas sobre o “meio do caminho”

*Mas tipografia, deixe-me celebrar-te  
na pureza de teus puros perfis,  
na redoma da letra O,  
no viçoso alguidar do Y,  
no Q de Quevedo  
(como poderia passar minha poesia  
em frente dessa letra sem sentir o antigo arrepio do sábio moribundo?),  
à açucena multiplicada do V de vitória,  
no E escalonado para subir ao céu,  
no Z com seu rosto de raio,  
no P alaranjado.<sup>146</sup>*

Quando, mais de 70 anos após o falecimento do Padre Cícero, a *Coleção Centeário* selecionou, entre seus “cordéis clássicos”, folhetos que versem sobre os

<sup>145</sup> RAMOS, 2014a, p. 148.

<sup>146</sup> NERUDA, Pablo. Ode à Tipografia. In: FULLGRAF, Frederico. Pablo Neruda: Ode à tipografia. *Fullgrafianas*. 29 dez. 2011. Disponível em: <http://fuellgrafianas.blogspot.com/2011/>. Acesso em: jun. 2020.

momentos de despedida do Patriarca da cidade; as manifestações de pranto, de dor e de luto; a derradeira benção dada ao povo e os ritos funerários, percebemos que tais poemas dialogam com o conjunto de cordéis selecionados, cumprindo o papel de narrar esse impactante momento da história de Juazeiro do Norte, amenizando, porém, a tez de ruptura que o evento poderia vir a produzir.

Em diálogo com os demais folhetos do conjunto reunido pela *Coleção*, o que seria ruptura demonstra-se, ao contrário, continuidade. Os cordéis selecionados mostram em suas tessituras que o Padre Cícero não deixou de existir quando sua existência terrena expirou. Ele apenas se mudou para morar junto à Mãe das Dores, no Céu, e de lá ele torna-se um intercessor presente e um protetor poderoso que, mais do que nunca, zelará por Juazeiro e pelo povo romeiro.

Esse tipo de formulação abriu espaço para que, nos anos após a morte do Padre Cícero, a literatura de folhetos continuasse ininterruptamente produzindo poemas sobre sua presença – física ou espiritual – atualizando e até intensificando, ao longo dos anos, as relações entre o Padrinho, o seu povo e a sua cidade.

Décadas depois da morte do Padre, no século seguinte, reunidos em uma coletânea que coloca em contato folhetos de diversas épocas, a tarefa de verificar a trajetória de reformulações, as mudanças e as permanências, as manutenções e as atualizações, que auxiliaram a revigorar os elementos do tecido que compõe Juazeiro do Norte, ganha tons renovado à medida que nos permite visualizar e analisar uma série documental, organizada com o fim de compor camadas de narrativas que, combinadas, plasmam-se em torno da missão de narrar memórias sobre a cidade.

O evento da morte do Padre Cícero foi e é, extremamente, significativo para os poetas e os editores de folhetos, à medida que, seguindo pelas tradições da literatura oral, compreende-se que momentos assim pedem que os acontecimentos sejam narrados ao povo, do jeito que o povo entende e aprecia ser informado. Para o leitor ou ouvinte habitual dos versos da literatura de folhetos, os jornais poderiam até noticiar os fatos, porém não dariam conta de narrar os acontecimentos do jeito que “o povo gostaria de ouvir”, ou seja, com o “colorido”, os detalhes, as expressões e as imagens poéticas que identificam, aproximam e conferem “sintonia fina” às representações em torno do Padrinho. Nessas ou em outras tantas narrativas sobre o padroeiro do Juazeiro, “não se trata apenas aqui de soltar a criatividade ou

de tratar um tema cujo sucesso de venda é garantido, trata-se também de manifestar sua veneração e lealdade ao patriarca ‘discípulo de Jesus’<sup>147</sup>.

Um dos folhetos selecionados pela *Coleção Centenário* para narrar os acontecimentos relacionados ao falecimento do Padre Cícero é *A pranteada morte do reverendíssimo Padre Cícero Romão Batista*, do poeta e editor José Bernardo da Silva, publicado, por sua tipografia, em 1953, em versão que contava com 46 estrofes compostas por 7 versos cada<sup>148</sup>.

O poema condensa a densidade e a gravidade em torno da morte do Padre Cícero optando por narrar um curto recorte temporal que se inicia dias antes do trágico 20 de julho de 1934 e termina logo após os ritos funerários. O anúncio definitivo do fato aparece perto do meio do poema, em estrofe que representa os impulsos de quem se nega a crer diante de uma grande perda, antes de finalmente aceitá-la e de se pôr em luto:

No dia vinte e um de julho  
Do ano de trinta e quatro  
Às seis e meia seria  
Quando correu o boato  
Que o Padrinho faleceu  
Todo mundo estremeceu  
Dizendo: – Não é exato.

De toda parte se via  
O povo vir em rebanho  
Tirar de si o engano  
Profundamente estranho  
Certificar da verdade  
Sobre o local da cidade  
Já vi delírio tamanho.<sup>149</sup>

Antes de narrar os momentos finais, como quem prepara o seu leitor ou ouvinte para a notícia que se revelará, José Bernardo conta que o Padrinho estava adoentado, vinha sendo tratado, em casa, de um sério problema oftalmológico que o teria impedido de enxergar. Na sequência de narrativas do poeta, os olhos do santo sacerdote, que “estava muito doente”,

<sup>147</sup> KUNZ, 2001, p. 24.

<sup>148</sup> Durante as pesquisas realizadas para esta tese, encontramos, no acervo do Projeto Memória – Biblioteca de Cordel, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, uma versão reduzida desse mesmo poema, publicada pela Lira Nordestina, em 1982, contando com 8 páginas e 31 estrofes. Ver: BERNARDO DA SILVA, 1982.

<sup>149</sup> Ibid., p. 14.

teriam se apagado para que este não mais visse os males que assolavam o mundo de seus últimos dias: “Assim eu ouvi dizer / Que ele cegou pra não ver / O uso do tempo presente”<sup>150</sup>.

A escuridão da visão levou o poeta a narrar outro momento de treva: o simbólico dia 8 de julho no qual a janela do casarão da Rua São José se fechou aos romeiros a fim de que o Padre Cícero pudesse ser tratado em reclusão. Para os olhos dos romeiros e devotos, aquela era muito mais do que uma simples janela. Era muito mais um portal entre a profana rua e o sagrado espaço por onde o Padrinho se comunicava com o seu povo, orientando, abençoando, protegendo. Lembrando as aparições do próprio Papa em sua sacada na Praça São Pedro, em Roma, as aparições diárias do Padre Cícero naquela janela que dava para a rua, para o povo, era sem dúvida o grande momento para aqueles que iam buscar ter com o seu padrinho no Juazeiro. Nos versos do cordel, o fechamento daquela janela seria o prenúncio de um afastamento mais duro e definitivo.

Meu Padrinho o outro dia  
Saiu para nos avisar  
Eu vou me tratar dos olhos  
Que estou sem enxergar  
O tratamento um Mês rola  
Por mim todos deem esmola  
Que hei de recompensar.

Botou a santa bênção  
Bastante desconsolado  
Depois fechou a janela  
Alí ficou internado  
O seu semblante mostrava  
Que a si se aproximava  
Um golpe tão amargurado.<sup>151</sup>

Nos versos do poeta, a janela se fechou e só voltou a ser aberta no dia de São Pedro, para que o padrinho pudesse fazer uma última aparição em vida. Segundo os versos do folheto, o povo comemorou com “bombas e fogos no ar” a última aparição do Padrinho que, debilitado e cego dos olhos, parecia estar ali para anunciar a sua partida:

No seu semblante se via  
Os traços sentimentais

<sup>150</sup> BERNARDO DA SILVA, 1982, p. 3.

<sup>151</sup> Ibid., p. 7.



Como quem diz: – Meus romeiros  
 Em breve nem um me ver mais  
 Dando sinal de partida  
 Adeus até outra vida  
 Onde descansa os mortais.<sup>152</sup>

Os versos do folheto narram que, no derradeiro dia, momentos antes de expirar, o fundador da cidade teria, tal e qual noticiado pelas folhas de jornal, concedido ao seu povo um último gesto de afeição: ele abençoou os presentes, os que se aglomeravam em vigília na rua e na praça, chamou a Beata Mocinha e abençoou também. Por fim, fez suas últimas recomendações e deu adeus ao Juazeiro, terra que o construiu enquanto era por ele construída.

Lembrando-se do retiro  
 Já em última agonia  
 Alí, ele suspirando,  
 Que quase ninguém ouvia  
 Abençoou toda a praça  
 Para alcançar sua graça  
 Do Coração de Maria.

– Joana! – Joana! Quede ela?  
 E esta logo chegou  
 – Me abençoe pai amoroso  
 Ele lhe abençoou  
 Dizendo por despedida  
 – Adeus até noutra vida  
 Que meu tempo se findou.

Primeiro que tudo disse  
 Já com a voz compungida  
 Orai a todo momento  
 Não perca tempo na vida  
 Foi minha hora chegada  
 Não deixe desamparada  
 A minha pátria querida

Adeus terra de meus pais  
 Adeus meu bom Juazeiro  
 Adeus terra de Iracema  
 Adeus meu povo romeiro  
 Adeus povo natural  
 Adeus globo terral  
 No momento derradeiro.<sup>153</sup>

<sup>152</sup> BERNARDO DA SILVA, 1982, p. 9.

<sup>153</sup> Ibid., p. 12-13.

Antes de ser fechada pela última vez, a janela que serviu, por tantos anos, para pôr o Padrinho em contato com seus romeiros prestou-se à tarefa de permitir uma derradeira aparição: os versos de José Bernardo narram que o caixão com o padrinho sem vida fora colocado na janela, a fim de que os romeiros se despedissem. Houve quem se agitasse com a visão, esperando que mais um milagre fosse obrado e o Padrinho tivesse voltado. Porém, “ele não se levantou” e, então, “foi um pranto universal”.

José Bernardo, autor do poema, foi um dos poetas-devotos que conheceu o Padre Cícero em vida. Chegando ao Juazeiro 18 anos antes, ele foi abençoado pelo Padrinho e incentivado a tornar-se um profissional do verso. Dois anos após a morte do Padre, José Bernardo inaugurou a sua Tipografia São Francisco e de lá, daquela que consolidou Juazeiro do Norte como um dos mais importantes espaços produtores de cordéis no Brasil, muitos folhetos saíam desde então, narrando as coisas do Juazeiro e do seu santo popular.

Referindo-se a si mesmo, na condição de quem conhecia o Padre Cícero, José Bernardo ainda confirmou em verso a sua presença física no momento da despedida final, momento em que o poeta homenageia seu Padrinho enquanto reflete sobre os próprios pecados:

Eu também estive ali  
Tristonho e desconsolado  
E encontrei-o jazendo  
Sobre o leito acalmado  
Tive muitas impressões  
Das grandes ingratidões  
Que eu havia praticado.<sup>154</sup>

No folheto *Profecia: vida e morte de padrinho Cícero Romão*, João de Cristo Rei também narrou, com o coração contrito, cenas relacionadas à partida do Padrinho de sua morada terrena, ao mesmo tempo em que ofereceu imagens poéticas que reforçam a continuidade de sua relação com o povo do Juazeiro. Nos versos do poeta-devoto, os acontecimentos são narrados pelo olhar de quem enxerga o invisível pelos “olhos da fé” e oferece aos ouvintes registros que passarão a figurar em suas memórias.

---

<sup>154</sup> BERNARDO DA SILVA, 1982, p. 10.

Nas imagens dos momentos que antecedem a partida do Padrinho, o céu, o sol, as nuvens, as plantas e, até mesmo, o vento alteram-se, ganham novas cores e formas em função do momento que se anuncia. Nos versos do poeta, o Padre Cícero – que durante toda a sua vida terrena fez previsões e profecias sobre os acontecimentos futuros – sabe de tudo o que está para ocorrer, portanto, anuncia sua partida aos seus romeiros. Nas narrativas de Cristo Rei, o Padrinho também concede uma última benção ao seu povo. Despediu-se, deixando, porém, clara a continuidade ininterrupta da sua missão junto aos romeiros:

No dia vinte de julho  
O céu mostrou-se nublado  
O sol nasceu diferente  
Rompendo um manto azulado  
Formando uma torre branca  
Com um céu sub-dourado

A brisa suavemente  
Soprava branca e macia  
O orvalho vespertino  
Dos verdes ramos caía  
Dando emoção tristemente  
No romper da melodia

Nesta hora meu Padrinho  
Nos disse com ar de riso  
– Meus romeiros vou subir  
Para o santo paraíso  
Orar a Deus por vocês  
Até o dia do Juízo<sup>155</sup>

Em determinado momento, Cristo Rei passa a colocar-se “na voz” do seu Padrinho. A partir de então, não é mais o poeta narrando, mas o próprio Padre Cícero quem fala aos seus em primeira pessoa. O leitor ou ouvinte passa a “escutar em sua mente” a voz do Padre que conta sobre a missão dada à Mãe das Dores por Jesus, seu filho. Nas (re)formulações da literatura de folhetos, a Virgem desce do céu, ordena pessoalmente o sacerdote, guiando-o, protegendo-o e nomeando-o “defensor da romaria”:

Disse Jesus: minha mãe  
Eu deixo o mundo na paz  
Fique com o meu poder

---

<sup>155</sup> BERNARDO DA SILVA, 1982, p. 1.

Para salvar os mortais  
 Libertar o Juazeiro  
 E confundir Satanás

Com essa ordem divina  
 A Sempre Virgem Maria  
 Desceu do céu para ser  
 Minha protetora e guia  
 E me ordenar sacerdote  
 Defensor da romaria<sup>156</sup>

Juazeiro é mais uma vez reafirmada como território de libertação e de salvação, lugar onde Satanás se confunde e perde a força. A partir de tais urdiduras, presentes neste e em diversos outros folhetos, não se admite à Nova Jerusalém nenhuma ideia de finitude para a sua sacralidade. Afinal, a cidade que não está presa nem a um tempo nem a um espaço determinados não expira nem perde o propósito. Desde seu surgimento, ela foi criada para atender à missão divina de “salvar os mortais”. Para quem possa aventar a hipótese de que a Juazeiro deveria afastar-se de sua tez sagrada após a partida física do seu protetor e fundador, o Padre Cícero esclarece que é em Juazeiro que a Mãe das Dores edificou o seu trono:

Edificou o seu trono  
 Na Matriz do Juazeiro  
 E me fez autoridade  
 De pastor e mensageiro  
 Para pregar o rosário  
 A todo o povo romeiro<sup>157</sup>

Poemas como esses, os quais ora analisamos, serviram de “amálgama narrativa”, ajudando a “preencher as fissuras” que pudessem se mostrar presentes na Juazeiro que se reconfigurava diante das demandas advindas da ausência física de seu patriarca e fundador. São estrofes que desafiaram aqueles que postularam a ruptura da cidade com sua tez sagrada. São versos que criaram identidade junto àqueles que ajudariam a atender ao derradeiro desejo do Padrinho – “Não deixem que cessem as romarias” –, mantendo vivas não apenas a crença no Padroeiro mas, principalmente, as práticas sociais que movimentam, continuamente, milhares de pessoas. Em seus respectivos tempos de edição ou décadas mais tarde, esses foram folhetos gestados por poetas-devotos indissociavelmente ligados às urdiduras que

<sup>156</sup> BERNARDO DA SILVA, 1982, p. 5.

<sup>157</sup> Ibid., p. 6.

compuseram a cidade do Padre Cícero e que, ao circularem por décadas, ao serem lidos e ouvidos por muitos, ao serem adquiridos por romeiros ou outros visitantes do Juazeiro e levados para serem conhecidos em outras paragens, atualizaram e fortaleceram o imaginário daqueles que enxergam a cidade.

José Bernardo da Silva, poeta-editor responsável pela distribuição de inúmeros folhetos sobre o Padre Cícero e o Juazeiro, faleceu em 1972, ano em que se comemorava o centenário da chegada do Sacerdote àquela localidade. Naquele ano, a sua tipografia ainda editava folhetos, almanaques, horóscopos e orações com o vigor que fez daquele empreendimento uma das mais importantes empresas da literatura de folhetos no Brasil. Diariamente, aquela tipografia podia imprimir até “5000 exemplares de um romance de 32 páginas”<sup>158</sup>. O sucesso editorial de José Bernardo e a importância de sua tipografia para a história de Juazeiro do Norte tornam simbólico o ocasional jogo de datas que se fez quando o grande editor se despediu da cidade que o acolheu, justamente no centenário da chegada do Padre Cícero. Afinal, o padrinho não era apenas a personagem mais ilustre e relevante para Juazeiro e seu povo. Ele, também, foi a presença mais recorrentemente representada nos versos dos folhetos que circularam, aos milhares, ajudando a construir, por todo o Nordeste, o imaginário que consolidou Juazeiro como território sagrado e o Padre Cícero como seu eterno protetor:

O acaso dos números traduz de modo mágico e feliz a junção de dois fatores determinantes para o grande impulso da editoração popular em nossa terra: o carisma do padrinho e a Tipografia São Francisco, hoje Lira Nordestina, testemunha da grande tradição da literatura de cordel brasileira em nosso Estado.<sup>159</sup>

Após a morte de José Bernardo, Expedito Sebastião da Silva, poeta do Juazeiro que, além de amigo do poeta-editor, era funcionário de sua tipografia desde os 16 anos de idade, dedicou ao seu velho mestre um poema com traços biográficos. Assim, foi lançado, na década de 1970 e reeditado diversas vezes nos anos seguintes, o folheto *Resumo biográfico de José Bernardo da Silva*<sup>160</sup>. Em 2011, quando esse folheto foi reeditado junto ao segmento dos “cordéis clássicos” da *Coleção Centenário*, o poema ampliou o potencial que já possuía, não

<sup>158</sup> KUNZ, 2007, p. 79.

<sup>159</sup> Ibid., loc. cit.

<sup>160</sup> SEBASTIÃO DA SILVA, Expedito. **Resumo bibliográfico de José Bernardo da Silva**. Fortaleza: IMEPH, 2012b. 24 p.

somente por contar a história desse ilustre profissional do verso mas também pela possibilidade de ajudar a apresentar ao leitor do século XXI as indissociáveis relações entre o desenvolvimento de Juazeiro do Norte e a literatura de folhetos produzida a partir daquele espaço, desde quando

[...] Juazeiro tornou-se ponto de convergência nordestina e, por conta de uma contínua romaria ao sacerdote, formou-se um público que já conhecia e consumia folhetos. Foi esse o percurso do romeiro alagoano José Bernardo da Silva, de vendedor de ervas e raízes a um dos mais importantes editores de literatura popular”.<sup>161</sup>

Ninguém melhor para a missão de “historiar” a vida de José Bernardo e a trajetória da Tipografia São Francisco do que Expedito Sebastião! Nascido em família pobre do Juazeiro, em 1928, Expedito foi trabalhar com José Bernardo em 1945, ainda com 16 anos de idade. Desde esse tempo, os trabalhos na Tipografia passaram a ser parte fundamental de sua vida. Naquela gráfica, o jovem se tornou “operário do verso”, “começou dobrando folhetos, trabalhou na composição e impressão, acertou negócios no balcão, chegou a fazer algumas xilogravuras, assumiu a gerência da gráfica no final dos anos 1950 e, sobretudo, foi o revisor atento de todos os “livros” [...]”<sup>162</sup>.

Foi a partir da Tipografia São Francisco que Expedito Sebastião publicou, em 1948, o seu primeiro folheto<sup>163</sup>. O poeta trabalhou na Tipografia, que ficou conhecida como “Casa das palavras”, até o fim da sua vida, em 1997. Nesses mais de 50 anos dedicados à poesia, Juazeiro foi o único espaço que Expedito Sebastião conheceu como lar. Ele viveu os anos de glórias do cordel no Juazeiro, viu também e lamentou-se em verso, ainda na época do falecimento de José Bernardo, o arrefecimento de suas vendas quando os folhetos passaram a experimentar a concorrência de elementos como a popularização da televisão, entre outras formas de entretenimento:

Porém duns tempos pra cá  
Devido à televisão  
E outras diversões mais  
Dessa nova geração

<sup>161</sup> CARVALHO, 1994, p. 68 *apud* KUNZ, op. cit., p. 79.

<sup>162</sup> KUNZ, 2007, loc. cit.

<sup>163</sup> *A moça que depois de morta dançou em São Paulo* (1948).

Os folhetos vêm sofrendo  
Uma grande oscilação.

Por isso aquela oficina  
Antes tão movimentada  
Hoje em dia se encontra  
Por completo transformada  
Porém no seu ramo antigo  
Ainda está bem firmada.<sup>164</sup>

No folheto em que biografou o amigo e ex-patrão, Zé Bernardo, Expedito Sebastião fez questão de mostrar, antes de tudo, solidária proximidade com a família que havia perdido o ente que se foi para não mais retornar:

Com o coração em luto  
Cheio de melancolia  
Nesse pequeno folheto  
Vou narrar em poesia  
De Zé Bernardo um resumo  
Da sua Biografia

Porém antes de entrar  
Nos versos iniciais  
Envio a família dele  
Os pêsames sentimentais  
Porque aquele que se foi  
E não voltará jamais.<sup>165</sup>

A história de José Bernardo da Silva, romeiro alagoano que, em 1926, foi morar no Juazeiro objetivando viver como vendedor de ervas raízes e miçangas, passou, como quase tudo no Juazeiro daquela época, pelo crivo do Padre Cícero que o acolheu, tornou-se seu “padrinho”, dando-lhe não apenas a permissão para estabelecer-se na cidade mas também incentivando-o com bênçãos e garantias tranquilizadoras de que Juazeiro acolhe aqueles que procuram abrigo: “– Pode vir, meu amiguinho / Na paz de Nosso Senhor / Você vindo terá todo / Juazeiro a seu favor”<sup>166</sup>.

Durante sua primeira década de trajetória profissional no Juazeiro, José Bernardo prosperou nos negócios à medida que percebeu o potencial que havia na venda de folhetos,

<sup>164</sup> SEBASTIÃO DA SILVA, 2012b, p. 15.

<sup>165</sup> Ibid., p. 5.

<sup>166</sup> Ibid., p. 8.

literatura oral apreciada de forma incontestada pelos romeiros do Padre Cícero e pelos frequentadores das feiras livres e dos mercados populares espalhados pelos municípios de todo o interior nordestino.

É desse ponto que José Bernardo começa a escrever poemas autorais sem nunca deixar de, também, comprar os direitos de folhetos de outros autores. O importante nesses casos era agradar ao povo ofertando histórias que fossem consideradas boas o suficiente para caírem nas graças dos leitores e ouvintes. Longe de buscar estabelecer uma obra original e autoral, o missangueiro que se tornou folheteiro prosperou por levar ao povo as histórias que as pessoas queriam ouvir. Não por acaso, as histórias protagonizadas pelo Padre Cícero eram as campeãs de vendas. Tais fatores e conjunturas ganharam o devido eco nos versos de Expedito Sebastião:

Depois de bons resultados  
Com essa mercadoria  
Aos poucos foi penetrando  
Nos ramos da poesia  
Vendendo na feira, versos  
Que ele mesmo fazia.

Vendo ele dos folhetos  
A maior procuração  
Vendia também dos outros  
Os de mais aceitação  
Como fossem os que tratavam  
Do Padre Cícero Romão.<sup>167</sup>

A partir de 1936, a biografia de José Bernardo passa a confundir-se, indissociavelmente, com a história da tipografia que ele fundou e fez prosperar. A história da Tipografia São Francisco imbrica-se, por sua vez, com a própria trajetória histórica de Juazeiro do Norte devido às formas como, daquela importante editora, saíram folhetos que circularam aos milhares, ajudando a tecer e a consolidar as tramas que constituíram, por todo o país, imaginários sobre o Juazeiro.

Embora seja autor de alguns títulos, uns, inclusive, que ganharam fama e se tornaram clássicos por sua qualidade poética, José Bernardo notabilizou-se muito mais como

---

<sup>167</sup> SEBASTIÃO DA SILVA, 2012b, p. 9-10.



editor do que como poeta da literatura de folhetos<sup>168</sup>. Sabe-se que um fator preponderante para o crescimento da sua já bem sucedida tipografia foi a obtenção dos direitos de vendas de todos os poemas da editora de João Martins de Athayde após seu falecimento em agosto de 1959. Athayde, além de ser à época um dos mais notáveis poetas-editores da primeira geração do cordel, já havia incorporado à sua editora, no Recife, os poemas do rapsodo Leandro Gomes de Barros em transação que se configurou como sendo uma das primeiras desse gênero no país. Ao somarem-se os títulos da editora de Athayde ao acervo de folhetos originais que a Tipografia São Francisco já havia constituído até o final dos anos de 1950, Juazeiro foi se consolidando de vez como um dos mais importantes espaços produtores e difusores do cordel no Brasil:

Enquanto ele existiu  
Em sua tipografia  
Imprimiu muitas histórias  
Contadas em poesia  
Pois muitos originais  
Em seu poder possuía.

Porque todos os folhetos  
Por Ataíde editados  
Foram por ele os direitos  
Honestamente comprados  
Recebendo os documentos  
Em cartório registrados.

Ficando ele por dono  
Daquela propriedade  
Unindo com o que tinha  
Aumentou a quantidade  
Oferecendo aos fregueses  
A maior variedade.<sup>169</sup>

A quem conheça alguns dos principais aspectos das vidas profissionais de José Bernardo e de Expedito Sebastião talvez consiga ser perceptível a propriedade com a qual Expedito narra aspectos técnicos e cotidianos da Tipografia São Francisco. Afinal, aquela não era apenas a gráfica e editora do amigo, então, biografado. Era, antes de tudo, “seu segundo lar”, espaço no qual aprendeu todos os meandros do ofício de editor, lugar por meio do qual se tornou poeta e trabalhou até seus últimos dias. “Expedito Sebastião da Silva se fez poeta

---

<sup>168</sup> KUNZ, 2007, p. 81.

<sup>169</sup> SEBASTIÃO DA SILVA, 2012b, p. 6.

numa tipografia que funcionava como loja, oficina e lar; existe uma integração total e harmoniosa entre sua arte e a vida cotidiana”<sup>170</sup>. É assim que em determinadas estrofes Expedito Sebastião refere-se à vida do amigo Zé Bernardo, na Tipografia, dando a impressão de que está, também, narrando, com conhecimento de causa, aspectos de seu próprio dia a dia.

Ele sempre muito cedo  
No trabalho começava  
E até tarde da noite  
Muitas vezes trabalhava  
Com a esposa de lado  
Que muito lhe ajudava.

Então estabeleceu-se  
Na rua Santa Luzia  
Instalou em casa própria  
A sua tipografia  
Que iria ser do norte  
A maior folheteria.<sup>171</sup>

O mesmo conhecimento de causa aparece nos versos em que Expedito Sebastião descreve o crescimento e a prosperidade da Tipografia ao longo dos anos. Afinal, o poeta presenciou as aquisições de novos equipamentos que vinham para atender às grandes demandas por folhetos, almanaques, horóscopos, orações e afins. O brilho dos tempos áureos da Tipografia São Francisco e de Juazeiro, enquanto poderoso parque tipográfico da literatura popular, pode ser contabilizado pela quantidade de máquinas e de operários trabalhando “todo dia sem findar”. Expedito estava ao lado de Zé Bernardo acompanhando o desenvolvimento ligeiro que fez aquela tipografia ser conhecida “por este Brasil inteiro”, devido à árdua labuta dos profissionais do verso, mas, principalmente, devido às bênçãos concedidas, desde o início, pelo “santo do Juazeiro”.

Findou comprando três máquinas  
Do tipo que precisava  
Cada, na paginação,  
Dezesseis páginas pegava  
Sendo que seis mil folhetos  
Por dia cada tirava

E até quinze operários

---

<sup>170</sup> KUNZ, 2007, p. 64.

<sup>171</sup> SEBASTIÃO DA SILVA, 2012b, p. 13-14.

Teve vez de trabalhar  
 Em sua tipografia  
 Todo dia sem findar  
 Em verso, com cinco máquinas  
 Trabalhando sem parar.

E a Tip. são Francisco  
 Se desenvolveu ligeiro  
 Tornando-se conhecida  
 Por este Brasil inteiro  
 Graças a benção que lhe deu  
 O santo do Juazeiro.<sup>172</sup>

Descrito por Expedito Sebastião como homem honesto, humilde e pacato, Zé Bernardo também tem narradas em versos as relações com os seus funcionários. Aqui, mais uma vez, o poeta parece estar referindo-se a si mesmo, representado por aqueles que estariam na outra ponta da relação de trabalho, interagindo com o mestre benevolente e solidário que não deixava sem assistência aqueles que necessitassem:

Era assim de Zé Bernardo  
 A sua filosofia  
 Modesto e muito pacato  
 Amante da harmonia  
 Era sempre um rosário  
 A arma que conduzia.

Então os seus operários  
 Ele muito bem tratava  
 Como amigos verdadeiros  
 A todos considerava  
 Quando via um precisando  
 Com todo gosto ajudava.<sup>173</sup>

Um traço exótico e até raro encontrado nesse poema biográfico pode ser identificado nos momentos em que Expedito Sebastião faz referência aos poemas célebres de José Bernardo. Uma das coisas que torna tais referências interessantes é a estratégia adotada por Expedito em, literalmente, citar e reproduzir estrofes inteiras de outros poemas dentro do seu, dando “aspas” aos versos do poeta biografado. É isso que ocorre, por exemplo, quando Expedito menciona a importância de certo poema que tratou da morte do Padre Cícero

---

<sup>172</sup> SEBASTIÃO DA SILVA, 2012b, p. 14-15.

<sup>173</sup> Ibid., p. 17.

Romão<sup>174</sup>. Aqui, as estrofes de um poeta evocam as do outro, compondo um conjunto que atende aos propósitos narrativos do primeiro e ainda convida o leitor a procurar conhecer os versos no folheto do segundo:

Porém há folhetos dele  
 Digno de nossa atenção  
 Como bem seja o da morte  
 Do padre Cícero Romão  
 E aqui vai uma estrofe  
 Da tristonha narração:

“muito triste e pesaroso  
 Chamo o leitor atenção  
 Fui escrever mais não pude  
 Caiu-me a pena da mão  
 Para prantear a morte  
 Do padre Cícero Romão.”<sup>175</sup>

O poema em que Expedito Sebastião narra aspectos da vida de seu antigo mestre vai encaminhando-se para o desfecho de forma tristonha, melancólica. Se, nas primeiras páginas, é apresentado ao leitor o jovem mascate, cheio de energia, que, com as bênçãos do Padre Cícero, se tornou poeta, folheteiro e editor de sucesso, no final, são relatados revezes do destino, tais como a perda de um filho em acidente de automóvel e, nos anos finais, já envelhecido e combalido por problemas de saúde, o afastamento dos trabalhos na Tipografia que ajudou a dar vida. O derradeiro adeus segue-se com direito a “reclamosa” despedida, reconhecimento por sua importância e adágio popular:

A morte de Zé Bernardo  
 O norte inteiro reclama  
 Porque sua poesia  
 Todo sertanejo ama  
 Aqui coloco o adágio  
 Morre o homem fica a fama.

<sup>174</sup> Os dois primeiros versos da estrofe de José Bernardo reproduzida por Expedito Sebastião, constam no folheto *A pranteada morte do reverendíssimo padre Cícero Romão Batista*, discutido nesse capítulo, páginas atrás. O restante da estrofe reproduzida, porém, não condiz, nem em formato nem em conteúdo, com aquela encontrada no referido folheto, fazendo-nos crer tratar-se de outro título de José Bernardo, também dedicado ao falecimento do Padre Cícero.

<sup>175</sup> SEBASTIÃO DA SILVA, 2012b, p. 21.

Quem ler com atenção a narrativa produzida por Expedito Sebastião Batista poderá perceber que não se trata, apenas, de um poema que verseja sobre a vida de José Bernardo da Silva e seu promissor negócio. Muito mais do que isso, são estrofes que permitem vislumbrarmos as íntimas relações entre Juazeiro do Norte e a literatura de folhetos. No constante jogo das representações, no qual quem constrói é também construído, Juazeiro é, em grande medida, “tecida”, construída, pelo cordel, da mesma maneira em que a trajetória exitosa do “cordel juazeirense” só foi possível devido às peculiaridades únicas da cidade que cresceu envolta nas formulações do sagrado e do profano, na constante e na crescente presença dos romeiros e em sua indissociável ligação com o Padre Cícero.

Manoel Caboclo e Silva, poeta, editor e astrólogo que nos empresta a fala em que afirma que o poeta do cordel “formula a cidade”, nasceu em Juazeiro em 1926, mesmo ano em que José Bernardo chegou como romeiro para morar na cidade. Aos 12 anos de idade, Caboclo recebeu convite de José Bernardo para trabalhar como aprendiz na Tipografia São Francisco. Lá, naquele espaço tipográfico dedicado à poesia popular, bem ao modo das antigas “casas de ofícios” de séculos distantes, o menino foi tornando-se homem enquanto aprendia a ser poeta e desenvolvia conhecimentos sobre produção, editoração e distribuição de folhetos. Quando deixou a Tipografia São Francisco no final da década de 1940, Manoel Caboclo havia acumulado larga experiência no ramo editorial, além de ter aprendido as artes da magia e da astrologia.

“Filho profissional” da Tipografia de José Bernardo, Manoel Caboclo atingiu o ápice de sua carreira a partir de 1966, quando montou a Tipografia Casa dos Horóscopos. Naquele espaço, que com o tempo tornou-se importante página da história das relações entre Juazeiro e o cordel, Caboclo passou a editar e a lançar seus próprios folhetos, como também a publicar obras de outros poetas como João de Cristo Rei e, com o tempo, adquirir os direitos sobre as obras de poetas como Joaquim Batista Sena e José Camelo.

Além de folhetos, a tipografia de Manoel Caboclo editou o exitoso almanaque *O Juízo do Ano*, no qual o autor informava seus leitores sobre os mais variados assuntos da Terra e do Céu, por meio de linguagem que lembrava, em muitos aspectos, as narrativas dos poemas em folhetos. No almanaque *O Juízo do Ano*, o escritor e poeta aproveitava-se para fazer propagandas de seus dotes astrológicos publicando, inclusive, propagandas dos talismãs que vendia e dos horóscopos individuais que fazia por encomenda.

Manoel Caboclo atuou como importante poeta e editor do Juazeiro até o ano de sua morte, em 1996, mesmo ano em que as atividades da Tipografia Casa dos Horóscopos foram definitivamente encerradas. Seus folhetos versavam sobre os mais diversos assuntos, e figuram, entre os seus maiores campeões de vendas, os poemas do ciclo religioso, centrado em torno dos romeiros e da figura do Padre Cícero.

Quando, em 2011, a *Coleção Centenário* republicou seus “cordéis clássicos” com o objetivo de compor um conjunto de poemas que fossem capazes de apresentar memórias sobre Juazeiro do Norte, narrando o “meio do caminho” entre o início da cidade e seu Centenário de Emancipação Política, quatro poemas de Manoel Caboclo foram selecionados para ajudar com essa tarefa. Nesses folhetos, Caboclo narra Juazeiro percorrendo acontecimentos antigos e atuais (para o respectivo tempo de composição de cada poema), ajudando os leitores e ouvintes que viessem a ter contato com tais discursos a partir da *Coleção* a pensarem a cidade em diversas temporalidades.

Em *A visita dos romeiros como era antigamente*, Caboclo conta aos romeiros de seu “agora”, aqueles que se encaminham para o Juazeiro de carro, ônibus, caminhão ou até mesmo avião, como eram as agruras vividas pelos peregrinos que percorriam o sertão a fim de alcançarem a Juazeiro do início do século XX e de receberem uma benção concedida pelo Padre Cícero Romão.

Trinta a quarenta pessoas  
Tomavam a decisão  
De alpercatas nos pés  
Nas costas o matulão  
Uma cabacinha d’água  
Nas costas o matulão

Viajavam quase um mês  
Rompendo pedra e areia  
Ao meio-dia almoçavam  
À noite não tinham ceia  
Cantando sempre o bendito  
Da Mãe de Deus das Candeias

Oh que viagem tirana,  
Fazia o pobre romeiro  
Meio-dia descansava  
Na sombra de um visgueiro  
A noite se agasalhava

No meio do Taboleiro<sup>176</sup>

As narrativas que apresentam um caminho de privações e de provações legitimam a devoção, a resistência e a obstinação dos primeiros romeiros que tudo seriam capazes de superar estando sob o manto de proteção da Mãe das Dores. Quanto mais penoso fosse o percurso, maior seria o merecimento daqueles que peregrinavam ansiando por obter graças, curas e melhores condições terrenas de vida.

Juntos e se ajudando, os antigos romeiros narrados pelo poeta dormiam noites ao relento; faziam fogueiras para protegerem-se do frio e do ataque de animais perigosos; valorizavam e comungavam com o que há de belo e de sublime na natureza sertaneja, como o canto da mãe da lua, o ronco da onça na serra, o grito da arara ou o canto da cigarra, da seriema, da coruja; enfrentavam e superavam o que há de mais duro nessa natureza: a seca. Naquele “deserto”, quando se deparavam com bandos de cangaceiros, mesmo que fosse o bando de Lampião, bastava ao romeiro evocar o nome do “santo do Juazeiro” para que nenhum mal lhe fosse feito, e o prosseguimento da viagem estivesse garantido:

Quando encontrava alguém  
Era tudo cangaceiro  
Que estendia as armas  
E perguntava primeiro:  
Me contem pra onde vão  
Me digam se é romeiro

O pai de família tremendo  
Dizia: Seu capitão  
Garanta nossa família  
Nessa mesma ocasião  
Nós somos todos romeiros  
Do Padre Cícero Romão

O chefe daquele bando  
Ouvindo essa narração  
Respondia: muito bem!...  
Sigam sua direção  
Dê lembranças ao Padre Cícero  
Quem mandou foi Lampião.<sup>177</sup>

<sup>176</sup> CABOCLO E SILVA, Manoel. **A visita dos romeiros como era antigamente**. Fortaleza: IMEPH, 2012a. p. 3.

<sup>177</sup> *Ibid.*, p. 5.

Nos versos do poeta, as dificuldades do caminho também servem para falar sobre a solidariedade típica do sertanejo que, no meio do itinerário, não deixará faltar ao romeiro um prato de comida ou um pouco de água. A ausência de provisões que garantam a sobrevivência por todo o percurso pode parecer ser um problema para olhares incrédulos, mas não configuram ameaça a quem está sob a proteção da providência divina.

Adiante outros diziam  
 – Tanta mulher, tanto homem.  
 Vocês vão pro Juazeiro  
 Vão tudo morrer de fome  
 Se apertar uma seca  
 O que é que vocês comem?

Respondem tudo de vez:  
 – Não temos medo de nada  
 Nossa Senhora das Dores  
 É a nossa advogada  
 Morro quando Deus quiser  
 E a hora for chegada.<sup>178</sup>

A fé e a proteção da Mãe das Dores servem de fiadoras que garantem o sustento dos corpos e das almas pelo caminho. Nesse sentido, se acontecer de alguém negar assistência ao romeiro, o poeta coloca a culpa nas artimanhas do Diabo. Nos versos do cordel, o romeiro de fé sabe detectar tais artimanhas e afastá-las, agradecendo pela desfeita e se afastando para “não dar gosto ao cão”.

Avistaram uma casinha  
 No meio da travessia  
 Pediram uma gota d’água  
 Porém a mulher dizia:  
 – Eu não dou água a ninguém  
 Que a jarra está vazia.

Disseram muito obrigado  
 Não se dá gosto ao cão  
 Quem vai para Juazeiro  
 Vai buscar a salvação  
 Dada pela mãe das dores  
 E o Padim Ciço Romão.<sup>179</sup>

<sup>178</sup> CABOCLO E SILVA, 2012a, p. 6.

<sup>179</sup> Ibid., p. 7.



Findada a jornada, Juazeiro do Norte é, ao mesmo tempo, destino cumprido e recompensa alcançada. É lá que o romeiro encontra o solo sagrado que concede a salvação. Naqueles tempos, nos quais as romarias não ocorriam em datas marcadas por dias estabelecidos pela Igreja, todo dia era dia para que o romeiro pudesse chegar em Juazeiro, orar na Matriz, pagar uma promessa, mas, principalmente, ir ao encontro do Padrinho, ir vê-lo dar a bênção de sua janela. Só, então, a alma estaria renascida, e o corpo estaria revigorado a fim de que o peregrino pudesse trilhar o caminho de volta para casa. Perfazendo as devidas relações entre o “antigamente” e o “hoje”, o poeta nos oferece imagens desse esperado momento:

E meu padrinho morava  
Na rua São José  
Onde hoje é o museu  
Emblema de boa fé  
Ensinando a seus romeiros  
Como ensinava Noé.

Levantava as mãos ao céu  
Pedindo à Virgem Maria  
Para defender os romeiros  
Pela noite e pelo dia  
Em toda parte do mundo  
Defendesse a Romaria.<sup>180</sup>

Da Janela de onde vinham as bênçãos, vinham, também, os conselhos. Conselhos do Padre Cícero que, aliás, de tão ecoados pelos versos desse e de diversos outros folhetos, extrapolaram as fronteiras da literatura de cordel, passando a ser reproduzidos em músicas, peças teatrais e até em obras fílmicas do cinema e da propaganda:

Oh meus amados romeiros  
Tenham bom comportamento  
Perdoem seu inimigo  
Prestem esse juramento  
Perante a mãe de Deus  
E o Divino Sacramento.

Quem matou não mate mais  
Deixe a perversidade  
Não queira ser insolente

---

<sup>180</sup> CABOCLO E SILVA, 2012a, p. 9.

Não maltrate a Divindade  
Que um dia vai prestar contas  
A Deus na eternidade.

Se roubou não roube mais  
Restitua o seu senhor  
Não queira ser desonesto  
Nem perverso enganador  
Se não deixarem os crimes  
Deus castiga com rigor.<sup>181</sup>

Romeiro ou não, o leitor ou ouvinte que se deparar com os versos de Manoel Caboclo será apresentado a imagens poéticas que permitem pensar na Juazeiro de agora e nos possíveis diálogos entre essa e a Juazeiro de outrora, dos tempos do Padre Cícero, presente em carne e osso junto aos romeiros. Os ritos se modificaram, adaptando-se às demandas dos tempos. Os sentidos da romaria não só permanecem como se atualizam e ganham manutenção a partir dos versos que “formulam a cidade”, enquanto chamam para ela os velhos e novos visitantes que, ao retornarem a seus lares, levarão a história de Juazeiro, das romarias e do Padre Cícero. Não por acaso, em outro folheto, composto para comemorar o Centenário da Matriz das Dores, Manoel Caboclo apresenta-se desta maneira:

Manoel Caboclo e Silva  
A cadeia da amizade  
Nos braços da poesia  
O tempo lhe traz saudade  
Escreve o que ver por cá  
Leva pra outra cidade.<sup>182</sup>

Mesmo que nos atenhamos apenas aos poetas e aos folhetos discutidos no corrente capítulo, podemos constatar o enorme potencial que essa pequena reunião de poemas possui no que diz respeito a narrar Juazeiro do Norte. Se levarmos em conta apenas os poetas aqui selecionados para a discussão, e existem diversos outros que também poderiam ser elencados, verificaremos que seus poemas perfazem 18 dos 50 “cordéis clássicos” reunidos pela *Coleção Centenário*. Há, entre os folhetos compostos pelos poetas que fizeram parte da atual discussão, 1 antigo folheto de Leandro Gomes de Barros<sup>183</sup>, 2 folhetos de autoria de José

<sup>181</sup> CABOCLO E SILVA, 2012a, p. 10.

<sup>182</sup> CABOCLO E SILVA, Manoel. **Inauguração, sermão e centenário da Matriz de Juazeiro**. Fortaleza: IMEPH, 2012b. p. 16.

<sup>183</sup> *Juazeiro e o Padre Cícero*.

Bernardo da Silva<sup>184</sup>, 4 títulos de João de Cristo Rei<sup>185</sup>, outros 4 feitos por Manoel Caboclo e Silva<sup>186</sup> e 7 compostos por Expedito Sebastião da Silva<sup>187</sup>, poeta que detém o maior número de folhetos selecionados pela *Coleção*.

Obviamente as escolhas, os recortes, as “seleções dentro das seleções” dos poemas e de seus fragmentos, postos em diálogo com as problematizações conduzidas no corrente estudo, possuem a intenção de direcionar os olhares para determinados aspectos que ajudem a produzir respostas às indagações feitas às fontes.

Se, aqui, a maior das indagações consiste em saber sobre como os folhetos selecionados para fazerem parte dos “cordéis clássicos” da *Coleção Centenário* conseguem narrar memórias sobre Juazeiro, reunindo e combinando facetas caleidoscópicas de sua história entre os períodos da Emancipação e do Centenário, os poemas ora analisados nos oferecem um vislumbre das operações discursivas que permitirão ao leitor ou ouvinte da *Coleção* ir conhecendo, entendendo, experienciando, literariamente, Juazeiro do Norte.

Se outra indagação motivadora do atual capítulo buscou compreender como se deram relações entre “criador e criatura” em Juazeiro do Norte e seus cordéis, os folhetos aqui reunidos para a nossa discussão dizem muito acerca de como a cidade cresceu e se desenvolveu, entre tipografias e folhetos. São folhetos que circularam e foram consumidos em quantidades relevantes, que versejam sobre a Juazeiro dos tempos do Padre Cícero, presente em carne e osso, interagindo junto aos seus romeiros, junto ao povo e às dinâmicas da cidade. Versejam, também, acerca de como Juazeiro continuou o seu caminho de crescimento e de desenvolvimento após o falecimento de seu Patriarca, depois do distanciamento, apenas físico, mas que manteve o Padrinho presente e atuante “em memória e espírito”, junto aos juazeirenses e romeiros, nos processos que deram manutenção à tez sagrada e profana de “sua cidade”. São poemas, ainda, que oferecem versos sobre o próprio cordel, suas tradições, suas operações de feitura ao longo do século XX, seus poetas, suas tipografias e suas estratégias de se fazer chegar ao povo, narrando, sobretudo, aos leitores e ouvintes de suas respectivas

<sup>184</sup> *A pranteada morte do reverendíssimo Padre Cícero Romão Batista; O Cruzeiro do Horto.*

<sup>185</sup> *História da guerra do Juazeiro em 1914; O homem que falou com o Diabo em Juazeiro; O que diz o meu Padrinho Cícero sobre a santa Romaria; Profecia de Padrinho Cícero sobre a Igreja do Horto.*

<sup>186</sup> *A visita dos romeiros como era antigamente; Inauguração, sermão e centenário da Matriz de Juazeiro; O sonho de Frei Damião com o meu Padrinho Cícero de Juazeiro do Norte; Padre Cícero em Roma.*

<sup>187</sup> *A opinião dos romeiros sobre a canonização do Padre Cícero pela Igreja Brasileira; A xilogravura e seus artistas; Centenário da ordenação sacerdotal do Padre Cícero; Cinquentenário de Juazeiro e dados Históricos; Em defesa da memória do Padre Cícero Romão; O progresso e a elevação histórica de Juazeiro do Norte; Resumo biográfico de José Bernardo da Silva.*

épocas ou de “agora” as formas como Juazeiro foi se produzindo enquanto espaço simbioticamente ligado à literatura de folhetos.

E há bem mais a ser explorado sobre os “cordéis clássicos” que, a partir da *Coleção Centenário*, nos permitem contatos com memórias que ajudaram a construir o imaginário sobre Juazeiro nesse “meio do caminho”. Prossigamos por mais algumas dessas histórias.

## 4 NO “MEIO DO CAMINHO”, JUAZEIRO CRESCE E FESTEJA

### 4.1 Narrando o progresso, sonhando o futuro

*“Foi uma festa muito linda! Eu tinha doze anos em 1961 quando a festa aconteceu. Inesquecível! Fiquei tão impressionado que roguei a Deus que me permitisse viver mais cinquenta anos para estar presente na festa do Centenário. E eu pensava: se no Cinquentenário a festa já foi daquele jeito, imagina como será quando Juazeiro completar cem anos?”<sup>188</sup>*

A epígrafe acima transcreve um dos primeiros comentários gravados durante a tarde na qual o professor e memorialista Renato Dantas, um dos responsáveis pela organização da *Coleção Centenário – Literatura de Cordel*, concedeu mais de 5 horas de entrevista em colaboração a esta pesquisa. Assim que ficou sabendo que nesta tese seriam trabalhados cordéis da *Coleção* que ele ajudara a “dar vida”, Dantas fez questão de sublinhar que para ele foi um privilégio poder participar efetivamente das comemorações do Centenário, uma vez que, ainda criança, pôde acompanhar a “Festa do Século”<sup>189</sup>, ocorrida em 1961, em comemoração ao Cinquentenário de Emancipação de Juazeiro do Norte.

Durante essa tarde de conversas e de reativações de memórias, Dantas buscou justificar a opção por organizar uma coletânea de cordéis para as comemorações do Centenário, afirmando que “tudo em Juazeiro tem cordel [...] todos os acontecimentos do Juazeiro acabam virando poema em algum folheto que depois de lançado faz sucesso, [...] assim [...], não há forma melhor de *contar a história de Juazeiro* nesses cem anos do que reunindo as histórias que estão nos folhetos de cordel”<sup>190</sup>. O entrevistado, logo de início, ainda fez questão de lembrar: “se você pretende tratar do Cinquentenário, tem poema sobre ele na *Coleção*, também”<sup>191</sup>.

---

<sup>188</sup> DANTAS, 2020.

<sup>189</sup> Conforme detalharemos mais adiante, a denominação “Festa do Século”, utilizada pelo entrevistado em referência às festividades do Cinquentenário de Emancipação de Juazeiro, na verdade diz respeito apenas aos eventos festivos ocorridos em dezembro de 1961 em decorrência da chegada oficial da energia elétrica de Paulo Afonso àquela cidade. O evento de dezembro, a “Festa do Século”, fechou a série de comemorações que Juazeiro do Norte experimentou naquele ano, embora os festejos do Cinquentenário propriamente dito tenham compreendido diversos eventos entre julho e dezembro de 1961.

<sup>190</sup> DANTAS, 2020.

<sup>191</sup> Ibid.

De fato, ao menos dois poemas pertencentes ao segmento “cordéis clássicos”, da *Coleção Centenário*, oferecem-nos imagens poéticas que buscaram representar em versos não apenas a festa do Cinquentenário de Emancipação Política do Juazeiro, mas, principalmente, registros sobre como era a cidade à época dessa vultosa comemoração, dando ênfase, bem do jeito que o poeta de folhetos sabe fazer, à exitosa trajetória histórica da cidade, sempre pautada na forte influência de seu fundador e padroeiro, o Padre Cícero Romão, e inventariando toda uma série de elementos que, naquele então, seriam capazes de legitimar a Juazeiro por seu progresso contínuo e por suas características modernas e civilizadas.

Um dos dois poemas em questão, *O Progresso e a Elevação Histórica de Juazeiro do Norte*, de Expedito Sebastião da Silva, parece ter sido composto poucos anos após o Cinquentenário, uma vez que em seus versos são enunciadas, também, menções a eventos e personagens políticas posteriores a 1961. Até onde se pôde apurar, o longo poema de 48 páginas e 126 estrofes, com 7 versos cada, foi escrito durante a gestão do prefeito José Mauro Castelo Branco Sampaio (1967-1970), em tempos em que a grande estátua do Padre Cícero (1969), na Colina do Horto, ainda não havia sido construída, embora já estivesse anunciada para um futuro breve, povoando o imaginário e as expectativas da população local e dos romeiros do Juazeiro.

Apesar de esse poema tomar como mote principal o progresso e a “modernidade” desenvolvidos em Juazeiro durante seus anos de existência até a década de 1960, o poeta preocupa-se em sempre representar a cidade a partir da harmoniosa simbiose entre elementos como crescimento, comércio, indústria e progresso e a “tez” religiosa e sagrada que fizeram daquele território a “terra da Mãe de Deus”, “cidade do Padre Cícero”, gestada, crescida e desenvolvida a partir do povo romeiro.

Já nos primeiros versos, o poeta “dialoga com a cidade”, “fala com ela”, em versos que a apresentam e a qualificam a partir de características que buscam reforçar sua dimensão sagrada:

Oh! Juazeiro do Norte  
Tens em ti o santo emblema  
Da religião católica  
E da fé o diadema  
És o divino sacrário  
Fortaleza do rosário

## Da Santa Virgem Suprema

O teu nome é imortal  
 Igual ao da Galileia  
 Dentro da religião  
 É limpa a sua odisseia  
 Então nos dias distantes  
 Os livros mais importantes  
 Viverão sua epopeia

És o responsável porto  
 Da santa Religião  
 A sede da salvação  
 És o forte sustentáculo  
 Venerável tabernáculo  
 Do Padre Cícero Romão<sup>192</sup>

Emblema da religião, diadema da fé, fortaleza do rosário, a Juazeiro do Norte *daquela* tempo presente é enunciada ao povo com um olhar no passado e outro no futuro. Ela é a cidade cujos livros mais importantes contarão a epopeia em um futuro distante, ainda assim, na voz do poeta-devoto, foi, é e sempre será “o venerável tabernáculo do Padre Cícero Romão”. Mesmo que na época de lançamento do poema já houvesse se passado alguns anos desde seu Cinquentenário de Emancipação Política, Juazeiro, terra lendária marcada por pelejas em defesa da fé católica, é lembrada e enunciada por sua última grande comemoração redonda:

É portanto, Juazeiro  
 Cidade cinquentenária  
 Já no Brasil Conhecida  
 Por uma terra lendária  
 Que já enfrentou peleja  
 Defendendo a santa igreja  
 De religião contrária<sup>193</sup>

A “Juazeiro cinquentenária” terá sua história contada ao longo dos versos do poema de Expedito Sebastião, que seguirão pela recorrente estratégia de narrar a cidade a partir de seus principais elementos formadores. Logo após a abertura, na qual Juazeiro é apresentada, as estrofes que compõem o “primeiro ato” da narrativa oferecem ao leitor ou ouvinte imagens do vilarejo do Tabuleiro Grande no século XIX. Daí, o poeta passa a

<sup>192</sup> SEBASTIÃO DA SILVA, 2012a, p. 5.

<sup>193</sup> Ibid., p. 6.

descrever as primeiras moradias; a construção da pequena capela de Nossa Senhora das Dores; a chegada do Padre Cícero (1872); o milagre da Hóstia (1889); a resignada perda de ordens do Padre Cícero; as romarias e seu constante crescimento; o crescimento do comércio; a Emancipação Política (1911); a Sedição do Juazeiro (1914); a morte de Floro Bartholomeu; e, por fim, antes de seguir por outros assuntos, o falecimento do Padre Cícero narrado de modo a sublinhar alguns de seus principais conselhos, ensinamentos e profecias para o futuro.

Sabemos que essa sequência de acontecimentos já foi narrada muitas e muitas vezes nos versos da literatura de folhetos, porém, a cada poema, o que importa é o propósito que se deseja alcançar junto ao público, no momento de seu lançamento e depois dele. Composto, provavelmente, para atender aos romeiros e visitantes que encheriam as ruas do Juazeiro durante as comemorações da inauguração da grande estátua do Horto, o poema de Expedito Sebastião (re)apresenta a trajetória histórica da cidade, inclusive, como forma de legitimar o teor de seus versos, mostrando que o poeta conhece em profundidade de detalhes os fatos da cidade narrada.

Em sua já longa experiência como poeta e “operário da literatura de folhetos”, Expedito Sebastião sabia “de cor” que o poema que narra a cidade em um momento comemorativo tem que contemplar a festa, dar visibilidade aos seus promotores, apresentar a cidade aos visitantes ocasionais e, principalmente, falar com o povo a partir de versos que agradem e atendam às suas expectativas por uma boa narrativa em folheto. Lembremos que isso vem da noção, cara a Expedito, de que o poeta tem que “falar a língua do povo” e agradar.

[...] a pessoa tem que fazer a coisa como ela há de ser e no gosto do povo, a gente escreve não é pra gente, é pra o povo. Se eu vou fazer uma história, não vou fazer de acordo com o que eu gosto não, faço de acordo com o que o povo gosta, porque eu sou escritor, eu não vou escrever a história pra mim, escrevo pra o povo.<sup>194</sup>

Expedito Sebastião da Silva também ficou conhecido por sua devotada fidelidade às normas formais consolidadas pelos poetas da primeira geração da literatura de folhetos. Para Expedito, um bom folheto tinha que dizer o que o povo quer ouvir, mas o poema só seria bom de fato se falasse ao povo a partir de versos que seguissem corretamente as rimas e as

---

<sup>194</sup> KUNZ, 2007, p. 77.



métricas do cordel. A submissão às normas em nada diminuía a qualidade da produção de poetas como Expedito Sebastião. Pelo contrário, legitimava o seu pertencimento a uma coletividade especializada em saber versejar para o cordel. Os principais preceitos a serem seguidos eram, portanto, agradar ao público e seguir as normas. “Afirmava o poeta que sem esses preceitos de ordem formal e ética não havia beleza. Estética e moral andavam juntas”<sup>195</sup>. Em toda a sua obra, Expedito Sebastião inspirou-se nos primeiros mestres da literatura de folhetos, declarou em diversos momentos que, se versejava corretamente, era de tanto ler João Martins de Athayde. Não é por acaso que Expedito é o poeta com o maior número de folhetos entre os “cordéis clássicos” da *Coleção Centenário*:

Expedito deixou uma obra calcada na grande tradição do cordel, de contornos definidos, com vitalidade para enfrentar o tempo. Aproxima-se dos clássicos do gênero, modelo de excelência, referência no futuro. É um clássico, não porque trouxe inovações, muito ao contrário, mas porque se submeteu às normas da literatura de folhetos, que foram fixadas desde o final do século XIX, quando surgiram os primeiros títulos impressos. A filiação não só era reconhecida por ele, como reivindicada. A sujeição aos mestres do passado dignificava mais do que a manifestação de uma singularidade.<sup>196</sup>

Quando se trata de narrar um grande acontecimento, durante ou depois dos eventos sobre os quais Expedito Sebastião tenha versejado, o apreciador da literatura de folhetos terá a oportunidade de levar consigo, para casa, não apenas um poema que representa histórias da cidade em verso mas também um inventário de quem foram seus principais gestores até aquele momento.

No caso do poema ora analisado, o objetivo parece ser apresentar uma Juazeiro “elevada” ao *status* de cidade moderna, em consonância com os grandes centros urbanos interioranos do Brasil ou, mesmo, em relação a algumas capitais. O poeta aproveita, portanto, para mostrar que a cidade não para de crescer. Ele coloca em seus versos a chegada da luz elétrica possibilitada pelo Rio São Francisco, o telefone, a água encanada, descreve as modernas praças, a indústria crescente, o comércio pulsante, as salas de cinema, as escolas, entre outros. Em dado momento, analisa aquele que era o seu presente, comparando-o com o passado recente de então, enquanto olha para o futuro, projetando como será a cidade em seu longínquo Centenário:

---

<sup>195</sup> KUNZ, 2007, p. 81.

<sup>196</sup> *Ibid.*, p. 78.

Quem viu Juazeiro outrora  
 Nota grande diferença  
 Em sua população  
 E na transição imensa  
 Do seu comercio brilhante  
 Que caminha triunfante  
 Progredindo sem detença.

De forma que Juazeiro  
 Continua progredindo  
 No comércio e na Indústria  
 Sempre se evoluindo  
 Se não vier o contrário  
 Daqui para o centenário  
 Terá um destaque lindo.<sup>197</sup>

Como é de costume, quando as coisas do Juazeiro são narradas nos folhetos, a fartura, a bonança e o progresso da cidade não são apresentados ao público como fruto do acaso ou, então, como mero resultado dos “esforços terrenos” de homens e de mulheres quaisquer. A cidade que nasceu como território escolhido pela Mãe das Dores para ser o lugar de salvação do povo de Deus, a Nova Jerusalém, é solo sagrado, predestinado a oferecer sustento e proteção aos seus. Em diversos versos, o poeta faz questão de lembrar que Juazeiro cresceu e tomou corpo a partir dos romeiros que a cada ano chegam mais e mais. O sagrado e o profano encontram nos versos do cordel muito mais pontos de contato e intercessões do que distinções e separações.

No Juazeiro, não há fronteiras bem definidas entre o profano e o sagrado, mas uma relação simbiótica em constante movimento transformador entre esses dois fatores. A personificação maior dessa simbiose será, geralmente, enxergada na personagem do Padre Cícero, o protetor zeloso, o Padrinho, como também o servo incansável, tantas vezes representado em verso como intercessor divino, taumaturgo e profético. Não é à toa que, em dado momento de seu poema, Expedito Sebastião entra “na voz do Padre Cícero” e, em primeira pessoa, passa a narrar profecias que não deixarão dúvidas acerca dos motivos pelos quais a cidade é, na visão do poeta, providencialmente predestinada a progredir:

Porque foi a profecia  
 Do nosso bom conselheiro

---

<sup>197</sup> SEBASTIÃO DA SILVA, 2012a, p. 7.

Que dizia: – Meus irmãos  
 Esse nosso Juazeiro  
 Vai ser tão evoluído  
 Que ficará conhecido  
 Por esse Brasil Inteiro.

Este nosso Juazeiro  
 Vai duma forma aumentar  
 Que lá na Lagoa Seca  
 Com certeza vai ficar  
 O seu prédio derradeiro  
 Então o pobre romeiro  
 Daí além vai morar.

E esta terra aumenta  
 Sem ter interrupção  
 Que fará forçosamente  
 Com Barbalha a ligação  
 Nesse mesmo tempo exato  
 Há de fazer com o Crato  
 A mesma combinação<sup>198</sup>

Na voz do Padre Cícero, o poeta profetiza o crescimento incessante, prevendo, inclusive, a hoje famosa união espacial entre as três principais municipalidades do Vale do Cariri, tendo, como não poderia deixar de ser, Juazeiro como centro agregador.

Tais enunciações proféticas sobre o progresso de Juazeiro fazem lembrar toda uma série de eventos, contados anedoticamente, circulantes até os dias atuais entre o povo da cidade e seus visitantes. Uma dessas anedotas, narrada por memorialistas ou, mesmo, de boca em boca, por várias décadas, está relacionada à construção, em 1926, da Estação Ferroviária da cidade, incontestemente símbolo de modernidade e de progresso à época.

Desde o século XIX, a ferrovia habitava em um imaginário que a colocava na posição de “maravilhosa invenção da ciência que trazia desenvolvimento e mais substância para a integração territorial da nação”<sup>199</sup>. Naqueles anos, os trilhos das ferrovias representavam inventos da tecnologia moderna em consonância com a evolução dos tempos, portanto, poderiam ajudar a afastar de Juazeiro a imagem de cidade “atrasada” e marcada pelo “fanatismo” dos romeiros do Padre Cícero. Ainda assim, a indissociável relação entre o sagrado e o profano encontrados nas formas de narrar Juazeiro apresentaram-se nas ligações entre a chegada desse elemento de progresso à cidade e os divinos dons proféticos de seu

<sup>198</sup> SEBASTIÃO DA SILVA, 2012a, p. 25.

<sup>199</sup> RAMOS, 2014a, p. 376.

patriarca: na forma como se costuma narrar essa história, a Estação Ferroviária seria, inicialmente, construída no entorno da Praça Almirante Alexandrino, bem na área central da cidade. O Padre Cícero, porém, fez prevalecer sua vontade de que a Estação fosse construída numa área distante do Centro. Terminou entrando para o anedotário de Juazeiro que o Padre estaria prevendo o crescimento da cidade e já se preparando para quando ele chegasse.<sup>200</sup>

Em seu poema, Expedito Sebastião segue colocando em versos a profecia onde o Padre prevê a própria morte, uma “breve viagem” - uma vez que não se concebe a ausência definitiva do Padrinho - e o seu retorno. Entre um acontecimento e outro, o que o poema nos apresenta e o que ficará aos leitores e ouvintes é o incontestável progresso de Juazeiro do Norte.

Farei uma breve viagem  
Pra qual estou decidido  
Porém quando eu voltar  
A este torrão querido  
Aqui ficarei, talvez  
Mas por nenhum de vocês  
Não serei reconhecido.

Juazeiro estará outro  
Quando eu aqui voltar  
Eu sem ser reconhecido  
Sozinho irei me sentar  
Numa porta de igreja  
Uma pessoa que seja  
Comigo não vem falar.

Suplico aos meus romeiros  
Que após minha partida  
Não esqueçam do Rosário  
Da virgem Mãe Concebida  
Quem fizer o que eu digo  
Encontrará um abrigo  
Eterno na outra vida.<sup>201</sup>

Aqui vale refletirmos sobre o multifacetado potencial que um poema como o ora analisado possui enquanto produtor de discursos que funcionarão de diferentes maneiras, a depender dos diversos tempos, públicos e intencionalidades com os quais se deparem. No caso das análises que buscamos construir, é importante levarmos em conta que esse é um poema produzido na década de 1960 e que circulou, inicialmente, com a finalidade de

<sup>200</sup> RAMOS, 2014a, p. 375-376.

<sup>201</sup> SEBASTIÃO DA SILVA, 2012a, p. 26.

(re)apresentar a Juazeiro de seu tempo para as pessoas que, naquele momento, viessem a experimentar a cidade. Nesse ínterim, as representações oferecidas ajudaram a construir o imaginário sobre a cidade, dando manutenção aos sentidos atribuídos às suas personagens e aos seus lugares e acontecimentos.

Quase 50 anos mais tarde, reeditado e tipificado como “cordel clássico”, pertencente a uma coletânea comemorativa de 100 cordéis e reunidos a partir da intenção de narrar a trajetória histórica de Juazeiro do Norte nos 100 anos entre sua Emancipação Política e o início do século XXI, o poema passa a atender a novas demandas, podendo ser consumido a partir de outros olhares e sentidos. Em 2011, as ricas imagens poéticas que representam a “Juazeiro cinquentenária” permitem que se reflita sobre as permanências perceptíveis acerca das tradições que se mantiveram existentes, tendo ou não sido reinventadas e modificadas pelo tempo. Será possível, também, perceber como a cidade mudou e prosperou, e, ainda, o quanto as projeções de crescimento e os horizontes de expectativas enunciados à época do Cinquentenário concretizaram-se, desviaram-se ou foram além do esperado.

O leitor ou ouvinte, atento, poderá refletir sobre como os poetas do Juazeiro do século anterior narravam sua cidade e como eles enxergavam os habitantes, os romeiros, as personagens ilustres, as dinâmicas sociais e econômicas, as práticas culturais e as subjetividades do tecido que compunha a Juazeiro de então. Essa operação de pensar “as Juazeiros”, do tempo do poema e do tempo da *Coleção Centenário*, serve-nos, principalmente, quando voltamos nossos olhares aos poemas que receberam a missão de narrar o percurso, o “meio do caminho” até o Centenário.

Esse que é um poema no qual Expedito Sebastião inicia seus versos fazendo menção ao Cinquentenário, segue contando a história do Juazeiro, inventaria e apresenta seus avanços e conquistas naquele tempo presente. As últimas estrofes destinam-se a convidar o romeiro, principal leitor ou ouvinte de seus versos, a participar de mais uma comemoração, mais uma “festiva ocasião” entre tantas que, continuamente, marcaram e marcarão as dinâmicas da cidade. Dessa vez, a festa comemorará a inauguração da grande estátua do Padre Cícero Romão no alto do Horto, estátua que, como sugere o poeta, contribuirá para manter o Padre Cícero “imortal” em memória. É lá na festa, em que centenas de pessoas estarão reunidas, que o folheto de cordel será lançado, apresentado, circulará, se tornará famoso e sobreviverá tantos anos que um dia será chamado de “cordel clássico”:

Romeiros estejam presentes  
 Na festiva ocasião  
 Que vai haver lá no Horto  
 Na grande colocação  
 Da estátua escultural  
 Com a figura imortal  
 Do Padre Cícero Romão.

Nesse dia Juazeiro  
 Vibrará muito contente  
 Por receber com orgulho  
 Esse presente eminente  
 Por isso também deseja  
 Que quem for romeiro esteja  
 Nessa data aqui presente.

Finalmente esta cidade  
 Todo dia dá um passo  
 Na estrada do progresso  
 Sem encontrar embaraço  
 É igualmente uma estrela  
 Que todo mundo quer vê-la  
 Brilhando lá no espaço.<sup>202</sup>

O leitor ou ouvinte a quem forem apresentadas essas estrofes, a partir da *Coleção Centenário*, em 2011, provavelmente terá tido contato prévio com o grande monumento do Horto, já convertido nesses tempos em “cartão postal” da cidade, símbolo imagético primeiro a vir à cabeça de milhares de pessoas quando pensam em Juazeiro do Norte naquele início do século XXI. Relançado em decorrência de outro grande momento festivo – o Centenário –, o poema apresentará a Juazeiro de outro tempo, mas, ainda assim, uma Juazeiro envolta em algumas das festas que dão manutenção às tessituras da cidade que está sempre inaugurando, recordando, repetindo, reinventando e ritualizando as coisas que são capazes de mantê-la “viva”, “pulsante”.

*Cinquentenário de Juazeiro e dados históricos* é outro folheto de Expedito Sebastião Batista<sup>203</sup> republicado entre os “cordéis clássicos” da *Coleção Centenário*. O poema

<sup>202</sup> SEBASTIÃO DA SILVA, 2012a, p. 47.

<sup>203</sup> No folheto reeditado pela *Coleção Centenário*, a autoria do poema é atribuída ao seu editor, José Bernardo da Silva. Como as capas dos folhetos da *Coleção Centenário* foram todas refeitas a fim de apresentarem xilogravuras inéditas, o folheto das edições de 2011-2012 traz em sua capa apenas um quadro escuro onde se lê, em letras brancas, “50 Anos - 50 Anos Juazeiro do Norte 1911 – 1961” (ver Figura15). Ocorre, porém, que, na capa da edição de 1961, o folheto trazia a inscrição “autor: Expedito Sebastião da Silva” (ver Figura14). Essa evidência soma-se à constatação de que esse poema oferece estrofes cujo conteúdo foi repetido em poema posterior de Expedito Sebastião da Silva (*O progresso e a elevação histórica de Juazeiro*

conquistou notoriedade ao dedicar-se mais especificamente ao Cinquentenário de Juazeiro do Norte, à narração da festa e à apresentação da cidade na forma como ela se encontrava em 1961.

Dentro da premissa primeira de “escrever para o povo”, ambos os poemas, até o momento abordados nesse tópico, parecem ter buscado atender às demandas, então existentes, por produção de discursos que promovessem Juazeiro do Norte como cidade desenvolvida, habitada e praticada por “gente civilizada” – no sentido moderno da expressão – cidade que cresceu muito e abraçou o progresso, sem perder sua identidade ligada a todo um repertório simbólico de práticas religiosas que imbricam suas dimensões sagrada e profana.

Essa emergência por ser representada a partir dos elementos *modernidade*, *prosperidade* e *progresso* parece ter perdurado, ainda, por bastante tempo desde as primeiras décadas do século XX, época em que detratores qualificavam Juazeiro do Norte como “antro de fanáticos”, terra que se constituiu atraindo “gente mística e incivilizada”. Uma vez que, desde a passagem do século XIX para o XX, livros e artigos de detratores do Juazeiro trataram aquela cidade sertaneja como lugar de atraso, fanatismo e rudeza, naturalizando imagens negativas acerca do sertão e de seu povo, em contraponto ao progresso que seria marca identitária do litoral. Mesmo décadas mais tarde, acontecimentos como o da comemoração do Cinquentenário serviram como oportunidade para que se pudesse desnaturalizar tais estereótipos, ressignificando a cidade por sua sintonia com o que há de “melhor” nas urbes “modernas”.

Foi assim que, em 1961, a Editora de José Bernardo da Silva publicou o folheto, assinado por Expedito Sebastião da Silva, que buscava comemorar o progresso daquela que, no poema, foi definida como “maior cidade do interior cearense”, historicizando sua trajetória a partir de imagens de crescimento e de progresso, que não deixassem de valorizar a dimensão sagrada do território, suas romarias e a figura do Padre Cícero, padroeiro e fundador.

---

*do Norte*), nos fazendo deduzir ser ele o autor e José Bernardo da Silva apenas o editor que produziu os folhetos a partir de sua tipografia. Ajudando-nos, no presente, a elucidar o referido dilema por atribuição de autoria, o próprio poeta, na década de 1990, forneceu declaração explicando como as coisas aconteciam inúmeras vezes: “Eu não ligo não de juntar esse negócio de originais. Nunca liguei não. Olha, pra melhor lhe dizer, eu escrevia esses folhetos anteriormente, nunca botava meu nome em capa de folheto. O velho Zé Bernardo ficava grosso comigo. Escrevia só por esporte. Como hoje mesmo, ainda escrevo por esporte”. Ver KUNZ, Martine. Expedito Sebastião da Silva: poeta-artesão de Juazeiro do Norte. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 27, n. 1/2, p. 64-72, 1996. p. 66.

A capa da edição de 1961 oferecia ao leitor uma xilogravura que apresentava um quadro dividido ao meio por uma faixa na qual se lia “Cinquentenário do Juazeiro”. Na metade superior desse quadro, logo abaixo de uma legenda contendo o texto “Juazeiro em 1911”, uma imagem do Padre Cícero ostentava à sua direita um campo aberto de caatinga, alguns mandacarus, os pés de Juazeiros que figuram na história de origem da cidade, casas simples em referência às primeiras moradias do lugar e um pequeno templo representando a primeira Capela de Nossa Senhora das Dores. Na parte inferior da imagem, legendada pelo texto “Juazeiro em 1961”, símbolos de modernidade mostram uma cidade calçada, com ruas alinhadas, prédios altos, automóveis nas ruas e, até, um avião sobrevoando a paisagem, provavelmente em referência ao Aeroporto Regional do Cariri, inaugurado 7 anos antes em Juazeiro do Norte. A capa de 1961, aliás, traz bem mais elementos narrativos do que a capa que foi adotada no folheto reeditado pela *Coleção Centenário*, em 2011-2012.

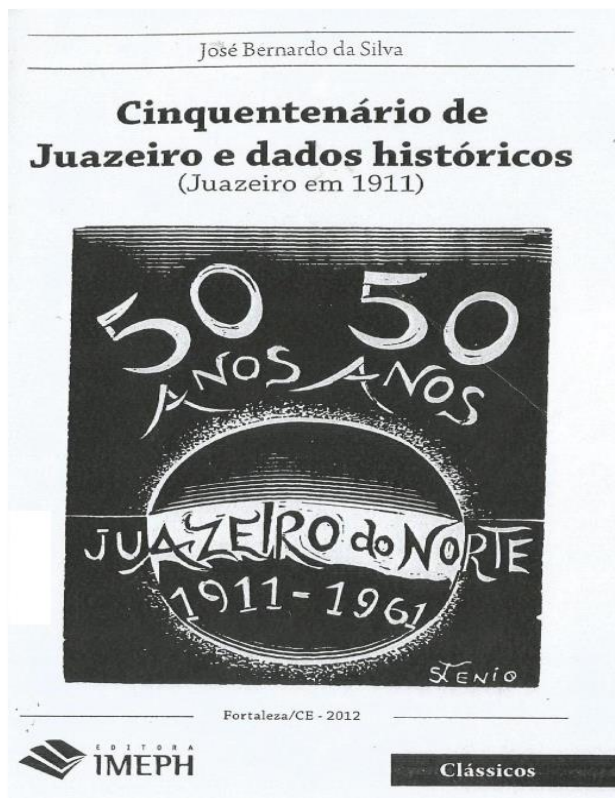
Figura 14 – Folheto *Cinquentenário de Juazeiro e dados históricos*, capa editada em 1961, indicando a autoria de Expedito Sebastião da Silva



Fonte: Acervo pessoal do autor



Figura 15 – Folheto *Cinquentenário de Juazeiro e dados históricos*, capa editada em 2012, indicando a autoria do editor José Bernardo da Silva



Fonte: Acervo pessoal do autor

O poema é iniciado em clima festivo, dando “viva” à cidade que é narrada a partir do frescor de sua juventude. Logo nas primeiras estrofes, Juazeiro é apresentada aos “que vêm de fora” como cidade tranquila, de gente mansa, civilizada, e que rapidamente cresceu muito:

Viva o nosso Juazeiro  
 A jovem e grande cidade  
 Surgiu seu dia festivo  
 Cheio de tranquilidade  
 Despertando regozijo  
 Nos braços da liberdade.

O Juazeiro do Norte  
 Cidade cinquentenária  
 Em pouco tempo cresceu  
 De forma extraordinária  
 O seu passado em conjunto  
 Fez-lhe uma terra lendária.

O povo que vem de fora  
 De observar não se cansa

A alta civilidade  
 Desta gente boa e mansa  
 Como também o progresso  
 Desta cidade criança.<sup>204</sup>

Editado poucos anos antes do primeiro poema discutido neste tópico<sup>205</sup>, o folheto que buscou representar Juazeiro do Norte na época de sua festa de Cinquentenário parece ter oferecido ao seu público sextilhas cujos conteúdos foram, posteriormente, repetidos nas setilhas do cordel que o sucedeu. São muito semelhantes as narrativas e estratégias poéticas construídas nas primeiras metades de ambos os folhetos. Aliás, esse tipo de repetição e de reutilização de narrativas não é algo raro entre folhetos do cordel, uma vez que uns poemas vão influenciando os outros ao longo do tempo, a partir de uma espécie de “peneira poética” que tenderá a reenunciar e a atualizar, em novos folhetos, as narrativas que, em poemas anteriores, obtiveram aceitação e sucesso junto ao público, adaptando-as às novas demandas de cada tempo de produção.

Tal poema inicia apresentando a Juazeiro em festa; em seguida, a cidade é “historiada” por meio dos tradicionais elementos sociais, políticos e religiosos que se configuraram no tempo como “obrigatórios”, quando se narra a “cidade do Padre Cícero”; desse ponto, o poeta passa a descrever o desenvolvimento de Juazeiro até o tempo presente (1961); posteriormente, vem a narração da Festa do Cinquentenário – temática principal do folheto; para finalizar, as últimas páginas do folheto são dedicadas a apresentar um inventário dos elementos que, naquele tempo, faziam de Juazeiro do Norte uma cidade civilizada, moderna, progressista.

Comparados com os eventos narrados no poema de 1969, no que diz respeito a contar a história do desenvolvimento da cidade, uma das poucas diferenças encontradas no folheto de 1961 está na forma como Expedito Sebastião utiliza-se de certas anedotas capazes de agregarem, em torno de si, processos e conjunturas históricas complexas, simplificando-as pedagogicamente, sem que se perca a sua essência de sentidos. O objetivo nesses casos é que o público assimile, com certa facilidade, o desenrolar dos acontecimentos.

<sup>204</sup> BERNARDO DA SILVA, 2012b, p. 1-2.

<sup>205</sup> *Cinquentenário de Juazeiro e dados Históricos* foi lançado pela primeira vez em 1961. Já *O progresso e a elevação histórica de Juazeiro do Norte* foi lançado em 1969, em decorrência da inauguração da estátua do Padre Cícero na Colina do Horto.

É o que acontece, por exemplo, quando o poeta se dedica a contar que o Padre Cícero, ao tornar-se capelão do Juazeiro, “purificou” a cidade, extirpando de seus habitantes os vícios e os maus costumes. Se o intuito era mostrar que Juazeiro foi “consertada” logo de início pelo jovem capelão, tendo sido colocada no caminho designado pela Mãe das Dores, a fim de que ali pudesse florescer a Nova Jerusalém, era preciso que o público fosse, antes, informado acerca de como o Padre encontrou o vilarejo quando lá chegou:

Os moradores dali  
 Farravam noite e dia  
 E levavam a vida assim  
 No pecado e na orgia  
 Tanto que na capelinha  
 Lá um ou outro é que ia.

O Padre Cícero tomando  
 Isso em consideração  
 Chamou seus paroquianos  
 Pediu-os sem alteração  
 Que deixassem aquela orgia  
 Buscassem a religião.

Muitos não atenderam  
 Do Padre Cícero o pedido  
 Continuaram de novo  
 Naquele trilho perdido  
 Farrando dia e noite  
 No lodo submergido.<sup>206</sup>

Logo em seguida, no lugar de uma longa explicação ou de um enredo repleto de idas e vindas, carregadas de personagens secundárias ou tramas paralelas, o cordel resolve-se, como de costume, a partir de toda a simplicidade que pode haver em uma história contada de maneira direta, sem arroudeios. Aqui, por meio da narrativa anedótica de um fato exemplar, o leitor ou ouvinte é convidado a seguir pelo enredo, compreender tudo com clareza e se divertir:

Uma certa noite o Padre  
 Saiu sozinho calado  
 Chegando num dos mocambos  
 Estava o samba travado  
 Ele aí entrou na sala

<sup>206</sup> BERNARDO DA SILVA, 2012b, p. 6-7.

Já completamente irado.

Tomou uma concertina  
E sobre o chão atirou  
Depois botou entre os pés  
Puxou com força e rasgou  
E logo ao fazê-la em trapos  
Botou no solo e pisou.

Logo após saiu tomando  
Todo instrumento que havia  
Então pegava e quebrava  
E ninguém nada dizia  
Todo mundo intimidado  
Em vez de falar tremia.

Daí ficou ele tendo  
A suprema autonomia  
Sobre seus paroquianos  
E o que quisesse fazia  
Ficaram lhe obedecendo  
Da forma que merecia.<sup>207</sup>

Embaladas pelos feitos do Padre Cícero Romão, são necessárias poucas estrofes para narrar como a cidade “entrou nos trilhos”, converteu-se na direção predestinada pela Mãe de Deus e viu pavimentado o caminho que levou, anos mais tarde, ao júbilo e ao progresso que é desenhado, em versos, como sendo recompensa por uma trajetória histórica pautada em fé, trabalho e devoção.

O poema, aliás, busca legitimar o crescimento da cidade a partir da tríade: milagre, romaria e progresso. O milagre da Hóstia convertida em sangue na boca da Beata Maria de Araújo é o ponto inicial de uma espiral de acontecimentos que, mediados pela atuação do Padre Cícero, atrairá milhares de romeiros em uma crescente exponencial; os romeiros, por sua vez, fomentarão o artesanato, o comércio e a economia pulsante que atrairão pessoas e investimentos econômicos das mais diversas naturezas.

Espalhou-se geralmente  
Esta notícia ligeiro  
Que o sangue precioso  
Fora visto em Juazeiro  
Desse dia para cá  
começou a chegar romeiro

---

<sup>207</sup> BERNARDO DA SILVA, 2012b, p. 7-8.

O Padre Cícero abraçava  
 Aquelas almas fiéis  
 Que com fé viva ali estavam  
 Vindas de tão longe a pés  
 Rompendo com sacrifícios  
 Os tormentos mais cruéis

-----  
 Assim devido o Milagre  
 Que o Padre Cícero Romão  
 Operava todo dia  
 Foi chamando a atenção  
 Dos sertanejos católicos  
 De todo o alto sertão<sup>208</sup>

Nem sempre foi possível aos poetas de folhetos narrarem com tanta tranquilidade e naturalidade os milagres ocorridos em 1889, conhecidos desde então como “os fatos do Juazeiro”.

Se fizermos uma pesquisa em busca de poemas em cordel que narrem os milagres ocorridos nas diversas vezes em que a hóstia consagrada converteu-se em sangue, na boca da Beata Maria de Araújo, durante a missa, no momento em que o Padre Cícero concedia-lhe a Eucaristia, constataremos que eles são praticamente inexistentes nos anos imediatamente posteriores aos acontecimentos.

Verificaremos, aliás, que se passaram décadas até que fossem representadas em folhetos as histórias envolvendo a transformação da hóstia em sangue, bem como narrativas que pudessem discorrer acerca dos muitos desdobramentos que esses fatos produziram, não apenas sobre a história do Padre Cícero mas também na constituição sociocultural de Juazeiro do Norte, de seu povo e de seus romeiros. Esse silêncio, esse hiato, não ocorreu por acaso.

Os poemas em folhetos a mencionarem os “fatos do Juazeiro” começaram a ser produzidos e oferecidos ao público a partir da década de 1950. Provavelmente, a expiração desse interregno entre o tempo dos acontecimentos e a produção de cordéis sobre o tema deveu-se às formas como as dinâmicas sociais, com o passar do tempo, foram capazes de dar manutenção à circulação de histórias contadas sobre esses eventos, bem como trataram de amenizar e de demonstrar prescritas as punições impostas pela Igreja, desde o final de século XIX, àqueles que propagassem histórias envolvendo os milagres de 1889.

---

<sup>208</sup> BERNARDO DA SILVA, 2012b, p. 9.

Sabemos que eventos fantásticos, sobrenaturais, ocorridos publicamente, costumam ser “prato cheio” para um bom poeta de folhetos em qualquer época. Tal constatação poderia levar-nos a questionar, então, por quais motivos acontecimentos tão impactantes como os milagres do Juazeiro teriam sido silenciados por tanto tempo nos versos do cordel. Martine Kunz buscou refletir sobre esse silêncio apresentando-nos o veredito da Sagrada Inquisição Romana Universal (1894) que tratava os fatos do Juazeiro como “prodígios vãos e supersticiosos”. O medo da repressão e da exclusão espiritual sofrido por parte dos poetas populares torna-se mais compreensível quando lemos dois dos artigos da Segunda Carta Pastoral de Dom Joaquim.

Artigo 3: - Todos os documentos escritos e impressos que tenham por fim defender as pessoas e os fatos citados, assim como as medalhas e fotografias devem ser recolhidos e queimados.

Artigo 4: - Os padres e leigos que falarem ou escreverem em defesa dos pretensos milagres incorrerão nas penas, respectivamente, de suspensão de ordens e privação dos sacramentos.<sup>209</sup>

Não obstante a tais restrições por parte do Catolicismo Oficial, podemos especular sobre o quanto o silêncio dos poetas populares acerca dos milagres de 1889 pode, também, ter sofrido influências das memórias circulantes ligadas às repressões violentas, exercidas pelos poderes públicos, com o aval da Igreja, a movimentos messiânicos do século XIX, como os da Cidade do Paraíso Terrestre (1817), de Pedra Bonita (1838) ou de Canudos (1897)<sup>210</sup>.

Foi apenas a partir dos anos de 1950 que começou a ser publicado o folheto *Verdades Incontestáveis ou A Voz dos Romeiros*, poema sem autoria explicitamente indicada que, pela primeira vez, serviu ao propósito de “dar voz” às indignações dos romeiros no que diz respeito aos discursos que poriam em questão os acontecimentos em torno dos milagres de 1889 e dos papéis do Padre Cícero nos eventos que se desenrolaram desde então. Escrito por Expedito Sebastião da Silva “a pedido dos romeiros do Juazeiro”, o poema “reage ao artigo *O apostolado do embuste*<sup>211</sup>”, de autoria do padre Antônio Gomes de Araújo, forte detrator da imagem do Padre Cícero após a sua morte.

---

<sup>209</sup> KUNZ, 2001, p. 20.

<sup>210</sup> POTIER, 2016.

<sup>211</sup> ARAÚJO, Antônio Gomes de. **O apostolado do embuste**. Crato: Revista Itaytera, 1965.

Devoto do Padre Cícero, filho de romeiros, Expedito Sebastião, em nome daquilo que seria a vontade dos romeiros de Juazeiro, quebrou o silêncio e narrou em versos os milagres protagonizados pela, até então quase nunca mencionada, Beata Maria de Araújo. Como estratégia narrativa, o poeta evocou a autoridade dos “doutores” que, à época dos milagres, a partir de testes e análises, tornariam “incontestável para o mundo” aquilo que já era “caso resolvido e acabado” para os romeiros:

Pois saiba que apareceu  
Na hora que comungava  
Maria de Araújo  
A hóstia se transformava  
Em sangue na boca dela  
Que a capela incensava

Vieram vários doutores  
Para o fato averiguar  
Fizeram vários exames  
Queriam certificar  
Mas na boca da beata  
Nada puderam encontrar

O seu sistema bucal  
Era normal e perfeito  
Sem uma cárie sequer  
Sem ter nos dentes um defeito  
Mas sempre na comunhão  
Dando-se do mesmo jeito<sup>212</sup>

O poeta que cresceu embalado pelas mil e uma histórias sobre o sacerdote taumaturgo do Juazeiro, ao que tudo indica, no momento de compor o poema em questão, aderiu aos descontentamentos dos romeiros e buscou denunciar aquilo que estava sendo considerado calúnia contra o santo do Juazeiro. Na contracapa do folheto analisado, uma reedição capaz de indicar que o poema agradou o povo e vendeu bem, encontramos o seguinte texto explicativo: “A pedido dos romeiros da terra do Padre Cícero, fomos forçados a publicar novamente este tosco livreto, rebatendo dentro da norma, ‘O apostolado do embuste’, defendendo assim uma sagrada memória<sup>213</sup>”.

<sup>212</sup> SEBASTIÃO DA SILVA, Expedito. **Verdades Incontestáveis ou A Voz dos Romeiros**. Juazeiro do Norte: Tipografia São Francisco, 1956. p. 3.

<sup>213</sup> *Ibid.*, p. 1.

Nessa pequena nota explicativa, Expedito Sebastião faz questão de enfatizar que rebaterá as calúnias contra o Padre Cícero, sempre respeitando as normas da literatura de folhetos, algo que, como já vimos, esse poeta perseguiu com preciosismo e que se tornou marca de sua obra. Vale observar que a defesa da “sagrada memória” do Padre é anunciada de modo a nunca o desvincular do espaço do Juazeiro. A defesa aqui não é apenas ao homem, mas às memórias que ele produziu a partir de sua cidade. Não é à toa que aqueles a quem o poema é atribuído em seu título e em sua autoria indireta, “os romeiros da terra do Padre Cícero”, são os mesmos que seriam capazes de enxergar os prodígios do Juazeiro com os olhos da devoção e da fé.

Ao circularem, tais versos não apenas agradaram o povo, não somente denunciam as “calúnias” apresentadas naquele artigo do padre Antônio Gomes, mas, principalmente, tornaram flagrante para todo aquele que se decidisse a questionar a santidade do Padre Cícero Romão e a fé do povo romeiro nos milagres por ele operados.

Aqui padre Manoel Gomes  
 Nem que a vida nos custe  
 Por ser o nosso direito  
 Eu lhe peço não se assuste  
 Viemos só rebater  
 “O apostolado do embuste”

Pe. Gomes perdoai  
 A minha Rude Expressão  
 Sou matuto e o senhor  
 Homem de grande instrução  
 Cada um demonstra o que tem  
 No íntimo do coração<sup>214</sup>

O poeta demonstra seu respeito à autoridade do padre Manoel Gomes ao mesmo tempo em que, com palavras firmes, lhe chama a atenção e reivindica o devido respeito pela fé dos romeiros, “nem que a vida nos custe”. A defesa tácita à memória da Beata Maria de Araújo vem acompanhada de um pedido de perdão que, mesmo reconhecendo o respeito que se deve a um sacerdote da igreja, não deixa de mencionar uma forma de “vingança”, pacífica, que utiliza como “arma divina” o sagrado rosário da Mãe de Deus:

---

<sup>214</sup> SEBASTIÃO DA SILVA, 1956, p. 5.



Não fale mal da memória  
 De uma santa beata  
 Com falsas acusações  
 Lhe peço não a combata  
 Ela não lhe ofendeu  
 Porque é que a maltrata?

Padre Gomes me perdoa  
 Eu só disse o necessário  
 Deus me livre de falar  
 E maltratar um vigário  
 A vingança dos romeiros  
 É só rezar o rosário<sup>215</sup>

Em poema posterior, dirigido a outro padre escritor, Expedito Sebastião não parece ter guardado o mesmo tipo de decoro em suas argumentações.<sup>216</sup> Talvez por buscar equiparar o tom da defesa ao peso dos ataques ao Padre Cícero, o poeta repreende, com palavras duras, autor e obra cujo fim seria a depreciação da memória do “santo do Juazeiro”. Contra o detrator do Padre Cícero, Expedito Sebastião não poupou adjetivações fortes: “mesquinho”, “herege”, “Caim”, “escritorzinho vulgar” e “despeitado” são alguns dos qualificadores utilizados ao longo do poema. Referindo-se ao tal livro, o poeta ainda avalia: “No seu imundo vasculho / Pois aquilo não é livro / E sim feze de entulho”<sup>217</sup>. A contundente defesa à memória do Padre Cícero circula há décadas, falando aos que, porventura, pensem em questionar a honra do padroeiro do Juazeiro. Os versos do folheto tiveram o tônus reforçado ao serem selecionados entre os folhetos que, em 2011-2012, compuseram a *Coleção Centenário*:

Não sei como neste mundo  
 Um infame cafajeste  
 Fala mal do Padre Cícero  
 “O apóstolo do Nordeste”  
 O qual rogado por nós  
 Vive no reino celeste

Porque um herege desses

<sup>215</sup> SEBASTIÃO DA SILVA, 1956, p. 3.

<sup>216</sup> Em nenhum verso do poema, Expedito Sebastião da Silva explicita à qual livro está se referindo, nem tampouco quem é o seu autor. A conclusão de que o escritor do tal livro seria um padre encontra-se em uma breve menção, na antepenúltima estrofe do poema, onde se lê: “Se você na sua vida / já foi padre me admira / Será que o que aprendeu / foi incentivar a ira / Escrever contra um santo / Um livro só de mentira?”.

<sup>217</sup> SEBASTIÃO DA SILVA, Expedito. **Em defesa da Memória do Pe. Cícero – O apóstolo do Nordeste**. Juazeiro do Norte: 1983. p. 2. Também em: SEBASTIÃO DA SILVA, Expedito Sebastião. **Em defesa da Memória do Pe. Cícero – O apóstolo do Nordeste**. Fortaleza: IMEPH, 2012c. p. 4.

De instinto de Caim  
 Se quer ser bom escritor  
 Não difame tanto assim  
 O Padre Cícero Romão  
 Em um livro tão ruim

Se quis escrever um livro  
 Sobre o nosso conselheiro  
 Porque pra fazer pesquisa  
 Aqui não veio primeiro  
 Pra saber quem foi em vida  
 O Santo do Juazeiro<sup>218</sup>

Logo na terceira estrofe do poema, uma recomendação interessante: se quiser escrever sobre o Padre Cícero, se quiser compreender a essência do santo e dos seus milagres, venha a Juazeiro! Faça sua pesquisa a partir do território sagrado, da cidade que precisa ser sentida, experienciada. Venha ouvir os romeiros, conhecer os lugares de culto e de devoção, ouvir as muitas histórias narradas, quase sempre como se tivessem sido testemunhadas por aquele que narra. Afinal, as narrativas sobre o primeiro milagre ligam-se a todas as outras que definem Juazeiro como lugar criado por Deus e Maria para ser local de devoção e de salvação para os que creem.

Mesmo mais de 100 anos após os primeiros milagres do Juazeiro, o assunto continuava a ser considerado polêmico entre os poetas da cidade. Se Expedito Sebastião ajudou a abrir caminho a fim de que o assunto deixasse de ser um tabu para a literatura de folhetos, as memórias acerca das interdições impostas pela Igreja em relação à figura da Beata Maria de Araújo, aos milagres da Hóstia e ao papel do Padre Cícero nos acontecimentos permaneceram ativas, mesmo que ressignificadas e opacas, por muito tempo, como se pode verificar nas estrofes iniciais do folheto *Milagre do Padre Cícero e Maria de Araújo*<sup>219</sup>, de Severino José da Silva, o “Severino do Horto”, poeta-devoto contemporâneo de Expedito Sebastião e Manoel Caboclo que, quando editou pela primeira vez esse folheto, em 1991, ainda demonstrava cautela em versejar sobre os primeiros milagres:

Botei a pena na mão  
 Com o coração nervoso  
 Para descrever em versos

<sup>218</sup> SEBASTIÃO DA SILVA, 1983, p. 1; SEBASTIÃO DA SILVA, 1983, p. 3.

<sup>219</sup> JOSÉ DA SILVA, Severino (Severino do Horto). **Milagre do Padre Cícero e Maria de Araújo**. Fortaleza: IMEPH, 2012. 20 p.

Um assunto melindroso  
 Desta verdade eu não fujo  
 Sobre Maria de Araújo  
 E o sangue misterioso.

No ano de oitenta e nove  
 Padrinho Cícero Romão  
 Celebrava na matriz  
 No altar do coração  
 De Jesus que não tem falha  
 O sangue banhou a toalha  
 Caindo pingos no chão.<sup>220</sup>

Seguindo pela trilha das relações entre a publicação de cordéis e as datas redondas, vale observar que, em 2011, quando a *Coleção Centenário* republicou esse folheto junto aos seus “cordéis clássicos”, o poema estava completando 30 anos. Porém, vale, principalmente, perceber que o referido folheto foi editado, pela primeira vez, pouco depois do aniversário de 100 anos dos primeiros milagres. Nos versos de Severino do Horto, esse jubileu não passa despercebido e é mencionado como forma, inclusive, de buscar legitimar os acontecimentos que, mesmo passado um século, não foram esquecidos e, pelo contrário, demonstraram vitalidade para serem mais e mais rememorados com o passar dos anos:

Seis de março data linda  
 Cem anos já foi embora  
 Na Igreja de Nossa Senhora  
 Mas comemoramos ainda  
 Que a verdade não se finda  
 Faço de conta que vi  
 Maria de Araújo ali  
 De Jesus sangue derramando  
 E a beata comungando  
 Heroína do Brasil.<sup>221</sup>

A cada novo folheto, Juazeiro vai se reconfigurando no imaginário e na memória daqueles que praticam seu espaço. Nesse mosaico de versos que vão se combinando, as estrofes de poetas como Expedito Sebastião e Severino do Horto desembocam da combinação de talento poético e fé, a partir da suas condições de poetas-devotos.

---

<sup>220</sup> JOSÉ DA SILVA, 2012, p. 3.

<sup>221</sup> *Ibid.*, p. 5.

A crença inabalável nos milagres operados está, nesses casos, diretamente relacionada a uma vida imersa no espaço de onde emanam as muitas histórias testemunhadas, contadas por cada romeiro, narrativas que vão, ininterruptamente, reconfigurando e dando manutenção a Juazeiro do Norte e à personagem do Padre Cícero. Na fala do poeta Expedito Sebastião sobre o Padre Cícero, que ele não chegou a conhecer em vida, constatamos: “Tenho uma fé inabalável nele, porque eu vi muitos milagres que aconteceram, e outros de romeiros, eles contavam grandes milagres operados por ele e eu então não desacreditei e nem desacredito o que eles disseram”<sup>222</sup>.

A jocosa vingança à repressão e à imposição de silêncio por parte da Igreja Católica ao primeiro milagre aconteceu e continua acontecendo à medida que o tempo passa: em troca de um milagre proibido, “mil e um” outros, que passaram a ser contados ao sabor da fé dos romeiros e dos versos em folhetos. Milagres muitos, alguns advindos de narrativas sertanejas mais antigas até do que a própria Juazeiro do Norte, outros, ainda novinhos, surgidos e contados no calor de cada graça alcançada ou de cada feito testemunhado.

Anedóticos, sempre dotados de um fundo moral a ser difundido a partir dos valores do povo, feitos para agradar e vender, os milagres narrados pela literatura de folhetos ajudam a amalgamar o alicerce sobre o qual Juazeiro se sustenta. O Padre Cícero, sacerdote dessa Nova Jerusalém, torna-se ente milagroso e milagreiro. Os milagres narrados em verso ignoram dogmas da Igreja Oficial e aspectos teológicos ratificados por especialistas: “o poeta não averigua nada, libera a imaginação e se delicia”<sup>223</sup>. Nesse jogo não apenas de narrar Juazeiro, mas de recriá-la constantemente, a cidade nunca para de ganhar novas cores e formas.

Como podemos verificar, quando analisando diversos dos folhetos reunidos entre os “cordéis clássicos” da *Coleção Centenário*, ao longo do século XX, esses movimentos de constante recriação de Juazeiro, possibilitados pelos discursos promovidos pelo cordel, foram incorporando ao repertório dos seus poemas imagens que buscavam mostrar que a cidade manteve sua sacralidade enquanto crescia, se desenvolvia e progredia.

Se, principalmente na primeira metade do século XX, diversos intelectuais produziram crônicas críticas a Juazeiro do Norte, colocando o fim das romarias e da devoção

---

<sup>222</sup> KUNZ, 1996, p. 68.

<sup>223</sup> Id., 2001, p. 22.

ao Padre Cícero como fatores preponderantes para que a cidade se desenvolvesse em consonância com a modernidade, a literatura de folhetos seguiu pelo caminho de representar Juazeiro sempre como território, simultaneamente, de fé e de progresso, cidade da Mãe das Dores, do Padre Cícero e de seus romeiros, mas, também, de um comércio potente, de desenvolvimento urbano constante e, sobretudo, de um povo que aprendeu a não ter que estabelecer fronteiras entre sagrado e profano, religiosidade e progresso, crescimento e fé.

#### 4.2 Uma festa para o Cinquentenário

*Eu faço aquilo dali pelo um divertimento, entende? Assim como uma brincadeira. Eu não acho de sacrifício escrever não. Eu não faço nem tanto visando o dinheiro mas o gosto do público, que é isso que eleva o poeta, é a aceitação do povo.*<sup>224</sup>

Foi assim, sem afastar-se em nada daquelas que considerava as principais tradições narrativas da literatura de folhetos, mas, também, incorporando aos seus folhetos imagens poéticas que representassem os avanços de uma Juazeiro do Norte bem desenvolvida, que, em seu poema de 1961, Exedito Sebastião apresentou ao seu público a “jovem Juazeiro cinquentenária”.

Como costuma ocorrer com muitos poemas da literatura de folhetos, seus versos não somente representaram a Juazeiro de seu tempo, mas, principalmente, a (re)construíram e atualizaram, preparando-a para as décadas vindouras. Naquelas estrofes, estavam as histórias de origem, os milagres, os ensinamentos e as profecias do Padre Cícero, tudo organizado de modo a desembocar no evento sobre o qual o poeta se debruçou para conceber mais aquele folheto: a festa do Cinquentenário de municipalidade de Juazeiro.

Vale, aqui, levarmos em consideração que, historicamente, as dinâmicas relacionadas aos acontecimentos em torno das diversas comemorações decorrentes do Cinquentenário de Emancipação Política de Juazeiro do Norte possuem um grau de complexidade que não foi necessariamente contemplado pelas coloridas e festivas estrofes do folheto que buscou registrar as comemorações daquele jubileu. Nem seria esse o papel que

---

<sup>224</sup> KUNZ, 1996, p. 69.

deveríamos esperar de um poema em cordel. Na ocasião, buscava-se apresentar a Juazeiro em festa aos romeiros e demais visitantes que viessem a fazer parte daquele momento de celebração. Nas estrofes do folheto, o mais importante seria mostrar que Juazeiro, festiva, encontrava-se pulsante e vigorosa, pronta para servir como exemplo de cidade desenvolvida frente a outras localidades do sertão e do resto do país, otimista e preparada para continuar progredindo pelo próximo cinquentenário.

As comemorações do Cinquentenário de Juazeiro do Norte foram marcadas por diversos momentos festivos distribuídos ao longo do ano de 1961. Foram organizadas festas para o povo, eventos religiosos, desfiles cívicos e inaugurações de grandes obras urbanas, que contaram com a presença de autoridades políticas de âmbitos local e nacional. Toda essa série de momentos festivos foi coroada, no último mês daquele ano, com a eletrificação da cidade, a partir da chegada da energia elétrica proveniente da Companhia Hidrelétrica do São Francisco (Chesf). Juazeiro foi a primeira cidade do Ceará a receber a “luz elétrica” advinda das águas do Rio São Francisco.

Naquele ano, Juazeiro do Norte estava sob a administração do prefeito Antônio Conserva Feitosa<sup>225</sup> ou, simplesmente, Dr. Feitosa, como era mais conhecido. O político chegara a Juazeiro nos anos de 1940 e consolidou-se como forte liderança municipal. À época do Cinquentenário, Feitosa estava exercendo o seu segundo mandato como prefeito de Juazeiro.

Não eram raras as vezes em que os poetas populares faziam menções a figuras políticas notórias, autoridades públicas, coronéis fazendeiros, lideranças locais e religiosos eminentes, registrando e apresentando ao público os feitos atribuídos a esses homens, ao sabor de suas próprias convicções e visões de mundo, ou, então, atendendo àquilo que, por encomenda, lhe era solicitado versejar. O poeta de cordel é capaz de falar sobre qualquer coisa a que se disponha, incluindo-se, aí, versos que propagandeiem as realizações de políticos eminentes ou as promessas de candidatos em campanha para algum pleito eleitoral:

---

<sup>225</sup> Segundo Almeida e Holanda, Antônio Conserva Feitosa “foi um médico Pernambucano que chegou a Juazeiro em 1940. Comunicativo, logo estava integrado ao quadro social da cidade. Foi nomeado interventor, permanecendo no cargo de 18 de junho a 22 de novembro de 1945. Disputou eleições municipais, ainda na década de 40, sendo eleito prefeito para o período de 1948 a 1951, voltando a exercer o cargo, num outro pleito vitorioso, para os anos de 1959 a 1963. Foi ainda Deputado Estadual, de 1951 a 1954.” Ver: ALMEIDA, Regivania Rodrigues de; HOLANDA, Cristina Rodrigues. **Memorial Padre Cícero e outras Histórias**. Nova Olinda: Fundação Casa Grande Memorial do Homem Kariri, 2018. p. 88.

Profissional da rima, ele não demonstra o menor constrangimento em versejar as qualidades de candidatos políticos pleiteando cargos de vereador ou prefeito em Juazeiro. Trata-se de ser persuasivo, qualquer que seja a bandeira ideológica, e o panegírico não oferece muitas variações. Com a bênção do Padre Cícero, os eternos futuros benfeitores do povo revelam um toque de religiosidade, uma pitada de ordem e progresso, uma pincelada de bom-mocismo, um fervor de obreiro e uma boa dose de profunda simpatia pelos humildes. Profissional da comunicação, o poeta conhece muito bem o universo referencial dos eleitores pobres, suas crenças e comportamentos. Estudo de mercado e pesquisa de motivação são dispensados.<sup>226</sup>

No poema em que buscou apresentar a Juazeiro dos anos de 1960, Expedito Sebastião inventariou e representou, em versos, características das administrações de alguns homens que, nas décadas de 1950 e 1960, foram prefeitos de Juazeiro. Coadunando com a citação acima apresentada, pelo menos cinco dos líderes municipais que cumpriram nove mandatos, seja na condição de interventor nomeado ou de prefeito eleito por sufrágio universal, foram mencionados por Expedito Sebastião. Independentemente de quais fossem as respectivas bandeiras ideológicas de cada um ou, mesmo, de quaisquer possíveis rivalidades entre eles, os mandatários sempre receberam o mesmo tipo de adjetivação elogiosa que lhes ressaltava o valor moral e a capacidade de promover benefícios ao município.

Junto com o inventário dos administradores municipais, o poeta aproveitou-se para relacionar as obras e as melhorias que a cidade pôde receber no período, dando, portanto, visibilidade aos seus avanços e ao progresso. Segundo os versos do folheto, Juazeiro do Norte recebeu, a partir das administrações citadas, calçamento em ruas e asfalto em avenidas; novas pontes; novas escolas; melhorias na distribuição da energia elétrica que culminaram na chegada da farta energia elétrica da Chesf; novas praças, nove ao todo; instalação de chafarizes; melhoramentos na telefonia; canal de TV; consultório dentário público; reformas no Mercado Municipal; além de uma nova sede para a Prefeitura Municipal<sup>227</sup>. Para termos um vislumbre de como se davam os versos do referido inventário de administradores e de realizações, vejamos o que Expedito versejou sobre a administração de Antônio Conserva Feitosa, prefeito de Juazeiro do Norte à época da festa do Cinquentenário. O poeta dedicou várias estrofes:

Na política anterior

<sup>226</sup> KUNZ, 1996, p. 4.

<sup>227</sup> SEBASTIÃO DA SILVA, 2012a, p. 28-38.

O senhor doutor Feitosa  
 Como prefeito enfrentou  
 Uma tarefa penosa  
 Porque pôs-se a trabalhar  
 Com o fim de elevar  
 Essa cidade mimosa

Pelas ruas principais  
 Começou melhoramento  
 Fez a paralelepípedo  
 Com esforço o calçamento  
 Muitas escolas fundou  
 Pelos bairros espalhou  
 A luz do ensinamento

E era particular  
 A nossa eletricidade  
 Ele vendo que o povo  
 Sofria necessidade  
 Novos motores comprou  
 A energia passou  
 A municipalidade

Depois ele conhecendo  
 Que havia precisão  
 Fez a Praça do Socorro  
 Com a maior perfeição  
 Então quando terminou  
 Com ela presenteou  
 O Padre Cícero Romão<sup>228</sup>

As estrofes fazem menção, principalmente, a realizações do primeiro mandato de Feitosa como prefeito de Juazeiro (1948-1951). Naqueles anos, período em que foi construída a Praça São Vicente, referida por Expedito como “praça do Socorro”, e diversas ruas do centro da cidade receberam calçamento de paralelepípedo. Também foi aquele o período em que a energia elétrica, que alimentava as ruas e parte dos prédios comerciais e residenciais da cidade, expandiu-se após a empresa privada que gerava e fornecia energia elétrica ao município ter sido adquirida pela prefeitura.

Celebrou-se o Cinquentenário de Emancipação Política de Juazeiro do Norte com diversas festividades distribuídas pelo ano de 1961. Dentre os eventos comemorativos, duas datas se destacam: a comemoração do Cinquentenário propriamente dita, no dia 22 de julho, que contou com celebrações religiosas e festividades públicas; porém, apenas em 28 de

---

<sup>228</sup> SEBASTIÃO DA SILVA, 2012a, p. 28-29.



dezembro, as comemorações do Cinquentenário foram oficialmente concluídas por meio de uma série de festividades que ficaram conhecidas como “Festa do Século”.

Em seu folheto sobre o Cinquentenário, Expedito Sebastião não utiliza em nenhum momento a expressão “Festa do Século”, denominação que foi fartamente propagada pela imprensa da época. Também, não é possível detectar claramente se, em suas representações sobre a festa, o poeta está se referindo aos eventos de julho, aos de dezembro ou a uma combinação de ambos. Ao que parece, ao serem narrados em versos, os eventos do Cinquentenário são imbricados em uma única grande festa, não necessariamente datada, que deve ser registrada em folheto, para o público de agora e para as gerações vindouras, a partir da sua grandiosidade, imponência e importância para o povo do Juazeiro. Assim, o poeta vai narrando a festa, os tipos de eventos que ela promoveu e a reação das pessoas que puderam testemunhar os acontecimentos:

Agora em sessenta e um  
Deu-se o cinquentenário  
Ocorreu o seu festejo  
De modo extraordinário  
Era belo observar-se  
Seu pitoresco cenário.

-----  
Nesse dia em Juazeiro  
Via-se em quantidade  
Muita gente esperando  
Com tremenda ansiedade  
O desfile das escolas  
Pelas ruas da cidade.

-----  
Começou as sete horas  
As escolas a desfilar  
Cada qual que procurasse  
Melhor se apresentar  
Para que fosse colocada  
Em primeiro lugar.

-----  
Foi o desfile maior  
Jamais visto em Juazeiro  
Por todo mundo ficou  
Gravado como primeiro  
Deixando viva saudade  
Em todo povo romeiro.<sup>229</sup>

---

<sup>229</sup> BERNARDO DA SILVA, 2012b, p. 23-24.

Narradas em verso, as festividades ajudaram a produzir imagens poéticas que circularão por décadas. Seja nos anos imediatamente posteriores àquele Jubileu, seja a partir de reedições, como ocorreu com os cordéis da *Coleção Centenário* que, inclusive, em 2012, distribuiu seus folhetos pelas escolas públicas e privadas do Cariri, o cordel assumirá, para diversos públicos, em variados tempos, a missão de registrar o Cinquentenário e de apresentar um pouco sobre as memórias produzidas no período<sup>230</sup>:

Na praça estava um palanque  
Com as altas personagens  
Que esperavam as escolas  
Com suas lindas paisagens  
As quais iam ali render  
Suas dignas homenagens.

Depois de vários discursos  
E nobre recepção  
Se retiraram as escolas  
Cada em sua direção  
Deixando ficar gravada  
A mais sincera impressão.

E o dia continuou  
Na maior festividade  
O povo emocionado  
Pelas ruas da cidade  
Dava viva a Juazeiro  
Pela sua liberdade.<sup>231</sup>

Para comemorar o Cinquentenário, a antiga Praça São Vicente, mais conhecida à época como “Praça do Socorro”, foi reformada passando a se chamar Praça do Cinquentenário. O antigo coreto ali existente foi demolido e, em seu lugar, foi erguido um grande monumento de concreto, acompanhado de duas imagens do Padre Cícero. Sobre a Praça ora inaugurada, Expedito Sebastião versejou:

<sup>230</sup> É Interessante ressaltar que se fizermos uma breve busca pela Internet, digitando no *Google* as palavras-chave “cinquentenário de Juazeiro do Norte”, não obteremos, como resultado, notícias jornalísticas, textos de memorialistas ou mesmo artigos acadêmicos sobre tais comemorações, ficando essas informações para serem encontradas por quem for pesquisar em arquivos e cervos. No *Google*, o que aparece, imediatamente como resultado em vários dos primeiros *links* retornados para a referida pesquisa, é o poema *Cinquentenário de Juazeiro e dados Históricos* de Expedito Sebastião Batista, disponível *on-line* para narrar, com o colorido do cordel, a juazeiro do Cinquentenário.

<sup>231</sup> BERNARDO DA SILVA, 2012b, p. 25.

Temos também outra praça  
 Hoje a inauguração  
 Lá na Praça do Socorro  
 Nos faz chamar atenção  
 É uma grande homenagem  
 Ao padre Cícero Romão.

Já está com muitos meses  
 Que trabalham sem cessar  
 Porém já se acha pronta  
 É mesmo de encantar  
 E talvez não haja outra  
 Para lhe rivalizar.<sup>232</sup>

Nos versos de Expedito Sebastião, o entusiasmo pela chegada da energia da Chesf é narrado por meio de representações das obras de instalação da rede nos bairros da cidade. O cumprimento da promessa de que, a partir do Cinquentenário, Juazeiro estaria “rico de energia” serve para demonstrar o avanço da cidade e ajuda o leitor de qualquer época a compreender a importância daquele momento festivo.

Já se acha instalada  
 Com séria realidade  
 As redes de Paulo Afonso  
 Pelas ruas da cidade  
 Temos enfim energia  
 Com toda legalidade.

Os operários da CELCA  
 Trabalharam se esforçando  
 Então já pelos subúrbios  
 Estão as redes instalando  
 Uns cavando os buracos  
 Outros os postes botando.

Até a noite trabalham  
 Com a maior esperteza  
 Assim o serviço vai  
 Com a maior ligeireza  
 O engenheiro já fez  
 A todos uma surpresa.

O serviço dessa forma  
 Aumenta dia a dia  
 Pelos serviços já prontos  
 Podemos com garantia  
 Dizer que o Juazeiro

---

<sup>232</sup> BERNARDO DA SILVA, 2012b, p. 31.

Está rico de energia.<sup>233</sup>

Enfim, ocorre a Festa do Século! No mesmo dia festivo, foram inauguradas a eletrificação do Cariri, a Praça do Cinquentenário e o Centro Municipal de Artesanato, onde foi afixada a placa comemorativa que serviria como marco para registrar o jubileu de ouro da cidade. Naquele local, iniciaram-se os festejos que contaram com autoridades de âmbito nacional, estadual e municipal. Na Praça Padre Cícero, ocorreram desfiles com carros alegóricos cujos principais temas eram o Padre Cícero Romão e a eletrificação. Apresentações musicais e queima de fogos também fizeram parte da festa que foi encerrada no clube Treze Atlético Juazeirense, com a escolha da Miss Cinquentenário.

Daquele dia em diante, a vida das pessoas seria modificada em diversas instâncias. A chegada da energia elétrica servia, simbolicamente, como momento de ruptura que indicava que o primeiro Cinquentenário foi exitoso, vitorioso. Para muitos, naquele momento, cumpria-se a profecia do Padre Cícero, o qual previu que as águas do Rio São Francisco iriam banhar Juazeiro do Norte. Elas chegaram! Não na forma líquida, mas como energia que iluminaria a cidade. Restaria, a partir de então, viver, com fé no Padre Cícero e na proteção da Mãe das Dores, os próximos 50 anos e preparar-se para a festa do Centenário:

Todas as festividades  
Foram bem organizadas  
Por todos juazeirenses  
Foram bem comemoradas  
Então já tarde da noite  
Deram por realizadas.

Portanto o cinquentenário  
Ficou gravado na história  
O povo juazeirense  
Viveu um dia de glória  
E Juazeiro se ergueu  
Feliz em sua vitória.

De juazeiro assistimos  
Em paz o cinquentenário  
Apelamos para Deus  
Para não mandar o contrário  
Nos dando vida pra vermos  
Também o seu centenário.<sup>234</sup>

<sup>233</sup> BERNARDO DA SILVA, 2012b, p. 35-36.

<sup>234</sup> Ibid., p. 26.

Expedito Sebastião Batista não viveu o suficiente para vivenciar o Centenário de Juazeiro. Ainda assim, seu poema apresentou a Juazeiro cinquentenária de modo a ser capaz de alimentar os sonhos de leitores e ouvintes que, em contato com os seus versos, pudessem almejar estar presentes nessa outra festa. Aliás, não foi esse o desejo expressado pelo memorialista que emprestou seu relato para a epígrafe do tópico anterior do nosso texto? Em folheto de cordel, a narrativa sobre o Cinquentenário não se presta a papel historiográfico nem tampouco jornalístico, apesar de que, para muitos daqueles que cresceram embalados pelos versos do cordel, estrofes como as que ora analisamos sejam tomadas como críveis registros poéticos dos acontecimentos.

Em seu tempo de produção, tais narrativas atenderam ao público que testemunhou a Juazeiro cinquentenária. Estando em Juazeiro do Norte, tenha ou não participado dos festejos, o consumidor daquele folheto poderia olhar ao seu redor e buscar com os olhos do corpo as imagens que o poeta oferecia aos “olhos da imaginação”. Reeditado, 50 anos depois de lançado, o poema, sobrevivente e circulante por décadas, falará ao leitor do século XXI sobre a Juazeiro de um outro tempo. Ligado por 2 redondos ciclos de 50 anos, o folheto relançado assume o pedagógico potencial de colocar em diálogo a Juazeiro de outrora e a de agora, presentificando alguns de seus elementos, revigorando-os e atualizando-os.

Sob o ponto de vista do momento em que foram escritos, os versos do poema vão se encerrando com os olhares voltados para o futuro, para a Juazeiro do Norte que está por vir. Aos leitores de 1961, aos de 2011 ou, ainda, a todos os que, com suas estrofes, “aprenderam” sobre Juazeiro durante todo o meio do caminho entre essas duas datas, o poeta de despede, por hora:

Eis aqui, caro leitor  
Um apanhado ligeiro  
Que fiz do cinquentenário  
Nesse folheto grosseiro  
Descrevi só uma parte  
Do que possui Juazeiro.

Pelo que está escrito  
Ver-se projeto brilhante  
De Juazeiro do Norte  
Que caminha triunfante

Em busca de um futuro  
Ainda mais radiante.

Daqui a uns vinte anos  
Quem estiver vivo verá  
A diferença fantástica  
Que Juazeiro terá  
Sendo em tudo por tudo  
O coração do Ceará.

Me orgulho de ter nascido  
Na terra da tradição  
E quando alguém me pergunta  
Onde é o meu torrão  
Digo: sou filho da terra  
Do Padre Cícero Romão.<sup>235</sup>

Na *Coleção Centenário – Literatura de Cordel*, entre os folhetos elencados como “cordéis clássicos”, há vários outros poemas dedicados a homenagear datas redondas ou, pelo menos, memoráveis, nesse “meio do caminho” entre a Emancipação Política de Juazeiro do Norte e seu Centenário.

Há, por exemplo, um folheto dedicado a narrar as festividades e a participação dos romeiros do Juazeiro, decorrentes do Centenário de ordenação sacerdotal do Padre Cícero<sup>236</sup>; outro folheto versa sobre os 150 anos do Padre Cícero Romão ao lado dos romeiros do Juazeiro do Norte<sup>237</sup>; há, ademais, um poema que fala sobre o centenário da Matriz das Dores<sup>238</sup>.

Existe, também, uma série de poemas que buscam situar Juazeiro no tempo a partir de seus principais eventos e tempos históricos, contrapondo a Juazeiro do Norte do respectivo tempo de produção do folheto com a cidade em sua origem ou em seus períodos pretéritos. Poemas como *A visita dos romeiros como era antigamente*<sup>239</sup> ou *Juazeiro primitivo*<sup>240</sup> fornecem aos leitores e ouvintes nostálgicas imagens da “Juazeiro antiga”, lembrando e, muitas vezes, defendendo “bons valores” tradicionais tidos como perdidos em

<sup>235</sup> BERNARDO DA SILVA, 2012b, p. 41-42.

<sup>236</sup> SEBASTIÃO DA SILVA, Expedito. **Centenário da ordenação sacerdotal do Padre Cícero Romão**. Fortaleza: IMEPH, 2012d. 16 p.

<sup>237</sup> SANTOS, Tony. **Meu Padim, 150 anos ao lado do romeiro**. Fortaleza: IMEPH, 2012. 12 p.

<sup>238</sup> CABOCCO E SILVA, Manoel. **Inauguração, sermão e centenário da matriz de Juazeiro**. Fortaleza: IMEPH, 2012b. 16 p.

<sup>239</sup> Id., 2012a. 12 p.

<sup>240</sup> CARVALHO NETO, João Pedro. **Juazeiro primitivo**. Fortaleza: IMEPH, 2012. 12 p.

tempos mais recentes. *Juazeiro ontem e hoje*<sup>241</sup> e *Padre Cícero e Juazeiro ontem e hoje*<sup>242</sup> buscam mostrar as mudanças e as permanências perceptíveis pelos poetas quando são colocadas em diálogo as configurações de Juazeiro em duas épocas distintas. Há, ainda, folhetos como *Os três maiores momentos da história do Juazeiro, a chegada do Pe. Cícero, o milagre e a emancipação política*<sup>243</sup> e *Síntese dos principais acontecimentos históricos de Juazeiro do Norte*<sup>244</sup>, pertencentes ao *ciclo histórico*, segundo modelo de classificação adotado pela *Coleção Centenário*<sup>245</sup>, “reativadores” de memórias que buscam inventariar e apresentar eventos históricos tidos como notórios e capazes de valorizar Juazeiro por seus êxitos, vitórias e conquistas.

Um traço comum a todos esses poemas reside no fato de que a história de Juazeiro é, quase sempre, contada tendo seu início marcado pela chegada do Padre Cícero ao vilarejo em 1872. Daí, de forma semelhante àquela que pode ser constatada nos últimos folhetos analisados, a sequência de acontecimentos narrados segue a partir de certo padrão, no qual os eventos elencados e as formas como são narrados guardam mais semelhanças do que dissonâncias entre uns e outros poemas. Aqui ou ali, a depender daquilo que o poeta deseje contar, podem ser encontradas pequenas variações nas perspectivas sobre os fatos narrados ou na sequência que se apresenta.

Pertencentes à chamada “era de ouro” da literatura de cordel, mais ainda, estando inseridos no rico microcosmo literário que se desenvolveu na Juazeiro do século XX, os poemas que narram a cidade estão intimamente relacionados às maneiras como se desenvolveram as artes de escrever folhetos naquela Juazeiro do Norte, contemplada com folheteiros pioneiros como João Mendes de Oliveira e com tipografias que se tornaram notórias, como as editoras de José Bernardo da Silva e de Manoel Caboclo.

Sigamos agora por outros caminhos, onde poetas do início do século XXI buscaram, de maneiras diversas, inspirarem-se nos antigos mestres dos versos populares a fim de dar manutenção às tradições consolidadas pelas primeiras gerações da literatura de

<sup>241</sup> CORREIA, José Edmilson. **Juazeiro ontem e hoje**. Fortaleza: IMEPH, 2012. 16 p.

<sup>242</sup> BARBOSA, Jackson Pires. **Padre Cícero e Juazeiro ontem e hoje**. Fortaleza: IMEPH, 2012. 32 p.

<sup>243</sup> ARAÚJO, Maria Rosimar. **Os três maiores momentos da história do Juazeiro, a chegada do Pe. Cícero, o milagre e a emancipação política**. Fortaleza: IMEPH, 2012. 12 p.

<sup>244</sup> RIBEIRO, Maria Lindalva Machado. **Síntese dos principais acontecimentos históricos de Juazeiro do Norte**. Fortaleza: IMEPH, 2012. 12 p.

<sup>245</sup> Cada um dos folhetos coletados pela *Coleção Centenário – Literatura de Cordel* foi classificado como pertencente a um ciclo literário da literatura de folhetos, segundo o modelo de classificação proposto por Franklin Machado. Ver: CRISPINIANO NETO, 2011, p. 9.

folhetos. Vejamos como esses cordéis, sob a alcunha de “contemporâneos”, ajudaram a continuar contando a história de Juazeiro a partir das narrativas construídas em torno de seu Centenário de Emancipação Política.

Vamos às comemorações do Centenário!



## 5 JUAZEIRO CENTENÁRIA E SEUS “CORDÉIS CONTEMPORÂNEOS”

### 5.1 Memórias colecionadas

*“A passagem, em 22 de julho de 2011, de um século de emancipação política de Juazeiro do Norte é uma oportunidade para evocarmos as principais aspirações das gerações que viveram esse período da nossa história e se empenham em promover a realização das grandes causas sociais e do desenvolvimento da terra do Padre Cícero. Muito foi realizado e ainda há muito a realizar. Nossa população espera pela materialização desse desenvolvimento que trará mais dignidade social às suas vidas. Temos uma história de heróis, um presente de pessoas comprometidas com nossa terra e um futuro brilhante nas mãos do povo de Juazeiro que representa, no seu todo, a cara do povo brasileiro. Juazeiro do Norte é uma grande cidade e merece a grande festa que estamos preparando. Contamos com todos vocês para selarmos o êxito dessas comemorações. Vamos ao Centenário!”<sup>246</sup>*

Entre os dias 17 e 24 de julho de 2011, deu-se, finalmente, em Juazeiro do Norte, a chamada Semana do Centenário que, como mencionado anteriormente, contou com uma série de eventos sociais, culturais e religiosos em comemoração ao Centenário de Emancipação Política da “cidade do Padre Cícero”.

Na terça-feira daquela semana, dia 19 de julho, aconteceu o lançamento da *Coleção Centenário* em seus segmentos *Livros* e *Literatura de Cordel*. Naquela noite, em ato presidido pelo então prefeito Manoel Santana, a Comissão Organizadora do Centenário de Juazeiro do Norte conduziu, no Memorial Padre Cícero, o lançamento oficial dos livros editados pela *Coleção Centenário – Livros* e dos folhetos de cordel, organizados em 4 volumes disponibilizados em *boxes*, cada um contendo 25 folhetos, além de materiais impressos complementares e CDs com conteúdos digitais que compunham a *Coleção Centenário – Literatura de Cordel*. Foram, ao todo, 20 livros e 100 cordéis editados para comemorar o Centenário.

---

<sup>246</sup> Texto de apresentação, escrito pelo então prefeito de Juazeiro do Norte (2011), Manoel Raimundo Santana Neto, contido na programação oficial das comemorações do Centenário de Emancipação Política de Juazeiro do Norte, escrito pelo então prefeito de Juazeiro do Norte (2011). Ver: SANTANA NETO, Manoel Raimundo de. Apresentação. In: JUAZEIRO Centenário: “Terra de oração e trabalho”. Juazeiro do Norte: [s. n.], 2012. 1 folheto.

Reverberando os mesmos objetivos elencados desde a elaboração do *Projeto da Coleção Centenário*, a imprensa local noticiava na ocasião que a *Coleção Centenário* disponibilizou “obras que permitirão ao leitor um passeio pela história de Juazeiro, do Padre Cícero e da Literatura de Cordel que tornou Juazeiro tão famoso”<sup>247</sup>. Mais uma vez, por intermédio do noticiário impresso ou digital, a *Coleção Centenário* era mencionada a partir da premissa de oferecer ao seu público de leitores um mosaico de memórias que fossem capazes de narrar camadas de acontecimentos que construíram Juazeiro do Norte nos seus 100 anos de municipalidade.

Naquele início da segunda década do século XXI, os cordéis, disponibilizados em formatos e suportes análogos aos antigos folhetos das primeiras décadas do século anterior, tiveram incorporados às suas formas novos materiais como o plástico, presente não apenas nos *CD-ROM* que traziam informações feitas para serem acessadas em computadores, mas, também, na confecção dos *boxes*, fechados por zíper, responsáveis por abrigar cada um dos quatro volumes da coletânea. Na *Coleção Centenário – Literatura de Cordel*, na qual as capas dos folhetos foram impressas em antigas máquinas que pertenceram à clássica Tipografia São Francisco, e os “miolos” foram editados a partir da alta tecnologia das gráficas computadorizadas, o antigo e o atual manifestavam-se sem purismos tradicionalistas, não somente por meio de sua divisão temática, que oferecia folhetos “clássicos” ou “contemporâneos”, como também por suas formas materiais de organização e de distribuição ao público.

Cada uma das pessoas que compuseram o seletivo grupo de convidados presentes na cerimônia de lançamento foi presenteada com um exemplar completo da *Coleção Centenário*. Os poetas e as poetisas que publicaram folhetos na *Coleção* receberam também um exemplar completo da coletânea, além de mil exemplares, avulsos, de cada um dos folhetos de suas respectivas autorias. Após o lançamento oficial, grande parte das coleções impressas na primeira tiragem de mil exemplares foi destinada a ser distribuída para escolas, públicas e privadas, bibliotecas públicas, instituições de ensino superior ou técnico, tanto de Juazeiro do Norte quanto dos principais municípios caririenses, além de algumas instituições da capital cearense, Fortaleza.

---

<sup>247</sup> CELESTINO, Paulo Leonardo. Coleção do Centenário será lançada hoje. **Cidade Jua**, Juazeiro do Norte, jul. 2011. Disponível em: <http://www.cidadejua.com/2011/07/colecao-do-centenario-sera-lancada-hoje.html>. Acesso em: jan. 2020.

Aos mesmos tipos de instituições, destinaram-se, no ano seguinte, os outros mil exemplares da *Coleção*, contemplada com uma segunda tiragem patrocinada pela Coelce.

A estratégia de destinar, por meio de doação, a distribuição de exemplares da *Coleção* para bibliotecas e instituições de ensino objetivou capilarizar, por diversos espaços promotores de aprendizado, manutenções de memórias que buscavam fortalecer identidades, mediante discursos que dessem visibilidade a Juazeiro do Norte enquanto importante cidade cearense e nordestina, que, em 100 anos de municipalidade, cresceu e desenvolveu-se a partir de trajetória exitosa e singular, ressaltando, principalmente, suas conquistas ao longo do tempo, sua simbiótica relação entre as vocações de cidade progressista e centro religioso de romaria e, acima de tudo, sua indissociável relação com a figura do seu fundador e patriarca, o Padre Cícero Romão.

Vale mencionarmos que a estratégia de usar cordéis em escolas, com o objetivo de “contar as histórias” de lugares e de grupos sociais, tem sido bastante recorrente desde a última década do século XX, não sendo, portanto, propriamente uma novidade. O apelo à ludicidade e ao forte potencial estético que os poemas do cordel possuem para apresentar narrativas atraentes tem feito com que, muitas vezes, professores, inclusive de História, utilizem-se do cordel para buscar “mostrar como certas histórias aconteceram”. Alertamos, no entanto, que tais procedimentos exigem cuidados teóricos e metodológicos com os pressupostos do ensino de História, uma vez que a utilização de cordéis para narrar acontecimentos configura um tipo de uso público da História<sup>248</sup>. Apesar de possuírem

---

<sup>248</sup> Aqui nos referimos à concepção de “usos públicos da História” na forma como vem sendo trabalhada pelo historiador alemão Jörn Rüsen. Segundo esse autor, os usos públicos da História ocorrem todas as vezes em que narrativas capazes de produzir conhecimento histórico e de desenvolver consciência histórica desenvolvem-se fora das pesquisas históricas ou da aprendizagem histórica escolar. Nessa perspectiva, produções como filmes, novelas, romances em prosa, folhetos de cordel, entre outros, quando funcionam com o sentido de desenvolver consciência histórica a partir da vida prática dos indivíduos, constituem usos públicos da História. Ver: RÜSEN, Jörn. **Razão histórica: teoria da história: fundamentos da ciência histórica**. 1. reimpr. Brasília, DF: Ed. UnB, 2010a. p. 32. A partir de Rüsen, Leda Potier argumenta sobre os usos públicos da História, sublinhando que, na sociedade em que vivemos, “o conhecimento não é adquirido apenas a partir do que é ensinado no espaço escolar, mas também, no dia a dia, a partir de uma diversidade dos meios de comunicação. Não perceber o potencial das ‘leituras’ históricas realizadas fora do espaço acadêmico e escolar é deixar, em certa medida, de compreender como a sociedade se percebe a partir do passado. Ver: POTIER, Leda V. B. C. **História para “ver” e entender o passado: cinema e livro didático no espaço escolar (2000 – 2008)**. 2014. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014. p. 88.

potencial para ajudar a desenvolver patamares de consciência histórica<sup>249</sup> junto aos alunos, os cordéis não foram elaborados com fins didáticos escolares.

Ao serem utilizados em salas de aulas de História, professores e professoras precisarão tratar o cordel como *documento*, conferindo-lhe os mesmos cuidados metodológicos cabíveis a quaisquer outros vestígios produzidos no tempo pelo ser humano, ou seja, utilizando, sempre, tais materiais em sala de aula como *fontes*. Nada impede ou “desrecomenda”, portanto, o uso do cordel em aulas de História, desde que essas narrativas sejam tratadas como representações sociais em verso, pertencentes a determinados segmentos literário, tempo e espaço. As críticas aos documentos precisam estar presentes nas operações mediadas junto aos alunos, de modo a fazer com que estes entendam que aquele documento foi produzido a partir de determinados contextos, temporalidades, intencionalidades e locais de fala de seus autores. Por meio de tais operações, consonantes com os pressupostos teóricos e metodológicos do ensino de História, o cordel ganha força e pode ser problematizado junto aos alunos, tanto quanto podem ser utilizados filmes, jornais, fotografias, mapas antigos e demais formas de vestígios produzidos no tempo.

O fragmento em epígrafe na abertura da corrente seção faz parte do texto de apresentação que abre os materiais impressos (*folders*, programação e uma revista especialmente editada para os eventos da semana comemorativa) destinados à promoção e à divulgação das comemorações do Centenário. O texto foi lido integralmente pelo prefeito Manoel Santana durante a abertura da Semana do Centenário, no dia 17 de julho de 2011.

---

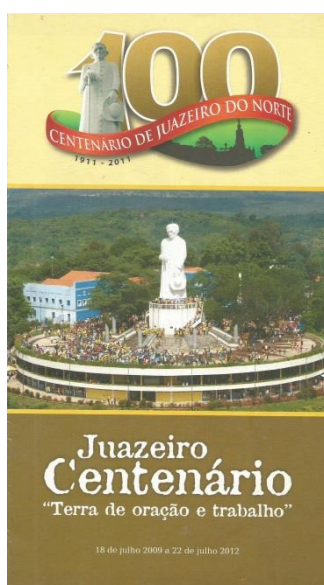
<sup>249</sup> Utilizamos aqui o conceito de “consciência histórica”, na forma como trabalhada por Jörn Rüsen. Ver: RÜSEN, 2010a, p. 32. Para tanto, seguimos pela seguinte linha argumentativa: “o ser humano, uma vez pertencente a um grupo social, desenvolve ao longo de sua existência mecanismos que lhe permitem se orientar no tempo e no espaço, a partir da noção de que o mundo já existia antes dele, o mundo está mudando durante a sua vida e, ainda, o mundo existirá e continuará mudando quando ele se for. Tal capacidade de compreensão de si no tempo e no mundo desenvolve-se e pode atingir patamares diferenciados a depender de como cada indivíduo consegue desenvolver compreensões de mundo a partir da aquisição de conhecimentos sobre acontecimentos do passado que lhe tenham aplicabilidade para a vida prática no presente. A esse conjunto de experiências cognitivas, aquisições de conhecimentos e operações de memória que permitem ao indivíduo compreender-se como sujeito histórico e compreender a sociedade à sua volta, podemos denominar *consciência histórica*. Ver: POTIER, Leda V. B. C.; POTIER, Robson W. Didática da História, espaço escolar e vida prática: implicações para o desenvolvimento da consciência histórica em sociedade. **Revista História Hoje**, v. 3, n. 6, p. 287, 2014.

Figura 16 – Apresentação do *folder* de divulgação do Centenário de Juazeiro, página 1



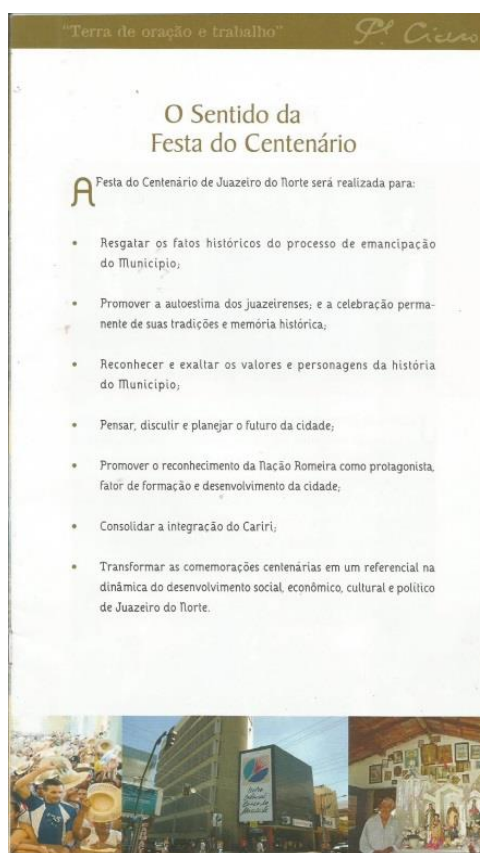
Fonte: Acervo pessoal do autor

Figura 17 – Capa do *folder* de divulgação do Centenário de Juazeiro, exibindo a logomarca da festa



Fonte: Acervo pessoal do autor

Figura 18 – *Folder* de divulgação do Centenário de Juazeiro: "O Sentido da Festa do Centenário", página 2



Fonte: Acervo pessoal do autor

Como é relativamente comum ocorrer nos pronunciamentos políticos proferidos em decorrência das comemorações de importantes datas redondas, o texto pronunciado pelo prefeito agenciou o passado, o presente e o futuro de Juazeiro do Norte, evocando as aspirações daqueles que viveram na cidade durante os últimos 100 anos e empenharam-se para promover as grandes causas sociais que desenvolveram a “terra do Padre Cícero”. O texto sublinhou, também, um presente composto por pessoas comprometidas com a cidade, pessoas que fazem com que Juazeiro construa continuamente sobre si “uma história de heróis”, voltando-se para o futuro. O pronunciamento preconizou, ainda, um povo que dará a Juazeiro do Norte um porvir brilhante de conquistas, um povo que, nas palavras do prefeito, representará, a partir do Juazeiro, todo o Brasil.

Na noite de 19 de julho daquele ano, durante a abertura da cerimônia de lançamento da *Coleção Centenário*, o prefeito Manoel Santana leu, como parte de seu

discurso, o texto de apresentação que abre os quatro volumes do livro *O Universo da Literatura de Cordel Nordestina*<sup>250</sup>, disponibilizado como material impresso suplementar aos folhetos da *Coleção Centenário*.

O texto inicia se remetendo à chegada do Padre Cícero ao povoado, em 1872, evocando, assim, esse evento como marco temporal que inaugura o Juazeiro. Em seguida, assim como ocorre em tantas outras enunciações que busquem apresentar a trajetória da cidade, vem a menção aos milagres da hóstia, ao aumento das romarias e à consolidação do lugar como território sagrado. No texto, o princípio da história dos cordéis com a cidade parece estar relacionado à série de poemas que Leandro Gomes de Barros publicou no periódico *O Rebate*, a partir de 1909, aqui indicados como inspiração poética inicial que promoveu um “caldeirão cultural, incrementando a produção de folhetos sobre Juazeiro e o Padre Cícero”<sup>251</sup>. Nas palavras proferidas pelo então prefeito:

Tudo era motivo para um cordel: a vida, os milagres, os conselhos e os sonhos do Padre Cícero como também, os acontecimentos do agora município de Juazeiro onde a guerra de 1914, a visita de Lampião, e tantos outros assuntos que contribuíram para construir a imagem da terra santa e do padre bom a todo o Nordeste sertanejo.<sup>252</sup>

O texto demonstra adesão e consonância com as imagens poéticas tantas vezes representadas nos folhetos, ao reverberar eventos históricos que se notabilizaram em verso ou, ainda, ao reforçar os já bastante cristalizados discursos que fazem de Juazeiro a “terra santa” de um “padre bom” e segue legitimando o cordel como preponderante elemento construtor do passado e formador do imaginário em torno da “cidade do Padre Cícero”. Como esperado, em dado momento, é conferido o devido destaque ao papel de José Bernardo da Silva e de sua “Folheteria São Francisco”, no que diz respeito a ajudar a desenvolver Juazeiro como o mais importante centro difusor da literatura de cordel no Brasil.

Encaminhando-se para o final de seu pronunciamento, mais uma vez, passado, presente e futuro são evocados, desta feita, demarcando os objetivos pretendidos ao ser lançada a *Coleção Centenário*. Enquanto as palavras do prefeito somam-se a inúmeras outras que investem no argumento de que Juazeiro é, em grande medida, construída pelo cordel, a

<sup>250</sup> CRISPINIANO NETO, 2011.

<sup>251</sup> Ibid., p. 5.

<sup>252</sup> Ibid., loc. cit.

*Coleção* é apresentada como produção que promoverá, no futuro, a manutenção de memórias acerca de um passado de glórias, narrado pelo cordel e sempre intimamente ligado às memórias em torno do Padre Cícero:

Vivemos um tempo de alegria e comemorações ao Centenário de Emancipação Política de Juazeiro do Norte. A Comissão do Centenário ao pensar em mostrar ao Nordeste e ao Brasil momentos importantes do nosso passado, a vivência presente e o pensamento futuro, lança a *Coleção Centenário*: publicação de Cordéis Clássicos e Inéditos.

-----  
 Manifesto meu sincero agradecimento e reconhecimento aos cordelistas, xilógrafos e poetas populares pela dedicação e confiança nesse projeto de publicação de cordéis. A promoção cultural desses mestres promove a identidade e os valores da terra do Padre Cícero.<sup>253</sup>

Não seria por acaso que tal discurso tenha sido proferido no momento do lançamento de uma coleção – uma produção editorial e cultural – cujo propósito seria o de narrar memórias de Juazeiro para gerações futuras e marcar, enquanto produção material que perduraria por décadas desde então, as comemorações do Centenário da cidade.

Em entrevista realizada, em 2020, José Carlos dos Santos, secretário na Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Turismo e Romaria (SDETR) e coordenador da Comissão do Centenário de Juazeiro do Norte à época do Centenário, afirmou:

...a *Coleção* foi um projeto de sucesso, um projeto abençoado! O que ficou realmente das comemorações do Centenário foi a *Coleção*. A festa passa, as pessoas esquecem com o tempo, a *Coleção* está aí para contar por muitos anos a história de Juazeiro. Admira, inclusive que tenha se passado quase uma década até que ela fosse objeto de uma tese de doutoramento<sup>254</sup>.

A argumentação de que a *Coleção* permaneceria como legado material deixado pelo Projeto da Comissão Centenário de Juazeiro do Norte, enquanto a festa ficaria “opaca” na memória das pessoas com o passar dos anos, foi, também, manifestada em entrevistas

---

<sup>253</sup> CRISPINIANO NETO, 2011, p. 6.

<sup>254</sup> SANTOS, 2020.



concedidas pelo escritor e professor Renato Dantas<sup>255</sup> e pela poetisa Rosário Lustosa<sup>256</sup>, ambos responsáveis pela organização da *Coleção Centenário – Literatura de Cordel*.

Rosário Lustosa, aliás, pôs em prática um projeto paralelo à *Coleção Centenário* e, valendo-se da ocasião daquela semana comemorativa, publicou um livro de sua autoria em homenagem aos 100 anos da Emancipação Política de Juazeiro. Assim, foi lançado, com o apoio do SESC de Juazeiro do Norte, o livro *100 anos de Juazeiro Registrados no Cordel: 1911 – 2011*<sup>257</sup> que, apesar de ter sido formatado editorialmente como livro, oferece em seu texto principal a compilação de quatro cordéis autorais<sup>258</sup>, combinados a novas estrofes que segundo a autora “foram chegando, chegando... diretamente no computador para facilitar uma correção prática e um trabalho ágil, contando a história de forma cronológica”<sup>259</sup>. Na semana do Centenário, o livro de Lustosa foi mais uma obra a investir nos versos em cordel a partir da premissa de que esses seriam profícuos para narrar acontecimentos e reativar memórias sobre a Juazeiro do Norte dos últimos 100 anos.

Porém, no livro de Rosário Lustosa, os versos em estilo de cordel não foram os únicos elementos agenciados com a finalidade de reforçar as relações entre as manutenções das memórias de Juazeiro e a literatura de folhetos. A publicação foi, também, contemplada com um texto de apresentação de autoria do pesquisador da literatura de cordel Gilmar de Carvalho. Nesse texto, Carvalho discorreu sobre as relações entre Juazeiro e o cordel, valendo-se de elementos recorrentemente agenciados para tratar esse tema e, ao mesmo tempo, conferindo-lhes olhares dotados de algumas atualizações.

Se nos debruçarmos por alguns momentos sobre o referido texto de apresentação, encontraremos argumentações que se mostrarão em consonância com algumas das problematizações até aqui desenvolvidas e com outras que iremos apresentar nas próximas páginas, principalmente no que diz respeito aos folhetos tipificados como “cordéis contemporâneos”. Vejamos...

---

<sup>255</sup> DANTAS, 2020.

<sup>256</sup> LUSTOSA, 2020.

<sup>257</sup> LUSTOSA, Maria do Rosário. **100 Anos de Juazeiro Registrados em Cordel: 1911-2011**. Juazeiro do Norte: HB Gráfica, 2011.

<sup>258</sup> Foram compilados de modo a compor o corpo em verso do livro os poemas *O Retrato do Juazeiro*, *A Escolha do Cearense do Século com a Vitória do Padre Cícero Romão Batista*, *A Reabilitação do Padre Cícero* e *Padre Cícero E... Quem é ele?*.

<sup>259</sup> LUSTOSA, 2011, p. 9.

O texto de Carvalho dedica seus primeiros parágrafos a apresentar as características formativas do cordel, ressaltando suas origens na oralidade, porém sublinhando “a letra e a palavra impressa” como imprescindíveis para que essa literatura adotasse um suporte específico, tomasse o formato de folheto e se perpetuasse, tornando-se documento acessível para ser acessado e estudado ao longo dos anos. A literatura de folheto ganha desenhos repletos de subjetividades nas metáforas utilizadas pelo autor quando ele afirma que essa literatura teria “nascido de um tempo que não se pode definir” e que o cordel “não é egoísta”, pois é feito para ser lido em voz alta por quem usa o corpo todo pra falar os versos.

Realçando as ligações dos folhetos de cordel muito mais com a forma como são construídos seus versos, métricas e estrofes do que com os conteúdos e temas que venham a abordar, o autor argumenta que, versejando sobre qualquer assunto, o cordel fala “verdades que são guardadas pelas sextilhas, embaladas pelas rimas, acolhidas pela métrica e traduzidas pela melodia”<sup>260</sup>.

Nas palavras de Carvalho, Juazeiro ajudou a consolidar o cordel no Brasil ao mesmo tempo em que era narrada por ele. Pautados em tradições que se reforçaram com o auxílio de elementos como os trabalhos na tipografia de José Bernardo, o cordel ganhou força a partir de Juazeiro enquanto ajudou a formular as memórias da cidade:

Juazeiro do Norte é um dos lugares do cordel. Graças ao romeiro alagoano José Bernardo da Silva, a cidade ganhou o maior polo de edição de folhetos de cordel do Brasil, de todos os tempos. A tradição se reforçou. O cordel ganhou força e movimentou uma engrenagem que mobilizava poetas, revisores, xilógrafos, impressores, na Tipografia São Francisco, a velha “casa das palavras”. Depois, saíamos para a feira e encontrávamos vendedores ambulantes, contando as histórias até um certo ponto, e parando na hora exata para criar um clímax. Quem quisesse saber do desfecho que comprasse o folheto ou romance. Muitos compravam.<sup>261</sup>

Contudo, Carvalho adverte que o cordel mudou com o tempo. Os anos trouxeram novas dinâmicas sociais e apresentaram ao cordel novas demandas. Tanto os poetas quanto os leitores contemporâneos, em meio às crises, às transformações e às reformulações de cada período, adaptaram-se às mudanças exigidas pelo tempo. O cordel, seus poetas, leitores e ouvintes reinventaram-se, desenvolveram tons renovados, passaram a experimentar novos

---

<sup>260</sup> LUSTOSA, 2011, p. 5.

<sup>261</sup> Ibid., loc. cit.

lugares sociais, novos meios de composição, de distribuição e de consumo. Ainda assim, segundo o autor, o cordel manteve-se vivo, saudável e vigoroso:

Em meio a crises, transformações e atualizações, chegamos aos dias de hoje. Mudou o cordel e mudamos nós. Os poetas de hoje são letrados, não temos mais lamparinas. O pregão pode-se fazer pela internet. Poetas têm “sites”, “blogs” e podemos baixar um romance a um toque de tecla. Mudaram os autores e mudaram os leitores. A emoção, no entanto, continua a mesma de sempre.<sup>262</sup>

Entre as renovações pelas quais o cordel passou com o correr das décadas, está o fato de sua poesia contar hoje com muito mais participação feminina do que nos primeiros ¾ do século passado. Lembremo-nos de que os folhetos em cordel se consolidaram desde o início do século XX a partir das praças públicas, dos mercados e das feiras a céu aberto, ou seja, das ruas, dos espaços majoritariamente relacionados ao masculino, naqueles tempos em que a mentalidade hegemônica reservava à maioria das mulheres o espaço da casa.

No “cordel contemporâneo” do século XXI, podemos contar com uma maior participação de poetisas que passaram a imprimir seus olhares femininos às estrofes por meio das quais expõem suas visões de mundo. Como o texto de apresentação de Carvalho visou iniciar um livro cujos versos foram compostos por uma poetisa do Juazeiro, o espaço conquistado pelas mulheres naquilo que o autor denomina como “novo cordel” foi devidamente sublinhado:

Temos um novo cordel que surge, rejuvenescido, que se expressa por outras vozes e que tem atitude. Nesse contexto se revela e amplifica a voz de Rosário Lustosa. Ela tem uma relação visceral com o cordel. Escreve porque ama. Tem vários títulos. E agora resolveu homenagear o centenário de emancipação política do seu (nosso) Juazeiro do Norte, contando a história em cordel. [...] Rosário Lustosa coloca em cena um olhar feminino que dá todo o diferencial quando se quer fugir do hegemônico, do masculino, que tem prevalecido desde sempre.<sup>263</sup>

Valem-nos, aqui, os argumentos proferidos por tal pesquisador entusiasta da literatura de folhetos, sobretudo, devido ao fato de que nesse texto de apresentação, abundante

---

<sup>262</sup> LUSTOSA, 2011, p. 5.

<sup>263</sup> Ibid., p. 5-6.

em adjetivações ao Juazeiro e ao Padre Cícero, mais uma vez propõe-se que, no passado ou nos tempos atuais, mesmo com todas as atualizações e mudanças impostas pelas dinâmicas do tempo, os versos do cordel possuem relevante potencial para narrar Juazeiro, suas memórias, seu desenvolvimento e crescimento, suas relações com o sagrado e com o profano, afinal:

Nada melhor que o cordel para contar como Juazeiro do Norte surgiu, cresceu e passou do Tabuleiro Grande para a metrópole sertaneja de hoje. O cordel tem a ver com isso tudo, como tem a ver a figura iluminada do Padre Cícero.<sup>264</sup>

Carvalho nos lembra de que, ontem ou hoje, cada poeta tece a “sua” Juazeiro, ao seu modo. Esse tecido, trançado pelos discursos formulados a cada novo poema, entrelaça-se aos fios dos poemas que vieram antes, fornecendo-lhes novas tramas que nunca deixam de reconfigurarem-se. É assim que, a cada novo título publicado, o cordel renova-se sem perder seu potencial de ajudar a “construir realidades” no imaginário de quem com ele trave contato. Ao fim do texto ora analisado, o autor nos recorda que o cordel de agora não será mais enunciado nas praças e nas ruas. Será, provavelmente, no espaço das escolas e das bibliotecas que ele se colocará ao dispor de quem venha a experienciar suas imagens poéticas e visões de mundo. Os estudantes nas escolas são, mais uma vez, evocados como um dos potenciais públicos para o cordel do século XXI. No espaço escolar, caberão aos professores as mediações que deverão buscar operar e problematizar, adequadamente, a tal “visão de mundo que rejeita a versão oficial dos fatos”:

Agora é a vez de ouvir Rosário Lustosa contar a sua Juazeiro e fazer essa voz ecoar pelas escolas, disseminando a dicção do cordel, e uma visão de mundo que rejeita a versão oficial dos fatos, e privilegia as pequenas coisas, as camadas subalternas, um jeito de olhar e ver o mundo diferente, generoso e outro. Os ouvintes e leitores agradecem esse presente.<sup>265</sup>

Ainda no que diz respeito à participação feminina na composição de folhetos, rompendo com uma hegemonia masculina que se fez regra durante grande parte do século passado, podemos constatar a sensível quebra nesse padrão quando voltamos nossos olhares

---

<sup>264</sup> LUSTOSA, 2011, p. 6.

<sup>265</sup> Ibid., loc. cit.

aos folhetos reunidos pela *Coleção Centenário*. Entre os 100 folhetos reunidos, a *Coleção* disponibiliza, ao todo, 17 folhetos escritos por 13 mulheres.

Todas as autoras com folhetos selecionados para fazerem parte da *Coleção* pertencem ao perfil tipificado como “contemporâneo”. Ou seja, se o segmento dos “cordéis clássicos”, ao reunir folhetos mais antigos com a finalidade de narrar elementos de Juazeiro do Norte ao longo, principalmente, do século XX, oferece-nos cordéis escritos por homens, é no segmento dos “cordéis contemporâneos” que a presença feminina se manifesta em representatividade.

Os propósitos temáticos da *Coleção* terminam por fazerem com que a maioria dos 100 folhetos, tendo sido escritos por mulheres ou por homens, tomem Juazeiro do Norte e seus atores sociais como temática ou objeto. Ainda assim, não apenas pelo reforço quantitativo, mas, principalmente, pela qualidade dos poemas compostos por poetisas, reunidos pela *Coleção*, percebe-se que o universo da literatura de folhetos reconfigurou-se e ganhou tónus renovado com a quebra da antiga hegemonia masculina.

Há, aliás, entre os cordéis compostos por poetisas e selecionados pela *Coleção*, pelo menos um folheto cujos versos não foram dedicados a narrar, especificamente, elementos relacionados a Juazeiro. No folheto *Embalando Meninas em tempos de violência*<sup>266</sup>, a temática é totalmente voltada ao universo social feminino: nesse poema, a poetisa Salete Maria investe em versejar sobre situações de violência contra a mulher, parodiando fragmentos de conhecidas cantigas de ninar a partir de versos que representam imagens cotidianas de atos violentos cometidos contra mulheres:

“O amor que tu me tinhas  
Era pouco e se acabou”  
Mas teus pés nas costas minhas  
Deixou marcas, tatuou  
Comentei com a vizinha  
Pois era o que me convinha  
E por isso então ficou.<sup>267</sup>

A interessante estratégia poética adotada pela autora torna “agridoces” ou, até mesmo, “amargas” as imagens que deveriam remeter às antigas e, de certa forma, “inocentes”

<sup>266</sup> MARIA DA SILVA, Salete. **Embalando Meninas em tempos de violência**. Fortaleza: IMEPH, 2012. 12 p.

<sup>267</sup> *Ibid.*, p. 4.

cantigas de ninar que perpassaram a primeira infância de gerações inteiras. O tom aqui é de denúncia. Os atos violentos são narrados de modo a incomodar leitoras e leitores, não somente pela forma como são, explicitamente, apresentados por um eu lírico feminino, mas também pela maneira como, uma vez colocados em versos que emulam canções infantis, as cenas narradas acabam parecendo corriqueiras, recorrentes e até banais aos olhos que não se fizerem devidamente atentos às questões apresentadas:

O Cravo brigou com a Rosa  
 Dentro de sua morada  
 A rosa saiu ferida  
 E o cravo a dar risada  
 A Rosa pediu socorro  
 E o guarda veio atender  
 “Se o cravo é seu marido  
 Não devemos nos meter”.<sup>268</sup>

Nesse cordel contemporâneo, Juazeiro do Norte pode até não ser o assunto central, tampouco o seu Centenário de Emancipação, o que faz desse folheto uma das exceções atípicas em termos de temática, quando comparado à maioria dos cordéis da *Coleção Centenário*. Ainda assim, em seus versos, Juazeiro tem espaços sociais representados a partir de uma estrofe que nos faz lembrar que os atos violentos cometidos contra mulheres existem, infelizmente, e devem ser combatidos, em todos os lugares, nos quatro cantos do mundo e, até mesmo, nos bairros da “cidade do Padre Cícero”:

Meu irmão, meu companheiro  
 Meu pai! A quem só sei amar  
 Uma vez quis me bater  
 Outra vez quis me matar  
 Mutirão ou Limoeiro  
 Centro ou Novo Juazeiro  
 Assim em todo lugar.<sup>269</sup>

Folhetos assim compostos poderão ajudar àquele que se tornar leitor ou ouvinte dos cordéis, a partir da *Coleção Centenário*, a lembrar de que os versos do cordel podem abordar qualquer assunto, seguir por muitas e muitas temáticas e, ainda assim, continuarem

---

<sup>268</sup> MARIA DA SILVA, 2012, p. 5.

<sup>269</sup> Ibid., loc. cit.

sendo cordel. Afinal, se durante o século XX, por intermédio de suas visões de mundo, poetas como Leandro Gomes de Barros, João Martins de Athayde, João Firmino Cabral, Amaro Quaresma dos Santos, José Pacheco, Manoel Caboclo, entre outros, dedicaram diversos folhetos a versejar sobre o que deveriam ser considerados os bons e os maus costumes em suas épocas, colocando em pauta a moral social vigente, a moda e as questões ligadas a costumes, gênero e sexualidade<sup>270</sup>, nada poderia ser mais pertinente do que, nesse início de século XXI, o cordel ajudar a pôr em discussão um tema tão relevante, urgente e provocativo como o combate à violência contra as mulheres. A emergência da temática, em termos de visibilidade, pode até ser contemporânea, porém o potencial da literatura de folhetos para atrair a atenção de leitores e ouvintes é bastante antigo e continua presente. A autora finaliza seu poema mandando recado e dando exemplo acerca de como as meninas devem proceder:

Você gosta de mim, ó, gatinho?  
 Eu também de você  
 Quando estamos sozinhos  
 Por que queres me bater?  
 Se tocares em mim, ó, gatinho  
 E me fizeres sofrer  
 Eu prometo, gatinho, denuncio você!<sup>271</sup>

São os folhetos pertencentes ao segmento “cordéis contemporâneos” que darão o mote para as nossas discussões daqui para frente. Eles nos ajudarão a perceber como as uniões de esforços entre poetas e instituições auxiliaram na produção de uma série de folhetos destinados a narrar a Juazeiro que completava seus 100 anos de municipalidade. É importante, portanto, que dediquemos alguma energia no sentido de compreendermos, mais detalhadamente, quais elementos e características fazem-se determinantes para que os poemas aqui analisados tenham sido enquadrados nesse segmento.

Primeiramente, é interessante levarmos em conta que a maioria dos folhetos coletados para fazerem parte dos “cordéis contemporâneos” da *Coleção* eram inéditos e foram publicados, pela primeira vez, nessa coletânea, em 2011<sup>272</sup>. Entre os folhetos com data de publicação registradas em suas respectivas contracapas, apenas os poemas *Romaria*, de José

---

<sup>270</sup> KUNZ, 2001.

<sup>271</sup> MARIA DA SILVA, 2012, p. 6.

<sup>272</sup> Segundo registros das contracapas dos folhetos da *Coleção*, *Romaria*, de José Hugo, teve sua primeira publicação em 2002. Já *Visitando Juazeiro*, de Ernando Carvalho, foi lançado em 2010.

Hugo, e *Visitando Juazeiro*, de Ernando Carvalho, foram publicados, pela primeira vez, em momentos anteriores ao lançamento da *Coleção Centenário*. Outros três folhetos não trazem nas contracapas suas respectivas datas de primeira publicação.

Ao todo 45 poetas e poetisas compõem o elenco de autores dos 50 folhetos do segmento de “cordéis contemporâneos”. Vinte e três poemas foram dedicados, especificamente, a versejarem sobre o Centenário de Juazeiro. Outros, porém, mesmo seguindo por temáticas diferentes, dedicam estrofes a mencionar e a homenagear o Centenário. Segundo Rosário Lustosa e Renato Dantas, todos os poemas que se dedicaram ao Centenário, além de outros que abordaram temas diferentes, foram compostos, especialmente, para fazerem parte da *Coleção*, o que fez, inclusive, com que se tenham editado, no segmento, alguns folhetos homônimos entre si<sup>273</sup>.

Se, em meados do século XX, poetas como Expedito Sebastião Batista já declaravam que os cordéis, muitas vezes, eram “encomendados” a fim de atenderem a demandas como propagandas comerciais, campanhas políticas, homenagens póstumas ou, ainda, divulgações de comemorações importantes, parece-nos que, mesmo de forma renovada, há mais permanências do que rupturas com essas antigas práticas, no fato de, em 2011, uma série de poetas caririenses aproveitarem-se da ocasião das comemorações de uma importante data redonda, relacionada a uma cidade intimamente ligada à produção de cordéis, para escreverem poemas inéditos a serem lançados durante os eventos.

O que há de dissonante entre esses lançamentos “sob encomenda” e aqueles que ocorriam nos tempos da “Era de Ouro” do cordel fica por conta das formas como esses folhetos são destinados aos seus leitores e ouvintes. Em meados do século XX, os folhetos eram editados e oferecidos diretamente ao povo, geralmente, nos locais públicos de grande circulação, objetivando agradarem a um público de potenciais compradores. Se o poema agradasse e fosse bem nas vendas, poderia, inclusive, ser reeditado diversas vezes, por várias décadas, tornando-se assim, cordel “famoso”, “clássico”.

Já os folhetos editados e lançados em 2011 pela *Coleção Centenário* tiveram como finalidade atender aos esforços institucionais dos segmentos organizadores voltados às comemorações do jubileu de uma cidade que buscava produzir uma coletânea a ser

---

<sup>273</sup> Dois folhetos são intitulados *Centenário de Juazeiro do Norte*, um de Aldemá de Moraes e outro de Antônia Rodrigues Ferreira; dois outros folhetos levam o título *Juazeiro Centenário*, o primeiro de José Irlando Moraes, e o último de Ernane Tavares Monteiro.



“colecionada” por um conjunto muito específico de pessoas e de instituições, previamente selecionadas para serem contempladas ao receberem esse material.

Nos tempos do lançamento da *Coletânea* que buscou mostrar como os cordéis produziram memórias para Juazeiro do Norte durante 100 anos, uma das coisas que observadores atentos poderão perceber é justamente que as formas de se produzir, divulgar e recepcionar folhetos de cordel mudaram significativamente, adaptando-se às dinâmicas decorrentes das alterações culturais e sociais desenvolvidas ao longo do tempo.

Também, modificaram-se sensivelmente os perfis de boa parte daqueles que produzem cordéis nessas primeiras décadas do século XXI. As biografias dos poetas, disponibilizadas nas folhas iniciais de cada cordel contemporâneo da *Coleção*, permitem-nos um vislumbre dessas mudanças. Se, na primeira metade do século XX, se tornou tradicional a figura do poeta talentoso em versejar, porém, com poucos estudos formais, alguns, inclusive, alfabetizados pelos antigos “ABCs” encontrados em folhetos, grande parte das vezes possuindo biografia intimamente ligada ao meio rural nordestino e aos elementos componentes do sertão<sup>274</sup>; nos “cordéis contemporâneos”, o que vemos é uma maioria de poetas formalmente bem letrados, muitos deles possuindo formação universitária. São professores, engenheiros, agrônomos, médicos, linguistas, pedagogos, historiadores, biólogos, entre outros. Se levarmos em conta apenas as formações declaradas nas biografias disponibilizadas nos folhetos contemporâneos da *Coleção*, encontraremos, entre os 45 poetas que compõem o elenco, 29 com formação universitária; 12 poetas declaram possuir pós-graduação, vários destes atuam como professores em escolas de ensino básico ou em universidades; e apenas 4 poetas declaram viver, integralmente, de atividades ligadas à arte que produzem.

Vale indagarmos sobre quais seriam os motivadores que levam os poetas do “novo cordel” a dedicarem-se a essa atividade. Mais uma vez, as pequenas biografias nos

---

<sup>274</sup> O estereótipo que foi consolidado a partir da ampla circulação da noção de que o cordelista tradicional do século XX seria geralmente pouco ou mal letrado deve ser relativizada para que sejam evitadas generalizações. Levemos em conta que “Alguns dos mais célebres poetas de cordel do início do Século XX, tais como Leandro Gomes de Barros, Francisco das Chagas Batista e João Martins de Athayde, orgulhavam-se de, ao longo de seus anos de vida, terem desenvolvido certa erudição vinda dos livros e jornais que liam. Alguns desses poetas faziam questão de estabelecer diferença entre os poemas que produziam e aqueles compostos quase que de improviso, pelo cantador andarilho, na maioria das vezes, pouco letrado ou analfabeto. João Martins de Athayde, por exemplo, mesmo tendo se letrado tardiamente, era homem alfabetizado e lido em diversos assuntos e especialidades. Conhecia Castro Alves, Casimiro de Abreu e Gonçalves Dias.” Ver: POTIER, 2016, p. 171.

folhetos nos apontam algumas possíveis respostas para nossa questão: grande parte dos poetas biografados está ligada a institutos, associações ou projetos de divulgação e de fomento para a literatura de cordel. Vários foram agraciados com premiações e comendas em concursos e festivais literários. Grande parte desses poetas demonstra querer dar manutenção à essa produção literária de modo a não a deixar perder força com o passar dos anos. São, portanto, antes de tudo, muitos desses poetas do “novo cordel”, grandes admiradores e pretensos mantenedores do legado deixado pelos “mestres do cordel” do século XX.

Nos tempos da Juazeiro centenária, mais do que uma manifestação poética que se convertia em meio de sobrevivência, assim como ocorria à época dos primeiros folheteiros, fazer cordel significa engajar-se em um movimento de fortalecimento, que oscila entre as intenções de preservar velhas tradições formadoras dessa literatura ou renová-la, conferindo-lhe novas temáticas, abordagens e formatos. Só para ficarmos em dois exemplos que ilustram o que estamos comentando, podemos citar o poeta Iderval Reginaldo Tenório, médico juazeirense nascido em 1954, que afirma dedicar-se ao cordel porque tem a missão de “difundir a real cultura nordestina pelo Brasil”<sup>275</sup>. Já o poeta Ernane Tavares Monteiro, radialista, diz que faz cordéis buscando “acompanhar o desenvolvimento de Juazeiro e suas evoluções poéticas”<sup>276</sup> a partir da condição de membro de academias e de institutos de fomento à literatura de cordel.

As próprias biografias, da maneira como estão organizadas na *Coleção Centenário*, merecem, em si, nossa atenção a partir de um olhar mais atento para algumas especificidades. Primeiramente, levemos em conta o fato de que a Comissão Organizadora do Centenário de Juazeiro do Norte empenhou-se em disponibilizar as biografias dos poetas e das poetisas que tiveram folhetos publicados no segmento “cordéis contemporâneos”. Já os folhetos do segmento “cordéis clássicos” não trazem as biografias de seus autores. A presença de pequenos textos biográficos em um dos segmentos e a ausência no outro não devem passar despercebidas aos que busquem analisar os resultados das intencionalidades manifestadas na *Coleção Centenário* quando esta foi apresentada ao seu público.

Grande parte dos poetas com folhetos publicados entre os “cordéis clássicos” possuem biografias bastante conhecidas e divulgadas em estudos e antologias do cordel.

<sup>275</sup> TENÓRIO, Iderval Reginaldo. **A grande Batalha: Juazeiro contra o Crato – Viva o nosso centenário.** Fortaleza: IMEPH, 2012. p. 16.

<sup>276</sup> MONTEIRO, Ernane Tavares. Juazeiro Centenário. Fortaleza: IMEPH, 2012. p. 20.

Ainda assim, ou até mesmo devido a esse fator, esses “famosos” poetas não foram biografados pela *Coleção*. A alcunha de “clássico” parece bastar a esse grupo de poetas do passado, legitimando-os como artistas do verso que já foram consagrados por suas respectivas produções e trajetórias junto à literatura de folhetos. Eles representariam, aqui, o que há de tradição e legado a ser conhecido e seguido por quem venha a querer consumir ou, mesmo, produzir cordéis, no presente ou no futuro.

Já os poetas com folhetos publicados entre os “cordéis contemporâneos” parecem ter recebido a atenção que se optou dar àqueles que precisam tornar-se conhecidos pelos que ainda não estão inteirados sobre suas produções, o que não quer dizer que esses sejam poetas totalmente desconhecidos para certo público. O que ocorre é que boa parte desses poetas tem seus versos divulgados majoritariamente a partir de concursos, festivais ou outras formas de eventos literários, ou, ainda, por meio dos esforços institucionais promovidos por associações, institutos, academias, sociedades e projetos literários aos quais, nos tempos atuais, muitos desses artistas são vinculados. São, portanto, poetas que, no presente, estão buscando “não deixar o cordel morrer” a partir de movimentos de divulgação e de promoção que vão bem além da ação de escrever poemas e de tentar vendê-los diretamente a um público difuso.

Para esses poetas “contemporâneos”, atuantes em um tempo em que se busca manter o cordel vivo e saudável a partir de motivações e de estratégias diferentes daquelas que se apresentavam aos cordelistas de grande parte do século passado, as biografias funcionam, também, como se fossem uma espécie de portfólio, uma forma de apresentação do poeta que o aloca em certo lugar social de fala, qualificando e legitimando a sua obra.

Não por acaso, as biografias encontradas ao final dos folhetos do segmento “cordéis contemporâneos” foram escritas pelos próprios poetas e enviadas aos organizadores da *Coleção*. Cada artista pôde escrever sobre si e sua obra, a partir daquilo que julgou ser importante de ser mencionado. Também, não é mera coincidência o fato de que as estruturas da maioria das pequenas biografias disponibilizadas tenham seguido certo padrão de elementos que as assemelham ao que seriam os *curriculum vitae* dos autobiografados, geralmente indicando, quando cabíveis a cada caso, informações sobre onde nasceram, residem e estudaram, em que se formaram, quais atividades profissionais exerceram e exercem, quais as suas publicações em verso e/ou em prosa, com quais prêmios foram agraciados e às quais instituições de fomento à literatura de cordel são vinculados.

Ao apresentar seus poetas contemporâneos, vivos e atuantes, aos potenciais leitores e ouvintes da *Coleção*, reforça-se a intenção de fazer com que essa coletânea de cordéis cumpra o pretendido papel de narrar Juazeiro no presente, ao mesmo tempo em que se indica a existência de uma ativa produção poética que continuará a existir em tempos futuros, incentivando, inclusive, aqueles que venham a querer engrossar as suas fileiras.

Para além dos perfis de seus autores, vale indagarmos a respeito de como são, em forma e em conteúdo, os poemas que se apresentam ao público a partir desse “novo cordel” que na *Coleção Centenário* está representado pelos 50 folhetos dos “cordéis contemporâneos”.

Inicialmente, se pode constatar que boa parte desses folhetos – a maioria –, quando analisada a partir do conjunto coletado pela *Coleção*, busca reproduzir conteúdos e formatos que se tornaram tradicionais ao longo do século XX, trazendo, para o presente, imagens poéticas de um Nordeste rural, simbolizado por elementos ligados a um sertão “atemporal”, que, nessas representações, pode parecer não mudar com o passar dos anos.

Nesse tipo de folheto, os cordéis que buscam narrar as memórias sobre Juazeiro do Norte seguem certo padrão narrativo que, muitas vezes, parece “emular” antigos cordéis de meados do século passado: a personagem central é o Padre Cícero; sua chegada ao vilarejo, em 1872, marca a ruptura entre o que seria a história do povoado do Tabuleiro Grande e a de Juazeiro propriamente dita<sup>277</sup>; o Milagre da Hóstia costuma ser narrado como acontecimento inicial, tanto para legitimar o Padre Cícero como “homem santo” e taumaturgo quanto para demarcar o início do crescimento das romarias; a Emancipação do município, em 1911, demarca a consolidação de Juazeiro como cidade autônoma e regionalmente importante, abrindo caminho para as narrativas que discorrerão sobre seu progresso; a Guerra de 1914 legitima a bravura do povo romeiro e o poder do Padre Cícero como líder desse povo; a morte do Patriarca, em 1934, costuma ser narrada mais como continuidade do que ruptura, uma vez que, a partir desse “pranteado” evento, Juazeiro continuará crescendo e progredindo, sob as bênçãos e intercessões de “seu santo” que, lá da morada celeste, zela pelos devotos e romeiros.

---

<sup>277</sup> Mesmo sabendo que o povoado já era chamado de “Joazeiro” antes de 1872, é a chegada do Padre Cícero que costuma marcar temporalmente a história da cidade, visto que seria aquele que chegou para ser capelão na Capelinha de Nossa Senhora das Dores o protagonista dos eventos que levariam Juazeiro do Norte às suas consolidação e emancipação e ao seu desenvolvimento, portanto, o “fundador” da cidade.

No folheto *Romaria*<sup>278</sup>, por exemplo, editado, pela primeira vez, em 2002 e reeditado em 2011 como o mais antigo poema dentre os “cordéis contemporâneos” da *Coleção*, as estrofes, em décimas, representam a maneira como muitos dos cordéis contemporâneos tidos como mais “conservadores”<sup>279</sup> produzem imagens poéticas que trazem para o presente elementos do passado, “presentificando-os” de forma que as noções de tempo cronológico embaralham-se e vão se tornando indistintas<sup>280</sup>. Em forma e em conteúdo, esses versos produzidos no início do século XXI bem poderiam parecer a um admirador desavisado, pertencerem a alguns dos poetas encontrados nos folhetos da primeira metade do século passado:

Como é lindo o meu sertão  
 Que bonito o sertanejo  
 O seu trabalho e o manejo  
 Da enxada em sua mão  
 Bota a semente no chão  
 Que nasce logo em seguida  
 Semente que gera vida  
 Que mata a fome do povo  
 E que faz nascer de novo  
 A esperança perdida

E que fica na torcida  
 De ver chegar fevereiro  
 Viajar pro Juazeiro  
 Numa viagem sofrida  
 Na estátua de meu Padim  
 Pois todo ano é assim  
 A sua jornada é essa  
 Vem pagar sua promessa

<sup>278</sup> HUGO, José. *Romaria*. Fortaleza: IMEPH, 2012. 12 p.

<sup>279</sup> O termo “conservador”, na forma como está sendo utilizado nesta tese, refere-se aos esforços empreendidos por alguns poetas e estudiosos do cordel, no sentido de buscar conservar, para a literatura de folhetos, aquelas características por eles consideradas como “originais” ou “verdadeiras”, pautadas na mera reprodução de elementos dos cordéis do século XX. Assim, serão classificadas como conservadores as materializações de tais pretensões em versos de cordel, principalmente quando se busque definir e classificar, a partir de temáticas, usos de expressões específicas ou elementos ideológicos, o que é e o que não é o “verdadeiro cordel”. Nesse sentido, seguimos utilizando o termo, em consonância com as argumentações de José Carlos Cariacás Romão dos Santos, em seu capítulo de tese *O Cordel não é estritamente conservador e tradicionalista*. Ver: SANTOS, J. C. C. R. dos. **A polifonia do cordel de simbólica católica**: contrapondo reducionismos interpretativos. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

<sup>280</sup> Sabe-se que a literatura de folhetos não possui a função de seguir cronologias históricas e que, desde os primeiros cordéis a circularem pelo Brasil, uma das características conhecidas é justamente a diluição de noções rígidas de tempo ou de espaço. O apontamento realizado nesse momento tem apenas o objetivo de sublinhar a permanência dessa característica nos poemas que trazem o passado e o presente para um mesmo tempo, nesse início do século XX.

Pro sofrimento ter fim<sup>281</sup>

O autor do folheto participou da II Bienal de Artes de Juazeiro do Norte, além de ter atuado como ator coadjuvante no filme *Milagres no Juazeiro*<sup>282</sup>. Seu poema dedicado às romarias situa no presente as práticas sociais que busca representar em seus versos. Em sua narrativa, a estátua do Padre Cícero já habita o Monte do Horto e é apresentada como símbolo para o Nordeste. Os ritos narrados poderiam ser de antigamente ou de agora, mas, estrategicamente, não precisam ser situados no tempo, o que termina por reforçar a impressão de “atemporalidade” nessas práticas. Em poemas como esse, não parece ser necessário ficar falando sobre confortáveis ônibus ou carros subindo as asfaltadas vias que, nos dias atuais, levam ao topo do Horto. Afinal, são o contato corporal do romeiro com o espaço sagrado e as penitentes dificuldades do itinerário que, em cordel, ontem ou hoje, legitimam e “melhor simbolizam” os romeiros do Padre Cícero:

Ele deixa tudo enfim  
 Pra fazer a romaria  
 Rezar aos pés de Maria  
 Pra não ter tempo ruim  
 Participar do festim  
 No dia da Mãe das Dores  
 Ele leva suas flores  
 Pra colocar no altar  
 E depois de comungar  
 É que acabam seus temores.

Vem fazer a penitência  
 Na Igreja do Socorro  
 E na subida do morro  
 Ele vai com paciência  
 Rezando com Inocência  
 E na colina subindo  
 Sua fé lhe conduzindo  
 À estátua do patriarca  
 Que no Nordeste é marca  
 Que há muito vem reluzindo.<sup>283</sup>

Em meio às imagens que vão narrando Juazeiro a partir das dinâmicas romeiras, as interações entre as dimensões sagrada e profana são evocadas de modo a permitir que o

---

<sup>281</sup> HUGO, 2012, p. 5.

<sup>282</sup> *Ibid.*, p. 2.

<sup>283</sup> *Ibid.*, p. 6.

leitor “visualize” em sua mente aquelas que seriam cenas de uma cidade que tem bendito, procissão, missa, sermão e oração, além de comércio pulsante, forró, seresta e bandeirinhas. Tem ainda sacrifício, tanto no que é sagrado quanto naquilo que é profano. Sacrifício que é redentor e purificador para o corpo e para a alma do romeiro penitente. Sacrifício, também, para se ganhar um dinheiro suado com as vendas de toda a sorte de objetos que possam interessar aos visitantes, que levarão, de volta para seus lares, verdadeiros relicários de lembranças. Entre esses objetos poderá haver, inclusive, folhetos de cordel:

Tudo vai se conduzindo  
Com o canto de benditos  
E os romeiros invadindo  
A cidade e dividindo  
Comércio e religião  
Vem de toda região  
Carreadas de ambulantes  
Transformando em instantes  
Toda calçada em balcão.

Vão montando suas tendas  
Em todo e qualquer lugar  
Onde puderem brotar  
Os objetos de vendas  
Transcorreram suas sendas  
Já com muito sacrifício  
Nesse comércio difícil  
Algum dinheiro ganhar  
Pra quando a festa acabar  
Já pensar em outro início.<sup>284</sup>

Porém, a qual tempo pertencem as imagens poéticas apresentadas por esses versos? São de agora, do ano passado ou de várias décadas atrás? Ao que parece, não haverá resposta para tais perguntas e, talvez, elas nem sejam necessárias para que o poema alcance seus objetivos. Os versos que propõem certa “divisão” entre o sagrado e o profano, em Juazeiro, mais demonstram a simbiótica indissociabilidade entre essas duas dimensões, nas dinâmicas sociais da cidade, do que o contrário. Os ritos narrados naqueles primeiros anos do

---

<sup>284</sup> HUGO, 2012, p. 7.

século XXI são muito semelhantes àqueles que já se fizeram presentes em poemas de autores como Expedito Sebastião Batista ou João de Cristo Rei<sup>285</sup>.

O poeta até oferece ao leitor ou ouvinte alguns elementos que podem servir para dar pistas sobre como se orientarem no tempo, tais como a presença da grande estátua do Horto (inaugurada em 1969) ou uma menção, no pretérito, ao Monsenhor Murilo (falecido em 2005). Ainda assim, nesse folheto que parece reunir imagens que poderiam, perfeitamente, pertencer a várias épocas, o que se sabe é que elas acontecem em Juazeiro do Norte. Nessas narrativas “contemporâneas” sobre Juazeiro, nas quais uma das principais características é versejar o mais parecido possível com as formas com as quais se produziam poemas no passado, especificar o espaço é imprescindível, já o tempo, entre o antigo e o novo, não parece ser necessário estar definido. O importante aqui é mostrar que no Juazeiro houve, há e haverá romaria e festa:

São nesses dias de festa  
 Que por três vezes no ano  
 O divino e o profano  
 Toda a cidade infesta  
 Se tem missa, tem seresta  
 Tem forró, tem procissão  
 Tem bandeiras e sermão  
 Padre Murilo pregava  
 E com o romeiro rezava  
 Para alcançar o perdão.<sup>286</sup>

Do meio para o fim, o poema feito para apresentar as romarias volta-se, por um breve momento, à época dos milagres relacionados à beata Maria de Araújo. Esse retorno aos tempos dos primeiros prodígios do Juazeiro presta-se à tarefa de narrar as adversidades pelas quais o Padre Cícero passou durante todo o processo que resultou na sua suspensão de ordens eclesiásticas. Serve, também, para marcar o momento em que as romarias se intensificaram e nunca mais pararam de crescer.

<sup>285</sup> Um exemplo pertinente para o que estamos afirmando pode ser encontrado no folheto *O que diz o meu Padrinho Cícero sobre a santa Romaria*, de João de Cristo Rei. A narrativa do poema situa-se em tempos nos quais o Padre Cícero ainda estaria vivo para receber os romeiros do Juazeiro. O folheto apresenta aos leitores e ouvintes cenas sobre a preparação para a viagem da romaria ou durante seu trajeto, com as quais o poema *Romaria* de José Hugo guarda sensíveis semelhanças. Tais cenas podem ser observadas em estrofes como: “Bota um lenço no pescoço / E puxa para o Juazeiro / Depois puxa novamente / lá para o seu paradeiro / E assim fica chamando / Todo o pessoal romeiro”. Ver: CRISTO REI, João de. **O que diz meu Padrinho Cícero sobre a santa romaria**. [S. n.: s. l.], [19--]. p. 3.

<sup>286</sup> HUGO, 2012, p. 8.



No final, o resultado dos desdobramentos históricos iniciados com os primeiros milagres é apresentado ao leitor em tom de “revanche do destino” sobre aqueles que em qualquer tempo duvidaram ou desdenharam da força das romarias, de Juazeiro do Norte e de seu patriarca. Afinal, nesse poema que investe em manter vivas as tradições ligadas aos cordéis sobre Juazeiro, o Padre Cícero tornou-se conselheiro e protetor perpétuo; a cidade cresceu sob sua bengala e seu chapéu; já os romeiros continuam e continuarão engrossando as fileiras dos que vêm prestar homenagens à Mãe de Deus:

O padre se transformou  
Do sertão o conselheiro  
E de todo canto, romeiros  
Pro Juazeiro rumou  
Isso só incentivou  
Do lugar o crescimento  
E até esse momento  
A coisa vem aumentando  
E com isso vem mostrando  
A verdade aparecendo.

Juazeiro se expandiu  
Sob a bengala e o chapéu  
Sob os desígnios do céu  
Que o Padre proferiu  
O cristianismo fluiu  
E o amor da Mãe de Deus  
E os romeiros filhos seus  
Vêm lhe prestar homenagem  
Fazendo dessa viagem  
Marco do que aconteceu.<sup>287</sup>

São, portanto, recorrentes, entre os “cordéis contemporâneos” da *Coleção*, os poemas que investem na produção de narrativas sobre Juazeiro do Norte a partir da reafirmação de imagens poéticas que foram se tornando tradicionais nos folhetos que ficaram famosos no século passado. O folheto *História de Juazeiro*<sup>288</sup>, de Maria de Fátima Gomes, é, por exemplo, um dos muitos poemas compostos especialmente para a ocasião do Centenário, em que podem ser percebidas enunciações que investem em evocar antigas tradições e em qualificar a cidade como um “relicário” para o Nordeste:

<sup>287</sup> HUGO, 2012, p. 13-14.

<sup>288</sup> GOMES, Maria de Fátima. **História de Juazeiro**. Fortaleza: IMEPH, 2012. 12 p.

Com todo amor que dedico  
 À querida Juazeiro  
 Conto a História da cidade  
 Que acolhe todo romeiro  
 E comemora o centenário  
 Sendo ela um relicário  
 Do Nordeste Brasileiro.<sup>289</sup>

Em outro folheto, *Juazeiro, a árvore símbolo do Ceará*<sup>290</sup>, de Wanderley Pereira, as narrativas apostam no reforço de antigos estereótipos com a finalidade de legitimar o que seriam “verdadeiros símbolos da cultura nordestina”.

Os símbolos elencados desta vez são o cangaceiro Lampião e o Padre Cícero Romão, personagens que, quando representadas em folhetos, foram os maiores campeões de vendas, desde a primeira metade do século XX. Ambos, aliás, estão entre as personagens que inspiraram, ainda em vida, inúmeras narrativas editadas em folhetos. Tais narrativas ajudaram a dar-lhes promoção e fama por diversas plagas do Brasil. Depois de suas respectivas mortes, na década de 1930, ambos continuaram sendo representados pelos versos do cordel que ajudou, com o passar do tempo, a atualizar e a promover manutenção em suas imagens junto ao público que, direta ou indiretamente, trava contato com os discursos produzidos por essa literatura:

Caro leitor, nossa história  
 Do nordeste brasileiro  
 Tem muitos nomes cantados  
 Nos versos do violeiro,  
 Entre os quais tem lampião  
 E padre Cícero Romão  
 O santo do Juazeiro

Um simboliza a coragem  
 Do caboclo nordestino  
 O outro reflete a fé  
 Do romeiro peregrino  
 Entre os dois o Juazeiro  
 Simboliza verdadeiro  
 Lema do nosso destino<sup>291</sup>

<sup>289</sup> HUGO, op. cit., p. 5.

<sup>290</sup> PEREIRA, Wanderley. **Juazeiro, a árvore símbolo do Ceará**. Fortaleza: IMEPH, 2012. 12 p.

<sup>291</sup> Ibid., p. 3.

Juazeiro do Norte é aqui referenciada como território capaz de unir essas duas personagens, pois, segundo o autor, está “entre os dois”, servindo-lhes de espaço para que ambos coexistam e ganhem visibilidade a partir de determinadas circunstâncias. Pode ser que o poeta esteja indiretamente fazendo referência à famosa visita de Lampião a Juazeiro, em março de 1926, quando, por convite de Floro Bartholomeu, o cangaceiro, juntamente com o seu bando, teria aceitado dar auxílio às forças do Batalhão Patriótico de Juazeiro do Norte contra a Coluna Prestes<sup>292</sup> ou, então, o poeta pode simplesmente estar levando em conta o fato de que, por décadas, ao longo do século passado, o forte parque tipográfico de Juazeiro ajudou a difundir e a capilarizar histórias em folhetos protagonizadas por essas duas famosas personas.

Vale ressaltar que nem sempre os discursos que aproximaram o cangaceiro Lampião do Padre Cícero Romão serviram para promover olhares positivos às duas personagens e tampouco a Juazeiro do Norte. Foram necessários que, com o passar do tempo, as representações sobre Lampião fossem se cristalizando em torno de imagens que lhe conferissem sentidos voltados à ideia de que esse foi uma espécie de “justiceiro do sertão”, um “bandido honrado”, para que possíveis laços entre o cangaceiro e o famoso Padre do Juazeiro passassem a ser vistos e enunciados como algo positivo, a partir de certo “mutualismo” discursivo em que as ligações com o Padre conferiram a Lampião uma dimensão devota e religiosa, enquanto fortaleciam, para Padre Cícero, a imagem do sacerdote justo e benevolente que não rejeita aconselhar e abençoar nem os mais perigosos bandidos. Houve, porém, o tempo em que as supostas ligações entre o cangaceiro e o Padre ajudaram a detratar Juazeiro como território não apenas de fanatismo mas também de banditismo. Sobre isso, Ramos afirmou:

Trata-se de mais um fato constituído por um complexo conjunto de imagens, que se excluem e se entrelaçam nas formas pelas quais a espacialidade de Juazeiro ganha sentido. Nesse caso, a questão central não era definir a cidade como “centro de fanatismo”, e sim como “núcleo de banditismo”, que no final das contas era quase a mesma coisa, pois os “fanáticos” estavam a um passo do ato criminoso.<sup>293</sup>

---

<sup>292</sup> Ver nota de rodapé número 113.

<sup>293</sup> RAMOS, 2014a, p. 310-311.

O Padre Cícero defendeu-se, inclusive, das acusações que, mencionando-o como alguém que dialogou com Lampião, buscavam colocá-lo no rol dos defensores de bandidos. Sobre o assunto, o Padre Cícero publicou uma carta no *Jornal do Comércio*, em 6 de março de 1926, onde questionava: “Porventura sou eu chefe de Polícia, comandante de tropa, autoridade que tenha o dever de prender os delinqüentes?”. O padre seguiu argumentando que nunca agiu senão segundo o que se espera de um missionário católico – um sacerdote conselheiro – e terminou a carta propondo aos governos dos estados que combatessem o banditismo “numa acção conjunta, segura e bem orientada na qual não faltem também os sentimentos de humanidade e caridade Christãs”<sup>294</sup>.

Quase um século depois da referida carta, o folheto de Wanderley Pereira, em nome de buscar dar manutenção às tradições que parecem ser consideradas preponderantes quando o objetivo é representar o que se considera a “cultura nordestina”, evoca antigos elementos do passado para serem enunciados no presente, a partir de toda a teia de atualizações que sofreram com o passar do tempo. Pelos versos do folheto, o autor investe em argumentos, hoje bastante difundidos, ao afirmar que, mais do que simplesmente dois homens, o cangaceiro representa a “coragem do caboclo nordestino”, o sacerdote padroeiro, a fé de um povo. Seguindo pela perspectiva de buscar não deixar certos discursos se enfraquecerem com o tempo, o poeta prescreve Lampião, Padre Cícero e Juazeiro como elementos “obrigatórios” a qualquer roteiro no qual se queira representar o Ceará ou o Nordeste.

Em qualquer crônica ou lenda  
 Conto, cordel, reportagem  
 Que fale do cearense  
 De seu talento e coragem  
 Terão que estar no roteiro  
 Eles dois e o juazeiro  
 Bem no centro da paisagem.<sup>295</sup>

Prescrições como as que aqui verificamos, buscam propor (ou até impor), no presente, normatizações que visam, para o cordel, permanência e perpetuação de elementos temáticos e de “formas de fazer”. Nesses casos, o apelo às tradições, que poderia servir principalmente à tarefa de fazer lembrar, vai além, uma vez que defende que determinados

<sup>294</sup> RAMOS, 2014a, p. 311.

<sup>295</sup> PEREIRA, 2012, p. 3.

elementos “terão que estar no roteiro”. Nesse jogo de forças discursivas, o que se percebe é a busca por permanências que acabam por contribuir com a cristalização, não apenas daquilo que vai sendo proposto como o “verdadeiro cordel” mas também com a manutenção de determinados estereótipos como definidores para o que se deseja “canonizar” como “verdadeira cultura nordestina”.

## 5.2 O cordel institucionalizado: entre benditos e “mauditos”

*“O passado é lição para se mediar, não para reproduzir.”<sup>296</sup>*

Nos últimos anos, um forte elemento a ser levado em consideração, no que diz respeito às formas de fortalecimento e de legitimação do que estamos tratando como “cordel contemporâneo”, encontra-se nas atuações de instituições formadas com o objetivo de manter, de fortalecer ou, mesmo, de ressignificar o cordel no século XXI. São projetos de incentivo e de fomento, academias, institutos, sociedades, imbuídos de propósitos que, em diferentes medidas, buscam manter vivas e atuantes a literatura de cordel e seus efeitos.

Em certos casos, os caminhos adotados por algumas dessas entidades é o de “resgate” – se quisermos mencionar um termo usualmente adotado em manifestos institucionais e em declarações de membros dessas instituições – da “cultura nordestina”. Uma cultura legitimada por tradições ligadas aos tempos do sertão do cangaço e às fortes manifestações de fé popular que, quando relacionadas às dinâmicas de sobrevivência em espaços de migrações cujos retirantes lutavam por escapar dos revezes impostos pelos períodos de estiagem e, principalmente, das estruturas de dominação sociopolíticas ditadas àqueles que viviam do que plantavam e criavam, terminariam, segundo tais discursos, por definir um “etos” para o sertanejo recorrentemente agenciado para representar o povo nordestino.

Em outros casos, podemos verificar o uso de cordéis a partir de uma proposta de renovação de seus objetos. Nessas propostas, busca-se trazer cada folheto de cordel para o seu tempo presente de produção, mantendo suas formas características, porém atualizando-o em

---

<sup>296</sup> ANDRADE, Mário de. Prefácio interessantíssimo [a Paulicéia desvairada]. In: ANDRADE, Mário. **Poesias completas**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980. p. 29.

termos de temáticas e, também, no que diz respeito às estratégias adotadas para que se desenvolvam as suas narrativas.

Importante, nesses casos, é percebermos que as propostas de produção de folhetos, por parte de umas ou de outras dessas intencionalidades, direcionarão as formulações de enredos e narrativas produzidas por seus poetas signatários. Haverá quem esteja ligado, institucionalmente, a correntes que buscam “manter tradições”, enquanto existirão aqueles que defenderão renovações e atualizações a partir de estratégias como a da desconstrução de antigos estereótipos que estariam cristalizados. Todo esse jogo de tensões institucionais pode ser encontrado desde os últimos anos do século XX, mediante intelectuais e esforços institucionais regionalmente construídos no entorno de Juazeiro do Norte.

No Cariri, o triângulo de municípios formado por Barbalha, Crato e Juazeiro abriga algumas das principais instituições de fomento a elementos culturais nordestinos que se valem, em grande medida, dos cordéis que versejam sobre a região. Entre os “cordéis contemporâneos” coletados pela *Coleção Centenário* para narrar os 100 anos de municipalidade de Juazeiro, vários folhetos foram escritos por poetas vinculados a esse tipo de instituição.

A mais antiga das instituições de incentivo e de “preservação da cultura” encontrada no entorno de Juazeiro do Norte é o Instituto Cultural do Vale Caririense (ICVC), fundado ainda nas últimas décadas do século XX, em 1974. Quem entrar no site oficial do ICVC, abrigado pelo domínio *web* da Faculdade de Juazeiro do Norte (FJN), se deparará com os seguintes dizeres: “Preservando a tradição histórica. Desde 1974 o Instituto Cultural do Vale Caririense vem cultivando, difundindo e incrementando as ciências, as artes e as letras em geral”<sup>297</sup>. Os propósitos do Instituto, relacionados aos usos públicos da História no sentido de preservar tradições ligadas às memórias em torno de Juazeiro do Norte e de toda a região do Cariri, são ratificados pelos textos apresentados logo em seguida:

Nos seus 44 anos de existência, cerca de 143 intelectuais ocuparam as nossas cadeiras, formuladas com o patrocínio de importantes vultos das letras e das artes do Cariri.

-----

---

<sup>297</sup> INSTITUTO CULTURAL DO VALE CARIRIENSE. Disponível em: <https://www.fjn.edu.br/icvc/>. Acesso em: jan. 2020.

A cidade de Juazeiro do Norte, foi escolhida pelo Professor Joaryvar Macêdo para ser o berço do ICVC. Localizada no sul do Ceará, Região Metropolitana do Cariri, Juazeiro é a principal cidade da região, formando um triângulo com Crato e Barbalha. Visando o cultivo, incremento e difusão das ciências, artes e das letras em geral, bem como a preservação da tradição histórica e antropológica regional, o Instituto mantém intercâmbio com entidades congêneres, uma biblioteca, um arquivo, um periódico e outras publicações, em que se dá a estampa trabalhos de criação literária, pesquisas, estudos ou levantamentos.<sup>298</sup>

Deixando claras suas intenções de fortalecimento identitário por meio da manutenção de tradições, o Instituto ainda declara que “Juazeiro do Norte é um celeiro de histórias repassadas a cada geração por seus filhos cidadãos” e, também, que, “conhecida no mundo todo, a Terra do Padre Cícero carrega no seu desenvolvimento um acervo cultural que impressiona e conquista”<sup>299</sup>. A partir de sua estrutura, organizada mediante concessão de “cadeiras numeradas” destinadas a membros associados, “a exemplo das academias de letras, espalhadas pelo mundo”, o Instituto declara buscar realizar “um amplo programa de fomento a atividades lítero-artísticas”<sup>300</sup>.

Seguindo por essa lógica de preservação de tradições, o poeta Pedro Ernesto Filho, membro do ICVC, realiza sua contribuição para a *Coleção Centenário*, a partir de folheto que se destina a dar visibilidade a elementos da biografia de José Joaquim Teles Marrocos<sup>301</sup>, relevante personagem histórica de Juazeiro do Norte, fortemente ligado ao Padre Cícero Romão. No folheto *Marrocos na história do Juazeiro*<sup>302</sup>, o poeta apresenta sua intenção de trazer à tona as memórias da cidade:

Os costumes que tem esta cidade,  
Os romeiros que vêm de quando em quando,  
Os bons líderes que vivem trabalhando  
Quando lembram o seu nome têm saudade;  
Padre Cícero que está na eternidade,

<sup>298</sup> INSTITUTO CULTURAL DO VALE CARIRIENSE.

<sup>299</sup> Ibid.

<sup>300</sup> Ibid.

<sup>301</sup> Joaquim José Teles Marrocos foi um forte defensor do Padre Cícero e da Beata Maria de Araújo durante todo o processo relacionado aos milagres da transformação da hóstia em sangue, a partir de 1889, tendo, inclusive, furtado os panos ensanguentados ligados aos milagres, à época em posse do Padre Alexandrino, por acreditar que eles seriam destruídos pelo Tribunal do Santo Ofício. Marrocos foi um dos fundadores do periódico *O Rebate*, tendo sido um dos grandes defensores da Emancipação Política de Juazeiro, consolidada em 1911. Ver: NOBRE, E. S. **O Teatro de Deus**: as beatas do Padre Cícero e o espaço sagrado de Juazeiro (1889-1898). Fortaleza: Edições IMEPH/UFC, 2011.

<sup>302</sup> ERNESTO FILHO, Pedro. **Marrocos na história do juazeiro**. Fortaleza: IMEPH, 2012. 12 p.

Certamente o inclui nas orações,  
 O enfático teor dos seus sermões  
 Quando é relatado atualmente  
 Faz o povo lembrar frequentemente  
 O seu gesto de luta e devoções.

Zé Marrocos, busquei suas ideias,  
 Dinamismo, seus sonhos, sua história,  
 A conquista, os ataques, sua glória,  
 Seus projetos político-sociais,  
 Seu papel nos eventos culturais  
 E os discursos na moda gazeteria,  
 Tudo em prol da família brasileira,  
 Numa prova de luta e afeição,  
 Isso impõe sobre o povo a obrigação<sup>303</sup>  
 De honrar sua história pioneira.<sup>303</sup>

Os discursos de enaltecimento da personagem célebre, as relações desta com as memórias em torno do Padre Cícero, os valores morais elencados “em prol da família brasileira” e a obrigação imposta ao povo do Juazeiro, por lembrar e honrar uma história, fazem com que esse seja mais um folheto que busca apoiar-se nas memórias de uma época pretérita para dar manutenção à cidade no tempo presente. Por seu texto, o poema em questão poderia ser um daqueles que foram escritos em outros tempos, tendo sido selecionado no presente por ser ainda dotado de força discursiva no sentido de representar Juazeiro. Porém, não é esse o caso, uma vez que suas estrofes sobre Marrocos, um dos homens que lutaram pela Emancipação Política da cidade, foram compostas especialmente para serem lançadas durante os festejos do Centenário dessa conquista:

Coroando o prazer do centenário  
 Os autores da terra que se ergueram  
 E sobre os fatos históricos escreveram  
 Avivando a cidade do Vigário,  
 Enfocando o esforço voluntário  
 Que o povo prestou ao Juazeiro;  
 Adentrando ao princípio verdadeiro  
 Nesse rol eu também imploro a vez  
 E lembro o nome do homem que mais fez  
 Em defesa da terra do romeiro.<sup>304</sup>

<sup>303</sup> ERNESTO FILHO, 2012, p. 12.

<sup>304</sup> Ibid., p. 5.



Pedro Ernesto Filho, autor do folheto, não é apenas membro do ICVC mas também ocupa uma cadeira na Academia dos Cordelistas do Crato (ACC), outra das instituições que, à época do lançamento da *Coleção Centenário*, se apresentavam como guardiãs da “verdadeira cultura popular nordestina” mediante o incentivo à produção de cordéis.

Fundada em 1991 pelo poeta e radialista Elói Teles de Moraes, a ACC reserva cadeiras para 20 poetas populares, tem como objetivo “manter viva a arte de criar cordéis e repassá-la para as gerações jovens”<sup>305</sup>. Segundo o estatuto da Academia, cada um dos seus poetas tem o compromisso de publicar pelo menos dois novos cordéis a cada ano. Vários dos mais de um milhão de folhetos impressos pela ACC, sobre variados temas, têm se destinado a serem enviados a escolas e bibliotecas em diversas cidades do país<sup>306</sup>.

Em entrevista concedida em 2010, o poeta Chico Nascimento, integrante da Academia, declarou que os cordéis produzidos a partir da instituição possuem “temas os mais variados e que estão servindo para pesquisa e para leitura nas escolas”<sup>307</sup>. Tal afirmação ajuda na compreensão de que o cordel contemporâneo se destina a públicos e a consumos bastante diferentes daqueles que se costumava ter como correntes em meados do século XX. Na mesma matéria de imprensa, Eugênio Medeiros Dantas, então presidente da Academia, declarou que “ultimamente, tem sido grande a procura por cordéis que hoje são encontrados em praças e mercados de grandes cidades nordestinas, bancas de jornal, livrarias, aeroportos, praças de artesanatos, pela internet”<sup>308</sup>, indicando serem, também, renovados os canais de distribuição e de recepção dos folhetos em tempos recentes.

Segundo a presidência da instituição, a ACC faz questão de “manter tradições”, inclusive, no que diz respeito aos processos de feitura dos folhetos que produz. Cada página de um novo folheto é montada à mão a partir de procedimentos análogos aos das antigas tipografias do século XX. A impressão dos folhetos também é feita manualmente, em equipamentos com mais de 70 anos de idade. O trabalho é realizado por tipógrafos

---

<sup>305</sup> ACADEMIA dos Cordelistas resgata a tradição. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 14 nov. 2010. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/regiao/academia-dos-cordelistas-resgata-tradicao-1.667355>. Acesso em: jan. 2020.

<sup>306</sup> ROSA, Julia. Academia dos Cordelistas do Crato. **Turismo no Cariri**. Crato, 12 set. 2017. Disponível em: <https://www.turismocariri.com.br/a-regiao/cultura/academia-de-cordelistas-do-crato/>. Acesso em: jan. 2020.

<sup>307</sup> ACADEMIA..., 2010.

<sup>308</sup> Ibid.

remanescentes de antigas tipografias da região<sup>309</sup>, e estes se imbuem da tarefa de repassar os procedimentos do ofício a profissionais mais jovens que venham a substituí-los com o tempo. Todos os folhetos editados pela ACC trazem xilografuras em suas capas, e essas são, também, produzidas por xilógrafos ligados à instituição e impressas no local.

Os esforços pela perpetuação de procedimentos e de discursos que deem manutenção ao cordel a partir de elementos do passado ficam explícitos e demarcam uma nítida posição por um tipo de conservação que não se presta a absorver as mudanças que possam vir com o tempo. No ano do lançamento da *Coleção Centenário*, celebrando os 20 anos de existência da ACC, o então presidente, poeta e professor Eugênio Dantas, declarou: “muito mais do que uma entidade, somos uma resistência”<sup>310</sup>. Na ocasião, Dantas defendeu que a luta daquela academia era em prol da “não descaracterização do cordel”.

A Academia de Cordelistas do Crato, autointitulada “morada da poesia”, ainda disponibiliza a sua estrutura para visitas turísticas. Quem desejar conhecê-la e testemunhar como eram produzidos os cordéis de antigamente poderá agendar uma visita individual ou em grupo. Contudo, não são apenas essas as evocações às antigas práticas sociais do passado, que costumam ocorrer muito mais sob o formato de emulações do que de memórias. Em 2010, o SESC do Crato desenvolveu, junto com a ACC, um projeto denominado “Cordel na Feira” que buscou “resgatar uma antiga tradição”:

a presença dos cordelistas nas feiras semanais das cidades do interior, quando o cordel era o principal meio de comunicação entre os moradores da zona rural que fazem da feira o ponto de encontro para compra de mercadorias, troca de ideias e, principalmente, balcão de informações dos assuntos da semana. O evento foi animado por uma rabeça, instrumento típico das feiras nordestinas, tocada por João Nicodemos, um dos autores do cordel que define a feira como o palco da cultura popular nordestina.<sup>311</sup>

Aqui temos um exemplo acerca de como pode ser problemática a ideia de “resgatar antigas tradições” para o presente. Vejamos: a iniciativa supracitada buscou

<sup>309</sup> À época da citada matéria, este trabalho era feito pelo tipógrafo Vicente Nascimento, remanescente das antigas tipografias do Cariri.

<sup>310</sup> CORDELISTAS festejam 20 anos de Academia (Crato CE). **Cordel Paraíba**. Paraíba, 29 mar. 2011. Disponível em: <http://cordelparaiba.blogspot.com/2011/03/cordelistas-festejam-20-anos-de.html>. Acesso em: jan. 2020.

<sup>311</sup> ACADEMIA..., 2010.

teatralizar, por meio de performances artísticas, antigas práticas sociais já bastante arrefecidas ou até extintas com o passar do tempo.

Mesmo conseguindo atrair e agradar ao público que frequenta as feiras e as praças públicas no início do século XXI e evocando a força e a ludicidade poética possíveis de serem encontradas na reprodução de práticas análogas às dos folheteiros, dos rabequeiros e dos violeiros do século anterior, vale a percepção de que a praça, a feira, os artistas, o público e o cordel mudaram com o tempo, suas concepções sobre a realidade e as formas de se relacionarem com o mundo só podem ser compreendidas quando enxergadas pelas “lentes do presente”. Portanto, mais do que *reprodução*, iniciativas como essa terminam por promover a *reinvenção* dessas práticas, oferecendo representações do passado – capital mimético por excelência<sup>312</sup> – aos novos olhares que, no presente, poderão até se demonstrarem receptivos, porém estarão vivenciando e participando da concepção de algo novo em termos de experiência no tempo.

O Serviço Social do Comércio (SESC), aliás, tem sido um incentivador da “preservação de memórias” sobre o cordel, além de fomentar, mediante projetos culturais, a divulgação do trabalho de cordelistas contemporâneos na região do Cariri, principalmente no triângulo de municípios formado por Juazeiro do Norte, Barbalha e Crato. É esse o caso, por exemplo, do Projeto SESCordel Novos Talentos, que, nos últimos anos, a partir de Juazeiro do Norte, tem promovido concursos, conduzido eventos literários e editado folhetos de poetas da região. Nas biografias disponibilizadas nos “cordéis contemporâneos” da *Coleção Centenário*, pelo menos 15 cordelistas declararam possuir folhetos publicados por esse projeto institucional.

Os procedimentos conservadores defendidos por membros de instituições como os acadêmicos da ACC não ficam visíveis apenas no campo material das “artes de fazer” cordel. Para além da adoção da xilogravura como padrão em suas capas, os versos produzidos, a exemplo daqueles encontrados no folheto de Pedro Ernesto Filho, remetem a uma Juazeiro de antigamente, buscando valorizar suas principais personagens e fortalecer seus símbolos mais conhecidos. Essas serão, majoritariamente, as características encontradas nos folhetos

---

<sup>312</sup> Aqui usamos o conceito de “capital mimético” na forma como foi proposta por Stephen Greenblatt, ao afirmar que “As imagens que contam, que merecem o nome de capital, são as dotadas de poder de reprodução, que se sustentam e se multiplicam transformando contatos culturais em formas novas e não raro inesperadas. [...] Ou seja, as representações não são só produtos, são igualmente produtores capazes de modificar decisivamente as próprias forças que lhes dão nascença.” Ver: GREENBLATT, S. **Possessões Maravilhosas**. São Paulo: EDUSP, 1996. p. 22.

contemporâneos de poetas membros da ACC, editados pela *Coleção Centenário* em 2011, como se pode perceber em *O santo do Juazeiro*<sup>313</sup>, de Nezite Alencar, poema que se inicia fazendo referência ao *slogan* da administração municipal em exercício naquele ano, em seguida faz alusão ao Centenário, para, depois, apresentar narrativa dotada de cronologia que começa no povoado do Tabuleiro Grande e termina no momento em que Juazeiro emancipa-se:

Cem anos de piedade,  
De trabalho e oração  
Cem anos de bom conselho,  
Misericórdia e perdão,  
Cem anos de romaria,  
Fruto da sabedoria  
Do Padre Cícero Romão.<sup>314</sup>

-----  
Tornou-se então Padre Cícero  
Uma figura notória,  
Benfeitor de Juazeiro,  
O maior de sua História,  
Por dar-lhe um grande destino,  
Todo o povo nordestino  
Venera a sua memória.<sup>315</sup>

A Coleção Centenário, no segmento “cordéis contemporâneos”, reuniu, ainda, folhetos de artistas vinculados ao grupo juazeirense Sociedade dos Cordelistas Mauditos, cujas propostas e visões sobre a literatura de cordel divergem, em grande medida, daquelas que buscam, nas tradições, formas de perpetuar discursos do passado. Para esse grupo, a produção poética do cordel deve permitir renovações temáticas e desconstruções de estereótipos.

Os cordelistas Mauditos declaram-se um Movimento. Pautados na produção de discursos críticos e irreverentes, eles marcaram o “Dia da Mentira” como data de sua inauguração. Foi no dia 1 de abril do ano 2000 que esse grupo de poetas vanguardistas, boa parte deles ligados à Universidade Regional do Cariri (Urca), lançou sua primeira série de folhetos inéditos<sup>316</sup>, 12 ao todo, aproveitando-se das comemorações dos 500 anos de chegada

<sup>313</sup> ALENCAR, Nezite. **O Santo do Juazeiro**. Fortaleza: IMEPH, 2012. 16 p.

<sup>314</sup> *Ibid.*, p. 5.

<sup>315</sup> *Ibid.*, p. 13.

<sup>316</sup> SOCIEDADE DOS CORDELISTAS MAUDITOS. **Agora são outros 500!** Juazeiro do Norte: SESC, 2000. (Série poética em cordel).

dos portugueses ao Brasil. A ideia era, então, editar folhetos de cordel cujos poemas oferecessem uma visão crítica que fosse capaz de problematizar e de desconstruir a noção de “descobrimento” do Brasil pelos europeus. Para esse grupo de poetas, era necessário denunciar a reprodução de discursos tradicionalistas tidos como “reacionários” pautados nas manutenções de poderes ligados às “classes dominantes”<sup>317</sup>.

“Desconstrução”, aliás, seria uma das palavras-chave para buscarmos compreender as propostas dessa sociedade de cordelistas. Os Mauditos não produzem, necessariamente, críticas ao estilo poético adotado pelo cordel. Os formatos são mantidos no que diz respeito às rimas, às métricas e às organizações de estrofes em sextilhas, setilhas ou décimas. Também não se nega a importância da contribuição dos antigos mestres cordelistas para a difusão e a consolidação dessa literatura oral. Nas contracapas dos seus 12 primeiros poemas editados no ano 2000, os Mauditos apresentavam-se a partir do seguinte texto:

A nossa comunicação se dá através da poesia de cordel, traço da nossa identidade nordestina. Odiamos tecnicistas sem sentimentos literários. Somos contra o lugar comum da globalização que cria signos massificantes e uniformiza o comportamento estético. Nosso movimento pretende, sob uma ótica intertextual, utilizando vários códigos estéticos, redimensionar a literatura de cordel para um campo onde todas as linguagens sejam possíveis. Não somos nem erudito nem popular, somos linguagens. Entramos na obra porque ela está aberta e é plural. Somos poetas e guerreiros do amanhã. A poesia escreverá, enfim, a verdadeira história. Viva Patativa do Assaré e Oswald de Andrade!<sup>318</sup>

A oposição dos Mauditos costuma recair sobre a forma como o cordel, tido por eles como “tradicionalista”, busca manter certas temáticas e formas de representação para o Nordeste e o sertão. Uma das propostas do grupo é desestabilizar as imagens pautadas em um Nordeste representado como sendo apenas rural, marcado por messianismo, banditismo e retirância, sempre narrado a partir de elementos como a seca, o catolicismo popular ou o cangaço. Busca-se problematizar, e até denunciar, os investimentos na perpetuação de um imaginário sobre o sertão que, para manter-se puro, honesto, inocente, deve negar as atualizações sociais ocorridas no tempo, cristalizando-se num passado “pueril”<sup>319</sup>.

<sup>317</sup> GONÇALVES, Marco Antonio. Cordel híbrido, contemporâneo e cosmopolita. **Textos escolhidos de cultura e arte populares**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 21-38, 2007. p. 24.

<sup>318</sup> FERRAZ, Hélio. **Os dez mandamentos do bom cordelista**. Juazeiro do Norte: SESC, 2001.

<sup>319</sup> *Ibid.*, p. 23.

Na proposta dos Mauditos, nada impede que o cordel ofereça aos seus leitores e ouvintes poemas capazes de trazer à tona temáticas atuais e, socialmente, vigentes como homofobia, feminismo, racismo e movimentos sociais. Já tivemos, aliás, em páginas atrás, contato com um folheto “maudito”, selecionado para fazer parte da *Coleção Centenário*, o poema *Embalando meninas em tempos de violência*, de Salete Maria, aquele que foi construído em mordaz tom de denúncia e dedica-se a uma dessas temáticas, propostas pelo grupo e tidas como pertinentes e necessárias.

O próprio nome “Maudito” consiste em uma ironia provocativa que mira nos atuais cordelistas “acadêmicos”, considerados puristas pelo Movimento por elegerem tipos específicos de poetas para fazer cordel, autorizando e legitimando uns e desqualificando outros. Assim, os poetas desse movimento assumem, por antecedência, não se renderem às regras tradicionalmente aceitas (ou impostas) a quem deseje fazer cordel, propondo-se a construir poemas em folhetos que, para visões mais conservadoras, seriam mal escritos e “mau-ditos”<sup>320</sup>. No texto que deu origem ao Manifesto de inauguração da Sociedade dos Cordelistas Mauditos<sup>321</sup>, podemos vislumbrar mais claramente alguns dos argumentos do Movimento:

Vejamos: alguém elegeu um grupo de donos para o cordel (em geral, pessoas do campo e de poucas letras), em seguida, os cordelistas letrados, que hoje defendem “uma verdade autêntica” tematizam sobre coisas que falaram esses camponeses poucos letrados. Para manterem o que eles chamam de autenticidade, devem, portanto, utilizarem-se da mesma linguagem de outrora, – o que chamamos de fac-símile; e das representações sociais mais arcaicas e atrasadas como as discriminações sociais, sexuais e étnicas. Os mestres do saber institucionalizado se ofendem quando surgem outros grupos que estão se lixando pra essa concepção tradicionalista da história lenta. E os poetas “populares” estufam o peito e dizem “nós fazemos cordel, vocês não; vocês saem da linha da tradição”. Então nós dizemos, é, realmente nós não fazemos o tipinho folk, e muito menos queremos resgatar todo um universo de práticas simbólicas, achamos que o fazer literário deve ser criativo e pleno de mudanças. Não queremos resgatar toda uma tradição, mas os elementos importantes e revolucionários, de resistência, que sem dúvida estão presentes no que é do povo.<sup>322</sup>

<sup>320</sup> FERRAZ, 2001, p. 24-25.

<sup>321</sup> MARIA DA SILVA, Salete; PEREIRA DOS SANTOS, Francisca. **Pensando os Mauditos**. 2000. Documento pertencente aos arquivos pessoais de Francisca Pereira Dos Santos. Ver anexos.

<sup>322</sup> *Ibid.*, p. 3.

As reações de oposição às renovações propostas pelos Mauditos, na forma como explicitadas em seu Manifesto, podem ser verificadas em argumentações como a do poeta Juazeirense Abraão Batista<sup>323</sup>. Na ocasião do lançamento dos 12 cordéis inaugurais do Movimento, Batista, famoso defensor da manutenção do que seria o “verdadeiro cordel”, havia sido convidado especial para o evento, quando declarou:

Eles são, na maioria, jovens. É necessário que entendam que a linguagem de cordel não é uma linguagem de boca-suja. Não adianta querer jogar vanguarda, trazer um coração de porco para uma criatura humana. Há rejeição. O cordelista é espiritualista, é religioso. A linguagem do cordel é nobre, ingênua, inocente e pura. Muito embora possa ser apimentada e irônica.<sup>324</sup>

A analogia do “coração de porco”, utilizada por Batista para justificar a rejeição às propostas do Movimento, desqualifica seus poetas e produções por não seguirem os cânones postulados para se produzir cordel, ontem e hoje. Os excludentes argumentos, que qualificaram os Mauditos como jovens demais e seus versos como “linguagem de boca suja”, buscam negar para o cordel qualquer possibilidade vanguardista que venha a querer modificá-lo. Ainda assim, o movimento continuou existindo, se desenvolveu e se consolidou com o passar dos anos.

Entre os “cordéis contemporâneos” da *Coleção Centenário*, pelo menos cinco “folhetos mauditos” foram editados<sup>325</sup>. Ajudando a compor o conjunto dessa coletânea, esses folhetos oferecem a leitores e ouvintes imagens poéticas sobre Juazeiro do Norte, que poderão até destoar do que se tem por “convencional”, mas, por motivo algum, deixarão de ser imagens de cordel. Pelo contrário, mesmo que tais propostas discursivas contribuam para que o conjunto dos folhetos da *Coleção* não se consolide como, monoliticamente, hegemônico, a partir de um único tipo de narrativa tida como “canônica”, ainda assim, pode-se perceber que os folhetos produzidos a partir de diferentes perfis de poetas, instituições e movimentos pertencem a um universo compartilhado de elementos historicamente constituídos.

<sup>323</sup> CONTIVAL, Mylène. Juazeiro do Norte: entre Benditos e Mauditos. **Escritural – Écritures d’Amérique Latine**, n. 06, dez. 2012. ISSN n. 2102-5797.

<sup>324</sup> O CORDEL entre tapas e beijos, 2000 *apud* CONTIVAL, 2012.

<sup>325</sup> Publicados pela *Coleção Centenário*, além de *Embalando meninas em tempos de violência*, de Salete Maria, fazem-se presentes os seguintes folhetos escritos por poetas vinculados à Sociedade dos Cordelistas Mauditos: *Alerta Potocolândia: a cartilha do mau dito*, de Hélio Ferraz; *Padre Cícero e a Vampira*, de Francisca Pereira dos santos (Franka); *Fatos e invenções de Juazeiro Centenário*, de Cícero José Alves Gonçalves (Soneca); e *Queima de arquivos: os livros proibidos do Padre Cícero*, de Orivaldo Batista.

*Padre Cícero e a Vampira*<sup>326</sup>, de Francisca Pereira dos Santos (Franka), professora universitária com doutorado em literatura, mentora do Projeto SESCordel Novos Talentos, em 2011, é um dos folhetos da *Coleção* que exemplifica bem a proposta discursiva dos Cordelistas Mauditos. Assim como acontece com grande parte dos folhetos sobre Juazeiro, nesse poema, o Padre Cícero é o protagonista do enredo. Permanecem, também, suas atribuições de protetor e salvador de seu povo. A situação narrada, porém, se apresenta inusitada: o Patriarca precisará enfrentar uma demoníaca vampira dotada de características, digamos, *underground*.

A estória narrada no folheto permite ao leitor que sua imaginação não precise se guiar por noções rígidas de tempo ou de espaço, mas isso não é uma novidade em se tratando de poemas da literatura de cordel. O Padre Cícero, vivo e atuante em carne e osso, recebe a ajuda de personagens com quem não coexistiu no mundo real, porém isso é o que menos importa quando o objetivo é salvar Juazeiro de forças malignas:

Muita gente ao saber  
Desse fato original  
Preferiu foi logo ver  
Pois de perto é mais real  
Jorge M. e o seu mano  
Seu Parceiro o Caetano  
Foram ver o ritual.

Rita Lee veio também  
Trevisan chegou na hora  
Zé pretinho e Jorge Bem  
Anne Rice lá de fora  
Cada um no seu papel  
Registraram no painel  
Que lhes conto bem agora.<sup>327</sup>

Com certa dose de sarcasmo, a narrativa segue pela proposta de desestabilizar personagens tradicionais, retirando-os de seus papéis clássicos, para serem questionados estereótipos construídos sobre práticas e valores tidos como “típicos” no cordel. Tais estratégias de desestabilização começam a apresentar-se a partir da forma como a famosa escritora “vampirista”, Anne Rice, é elencada como personagem da trama e vem oferecer auxílio ao Padrinho que, diante da situação vivenciada, parece não saber como proceder:

<sup>326</sup> PEREIRA DOS SANTOS, Francisca (Franka). **Padre Cícero e a Vampira**. Fortaleza: IMEPH, 2012. 36 p.

<sup>327</sup> *Ibid.*, p. 14.



O padim se você visse  
 Não sabia o que fazer  
 Quando entrou a Anne Rice  
 Começando a escrever  
 Deu um toque pro Padim  
 Pra deixar desse pantim  
 E lutasse pra valer.

O Padim se arretou  
 E olhou pra criatura  
 “Se o duelo começou  
 Vou honrar minha cultura  
 Vou tirar alguma reza  
 Ela vale o quanto pesa,  
 É sagrada a escritura.”<sup>328</sup>

Nos versos daquele “poema Maudito”, as rezas do Padre Cícero parecem não surtir efeito. Nas estrofes em que uma escritora “pop” de romances de ficção surge para apresentar seus escritos a fim de prestar assessoria ao “santo do Juazeiro” contra uma criatura demoníaca, cujas características são pautadas em elementos contemporâneos, o Padim precisará atualizar-se e aceitar “outra forma de cultura”. Nesse tipo de estratégia discursiva, diferentemente de tantas outras, nas quais até o Diabo rende-se ao menor gesto de autoridade do patriarca de Juazeiro, muda-se o Padre Cícero, personagem símbolo do tradicionalismo juazeirense; subvertem-se estereótipos consolidados por décadas de narrativas sobre as maneiras como o bem deve derrotar o mal; modifica-se, também, o cordel, que passa a trilhar caminhos narrativos renovados e ressignificantes para essa literatura:

Anne Rice disse logo  
 Pegue o tubo de arsênio  
 O alho a cruz e o fogo  
 Faça agora um incêndio  
 E não fique sem rezar  
 Pois vampiro dá azar  
 Leia já esse compêndio.

O padrinho quando leu  
 Disse com convicção:  
 “Esse livro é ateu  
 Não aceito a condição”  
 Anne Rice retrucou  
 Para o Padre revidou

<sup>328</sup> PEREIRA DOS SANTOS, 2012, p. 16-17.

Discutindo a questão.

“Derrotar tal criatura  
É preciso um instrumento  
Outra forma de cultura  
Que não tá no sacramento  
Para essa maldição  
Não só basta oração  
Não é este o meu intento”.

“Deixe desse trololó  
Seu Padim Ciço Romão  
Senão esse catimbó  
Vai feder nesse sertão  
Largue logo o seu rosário  
Pegue a estaca no armário  
Não me venha com sermão”.<sup>329</sup>

Pouca coisa pode parecer mais subversiva do que pedir a um padre, não um padre qualquer, mas o Padre Cícero Romão em pessoa, para, diante da necessidade de aceitar mudanças demandadas pelo contexto e de salvar o povo do Juazeiro, largar-se do rosário e não fazer sermão. É seguindo por estratégias narrativas como essa que os cordéis produzidos pela Sociedade dos Cordelistas Mauditos vão propondo desconstruções e renovações aos seus leitores e ouvintes. Nesses poemas, o Padre Cícero continua, na maioria das vezes, a ser representado como um “homem santo”, devotado ao povo romeiro e aos Juazeirenses, porém, ao contrário do que ocorria com a maior parte dos folhetos do século passado (e muitos outros, nesse século), aqui e ali haverá alguma estrofe que lembre aos leitores e ouvintes que o Patriarca foi um homem de carne e osso, que recebeu educação privilegiada, foi político importante, transitou entre os mais pobres, mas, também, junto a uma elite de abastados, e que era tão rico em dinheiro e posses quanto em prestígio social e em conhecimento:

Do contexto eu lhe digo  
Tinha fé, religião  
Tinha rico e mendigo  
E o Padim Ciço Romão  
Este era um analítico  
Muito sábio e político  
Poliglota do sertão.

Era honra, entretanto  
Quem tivesse a condição

---

<sup>329</sup> PEREIRA DOS SANTOS, 2012, p. 18-19.

De viver naquele canto  
 Com tanta erudição  
 No entanto o “pade” tinha  
 Privilégio que provinha  
 Da mais alta educação.<sup>330</sup>

Sabemos que se tornou tradição, ao longo do tempo, representar o Padre Cícero, em poemas da literatura de folhetos, muito mais pelos atributos que o definem como um mentor espiritual, um “homem santo” para seu povo, do que por suas características mais mundanas. Sabemos, também, que, nos folhetos produzidos no século XX, são raros os poemas que mencionam o Padre como homem que exerceu importantes mandatos políticos, foi proprietário de terras, juntou fortuna ao longo da vida e, ao morrer, deixou um testamento por meio do qual doou a maior parte dos seus bens materiais para a Ordem dos Salesianos, em Juazeiro do Norte.

Nos poemas mais tradicionalistas editados no século XXI, os cuidados em representar o Patriarca do Juazeiro mais por seus dotes espirituais do que pelos atributos mundanos permanecem recorrentes, até majoritários, e podem ser verificados, por exemplo, no folheto *Juazeiro, Padre Cícero e o progresso*<sup>331</sup>, publicado nos “cordéis contemporâneos” da *Coleção Centenário*. Nesse poema, José Gonçalves Sobrinho, colaborador do Projeto SESCordel e sócio fundador da Sociedade dos Poetas de Barbalha (SPB), outra instituição de fomento ao cordel situada no Cariri, busca apartar o sagrado do profano, investindo em imagens de altruísmo e afirmando que o “Padim” nunca se preocupou em ganhar dinheiro. O testamento deixado por ele, após a sua morte, é mencionado, porém a herança que ganha visibilidade nos versos do poema é composta pelos *ensinamentos* que o sacerdote deixou aos romeiros e devotos:

Tendo nascido no Crato  
 Veio morar em Juazeiro  
 Repartir sempre o seu prato  
 Para todos os romeiros  
 Nunca fez nenhum contrato  
 Pra trabalhar por dinheiro.  
 -----  
 No dia do sepultamento  
 A cidade se encheu

<sup>330</sup> PEREIRA DOS SANTOS, 2012, p. 5-6.

<sup>331</sup> GONÇALVES SOBRINHO, José. **Juazeiro, Padre Cícero e o Progresso**. Fortaleza: IMEPH, 2012. 8 p.

Ele deixou um testamento  
 No tempo em que morreu  
 Com os seus ensinamentos  
 Que no mundo floresceu.<sup>332</sup>

Não deixa de ser verdade que, no texto de seu testamento, o Padre Cícero Romão buscou inventariar e avaliar seus atos e suas realizações em vida. “O testamento não era somente a listagem de heranças e herdeiros. Tratava-se, também, de uma estratégia para inibir críticas em torno do seu nome”<sup>333</sup>. No texto que se tornou público após a sua morte, o Padre fez questão de atestar sua virgindade, afirmou que não tinha interesse em ter assumido a prefeitura de Juazeiro, sublinhou que foi, por anos, perseguido pela Igreja, garantiu nunca ter se beneficiado com os presentes que recebia dos romeiros e, por fim, declarou não ter tido a menor participação na “Guerra de 1914”<sup>334</sup>. Esse rol de atos e realizações de toda uma vida, ao ser deixado por escrito, em testamento, foi, por muito tempo, aquilo o que mais interessou aos poetas de folhetos que buscavam representar o Patriarca a partir de imagens que remetessem a valores, como devoção inquestionável aos preceitos sacerdotais, moral ilibada e desprendimento dos bens materiais.

Tomando direção oposta a essa linha de representação, o folheto *Queima de arquivo – os livros proibidos do Padre Cícero*<sup>335</sup>, de Orivaldo Batista, membro da Sociedade dos Cordelistas Mauditos, apresenta versos nos quais, ao que parece, não há pudores em se problematizar os dotes financeiros que o Padre Cícero Romão construiu durante a sua vida. Seguindo pelo estilo mordaz proposto para os cordéis produzidos por esse Movimento, o Padre Cícero só é “santo” se essa adjetivação vier entre aspas. Sua herança e seus herdeiros são mencionados, porém, aqui, tais menções servem para pôr em questão algumas das formas com as quais a Igreja teria se beneficiado, inclusive, financeiramente, não apenas dos bens materiais deixados pelo Patriarca mas também do seu legado de fé junto aos romeiros e devotos que nunca deixaram de crescer em quantidade e permanecem sendo imprescindíveis para o desenvolvimento econômico local.

Quando o “padre Santo”

<sup>332</sup> GONÇALVES SOBRINHO, 2012, p. 3,7.

<sup>333</sup> RAMOS, 2014a, p. 310.

<sup>334</sup> Ibid., loc. cit.

<sup>335</sup> BATISTA, Orivaldo. **Queima de arquivo: os livros proibidos do Padre Cícero**. Fortaleza: IMEPH, 2012. 8 p.

Arrumou a alma para viajar  
 Podre de rica ficou  
 A Igreja do lugar  
 Um milagre aconteceu  
 O sertão virou altar

A fé virou fetiche  
 Material de consórcio  
 Promessa fé missa  
 Um stand de negócio  
 Como nas belas visões  
 Do comedor de ópio<sup>336</sup>

Questionando mais do que homenageando, o Padre Cícero é então representado a partir de contradições que são apontadas na repartição da fortuna do ilustre falecido, enquanto o poema segue taxando o testemunho final do Padre Cícero como “verdade ilusória”. Talvez, seja justamente esse tipo de ilusão e contradição, apontada nos versos do folheto, aquilo que o Movimento dos Mauditos busque trazer à tona para que possam ser provocadas problematizações e reflexões.

A ordem dos Salesianos  
 Recebeu de herança  
 Da mão do “Padre Santo”  
 Poder e alta fiança  
 Propriedades e livros  
 Que queimaram numa dança.

O testemunho do Padre  
 Entrou para a história  
 Como rico documento  
 E verdade ilusória  
 Dividia a grande fortuna  
 De forma contraditória<sup>337</sup>

Vanguardistas ou tradicionalistas, inovadores ou conservadores, os folhetos produzidos a partir do território do Juazeiro no início do século XXI permitem percebermos que o cordel está vivo e ativo. Com as inevitáveis mudanças demandadas pelas dinâmicas do tempo, alteraram-se os perfis dos poetas e dos públicos aos quais os poemas se destinam. Em certa medida, abriram-se ao cordel novas formas de feitura, em que os poemas podem ser digitados diretamente em editores de texto de computadores, as capas dos folhetos podem ser

---

<sup>336</sup> BATISTA, 2012, p. 5.

<sup>337</sup> Ibid., p. 7.

diagramadas em *softwares* gráficos especializados, para, depois, serem impressos em modernas gráficas rápidas, exigindo pouco custo e mão de obra.

Se permanecem as rimas, a métrica e as estruturas das estrofes, o “novo cordel” permite que se escolha seguir por temáticas e narrativas que invistam na preservação de elementos de tempos pretéritos, em nome da manutenção das tradições ou, então, que surjam versos cuja proposta seja justamente promover renovações a partir de desconstruções de antigos paradigmas e estereótipos. Um pouco de tudo isso pode ser encontrado entre os 50 folhetos selecionados para compor o conjunto de “cordéis contemporâneos” da *Coleção Centenário*. Reunidos pela *Coleção*, essa coletânea de folhetos “contemporâneos” combina-se àqueles disponibilizados pelo segmento dos “cordéis clássicos”, a fim de formar um mosaico capaz de ajudar a ir dando imagens à Juazeiro do Norte. As narrativas que se repetem, complementam, confirmam ou contradizem podem aqui representar memórias sobre uma cidade, suas dinâmicas e seu povo. Memórias, aliás, organizadas para serem colecionadas.

### 5.3 Comemorando o Centenário

*Parabéns, meu Juazeiro, meu lindo Juá!  
Terra de oração, de trabalho, de partilha!  
Parabéns, meu Juazeiro, meu lindo Juá!  
O teu Centenário, vamos festejar!*<sup>338</sup>

Quando analisamos os cordéis que se destinaram a narrar o Centenário de Juazeiro do Norte, nos dedicamos a compreender as formas pelas quais essas produções de discurso buscaram fazer circular representações acerca do município, que comemorava aquele importante aniversário, e como os poetas de cordel que se envolveram nessa empreitada escolheram produzir imagens sobre as pessoas, os ritos e os símbolos da cidade em festa.

Um primeiro traço interessante de ser mencionado acerca do que pôde ser observado reside no fato de que não há folhetos que apresentam estrofes com imagens acerca do vultoso conjunto de festejos ocorridos em julho de 2011. Se considerarmos que tais folhetos foram reunidos para compor a *Coleção Centenário*, não é difícil compreendermos a

---

<sup>338</sup> TEU ANIVERSÁRIO, meu Juazeiro. Compositor: Francisco da Silva. Juazeiro do Norte: [s. n.], 2010.

ausência de imagens poéticas que narrem os festejos organizados em decorrência dos 100 anos de Juazeiro, principalmente quando levamos em conta que, tanto os cordéis compostos especialmente para a comemoração<sup>339</sup> quanto os demais, mais antigos, reunidos para compor a coletânea dos 100 folhetos, precisaram estar editados e impressos antes da festa, a fim de serem lançados durante a Semana do Centenário.

Sendo assim, mesmo os 23 folhetos pertencentes ao segmento dos “cordéis contemporâneos”, destinados especificamente a versejar sobre o Centenário, terminam por (re)produzir estrofes cujo objetivo principal é homenagear Juazeiro do Norte a partir da rememoração de momentos importantes de sua história. Entre os “cordéis contemporâneos”, aliás, o recorte temporal mais recorrentemente escolhido para narrar histórias sobre Juazeiro inicia-se na época do povoado do Tabuleiro Grande e se finda nos eventos da Emancipação, em 1911, ou, no máximo, nos conflitos de 1914.

Vale, portanto, sublinharmos que a maioria dos “cordéis contemporâneos” não se dedica a narrar muitos dos elementos da história de Juazeiro, ocorridos no período *entre* a conquista da Emancipação Política, em 1911, e o Centenário desse evento, em 2011. Mesmo que, em um caso ou em outro, alguns desses poemas subvertam tais recortes temporais relatando, por exemplo, a morte do Padre Cícero. Uma afirmação que podemos fazer com segurança é a de que a Juazeiro que se desenvolveu no período entre a Emancipação e o seu Centenário, esse “meio do caminho”, possui mais elementos de suas memórias representados entre as narrativas encontradas nos folhetos do segmento “cordéis clássicos”.

Permitamo-nos analisar, entre os “cordéis contemporâneos”, um poema que reúne e personifica grande parte dos elementos narrativos encontrados entre os mais de 20 folhetos dedicados a versejar sobre o aniversário de 100 anos de municipalidade de Juazeiro. Trata-se do cordel *Juazeiro Centenário*<sup>340</sup>, composto pelo poeta, tradicionalista autodeclarado, Ernane Tavares Monteiro, ligado simultaneamente à Associação de Cordelistas do Crato, ao Instituto Cultural Vale Caririense, à Sociedade dos poetas de Barbalha e ao Projeto SESCordel.

Nesse folheto, nos são apresentadas imagens poéticas que buscam representar a Juazeiro centenária a partir da narração de eventos situados entre a fundação do povoado e a

---

<sup>339</sup> Nesse caso, estamos nos referindo aos 23 folhetos pertencentes aos 50 “cordéis contemporâneos” que, já em seus títulos, fazem menção ao Centenário da cidade e, em seus conteúdos, dedicam-se a homenagear a cidade por esse jubileu. Nesse tópico, os folhetos analisados pertencem a esse conjunto.

<sup>340</sup> MONTEIRO, Ernane Tavares. **Juazeiro Centenário**. Fortaleza: IMEPH, 2012. 20 p.

Guerra de 1914, sempre usando a vida e os feitos do Padre Cícero como fio condutor da trama. Nas primeiras estrofes, o poeta busca já deixar claras as suas intenções de falar sobre o Centenário. Apresentando a cidade como “Terra do Padrinho”, Monteiro busca legitimar-se a partir da condição de “poeta romeiro” que fora acolhido por essa terra:

Que a tocha da inspiração  
Alumie meu caminho  
Reforçando minha rima  
Quero versejar certinho  
E de modo extraordinário  
Falando do centenário  
Da terra do meu Padrinho.

Quero escrever um pouco  
Sobre esse Juazeiro  
Que vivo na sua sombra  
De janeiro a Janeiro  
Não posso ter esquecido  
Pois aqui fui acolhido  
Como poeta romeiro.

Vou trazer para o leitor  
O que tenho na memória  
Do Juazeiro do Norte  
Uma parte da história  
Quero com todo o respeito  
Rimando assim desse jeito  
Nesse momento de glória.<sup>341</sup>

O esforço de construir representações em verso a partir de tudo o que se tenha guardado na memória direciona para o passado as narrativas do poeta e os olhares dos leitores ou ouvintes. Aqui, mesmo que para comemorar uma data importante que ainda está por acontecer, falar sobre Juazeiro consiste em recordar, rememorar os acontecimentos considerados importantes. Nas estrofes seguintes, o autor anuncia o itinerário narrativo que os versos do poema percorrerão: serão apresentados versos relacionados à história da Emancipação, à biografia do Padre Cícero, à participação deste nos eventos narrados e ao decorrente progresso de Juazeiro do Norte.

Aqui na minha poesia  
Gente vai ficar sabendo

---

<sup>341</sup> MONTEIRO, 2012, p. 3.



Que Juazeiro cresceu  
 Que continua crescendo  
 Para tudo quanto é lado  
 Tá quase toda emendada  
 Como poeta estou vendo

Vamos também revelar  
 Dados da biografia  
 Do Padre Cícero Romão  
 Falar do seu dia-a-dia  
 Altos acontecimentos  
 Baseado em documentos  
 Livros, romance e poesia.<sup>342</sup>

As estrofes que, logo nas primeiras páginas, servem de introdução para esse folheto pouco diferem, em teor narrativo, daquelas encontradas em diversos outros “cordéis contemporâneos” da *Coleção Centenário*. Seguindo pelo mesmo padrão observado em outros poemas da coletânea, as páginas seguintes do folheto em questão imbuem-se de versejar sobre o início do povoado do Tabuleiro Grande, a chegada do Padre Cícero ao Juazeiro, os milagres da Hóstia, a perda de ordens eclesiásticas, o processo de emancipação e a Guerra de 1914. O poema toma os eventos históricos de Juazeiro como “pano de fundo” para compor um enredo que mais se dedica a narrar aspectos da vida do Padre Cícero, o qual, aliás, nos versos ora analisados, é apontado como principal articulador e organizador da Emancipação:

Passou a ser conselheiro  
 De toda a população  
 Porque ganhou confiança  
 E na força da oração  
 Foi ele quem comandou  
 E também organizou  
 Tudo pra Emancipação.<sup>343</sup>

Outro padrão que se repete em diversos dos folhetos “contemporâneos” destinados a versejar sobre o Centenário encontra-se no procedimento de reservar as últimas estrofes do poema para parabenizar a cidade pelo aniversário celebrado. Há folhetos, inclusive, que mencionam o Centenário apenas nas primeiras e nas últimas estrofes, reservando o restante do poema para versejar sobre o Padre Cícero e sua história junto a Juazeiro. O folheto ora analisado segue servindo como exemplo para o padrão apresentado.

---

<sup>342</sup> MONTEIRO, 2012, p. 4.

<sup>343</sup> *Ibid.*, p. 15.

Aqui, o poeta despede-se parabenizando a cidade por seu Centenário, apontando esse “momento de glória” como propício ao “resgate histórico” e lembrando aos leitores e ouvintes que, além do cordel, Juazeiro será celebrada por meio de diversos outros suportes e formas de representação:

A sombra do Juazeiro  
 Tem muito pra se contar  
 Em revista e almanaque  
 No cordel no versejar  
 Em filme e documentário  
 Tudo desse centenário  
 Quem dera poder mostrar.

Foi do nosso Juazeiro  
 Que acabei de falar  
 Sabemos do crescimento  
 Do que tem pra melhorar  
 Nesse momento de glória  
 De resgate da história  
 Vamos parabenizar.<sup>344</sup>

Porém, nem todos os poemas que celebraram o Centenário seguiram o mesmo itinerário narrativo. Exceções e variações podem ser encontradas em folhetos como *Cem anos de Juazeiro do Norte*<sup>345</sup>, do cordelista membro da Sociedade dos Poetas de Barbalha, Camilo B. Leonardo. Nesse cordel, o poeta dedicou poucos versos à Emancipação do município. O Padre Cícero também recebeu pouca atenção e só foi mencionado, rapidamente, a partir da nona página do folheto. Ao que parece, o objetivo aqui foi registrar como era Juazeiro do Norte em seu Centenário. Por intermédio de décimas carregadas de imagens figurativas, o poeta deu sua impressão sobre a cidade, enquanto aproveitou para inserir em seus versos o *slogan* da administração municipal de então:

Juazeiro efervescente  
 Um formigueiro Humano  
 O Jovem e o veterano  
 A criança o adolescente  
 Com trabalho permanente  
 Nesse vaivém diário  
 Segue o mesmo itinerário

<sup>344</sup> MONTEIRO, 2012, p. 20.

<sup>345</sup> LEONARDO, Camilo B. **Cem anos de Juazeiro do Norte**. Fortaleza: IMEPH, 2012. 12 p.

Trabalho, fé e oração  
Tijolos na construção  
Do Juazeiro centenário.<sup>346</sup>

Nesse folheto, as principais referências ao passado de Juazeiro do Norte ficaram por conta das homenagens prestadas a figuras ilustres que teriam contribuído com o crescimento e o progresso da cidade. Assim, foram elencados nomes como os de Pedro Ribeiro, Alencar Peixoto, José Marrocos, Mestre Noza e Maria Assunção Gonçalves, cada qual mencionado ao lado de alguma contribuição importante para Juazeiro. Numa dada altura do texto, o poeta nos lembra de que, durante os anos entre a Emancipação e seu Centenário, a cidade foi, em grande medida, sendo “formulada” por seus cordelistas, profissionais do verso, homens que dedicaram suas vidas a produzir poemas a partir do território do Juazeiro. Nesse momento, as homenagens voltam-se a dois dos mais importantes artistas do cordel juazeirense do passado:

Manoel Caboclo, poeta;  
Gráfico, astrólogo e artesão  
Grande contribuição  
De uma vida completa  
Cidadão de linha reta  
Não andou na contra mão  
E Expedito Sebastião  
Também escreveu cordel  
Desempenou seu papel  
Com nobreza e retidão.<sup>347</sup>

Camilo Leonardo não é o único poeta a dedicar versos de seu poema sobre o Centenário a rememorar a importância de artistas cordelistas do passado. Em *Poema Centenário de Juazeiro*<sup>348</sup>, Silvio Grangeiro investiu em dar visibilidade às manifestações de cultura popular, abundantemente circulantes em Juazeiro do Norte. Seguindo por esse caminho, com estrofes em décimas que nunca deixam de mencionar o Centenário, a partir da estratégia de sempre serem encerradas com os versos “No ano do centenário / Juazeiro está feliz”, a literatura de cordel é rememorada e homenageada a partir da menção a outro importante profissional do verso, sob o pretexto de serem evocadas as tradições da cidade:

---

<sup>346</sup> LEONARDO, 2012, p. 6.

<sup>347</sup> Ibid., p. 8.

<sup>348</sup> GRANGEIRO, Silvio. **Poema Centenário de Juazeiro**. Fortaleza: IMEPH, 2012. 8 p.

Maneiro Pau e reisado  
 Bigode e Sebastião  
 Conservam a tradição  
 Zé Bernardo no passado  
 Falou de príncipe encantado  
 De Bruxa e de meretriz  
 A louca do chafariz  
 Fez do cordel um diário  
 No ano do centenário  
 Juazeiro está feliz.<sup>349</sup>

O folheto só menciona o Padre Cícero em uma estrofe, na sua penúltima página. É possível afirmar, aliás, que, em alguns poemas pertencentes ao chamado “novo cordel” e dedicados a representar Juazeiro do Norte, a figura do patriarca e protetor do povo romeiro, mesmo não sendo jamais esquecida, por vezes, perde espaço em razão de narrativas que investem em dar mais visibilidade às dinâmicas da cidade, suas romarias e figuras religiosas mais recentes, como o Monsenhor Murilo. Nessa linha de raciocínio é que, mesmo falando pouco do Padre Cícero, o folheto de Silvio Grangeiro busca reafirmar tradições quando evoca os valores da fé católica mantidos pelo povo da cidade. Nos versos desse poema do início do século XXI, o novo é agenciado para dar manutenção ao que é tradicional. Assim, as notícias chegam pelas “antenas parabólicas”, mas mesmo as pessoas mais jovens, munidas de terços e rosários, seguem fiéis aos mandamentos apostólicos:

Na antena parabólica  
 A notícia vai e vem  
 O Povo aqui vai bem  
 Mantendo a fé apostólica  
 A cidade mais católica  
 Do Nordeste do país  
 Aqui até os guris  
 Conhecem terço e rosário  
 No ano do centenário  
 Juazeiro está feliz.<sup>350</sup>

Cada uma dessas enunciações poéticas sobre Juazeiro do Norte, sobre seu centenário, sobre tudo o que é selecionado para ser representado acerca da cidade, das suas dinâmicas, do seu povo e sobre tudo o que se escolhe para não ser enunciado na composição

<sup>349</sup> GRANGEIRO, 2012, p. 5.

<sup>350</sup> Ibid., p. 7.

do mosaico que vai, constantemente, reformulando aquele espaço auxilia na contínua recriação do imaginário em torno da cidade. Ao circularem e serem consumidos, principalmente, quando utilizados em locais como escolas da região, a fim de servirem como meios por meio dos quais se “pensará Juazeiro”, os folhetos pertencentes a essa coletânea tomarão parte nas disputas discursivas pelas manutenções das memórias coletivas na cidade. Lembremo-nos de que, em entrevistas concedidas para o desenvolvimento desta tese, dois dos organizadores da *Coleção Centenário*<sup>351</sup> afirmaram acreditarem que a festa passaria e seria esquecida com o tempo, mas a *Coleção* permaneceria como legado material do Centenário, contando, por muitas décadas, histórias sobre Juazeiro do Norte.

A festa, aliás, como já mencionamos anteriormente, não teria como ser narrada nos versos dos folhetos que compuseram a *Coleção*, uma vez que, mesmo os poemas compostos especificamente para aquela comemoração, foram editados antes da festa acontecer. Ainda assim, em um dos cordéis dedicados ao Centenário, o poeta reservou versos para falar sobre os preparativos necessários aos festejos que estariam por vir. No folheto *Cem Anos de Juazeiro do Padre Cícero Romão*<sup>352</sup>, do poeta João Edson da Silva (Dão de Jaime), membro da Sociedade de Poetas de Barbalha e colaborador no Projeto SESCordel, Juazeiro é, já no título, “do Padre Cícero”, o Centenário é o mote principal da poesia e a cidade é apresentada sendo preparada para a festa:

Cem anos é muito tempo  
De muita luta e vitória  
Vi Juazeiro crescer  
Guardo na minha memória  
Vamos fazer uma festa  
Para ficar na história.

Vamos limpar a cidade  
Retirar todo o entulho  
Vê a cidade limpinha  
Pra nós é um grande orgulho  
Essa data inesquecível  
É a 22 de julho.

Vamos desejar a todos  
Paz, amor, conforto e brilho  
Todo mundo reunido

<sup>351</sup> Nos referimos nesse caso aos depoimentos de José Carlos dos Santos e de Renato Dantas.

<sup>352</sup> EDSON DA SILVA, João (Dão de Jaime). **Cem Anos de Juazeiro do Padre Cícero Romão**. Fortaleza: IMEPH, 2012. 12 p.

Pra não haver empecilho  
 Meu Padim nasceu no Crato  
 Mas Juazeiro é seu filho.<sup>353</sup>

Para poder versejar sobre a festa, o poeta que declara ter guardadas na memória as lembranças sobre Juazeiro progredindo projeta um futuro próximo, anunciando previsões de que o evento será grandioso e memorável. A quem venha ler ou ouvir o poema tempos após o Centenário, a mensagem recebida poderá ser introjetada de modo a fazer lembrar que houve a festa, que ela foi importante e que marcou aquele momento da história de Juazeiro:

No dia do centenário  
 Vai ser um grande momento  
 Todo o Cariri unido  
 Esse é o nosso pensamento  
 Barbalha também faz parte  
 Do seu desenvolvimento.

Juazeiro é conhecido  
 Como capital de fé  
 Na festa do centenário  
 Eu tô lá se Deus quiser  
 Eu vou levar os meus filhos  
 Junto com minha mulher.<sup>354</sup>

O futuro, aliás, não parece ter sido elemento norteador para as narrativas nesse folheto, apenas nos momentos em que são tecidas projeções para a festa, uma vez que, a partir de um tipo de argumentação no mínimo “atípica” em se tratando de versos do cordel, o poeta recomenda que se pense o futuro como forma de deixar “o passado para trás”. Se a literatura de cordel que possui, entre suas características marcantes, a evocação ao passado como forma de rememorar os acontecimentos considerados importantes, aqui se apresentam versos que propõem outra forma de olhar, que termina por buscar, sem necessariamente conseguir, desconectar-se das tradições:

Quero que o centenário  
 Ocorra na santa paz  
 Esse é o meu pensamento  
 Deixe o que passou pra traz

<sup>353</sup> EDSON DA SILVA, 2012, p. 5-6.

<sup>354</sup> Ibid., p. 8.

Vamos fazer uma festa  
Pra não esquecer jamais.<sup>355</sup>

O folheto *Fatos e Invenções de Juazeiro Centenário*<sup>356</sup> apresenta-nos algumas possíveis contradições entre aquilo que é proposto em seu título e os versos que compõem seu enredo. O poema foi composto por Cícero José Alves Gonçalves (Soneca), poeta que de acordo com a biografia apresentada à *Coleção Centenário*, declara possuir folhetos nos quais denuncia que estão “assassinando a cultura popular”. Soneca, membro da Sociedade dos poetas Mauditos, afirma, também, possuir cordéis que foram premiados em concurso anual do Instituto Cultural Vale Caririense.

No folheto em questão, as principais contradições se apresentam a partir da forma como aquilo que é proposto em seu título – versejar sobre fatos e invenções de Juazeiro em seu Centenário – termina por não ser contemplado pelo conjunto de estrofes apresentadas ao público. Expliquemos melhor: o poema começa com o poeta pedindo licença para contar a história da Emancipação de Juazeiro. Em seguida, mais precisamente nas próximas 10 páginas, as estrofes seguem pela “canônica” estratégia de narrar os acontecimentos entre o início do povoado do Tabuleiro Grande e o processo de Emancipação, sempre legando ao Padre Cícero Romão lugar de destaque e preponderância nos acontecimentos. Ocorre que, em dado momento, o poeta interrompe o enredo e muda seu rumo, justificando tal mudança, o lugar de fala que, segundo ele, deve ser assumido por um poeta “maudito”:

Consisto meu relato  
Vou dando seguimento,  
Pra revelar um fato,  
Do dado provimento,  
Que o Príncipe Ribamar,  
A todos nos fez deixar,  
Seu livro testamento.

Assim ficou descrito,  
Conforme se manda a lei,  
Como poeta maudivo,  
A todos revelarei,  
Pois este é o meu papel,  
Com os versos do cordel,

<sup>355</sup> EDSON DA SILVA, p. 12.

<sup>356</sup> GONÇALVES, José Alves (Soneca). **Fatos e Invenções de Juazeiro Centenário**. Fortaleza: IMEPH, 2012. 16 p.

A imaginação usei.<sup>357</sup>

Evocando o uso da imaginação a partir daquele momento (como se a imaginação não estivesse em ação desde o primeiro verso), o poeta passa a mencionar elementos que fizeram famoso uma personagem que se tornou anedótica e pitoresca nas histórias de Juazeiro do Norte: o Príncipe Ribamar.

Consta que José Gomes Menezes, morador de Juazeiro, falecido em 1978, era um exímio marceneiro que largou tudo para viver nas ruas sob a alcunha de Príncipe Ribamar da Beira Fresca. Considerado louco por uns e visionário por outros, esse homem andou por décadas pelas ruas de Juazeiro do Norte, sempre segurando um guarda-chuva branco, vestindo um terno surrado e levando em sua mala uma roupa de gala ornamentada por botões dourados e medalhas de honra reservadas a datas cívicas e ocasiões especiais. Em sua mala, o Príncipe também alegava carregar documentos e decretos em benefício do bem comum. Segundo o cineasta e escritor Rosembreg Cariry, essa quixotesca personagem “Sonhou com escolas reais para crianças pobres e com abrigos para todos os velhos do reino [...] Sonhou com moinhos de vento e combateu dragões imaginários.”<sup>358</sup>. Segundo o escritor José Wilker, o Príncipe teria se apaixonado pela Mona Lisa de Leonardo da Vinci e, com a ajuda de solidários moradores da região, capinou um terreno largo, a fim de ali fazer um campo de aviação onde sua amada pudesse aterrissar em um avião para finalmente o encontrar. O campo de aviação aberto pelo Príncipe Ribamar foi posteriormente utilizado como terreno no qual foi construído o aeroporto da região<sup>359</sup>.

No folheto em que Soneca anunciou que revelaria fatos e invenções sobre Juazeiro, os “fatos”, ao que tudo indica, concentram-se nas 10 páginas iniciais em que são narrados acontecimentos que vão desde a fundação do Tabuleiro Grande até a Emancipação Política do município. O que o poeta parece considerar “invenções” fica por conta dos elementos versejados acerca da pitoresca figura do Príncipe Ribamar que, no enredo, nada

<sup>357</sup> GONÇALVES, 2012, p. 10.

<sup>358</sup> CARIRY, Rosembreg. Príncipe Ribamar da Beira Fresca - o mito. **O Povo**, Fortaleza, 22 maio 2019. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/jornal/opiniao/2019/05/21/principe-ribamar-da-beira-fresca--o-mito.html#:~:text=Andava%20sempre%20pelas%20ruas%20do,para%20os%20grandes%20eventos%20c%C3%ADvicos.&text=Algu%C3%A9m%20lhe%20disse%20que%20ela,em%20Juazeiro%20n%C3%A3o%20tinha%20aeroporto.> Acesso em: jan. 2020.

<sup>359</sup> Ibid.



tem a ver com o Centenário da cidade. A partir da décima página do seu folheto, o poeta coloca-se na voz da personagem e nos fala:

Minha velha maleta,  
Dentro dela que deixei,  
Minhas cartas, caneta,  
As medalhas que ganhei,  
Pois serão destinadas,  
Para serem usadas,  
Só em dias de Santo Rei.

-----  
Sem medo do tranco,  
Na hora da precisão,  
Meu guarda-chuva branco,  
Meus cheques de papelão,  
Poderá ser trocado,  
Depois que tiver pousado,  
No chão do campo, meu avião.<sup>360</sup>

Outra exceção, outro poema que buscou celebrar o Centenário por meio de estrofes perpassadas por argumentos que rompem com a ideia de dar manutenção a tradições é *O Juazeiro diverso no ano do Centenário*<sup>361</sup>, do poeta e xilógrafo Edilson Botelho. Em seu folheto, o poeta investe em argumentar que Juazeiro deve comemorar seu centenário celebrando a diversidade que se apresenta a todos, seja ela política, religiosa, étnica ou de gênero, temas incontestes nas sociedades do século XXI. Tomando tal diversidade como lema, Botelho propõe inserir Juazeiro do Norte na discussão, atualizando-a a partir do reconhecimento de que Juazeiro não está apartada dessas que são abordagens bastante presentes nas reflexões sociais circulantes na época de seu Centenário:

Um Juazeiro diverso  
Vou descrever sem problema  
No ano do centenário  
Será mesmo este tema  
Usando diversidade  
Vou seguindo o meu lema.

Diversificar a temática  
É proposta principal  
Seja em qualquer aspecto  
Da política social

<sup>360</sup> GONÇALVES, 2012, p. 12-13.

<sup>361</sup> BOTELHO, Edilson. **O Juazeiro diverso no ano do centenário**. Fortaleza: IMEPH, 2012. 12 p.

Religioso ou de Gênero  
De cultura ou racial<sup>362</sup>

Sem deixar de estar referindo-se ao Centenário de Juazeiro, Botelho conduz as argumentações de seu poema seguindo sempre por sua “proposta principal”. Evocando a tolerância como valor fundamental a quem queira lidar bem com tudo o que é diverso, o poeta utiliza-se de seus versos para pedir respeito a qualquer religião e para lembrar que é possível aprender a lidar com as diferenças. Em dado momento, Botelho esclarece quem seria o público para o qual estaria versejando. Ao fazer isso, o poeta desloca, inclusive, o romeiro, esse tipo social recorrentemente calcado pela invocação de tradições, de uma de suas características mais marcantes:

Escrevo para o romeiro  
Que é católico ou não  
Exigindo o respeito  
A qualquer religião  
Tudo isso é possível  
Aos simples de coração.<sup>363</sup>

Botelho “ousa”, inclusive, representar em verso um evento ecumênico, no qual representantes de diversas vertentes religiosas sentam-se juntos e debatem harmoniosamente. As imagens descritas nessas estrofes poderão ajudar leitores e ouvintes do século XXI a perceberem que, mesmo a católica Juazeiro do Norte, terra do Padre Cícero, da Mãe das Dores e dos romeiros, acolhe e abriga muitas pessoas que professam outros credos ou, até mesmo, que não seguem nenhuma religião, mas, ainda assim, devem se respeitarem e serem capazes de dialogar:

O espírita e o pastor  
Tiveram livre expressão  
O pai de santo falou  
Com a voz do coração  
Os padres que lá estavam  
Lhe deram toda atenção.

-----  
Muita gente religiosa  
De diversas hierarquias

<sup>362</sup> BOTELHO, 2012, p. 6.

<sup>363</sup> Ibid., p. 7.

Olhando pra Juazeiro  
 Valoriza a romaria  
 Quem não tem religião  
 Externa a simpatia.<sup>364</sup>

Nos versos do folheto, o bem pode prevalecer mesmo na dissonância ou na diferença. Ao contrário daquilo que será encontrado em muitas outras produções do cordel sobre Juazeiro, em seu poema, Botelho lembra aos leitores e ouvintes que Juazeiro do Norte pode não ser perfeita e nem precisaria ser. A cidade sobreviveu a controvérsias e detratações e manteve-se forte diante das opiniões que a defenderam ou condenaram. A mensagem é positiva: na Juazeiro centenária, mesmo com toda a diversidade que sempre experimentou e continuará experimentando, “o bem sempre prevalece”, o “progresso” mostra-se presente e a cidade segue seu caminho:

São muitas as controvérsias  
 E também opinião  
 Sobre a guerra de quatorze  
 E o Massacre do Caldeirão  
 O Pacto dos Coronéis  
 E o bando de Lampião.

Nem tudo aqui é perfeito  
 O bem sempre prevalece  
 O Juazeiro é progresso  
 Que muito nos envaidece  
 Em todas as romarias  
 Que a cada dia cresce.<sup>365</sup>

Sejam folhetos que seguem por temáticas consideradas mais tradicionalistas em se tratando da literatura de cordel, sejam outros nos quais o poeta se aventura por novas abordagens que buscam ser capazes de estabelecer interações mais críveis em relação ao mundo em sua respectiva época de produção, dois fatores são observáveis no que se refere aos “cordéis contemporâneos” da *Coleção Centenário*: primeiramente, não é possível estabelecer classificações binárias em relação aos folhetos analisados, dos tipos em que se tentaria definir uns como essencialmente “tradicionalistas” e outros como estritamente “vanguardistas” ou “inovadores”. Em cada um dos folhetos analisados, coexistem, em gradações variadas, traços

---

<sup>364</sup> BOTELHO, 2012, p. 7-8.

<sup>365</sup> Ibid., p. 9.

dessas características, demonstrando não ser necessário estabelecer antagonismos absolutos entre os conservadorismos, que buscam agenciar e dar manutenções às tradições, e as inovações, que permitem ao cordel atualizar-se a colocar-se em sintonia com as demandas de cada época. O segundo fator observável é que os folhetos selecionados, a fim de fazerem parte dessa coletânea, devem sempre versejar sobre Juazeiro do Norte e produzir para essa cidade representações capazes de serem postas em diálogo umas com as outras, a partir do jogo de constante reconstrução da realidade que se dá pelas disputas de sentidos atribuídos às memórias coletivas dos grupos sociais que experienciam a cidade.

Sendo assim, folhetos como *Juazeiro Centenariado*<sup>366</sup>, de Francisco de Assis A. dos Santos, ou, então, *Cem anos de Juazeiro*<sup>367</sup>, do poeta Zé Govim, oferecem estrofes ufanistas, destinadas claramente a exaltar os valores e o legado histórico de Juazeiro do Norte no ano em que a cidade alcançou seu Centenário. Assim como ocorria com Expedito Sebastião Batista nos poemas em que o poeta buscava exaltar a Juazeiro moderna e bem desenvolvida em seu Cinquentenário, no folheto de Francisco de Assis dos Santos, a intenção parece ser apresentar a Juazeiro de 2011, mais uma vez, por suas características de contemporaneidade, de progresso e de desenvolvimento:

Tem shopping, hotel, cinema,  
Comércio, televisão,  
Tem rádio que toca o tema,  
E igreja de montão,  
Tem parques e tem mercados,  
Bancos os mais variados,  
Parques praças, isto posto,  
Viver aqui dá é gosto,  
Diversão é garantida,  
Dê mais vida à sua vida,  
Mostra em Juazeiro o rosto.<sup>368</sup>

Seguindo pelo mesmo caminho, o folheto de Zé Govim apresenta cenas de ritos e de práticas sociais decorrentes da Juazeiro do terceiro milênio. A cidade que, segundo o poeta, em tempos de romaria, perde a tez de “aldeia” é caracterizada por oferecer comércio a quem queira comprar, religiosidade aos que buscam rezar e boas opções aos que forem passear. As cenas narradas não são necessariamente novidade, mas encaixam-se na contemporaneidade

<sup>366</sup> ASSIS A. SANTOS, Francisco de. **Juazeiro Centenariado**. Fortaleza: IMEPH, 2012. 16 p.

<sup>367</sup> GOVIN, Zé. **Cem anos de Juazeiro**. Fortaleza: IMEPH, 2012. 12 p.

<sup>368</sup> ASSIS A. SANTOS, op. cit., p. 10.

dos tempos em que os automóveis chegam ligeiros pelas estradas e as Igrejas estão entre as instituições que lucram com as dinâmicas da cidade:

A viste de cada mês  
A cidade fica cheia  
As ruas ficam lotadas  
Não é mais uma aldeia  
Um compra e outro reza  
Enquanto outro passeia.

No dia dois de novembro  
Se multiplicam as cores  
Na Igreja do Socorro  
E na Basílica das Dores  
Em Modelo de coroa  
De ramalhete de flores.

De toda parte tem carro  
Rodando pela estrada  
Uns vem chegando ligeiro  
E outros contam a passada  
E os cofres das igrejas  
Tem um dinheirinho de cada.<sup>369</sup>

No mais, pedimos licença para usar mais uns versos, dessa vez, retirados de um folheto<sup>370</sup> que compartilha até seu título com outros homônimos na *Coleção*. O objetivo nesse caso é ressaltar que, por todos os motivos até aqui apresentados, nada há de acaso no fato de vários dos folhetos, dedicados a versejar sobre a Juazeiro do Norte em seu Centenário, serem concluídos por estrofes mais ou menos assim:

Novo milênio chegou  
Cem anos de Juazeiro  
Nosso Padre abençoou  
O caminho do romeiro  
Padre Murilo no céu  
Balançando o seu chapéu  
Reza para nos dar luz  
E junto com o meu padrinho  
Vigia nosso caminho  
Sob o manto de Jesus.<sup>371</sup>

<sup>369</sup> GOVIN, 2012, p. 9-10.

<sup>370</sup> MORAIS, José Irlando. **Juazeiro Centenário**. Fortaleza: IMEPH, 2012. 16 p.

<sup>371</sup> *Ibid.*, p. 16.

Os elementos que parecem se repetir, entre uns e outros folhetos reunidos para formar os “cordéis contemporâneos” da *Coleção Centenário*, combinam-se com o que há de inovador nas narrativas em cada poema. As repetições e as novidades oferecidas pelo conjunto coletado terminam por produzir pontos de contato que ajudam a ir dando formas às interações entre os milhares de versos distribuídos pelas dezenas de cordéis disponíveis, que vão se imbricando, caleidoscopicamente, na composição de imagens relativamente límpidas acerca de como era Juazeiro do Norte em seu Centenário de municipalidade.

Os leitores e ouvintes que se dedicarem a buscar saber sobre a Juazeiro centenária por meio da *Coleção* não precisarão seguir por nenhuma sequência determinada de leitura dos folhetos. A cada novo poema lido ou ouvido, aquele que estiver interessado em pensar sobre Juazeiro por intermédio do cordel trará contato com elementos que confirmarão, reafirmarão ou complementarão tudo o que já era conhecido, sempre conferindo novas cores e sombras às imagens da cidade que vai se (re)formulando.

Assim, o produto imaginário a ser obtido por quem buscar conhecer um pouco da Juazeiro centenária por meio da *Coleção* poderá apresentar-se na forma de uma complexa “tela pintada por muitas mãos”. Uma coisa é certa: estarão representadas nessa “tela” imagens de um lugarejo que surgiu há muitos anos, desenvolveu-se a partir de uma longa teia de acontecimentos que entrelaçam e imbricam simbióticas relações entre o sagrado e o profano, conquistou independência política e tornou-se cidade, colecionou conquistas ao longo do tempo e possuiu, quase que desde seu início, uma personagem central, que em vida foi padre e político, mas também foi considerada conciliadora, conselheira, protetora, taumaturga e santa. Rompendo com noções de tempo meramente cronológicas, serão representadas, lado a lado, por vezes até ocupando o mesmo espaço, imagens do “ontem” e do “hoje” dessa cidade. Essa “tela de muitos pintores” não apresentará a mesma imagem a todos os que a contemplarem, porém, em seu conjunto deve-se poder vislumbrar a cidade, seu patriarca e seu aniversário de 100 anos, no início do terceiro milênio.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS – REMINISCÊNCIAS DE UMA CELEBRAÇÃO

Viva, viva meu Padim Ciço Romão  
Viva, viva pela Reconciliação

Muitos anos se passaram  
Chegou o tempo de Deus  
As virtudes do padre Cícero  
A Santa Igreja reconheceu  
Meu padrinho está vivo  
Meu padrinho está vivo  
Meu padrinho não morreu

Viva, viva meu Padim Ciço Romão  
Viva, viva pela Reconciliação<sup>372</sup>

Em 2017, aconteceu em Juazeiro do Norte a trigésima quinta edição da Semana do Aniversário do Padre Cícero Romão<sup>373</sup>. O evento que cresceu em vulto e em visibilidade desde sua primeira edição, em 1983, ocorreu entre os dias 20 e 25 de março e comemorou os 173 anos de nascimento do Padre Cícero. Eu estive em Juazeiro, durante toda aquela semana, acompanhando as festividades, participando de um Simpósio sobre o Padre Cícero e realizando pesquisa de campo para esta tese.

Segundo a Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Turismo e Romaria de Juazeiro do Norte e o grupo de devotos Famílias do Socorro – organizadores do evento –, a cidade recebeu naquela semana cerca de 50 mil visitantes que tiveram a oportunidade de participar de ritos religiosos ligados à fé e à devoção à Virgem Maria e ao padroeiro da cidade, ao mesmo tempo em que puderam inserir-se em diversificada programação com festejos que ocupavam praças públicas, ruas, museus e, até mesmo, espaços destinados ao

---

<sup>372</sup> Fragmento da canção *Viva viva Meu Padim Ciço Romão*, composta pelo juazeirense Francisco Silva e executada pelo Coral de Nossa Senhora das Dores na cerimônia de abertura da Semana de Aniversário do Padre Cícero, em 2017.

<sup>373</sup> Preferiu-se, na discussão problematizada deste tópico, dar ênfase aos acontecimentos situados no ano de 2017, por ter sido esse um ano em que estive presente nos eventos discutidos, em decorrência de uma das viagens de pesquisa para o desenvolvimento do trabalho. A interação com o espaço social de Juazeiro, bem com a participação nos eventos de diversas naturezas ocorridos no período, proporcionou, não apenas contribuição documental para a pesquisa ora em curso, mas, principalmente, a oportunidade de uma experiência de imersão nas diversas práticas sociais que transitam entre o sagrado e o profano nas manutenções da espacialidade da cidade invisível. Neste tópico, as informações apresentadas são fruto da combinação de pesquisa documental com vivências e relatos obtidos em Juazeiro do Norte, entre os dias 19 e 25 de março de 2017.

debate acadêmico, aquecendo, como de costume, o comércio e o turismo na Terra da Mãe de Deus.

A semana foi aberta com a tradicional Missa do Padre Cícero, que ocorre, sempre, no vigésimo dia de cada mês e, dessa vez, fôra presidida pelo bispo diocesano Dom Gilberto Pastana e concelebrada por Dom Fernando Panico, bispo emérito, para milhares de pessoas, no Largo do Socorro.

No início da noite, em sessão de abertura solene, o então prefeito da cidade, Arnon Bezerra, e o então reitor da Universidade Regional do Cariri (Urca), professor Patrício Pereira Melo, proferiram a cerimônia de abertura oficial das festividades<sup>374</sup>.

Na noite do quarto dia do evento, uma multidão de romeiros e devotos reuniu-se em volta de um bolo gigante e cantou parabéns pelo aniversário do Padre Cícero. Na mesma noite, três outros tradicionais ritos festivos foram vivenciados pelos presentes. O primeiro deles foi o Concurso do Bolo de Aniversário Mais Bonito, que ocorre desde a primeira edição da Semana de Aniversário do Padre Cícero. Em seguida, à meia-noite, reeditando tradição incorporada às últimas 25 edições dos festejos, houve a distribuição de 4 mil copos do Caldo da Nair. A distribuição de substancioso caldo quente aos participantes da noite festiva foi idealizada por Dona Nair Silva<sup>375</sup>, romeira e devota do Padre Cícero, desde que chegou a Juazeiro, em 1924, até o seu falecimento, em 1997. Também, seguindo ideia idealizada décadas antes por Dona Nair, houve a realização de uma seresta que acontece logo após a distribuição dos copos de caldo<sup>376</sup>.

Durante as horas seguintes, musicistas e poetas da cidade participaram da Seresta do Padre Cícero, na qual poemas de cordel e músicas, muitas vezes compostos por artistas-

<sup>374</sup> PREFEITURA MUNICIPAL DE JUAZEIRO DO NORTE. **Semana de comemoração aos 173 anos do Padre Cícero será aberta em sessão solene, nesta segunda-feira.** Juazeiro do Norte, 2017. Disponível em: <http://www.juazeiro.ce.gov.br/Imprensa/Noticias/2017-03-20-Semana-de-comemoracao-aos-173-anos-do-Padre-Cicero-sera-aberta-em-sessao-solene-nesta-segundafeira-2648/>. Acesso em: jul. 2018.

<sup>375</sup> Dona Nair Silva era alagoana, nascida na Mata Grande em 1917. Faleceu em 1997. Em 1924, foi com os pais em romaria para Juazeiro, e lá a família decidiu permanecer, “tangida pela fé no Padim” e por considerarem que o lugar proporcionaria melhores condições de vida. Durante sua vida, Dona Nair foi professora, musicista, radialista, folclorista e carnavalesca. Foi a primeira comissária de menores da cidade de Juazeiro e chegou a acolher, criar e educar inúmeras crianças carentes. Devota incontestemente do Padre Cícero, Dona Nair era mulher de poucos recursos, lecionou arte e música em diversas escolas, fundou uma escola de samba, além de ser uma das idealizadoras da Semana de Aniversário do Padre Cícero e de parte da programação que vem sendo reeditada até os dias atuais. Ver: **Site Miséria**. Disponível: [http://www.miseria.com.br/index.php?page=noticia&cod\\_not=200575](http://www.miseria.com.br/index.php?page=noticia&cod_not=200575). Acesso em: jul. 2018. Ver: **Estórias e histórias**. 2016. Disponível em: <http://estoriasehistoria-heitor.blogspot.com/2016/>. Acesso em: jul. 2018.

<sup>376</sup> No ano de 2017, os copos, plásticos vinham devidamente serigrafados com fotos do Padre, da Dona Nair, além das logomarcas da Prefeitura Municipal e da Secretaria de Turismo de Juazeiro do Norte.



devotos que ajudaram e ajudam a dar manutenção à sacralidade de Juazeiro, elegendo os romeiros e o Padre Cícero como temas principais de suas obras, foram apresentados por seus respectivos intérpretes e ouvidos ou cantados por dezenas de pessoas.

Dentre as declamações de poemas ocorridas naquela noite, as estrofes de um cordel chamaram a minha atenção. Tratava-se do folheto *A visita de Dom Fernando a Roma para a reabilitação do Padre Cícero*<sup>377</sup>, composto por Cícero de Souza (Caboclinho), poeta que, por muitos anos, trabalhou na organização da Capela do Socorro, em Juazeiro. Os que se fizeram presentes àquele momento puderam ouvir, entre outros, os seguintes versos:

Viva João Paulo II  
De Deus um grande pastor  
Viva Monsenhor Murilo  
Nosso grande intercessor  
Viva Bento XVI  
Que um dia pedido fez  
A Dom Fernando Panico  
Que o fato investigasse  
Abrisse e estudasse  
O baú do Padre Cícero;

Foi então que ele fez  
Assim que aqui Chegou  
Com o Monsenhor Murilo  
O estudo aprofundou  
Fizeram grandes congressos  
Muito documento impresso  
A Irmã Anete ajudou  
Junto com outros doutores  
Teólogos e professores  
O documento formou.<sup>378</sup>

Aquelas décimas, entoadas em março de 2017, pertencem a um poema editado, pela primeira vez em 2011, entre os folhetos reunidos pela *Coleção Centenário – Literatura de Cordel*. O folheto versa sobre a expectativa de que, em um futuro próximo, a partir de esforços empreendidos por um grupo de pessoas lideradas pelo bispo Dom Fernando Panico, o Vaticano aceitasse a *Reabilitação* do Padre Cícero Romão junto à Igreja Católica Romana.

---

<sup>377</sup> SOUZA, Cícero de. **A visita de Dom Fernando a Roma para a reabilitação do Padre Cícero**. Fortaleza: IMEPH, 2012. 12 p.

<sup>378</sup> *Ibid.*, p. 3.

Nos versos daquele poema, o desejo de romeiros, devotos e diversos membros da Igreja expressava-se e dava visibilidade àquela demanda:

Entregaram o documento  
Ao Prefeito da Doutrina  
Um órgão da Santa Igreja  
Que a Santa Fé ensina  
Depois foram ao Santo Padre  
Com muita boa vontade  
Ele a todos acolheu  
Dom Fernando a lhe falar  
Do Santo Padre de cá  
O Papa lhe respondeu.

Eu ainda estou lembrado  
Quando lhe fiz o pedido  
Que o senhor estudasse  
A vida do Pe. Cícero  
Já está tudo guardado  
E será muito estudado  
Tomei a ciência disto  
Só resta agora aguardar  
Pra Doutrina assinalar  
Para dar o veredicto.<sup>379</sup>

A resposta aos anseios versegados no poema veio quatro anos depois, em 2015, quando o Papa Francisco aprovou o processo de *Reconciliação* entre a Igreja e o Padre Cícero, emitindo carta reconhecendo a necessidade de reconciliação entre a Igreja Romana e a “herança espiritual do Sacerdote do Juazeiro”, uma vez que “ele se dedicou aos humildes e estes permaneceram fiéis a Igreja Católica”<sup>380</sup>.

A busca pela reconciliação tornou-se efetiva desde que, ao assumir a Diocese de Crato, em 2001, o então bispo diocesano, Dom Fernando Panico, tomou, como demanda prioritária em seu episcopado, religar o Padre Cícero à Igreja Católica. Desde então, o bispo formou uma comissão que, em 2006, conseguiu enviar à Congregação para a Doutrina da Fé, no Vaticano, um pedido de abertura de processo para a *Reabilitação* do Padre Cícero. É a essa empreitada que o poema de Caboclinho se refere.

<sup>379</sup> SOUZA, 2012, p. 6.

<sup>380</sup> PADRE Cícero é reconciliado com a Igreja Católica. **Diocese do Crato**, Crato, maio 2019. Disponível em: <http://diocesedecrato.org/padre-cicero-e-reconciliado-com-a-igreja-catolica/em-22/05/2019>. Acesso em: jul. 2018.

Segundo informado pela Diocese do Crato, em 2015, “o Papa Francisco foi além. A partir dos estudos realizados pela Equipe de Direito Canônico do Vaticano, foi decidido que a Igreja deveria conceder a *Reconciliação* do padre com a Igreja”<sup>381</sup>.

A diferença entre *reabilitação* e *reconciliação*, quando concedidas pelo Vaticano, é que, no primeiro caso, o Padre teria apenas recuperadas as suas ordens sacerdotais, suspensas, pela primeira vez, no final do século XIX. Já a reconciliação apaga toda e qualquer oposição da Igreja às ações do Padre Cícero em vida ou às suas consequências após a morte. Segundo a Diocese do Crato, reproduzindo posição do chanceler, Armando Lopes Rafael, a equipe de Direito Canônico do Vaticano estudou o caso entre 2006 e 2014 e não viu sentido na reabilitação de ordens *post mortem*. A opção pela Reconciliação veio a ser levada em conta pelo fato de que as romarias e os demais ritos de fé em torno das ações do Padre Cícero nunca pararam de crescer após a sua morte em 1934. “Como a ação do Padre Cícero se tornou crescente mesmo após a sua morte, eles disseram que era oportuno a reconciliação da Igreja com o Padre”<sup>382</sup>, afirmou o chanceler.

Para muitos, a reconciliação marca uma continuidade, um desdobramento a mais, na tessitura formada por elementos que reatualizam e reafirmam, constantemente, a sacralidade em torno do Padre Cícero Romão e de Juazeiro do Norte. É a continuação de uma história que não se acaba, mas que, a cada novo “capítulo”, reafirma e fortalece a fé dos devotos na Terra da Mãe de Deus.

Naquela semana comemorativa, momento em que ouvi pela primeira vez os versos das estrofes compostas pelo poeta Caboclinho, eu ainda não sabia que aquele seria um dos poemas com os quais eu trabalharia quando fosse analisar e classificar cada um dos folhetos da *Coleção Centenário*. Ainda assim, considero importante registrar que, em 2017, durante uma das muitas celebrações públicas que acontecem, recorrentemente, em Juazeiro, um dos poemas editados pela *Coleção* estava sendo declamado por alguém<sup>383</sup> e ouvido por muitos. Mesmo ressaltando que não me foi possível levantar em quais outros eventos esse poema já havia sido declamado, do período entre seu lançamento à aquele momento festivo no qual eu me encontrava, considero importante registrar que ali, seis anos depois de lançada a *Coleção Centenário*, um de seus folhetos estava oferecendo ao público narrativas sobre a

---

<sup>381</sup> PADRE..., 2019.

<sup>382</sup> Ibid.

<sup>383</sup> Na ocasião, não me atentei em anotar o nome da pessoa que declamava o poema.

cidade, rememorando o processo de busca pela reabilitação do Padre Cícero, que, naquela ocasião, já havia virado passado, convertido em vitória a ser comemorada a partir da reconciliação obtida.

Naquela semana, ocorreu, paralelamente aos eventos comemorativos, a quinta edição de um Simpósio internacional que, em sintonia com alguns dos últimos desdobramentos em torno das narrativas que dão manutenção a Juazeiro do Norte, recebeu o subtítulo “Reconciliação...e agora?”<sup>384</sup>. O evento teve como sede o Memorial Padre Cícero, local idealizado para ser um centro de estudos, de pesquisas e de palestras sobre o sacerdote<sup>385</sup>, localizado no Largo da Capela do Socorro, espaço que, durante os acontecimentos festivos de Juazeiro, é praticado por milhares de devotos, romeiros e demais visitantes ocasionais. O Memorial Padre Cícero foi, aliás, uma das instituições parceiras do projeto da *Coleção Centenário*. Em sua lojinha, inclusive, podem ser encontrados, à venda, exemplares da *Coleção Centenário*, remanescentes das comemorações de 2011<sup>386</sup>.

Eram notórias as interações entre os que passavam pelo lugar durante a semana de aniversário do Padre Cícero. Enquanto o Largo do Socorro recebia missas a céu aberto, procissões, festas e apresentações culturais, no interior do Memorial, pesquisadores de diversas áreas problematizavam o Padre Cícero, o processo de Reconciliação deste com a Igreja Católica, além de toda uma série de formulações sobre Juazeiro do Norte, sua trajetória histórica de crescimento, seus habitantes e seus visitantes.

O V Simpósio Internacional sobre o Padre Cícero foi promovido a partir de parceria entre a Diocese do Crato e a Universidade Regional do Cariri (Urca), instituição onde se tem produzido diversas pesquisas relacionadas ao Padre Cícero e às suas relações com as dinâmicas que dão manutenção a Juazeiro enquanto espacialidade. Naquela edição do evento,

<sup>384</sup> MARTINS, Júnia. “Reconciliação...e agora?” é tema do V Simpósio Internacional sobre o Padre Cícero. **Redefolkcom**, nov. 1016. Disponível em: <http://www.redefolkcom.org/reconciliacao-e-agora-e-tema-do-v-simposio-internacional-sobre-o-padre-cicero/>. Acesso em: jun. 2018.

<sup>385</sup> Segundo apresentação do Governo do Ceará, “O Memorial Padre Cícero foi inaugurado no dia 22 de julho de 1988 com a presença do então Presidente da República, José Sarney, para ser um ambiente de estudos, pesquisas e palestras sobre o sacerdote. Existe um museu com vários objetos que foram do seu uso pessoal, como vestimentas e louças, além de fotografias e algumas obras de arte da época. Na biblioteca do mesmo, uma vasta bibliografia reunindo as muitas obras de quem escreveu a favor e as poucas dos que pensavam diferente sobre o padre. O auditório tem capacidade para 400 pessoas e o Memorial foi construído no largo da Capela do Socorro, onde o sacerdote foi sepultado”. Ver: PREFEITURA MUNICIPAL DE JUAZEIRO DO NORTE. **Memorial Padre Cícero**. Juazeiro do Norte, [20--]. Disponível em: <https://www.juazeiro.ce.gov.br/Cidade/Memorial- Padre-Cicero/>. Acesso em: jun. 2018.

<sup>386</sup> Encontrei exemplares da *Coleção Centenário – Literatura de Cordel* disponíveis para a venda, na lojinha do Memorial, quando estive em Juazeiro do Norte em minha última viagem de pesquisa para a tese, em janeiro de 2020.

pesquisadores do Brasil e do Exterior apresentaram e discutiram mais de uma centena de trabalhos que foram divididos em quatro eixos temáticos<sup>387</sup> que trataram de aspectos sociais, políticos e econômicos sobre Juazeiro, as relações entre esses aspectos e as práticas de devoção ao Padre Cícero, bem como os efeitos da Reconciliação deste com a Igreja.

Foi interessante perceber que o Simpósio em questão não seguia as dinâmicas de participações e de interações com o público, mais recorrentemente encontradas em eventos estritamente acadêmicos. Nas palestras diárias, expectadores ligados às pesquisas universitárias dividiam espaço com memorialistas da cidade, religiosos membros da Igreja, devotos e peregrinos, que se encaminharam para Juazeiro a fim de participar dos festejos do aniversário do Padroeiro. No Auditório lotado do Memorial, muitos assistiam às discussões demonstrando interesse. Por vezes, alguns dos presentes externavam manifestações de alegria e contentamento, quando satisfeitos com os comentários apresentados sobre o Padre Cícero. Outras vezes, as manifestações eram de reprovação, quando as análises se encaminhavam para apresentar o que poderia ser considerada alguma crítica mais pragmaticamente negativa.

No último dia do Simpósio, a conferência de encerramento foi proferida pelo teólogo Leonardo Boff, para um auditório lotadíssimo, onde expectadores atentos, sentados ou em pé, assistiam à fala que se manteve em sintonia com o tom festivo das comemorações daquela semana. Sob o título “O Padre Cícero à luz do Papa Francisco”, Boff afirmou estar seguro “de que o dia chegará para o Padre Cícero Romão Batista”, que tal possibilidade foi manifestada pelo próprio Papa Francisco e foi viabilizada pelo “caldo cultural desta Igreja que se compromete com os invisíveis, e que entendeu o significado das virtudes e dos laços positivos da figura do Padre Cícero”. Por isso, o Papa “abriu as portas para a sua reconciliação histórica”.

---

<sup>387</sup> **1. RECONCILIAÇÃO: PADRE CÍCERO E A POLÍTICA ECLESIASTICA:** abarcou discussões acerca das relações entre o movimento sócio-religioso de Juazeiro e as transformações desta instituição, considerando as dimensões políticas, históricas e sociológicas; **2. ROMEIROS, JUVENTUDE E GÊNERO:** voltado para analisar as transformações que vêm ocorrendo nas romarias considerando, sobretudo, as contribuições dos estudos relacionados às questões de gênero, juventude, pertencimentos e participações nos deslocamentos a Juazeiro do Norte; **3. APROPRIAÇÕES E USOS: CULTURA, ECOLOGIA E ECONOMIA:** buscou refletir sobre os diferentes agenciamentos realizados sobre a figura do Padre Cícero e a religiosidade vivenciada em Juazeiro do Norte; **4. PADRE CÍCERO E A POLÍTICA:** esse eixo contemplou diferentes análises que têm como base a inserção política do Padre Cícero. Ver: SIMPÓSIO Internacional sobre o Padre Cícero – Reconciliação... e agora?. **CEBS do Brasil**, jul. 2017. Disponível em: <http://cebsdobrasil.com.br/2017/07/04/5o-simposio-internacional-sobre-o-padre-cicero-reconciliacao-e-agora/>. Acesso em: jun. 2018.

Reafirmando o desejo expressado, ao longo de décadas, por romeiros e devotos, mas também por versos da literatura de folhetos, o conferencista concluiu sua fala prevendo que o Padre Cícero “será beatificado, canonizado santo original, típico de nossa terra, batida pela seca, terra de homens e mulheres fortes, simples e cheios de fé”<sup>388</sup>. Em pé, o público aplaudiu o conferencista. Muitas pessoas apresentavam lágrimas nos olhos.

Os anseios populares pela beatificação seguida pela canonização do Padre Cícero foi ecoado pelo texto proferido por Boff, porém sabemos tratar-se de um anseio muito antigo entre romeiros e devotos que praticam o território de Juazeiro do Norte. A literatura de folhetos ajudou a fazer circular o desejo popular de um dia ver o Padroeiro da cidade convertido em santo oficial da Igreja Católica. No folheto do poeta Caboclinho, declamado poucas noites antes daquela conferência, esse desejo é mais uma vez enunciado e posto em circulação:

A grande nação romeira  
 Está cheia de esperança  
 Ateste a Santa Igreja  
 E dê sua confiança  
 Estamos todos rezando  
 Pedindo e venerando  
 Com o Rosário na mão  
 Para ser reabilitado  
 Beatificado e canonizado  
 O Pe. Cícero Romão.<sup>389</sup>

Versejando em nome de uma “nação” de romeiros do Juazeiro, o poema em questão é mais um, entre tantos outros, que narraram a cidade por meio de elementos que formam algumas de suas múltiplas camadas. No caso específico aqui relatado, um “cordel contemporâneo”, editado pela primeira vez em 2011 como parte da coletânea que compõe a *Coleção Centenário – Literatura de cordel*, circulava, anos depois de lançado, rememorando aos ouvintes coisas sobre o Padre Cícero e a cidade que ele ajudou a fundar.

Não seria possível tecer afirmações acerca de quanto tempo levaria para que as pessoas não mais se lembrassem do texto proferido por Leonardo Boff naquela conferência, em 2017, embora saibamos que tal texto dificilmente será repetido publicamente. Já o poema

<sup>388</sup> BOFF, Leonardo. **O Padre Cícero à luz do Papa Francisco**. 2017. Conferência realizada no 5º Simpósio Internacional Sobre O Padre Cícero, Juazeiro do Norte, 2017.

<sup>389</sup> SOUZA, 2012, p. 12.

de Caboclinho, contido no folheto lançado pela *Coleção Centenário*, assim como diversos outros poemas em cordel, semelhantes em teor narrativo, continuarão, provavelmente, a ser lidos e ouvidos por muitas décadas, para novos e antigos praticantes do Juazeiro.

\*\*\*

Por meio de mais esse exemplo sobre os entrelaçamentos entre as dinâmicas, as práticas sociais em Juazeiro do Norte e as formas como as narrativas do cordel ajudam a “formular a cidade” a cada nova enunciação, que me encaminho para as considerações finais nesta tese.

Para além da mencionada visita à Juazeiro em 2017, creio ser pertinente mencionar que, em minha última viagem de pesquisa para aquela cidade, em 2020, busquei conversar com alguns moradores do local sobre como eles se recordavam das comemorações do Centenário ocorrida nove anos antes. Curiosamente, várias dessas pessoas, simplesmente, não se recordavam daqueles festejos. Nessas conversas, algumas tinham suas memórias reativadas pela lembrança de que fora na ocasião do Centenário que a cantora baiana Ivete Sangalo realizou show para uma multidão, assim como o fez, também, o padre Reginaldo Manzotti.

Lançada durante as comemorações daquele Jubileu, a *Coleção Centenário* também não é conhecida por boa parte dos juazeirenses, porém, coadunando-se com as previsões exprimidas por alguns de seus organizadores, tem seus poemas circulantes por diversos espaços da cidade, ajudando a narrar Juazeiro até para aqueles que não os relacionem com a coleção que os distribuiu ou com as comemorações a partir das quais eles foram postos em circulação.

São inúmeras as possibilidades de abordagens e de problematizações acerca das formas como os folhetos reunidos pela *Coleção Centenário – Literatura de Cordel* representam Juazeiro do Norte por intermédio de temporalidades e de perspectivas diversas. Também, são incontáveis as indagações que o historiador poderá fazer a cada um dos folhetos pertencentes a essa coletânea, ou, ainda, ao mosaico que toma forma quando olhamos para o conjunto de todos os folhetos reunidos.

Sob nenhuma hipótese a presente pesquisa pretende esgotar tais possibilidades de abordagens. Pelo contrário, esperamos que esta tese, após ser disponibilizada ao público, seja

capaz de provocar novos questionamentos e, conseqüentemente, novas produções acadêmicas que, com o auxílio dos folhetos reunidos pela *Coleção*, forneçam olhares renovados sobre as tessituras que, com o tempo, vão compondo noções de realidade sobre Juazeiro do Norte.

No presente trabalho, a *Coleção Centenário* foi apresentada em detalhes e problematizada a partir das intencionalidades, das circunstâncias de produção, das relações com os seus respectivos tempo e espaço de elaboração e, principalmente, da forma como foram organizados os seus conteúdos.

Os olhares produzidos sobre os folhetos do segmento “cordéis clássicos” permitiram que fossem apresentadas e discutidas algumas das formas como a literatura de folhetos construiu representações sobre Juazeiro, sempre buscando atender às demandas de seus respectivos tempos de composição e de edição. Esses poemas que narraram a cidade ao longo de mais de um século, esse “meio do caminho” entre a Emancipação Política da cidade e a Festa do Centenário, são ressignificados em sentidos e em finalidades quando reunidos, no início da segunda década do século XXI, para formarem um conjunto coeso de narrativas a serem apresentadas a um público diferente daquele ao qual os poemas se destinavam originalmente. Por meio da *Coleção*, esses cordéis antigos, “clássicos”, poderão narrar algumas das trajetórias que levaram a cidade a tornar-se o que é. Poderão, também, evocar imagens do passado, fazendo-as serem visualizadas no presente, (re)produzindo, assim, as memórias em torno daquele espaço.

Quando as atenções desta pesquisa se voltaram aos folhetos do segmento “cordéis contemporâneos”, as mudanças e as permanências que a literatura de folhetos sofreu com o tempo apresentaram-se para serem discutidas. Os “cordéis contemporâneos” da *Coleção Centenário* mostram-nos que não apenas a literatura de folhetos mudou com o tempo mas também seus leitores e ouvintes, seus espaços de circulação e de consumo e seus efeitos de produção de discursos.

Longe de apresentar-se como um conjunto homogêneo e consonante de narrativas sobre Juazeiro do Norte, a coletânea de “cordéis contemporâneos” nos permite antever um campo de disputas entre segmentos que pretendem preservar o cordel em suas características “tradicionais”, tomadas muitas vezes como “canônicas”, e os movimentos que buscam caminhos de renovação para as formas de se escrever, produzir e enunciar essa literatura.



Também, os “cordéis contemporâneos” nos ajudam a refletir sobre como se pretendeu narrar a cidade em seu jubileu de Centenário, apresentando a novos e antigos adeptos características de sacralidade e de progresso que quase nunca deixam de se fazer presentes quando Juazeiro é representada.

Reunindo os 100 folhetos, os “clássicos” e os “contemporâneos”, este trabalho permite refletirmos sobre como podem ser implementadas produções editoriais, potenciais consolidadoras de discursos sobre a cidade, a partir das interações entre os esforços a intencionalidades de grupos bastante heterogêneos, formados por artistas, memorialistas, gestores municipais e instituições de fomento à pesquisa.

Todas essas análises, discussões e reflexões propuseram-se a apresentar olhares renovados sobre Juazeiro do Norte e suas íntimas e históricas relações com a literatura de folhetos. Afinal, se o que obtemos de uma cidade são as respostas às perguntas que fazemos para ela, o presente texto pretendeu fornecer algumas das respostas às indagações desenvolvidas ao longo desta pesquisa, mas também, quem sabe, provocar que sejam levantadas muitas, muitas, outras perguntas a serem respondidas.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Marcia. **História de cordéis e folhetos**. Campinas: Mercado das Letras, 1999.
- ALMEIDA, V. G.; GONÇALVES, E. G.; NASCIMENTO, D. S.; SAMPAIO, G. A. Elas (re)escrevem a literatura de cordel: autoria feminina na Coleção Centenário (Juazeiro do Norte-CE). *In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL INTERDISCIPLINAR EM CULTURA E SOCIEDADE DO PGCULT, 2., 2019, São Luís. Anais [...].* São Luís: UFMA, dez. 2019.
- ALMEIDA, Regivania Rodrigues de; HOLANDA, Cristina Rodrigues. **Memorial Padre Cícero e outras Histórias**. Nova Olinda: Fundação Casa Grande Memorial do Homem Kariri, 2018.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. Coleção de cacos. *In: VILLAÇA, Alcides. Passos de Drummond*. São Paulo: Cosac Naif, 2006. p. 36-38.
- ANDRADE, Mário de. Prefácio interessantíssimo [a Paulicéia desvairada]. *In: ANDRADE, Mário. Poesias completas*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980. p. 45-48.
- ARAÚJO, Antônio Gomes de. **O apostolado do embuste**. Crato: Revista Itaytera, 1965.
- ATHAYDE, João Martins de. **Introdução: Mário Souto Maior**. São Paulo: Hedra, 2000.
- BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O Ofício de Historiador**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2001.
- BOFF, Leonardo. **O Padre Cícero à luz do Papa Francisco**. 2017. Conferência realizada no 5º Simpósio Internacional Sobre O Padre Cícero, Juazeiro do Norte, 2017.
- CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CONTIVAL, Mylène. Juazeiro do Norte: entre Benditos e Mauditos. **Escritural – Écritures d’Amerique Latine**, Poitiers-FR, n. 6, dez. 2012. ISSN 2102-5797.
- CRISPINIANO NETO, Joaquim. **O Universo da Literatura de Cordel Nordestina**. v. 1-4. Fortaleza: Editora IMEPH, 2011.
- DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joazeiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- FICO, Carlos. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 24, n. 47, p. 29-60, 2004.
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** São Paulo: Passagens, 1992.

GONÇALVES, Marco Antônio. Cordel híbrido, contemporâneo e cosmopolita. **Textos escolhidos de cultura e arte populares**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 21-38, 2007.

GREENBLATT, Stephen. **Possessões Maravilhosas**. São Paulo: EDUSP, 1996.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Monumento [à Independência]**: São Paulo, SP. [S. l.: s. n.], [19--]. 1 fotografia, p&b. Id: 39409. Localidade: 3550308. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=439424&view=detalhes>. Acesso em: jan. 2020.

INSTITUTO CULTURAL DO VALE CARIRIENSE. **ICVC**, Juazeiro do Norte-CE. Disponível em: <https://www.fjn.edu.br/icvc/>. Acesso em: jan. 2020.

JOFFILY, Mariana. Aniversários do golpe de 1964: debates historiográficos, implicações políticas. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 204-251, jan./mar. 2018.

KUNZ, Martine. **Cordel**: a voz e o verso. Fortaleza: Museu do Ceará: Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2001.

KUNZ, Martine. Expedito Sebastião da Silva: poeta-artesão de Juazeiro do Norte. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 27, n. 1/2, p. 64-72, 1996.

KUNZ, Martine. Melancia e Expedito: cordel na fala e na escrita. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 38, n. 1, p. 77-89, 2007.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LUSTOSA, Maria do Rosário. **100 Anos de Juazeiro Registrados em Cordel: 1911 – 2011**. Juazeiro do Norte: HB Gráfica, 2011.

MARIA DA SILVA, Salete; PEREIRA DOS SANTOS, Francisca. **Pensando os Mauditos**. 2000. Documento pertencente aos arquivos pessoais de Francisca Pereira Dos Santos.

MELO, Rosilene Alves de. **Arcanos do Verso**: trajetórias da Tipografia São Francisco em Juazeiro do Norte, 1926 – 1982. Dissertação (Mestrado em História Social) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2003.

MOTA, Leonardo. **Cantadores**: poesia e linguagem do sertão cearense. 1. ed. 1. mil. Rio de Janeiro: Livraria Castilho, 1921.

NOBRE, Ediane. **O Teatro de Deus**: as beatas do Padre Cícero e o espaço sagrado de Juazeiro (1889-1898). Fortaleza: Edições IMEPH/UFC, 2011.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História**: a problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Khoury. São Paulo: Projeto História, 1993.

OLIVEIRA, Cecília Helena de Sales. O Museu Paulista da USP e a memória da Independência. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 22, n. 58, p. 65-80, dez. 2002.

OLIVEIRA, Cícero da Silva. Mais que impressões: a presença dos penitentes caririenses em textos que inventam o Brasil e o Cariri. **Macabéa: Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 3, n. 1, p. 33-50, jun. 2014.

PEIXOTO, Joaquim Marques de Alencar. **Joazeiro do Cariri**. Fortaleza: Editora IMEPH, 2011.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 27, n. 53, p. 01-13, jan./jun. 2007.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 9-12, 1989.

POTIER, Leda V. B. C. **História para “ver” e entender o passado**: cinema e livro didático no espaço escolar (2000 – 2008). 2014. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014.

POTIER, Leda V. B. C.; POTIER, Robson W. **Didática da História, espaço escolar e vida prática**: implicações para o desenvolvimento da consciência histórica em sociedade. **História Hoje**, Brasília, DF, v. 3, n. 6, p. 279-298, 2014.

POTIER, Robson William. **O sertão virou verso, o verso virou sertão**: sertão e sertanejos representados pela literatura de cordel (1900 – 1940). 2. ed. Brasília, DF: Novas Edições Acadêmicas, 2016.

JUAZEIRO DO NORTE, Prefeitura Municipal. **1ª mostra de Literatura de Cordel**: poeta Expedito Sebastião Batista. Juazeiro do Norte: [s. n.], 2019.

JUAZEIRO DO NORTE, Prefeitura Municipal. **Coleção Centenário – Livros**. Juazeiro do Norte: IMEPH, 2011a.

JUAZEIRO DO NORTE, Prefeitura Municipal. **Coleção Centenário – Literatura de Cordel**. Juazeiro do Norte: IMEPH, 2011b.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **O Meio do Mundo**: território sagrado em Juazeiro do Padre Cícero. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014a.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. O tempo e a trama: o Padre Cícero na narrativa dos devotos. **Revista Kairós**, Fortaleza, v. 11, n. 1-2, p. 53-78, 2014b.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **O verbo encantado**: a construção do Padre Cícero no imaginário dos devotos. Ijuí: Unijuí, 1998.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. Com quantas memórias se faz o sagrado? Narrativas e narradores da “Nova Jerusalém”. **Cadernos do CEOM**, Chapecó, v. 2, p. 311-348, 2003.

ROCHA, Ewerton. Benditos da Ladeira do Horto: uma breve etnografia do silêncio. **Rev. Inst. Estud. Bras.**, São Paulo, n. 73, maio/ago. 2019.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica**: teoria da história: fundamentos da ciência histórica. 1. reimpr. Brasília, DF: Ed. UnB, 2010a.

SANTOS, José C. C. R. dos. **A polifonia do cordel de simbólica católica**: contrapondo reducionismos interpretativos. 2010. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

SOCIEDADE DOS CORDELISTAS MAUDITOS. **Agora são outros 500!** Juazeiro do Norte: SESC, 2000. (Série poética em cordel).

SOUSA, Cecília Camelo de. **Academia dos Cordelistas do Crato**: história, memória e educação (1991-2016). 2018. 242 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

TEIXEIRA DA SILVA, Amanda. “A fisionomia da pedra”: um olhar sobre a escultura de Agostinho Balmes Odísio. **Revista Espacialidades**, Natal, v. 8, n. 1, 2015.

TERRA, Ruth Brito Lemos. **Memórias de lutas**: a literatura de folhetos no Nordeste (1893-1930). São Paulo: Global Editora, 1983.

#### Literatura de folhetos

ALENCAR, Nezite. **O Santo do Juazeiro**. Fortaleza: IMEPH, 2012. 16 p.

ARAÚJO, Maria Rosimar. **Os três maiores momentos da história do Juazeiro, a chegada do Pe. Cícero, o milagre e a emancipação política**. Fortaleza: IMEPH, 2012. 12 p.

ASSIS A. SANTOS, Francisco de. **Juazeiro Centenariado**. Fortaleza: IMEPH, 2012. 16 p.

ATHAYDE, João Martins de. **A Entrada do Padre Cícero no CEO visto por uma donzela de treze anos**. Recife: [s. n.], 1942. 8 p.

ATHAYDE, João Martins de. **A lamentável morte do Padre Cícero Romão Batista**. Juazeiro do Norte: 1934.

ATHAYDE, João Martins de. **A vida e os novos sermões do Padre Cícero**. Recife: [s. n.], [19--]. 16 p.

BARBOSA, Jackson Pires. **Padre Cícero e Juazeiro ontem e hoje**. Fortaleza: IMEPH, 2012. 32 p.

BARROS, Leandro Gomes de. **O Juazeiro e o Padre Cícero**. Fortaleza: IMEPH, 2012. 8 p.

BATISTA, Abraão Bezerra. **A canonização do Padre Cícero pela Igreja Brasileira**. Juazeiro do Norte: [s. n.], 1973.

BATISTA, Orivaldo. **Queima de arquivo: os livros proibidos do Padre Cícero.** Fortaleza: IMEPH, 2012. 8 p.

BERNARDO DA SILVA, José Bernardo da. **A pranteada morte do reverendíssimo Padre Cícero Romão Batista.** Juazeiro do Norte: Lira Nordestina, 1982. 8 p.

BERNARDO DA SILVA, José Bernardo da. **A pranteada morte do reverendíssimo Padre Cícero Romão Batista.** Fortaleza: IMEPH, 2012a. 20 p.

BERNARDO DA SILVA, José Bernardo da. **Cinquentenário de Juazeiro e dados históricos.** Fortaleza: IMEPH, 2012b. 48 p.

BERNARDO DA SILVA, José Bernardo da. **Manifestação ao Padre Cícero Romão pelo povo do Juazeiro.** Juazeiro do Norte: Tipografia São Francisco, 1965. 16 p.

BERNARDO DA SILVA, José Bernardo da. **O Nascimento do Padre Cícero na cidade do Crato - Ceará.** Juazeiro do Norte: [s. n.], [19--]. 8 p.

BOTELHO, Edilson. **O Juazeiro diverso no ano do centenário.** Fortaleza: IMEPH, 2012. 12 p.

CABOCLO E SILVA, Manoel. **A visita dos romeiros como era antigamente.** Fortaleza: IMEPH, 2012a. 12 p.

CARVALHO NETO, João Pedro C. **Juazeiro primitivo.** Fortaleza: IMEPH, 2012. 12 p.

CARVALHO NETO, João Pedro C. **Inauguração, sermão e centenário da Matriz de Juazeiro.** Fortaleza: IMEPH, 2012b. 16 p.

CORREIA, José Edmilson. **Juazeiro ontem e hoje.** Fortaleza: IMEPH, 2012. 16 p.

CRISTO REI, João de. **História da Guerra de Juazeiro em 1914.** Fortaleza: IMEPH, 2012. 12 p.

CRISTO REI, João de. **O homem que falou com o Diabo em Juazeiro.** Juazeiro do Norte: Editora de Manoel Caboclo, 1975. 16 p.

CRISTO REI, João de. **Os milagres de Padrinho Cícero.** Juazeiro do Norte: José Bernardo da Silva Ltda, [19--]. 8 p.

CRISTO REI, João de. **O que diz meu Padrinho Cícero sobre a santa romaria.** [S. l.: s. n.], [19--]. 8 p.

CRISTO REI, João de. **Profecia: vida e morte de padrinho Cícero Romão.** Juazeiro do Norte: [s. n.], [19--].

EDSON DA SILVA, João (Dão de Jaime). **Cem Anos de Juazeiro do Padre Cícero Romão.** Fortaleza: IMEPH, 2012. 12 p.

- ERNESTO FILHO, Pedro. **Marrocos na história do Juazeiro**. Fortaleza: IMEPH, 2012. 12 p.
- FERRAZ, Hélio. **Os dez mandamentos do bom cordelista**. Juazeiro do Norte: SESC, 2001.
- GOMES, Maria de Fátima. **História de Juazeiro**. Fortaleza: IMEPH, 2012. 12 p.
- GONÇALVES, José Alves (Soneca). **Fatos e Invenções de Juazeiro Centenário**. Fortaleza: IMEPH, 2012. 16 p.
- GONÇALVES SOBRINHO, José. **Juazeiro, Padre Cícero e o Progresso**. Fortaleza: IMEPH, 2012. 8 p.
- GOVIN, Zé. **Cem anos de Juazeiro**. Fortaleza: IMEPH, 2012. 12 p.
- GRANGEIRO, Silvio. **Poema Centenário de Juazeiro**. Fortaleza: IMEPH, 2012. 8 p.
- HUGO, José. **Romaria**. Fortaleza: IMEPH, 2012. 12 p.
- JOSÉ DA SILVA, Severino (Severino do Horto). **Milagre do Padre Cícero e Maria de Araújo**. Fortaleza: IMEPH, 2012. 20 p.
- LEONARDO, Camilo B. **Cem anos de Juazeiro do Norte**. Fortaleza: IMEPH, 2012. 12 p.
- LUSTOSA, Maria do Rosário. **Pe. Cícero e... Quem é ele?**. Juazeiro do Norte: [s. n.], 2004. 8 p.
- OLIVEIRA, João Mendes de. **Conselhos do Padre Cícero**. Juazeiro do Norte: Tipografia D'ordem, [19--].
- MARIA DA SILVA, Salete. **Embalando Meninas em tempos de violência**. Fortaleza: IMEPH, 2012. 12 p.
- MONTEIRO, Ernane Tavares. **Juazeiro Centenário**. Fortaleza: IMEPH, 2012. 20 p.
- MORAIS, José Irlando. **Juazeiro Centenário**. Fortaleza: IMEPH, 2012. 16 p.
- PEREIRA, Wanderley. **Juazeiro, a árvore símbolo do Ceará**. Fortaleza: IMEPH, 2012. 12 p.
- PEREIRA DOS SANTOS, Francisca (Franka). **Padre Cícero e a Vampira**. Fortaleza: IMEPH, 2012. 36 p.
- RIBEIRO, Maria Lindalva Machado. **Síntese dos principais acontecimentos históricos de Juazeiro do Norte**. Fortaleza: IMEPH, 2012. 12 p.
- ROMÃO, A. B. **A Igreja brasileira canonizou em Brasília o Pe. Cícero Romão**. Juazeiro do Norte: [s. n.], [19--].

SANTOS, Tony. **Meu Padim, 150 anos ao lado do romeiro**. Fortaleza: IMEPH, 2012. 12 p.

SEBASTIÃO DA SILVA, Expedito. **A opinião dos romeiros sobre a canonização do Pe. Cícero pela Igreja Brasileira**. Juazeiro do Norte: Tipografia São Francisco, 1973. 8 p.

SEBASTIÃO DA SILVA, Expedito. **Cinquentenário de Juazeiro e dados Históricos**. Juazeiro do Norte: Editora de José Bernardo da Silva, 1961.

SEBASTIÃO DA SILVA, Expedito. **Em defesa da Memória do Pe. Cícero – O apóstolo do Nordeste**. Juazeiro do Norte: 1983, 16 p.

SEBASTIÃO DA SILVA, Expedito. **O progresso e a elevação histórica de Juazeiro do Norte**. Fortaleza: IMEPH, 2012a. 48 p.

SEBASTIÃO DA SILVA, Expedito. **Resumo bibliográfico de José Bernardo da Silva**. Fortaleza: IMEPH, 2012b. 24 p.

SEBASTIÃO DA SILVA, Expedito. **Em defesa da Memória do Pe. Cícero – O apóstolo do Nordeste**. Fortaleza: IMEPH, 2012c. 16 p.

SEBASTIÃO DA SILVA, Expedito. **Centenário da ordenação sacerdotal do Padre Cícero Romão**. Fortaleza: IMEPH, 2012d. 16 p.

SEBASTIÃO DA SILVA, Expedito. **O Monumento ao Pe. Cícero**. Juazeiro do Norte: Tipografia São Francisco, 1969.

SEBASTIÃO DA SILVA, Expedito. **Resumo biográfico de José Bernardo da Silva**. Juazeiro do Norte: Tipografia São Francisco, [19--]. 16 p.

SEBASTIÃO DA SILVA, Expedito. **Verdades Incontestáveis ou A Voz dos Romeiros**. Juazeiro do Norte: Tipografia São Francisco, 1956.

SOUZA, Cícero de. **A visita de Dom Fernando a Roma para a reabilitação do Padre Cícero**. Fortaleza: IMEPH, 2012. 12 p.

TENÓRIO, Iderval Reginaldo. **A grande Batalha: Juazeiro contra o Crato – Viva o nosso centenário**, Fortaleza: IMEPH, 2012. 16 p.

### Músicas

**JUAZEIRO do Norte, terra de oração e trabalho. 100 anos de Fé, Poder e Tradição**. Intérprete: Lico Monteiro. Compositores: Z. Gomes, D. Alves, E. Sam e R. Jacopetti. Rio de Janeiro: [s. n.], 2011. Samba-enredo do Grêmio Recreativo Escola de Samba Tradição.



JUAZEIRO DO NORTE. Lei nº 3.828, de 7 de junho de 2011. Oficializa o Hino ao Centenário da Cidade de Juazeiro do Norte, Estado do Ceará e adota outras providências. **Diário Oficial do Município**: nº 3.043, 15 jun. 2011.

**TEU ANIVERSÁRIO, meu Juazeiro**. Compositor: Francisco da Silva. Juazeiro do Norte: [s. n.], 2010.

### Imprensa e matérias eletrônicas

21º CINE Ceará começará nessa quarta-feira (08) no Teatro José de Alencar. **Governo do Estado do Ceará**, 8 jun. 2011. Disponível em: <https://www.ceara.gov.br/2011/06/08/21o-cine-ceara-comeca-nesta-quarta-feira-08-no-palco-principal-do-theatro-jose-de-alencar/>. Acesso em: out. 2019.

100 ANOS de Juazeiro do Norte. **O Berro**, 22 jul. 2011. Disponível em: <http://oberronet.blogspot.com/2011/07/100-anos-de-juazeiro-do-norte.html>. Acesso em: out. 2019.

100 ANOS de instalação da cidade de Juazeiro. **Diário do Nordeste**, out. 2011. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/regiao/100-anos-de-instalacao-da-cidade-de-juazeiro-1.755156>. Acesso em: out. 2019.

A MORTE do Padre Cícero – Antes de expirar, o patriarca do Joazeiro abençoou os presentes. **O Povo**, Fortaleza, Ano VIII, n. 1908, p. 1, 21 jul. 1934.

ACADEMIA dos Cordelistas resgata a tradição. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 14 nov. 2010. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/regiao/academia-dos-cordelistas-resgata-tradicao-1.667355>. Acesso em: out. 2019.

BEM aventurados aqueles que acreditaram: carta de reconciliação da igreja com o Padre Cícero é lida na missa do dia 20. **Diocese do Crato**, 21 dez. 2015. Disponível em: <http://diocesedecrato.org/bem-aventurados-aqueles-que-acreditaram-carta-de-reconciliacao-da-igreja-com-o-padre-cicero-e-lida-na-missa-do-dia-20/>. Acesso em: jun. 2017.

CARIRY, Rosemberg. Príncipe Ribamar da Beira Fresca - o mito. **O Povo**, Fortaleza, 22 maio 2019. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/jornal/opinioao/2019/05/21/principe-ribamar-da-beira-fresca---o-Mito.html#:~:text=Andava%20sempre%20pelas%20ruas%20do,para%20os%20grandes%20e ventos%20c%3ADvicos.&text=Algu%3A9m%20lhe%20disse%20que%20ela,em%20 Juazeiro%20n%3A3o%20tinha%20aeroporto>. Acesso em: out. 2019.

CELESTINO, Paulo Leonardo. Coleção do Centenário será lançada hoje. **Cidade Jua**, Juazeiro do Norte, 19 jul. 2011. Disponível em: <http://www.cidadejua.com/2011/07/colecao-do-centenario-sera-lancada-hoje.html>. Acesso em: jan. 2020.

COLEÇÃO Centenário. **Banda Desenhada e Fantasia**. [S. l.: s. n.], 2015. Disponível em: <http://irineu-bandadesenhadaefantasia.blogspot.com/2015/10/colecao-centenario.html>. Acesso em: jan. 2020.

CONHEÇA a casa onde Padre Cícero passou os últimos anos de vida. [S. l.]: RedeTV, 2017. Publicado pelo canal RedeTV. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qA2temyyWQU>. Acesso em: out. 2019.

CONHEÇA o Museu Paroquial Monsenhor Murilo de Sá Barreto. [S. l.]: Rede Vida, 2019. Publicado pelo canal REDE VIDA. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tVUam0cMRV4>. Acesso em: jun. 2017.

CORDELISTAS festejam 20 anos de Academia (Crato CE). **Cordel Paraíba**, Paraíba, 29 mar. 2011. Disponível em: <http://cordelparaiba.blogspot.com/2011/03/cordelistas-festejam-20-anos-de.html>. Acesso em: jan. 2020.

EM ENCONTRO com o Cardeal Parolín, comitiva da Diocese de Crato agradece o envio da Carta de Reconciliação da Igreja com o “Padim Cico”. **Diocese do Crato**, Crato, 4 jun. 1016. Disponível em: <http://diocesedecrato.org/em-encontro-com-o-cardeal-parolin-comitiva-da-diocese-de-crato-agradece-o-envio-da-carta-de-reconciliacao-da-igreja-com-o-padim-cico/>. Acesso em: jan. 2017.

ESTÁTUA de Padre Cícero será reformada para centenário, no Ceará. **G1**, 9 jun. 2011. Disponível em: <http://g1.globo.com/ceara/noticia/2011/06/estatua-de-padre-cicero-sera-reformada-para-centenario-no-ceara.html>. Acesso em: out. 2019.

GIRÃO, Weber. A Última Carta do Padre Cícero? **Estórias & História**, Crato, dez. 2016. Disponível em: <http://estoriasehistoria-heitor.blogspot.com/2016/>. Acesso em: jun. 2017.

JUAZEIRO do norte em 1925. [S. l.: s. n.], dez-2016. Publicado pelo canal Cariri das Antigas [ACERVO]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F7yk2UGPJio>. Acesso em: jun. 2017.

MACEDO, Heitor Feitosa. O primeiro jornal de juazeiro do norte: O Rebate. **Estórias e História**, Juazeiro do Norte, abr. 2015. Disponível em: <http://estoriasehistoria-heitor.blogspot.com/2015/04/o-primeiro-jornal-dejuazeiro-do-norte-o.html>. Acesso em: jun. 2017.

MANTIDA pela UEPB, Biblioteca Átila Almeida amplia seu acervo e já conta com mais de 18 mil cordéis. **Grande Campina**, Campina Grande, 2013. Disponível em: <http://www.grandecampina.com.br/2013/02/mantida-pela-uepb-biblioteca-atila.html>. Acesso em: jan. 2020.

MARTIS, Júnia. “Reconciliação...e agora?” é tema do V Simpósio Internacional sobre o Padre Cícero. **Redefolkcom**, Campina Grande, 3 nov. 2016. Disponível em: <http://www.redefolkcom.org/reconciliacao-e-agora-e-tema-do-v-simposio-internacional-sobre-o-padre-cicero/>. Acesso em: jun. 2017.

MISÉRIA lembra hoje os 100 anos de nascimento da professora de Juazeiro e folclorista Nair Silva. **Site Miséria**, Crato, set. 2017. Disponível em: [//www.miseria.com.br/index.php?page=noticia&cod\\_not=200575](http://www.miseria.com.br/index.php?page=noticia&cod_not=200575). Acesso em: jun. 2017.

MONUMENTO representa personagens e fatos da emancipação nacional. **Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo**, São Paulo, 5 set. 2008. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=285634>. Acesso em: out. 2019.

MONTEIRO, Ingrid. Basílica Santuário Nossa Senhora das Dores. **Mãe das Dores Juazeiro**, Juazeiro do Norte, 21 dez. 2015. Disponível em: <http://maedasdoresejuazeiro.com/postagens/santa-missa-pelo-padre-cicero-marca-momento-historico-em-juazeiro-do-norte>. Acesso em: jun. 2017.

O FALECIMENTO do Padre Cícero – Profunda consternação em Joazeiro. **O Povo**, Fortaleza, 20 jul. 1934.

O SANTO Padim Ciço. **Opinião**, Rio de Janeiro, n. 35, 29 out. 1973. (Caderno Brasil – Notas, p. 3).

OS FUNERAIS do Padre Cícero – sessenta mil pessoas acompanharam o morto à derradeira morada – duas pessoas vitimadas por colapso cardíaco – acidentes de automóveis – manifestações de pesar – outras notas. **O Povo**, Fortaleza, ano VIII, n. 1908, p. 1, 22 jul. 1934.

PADRE Cícero é reconciliado com a Igreja Católica. **Diocese do Crato**, Crato, maio 2019. Disponível em: <http://diocesedecrato.org/padre-cicero-e-reconciliado-com-a-igreja-catolica/em-22/05/2019>. Acesso em: jun. 2017.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JUAZEIRO DO NORTE. **Memorial Padre Cícero**. Juazeiro do Norte, [20--]. Disponível em: <https://www.juazeiro.ce.gov.br/Cidade/Memorial-Padre-Cicero/>. Acesso em: jun. 2018.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JUAZEIRO DO NORTE. **Semana de comemoração aos 173 anos do Padre Cícero será aberta em sessão solene, nesta segunda-feira**. Juazeiro do Norte, 2017. Disponível em: <http://www.juazeiro.ce.gov.br/Imprensa/Noticias/2017-03-20-Semana-de-comemoracao-aos-173-anos-do-Padre-Cicero-sera-aberta-em-sessao-solene-nesta-segundafeira-2648/>. Acesso em: jan. 2020.

REITOR recebe Medalha Centenário em Juazeiro do Norte. **Universidade Federal do Ceará**, 10 jul. 2011. Disponível em: <http://www.ufc.br/noticias/noticias-de-2011/1748-reitor-recebe-medalha-centenario-em-juazeiro-do-norte>. Acesso em: out. 2019.

ROSA, Julia. Academia dos Cordelistas do Crato. **Turismo no Cariri**, Crato, 12 set. 2017. Disponível em: <https://www.turismomonocariri.com.br/a-regiao/cultura/academia-de-cordelistas-do-crato/>. Acesso em: jun. 2017.

SARASATE, P.; ABOIM, A. Na casa do Padre Cícero: duas horas de palestra com o patriarca do Juazeiro – suas opiniões sobre o momento nacional – Como encara o Comunismo e outras questões da actualidade. **O Povo**, Fortaleza, p. 1, 18 fev. 1931.

SILVA, Virgulino Ferreira da. Entrevista de Lampião ao médico do Crato. Entrevista concedida a Otacilio de Macêdo. **Gazeta do Cariri**, Juazeiro do Norte, 6 mar. 1926. Disponível em: <http://blogdomendesemendes.blogspot.com/2010/12/entrevista-de-lampiao-ao-medico-de.html>. Acesso em: jun. 2017.

TELEGRAMAS. **O Rebate**, Juazeiro do Norte, ano I, n. VI, p. 2, 22 ago. 1909.

TYPOGRAPHIA d'o 'Rebate'. **O Rebate**, Juazeiro do Norte, ano I, n. I, p. 4, 18 jul. 1909.

UFC participará do centenário de Juazeiro do Norte. **Universidade Federal do Ceará**, 18 fev. 2011. Disponível em: <http://www.ufc.br/noticias/noticias-de-2011/2697-ufc-participara-do-centenario-de-juazeiro-do-norte>. Acesso em: jun. 2017.

UM SÉCULO de fé e devoção. **Diário do Nordeste**, 7 ago. 2010. Disponível em: <https://diarionordeste.verdesmares.com.br/editorias/regiao/amp/um-seculo-de-fe-e-devocao-1.416380>. Acesso em: jun. 2017.

URCA abre inscrições para III Simpósio. **Diário do Nordeste**, 20 abr. 2004. Disponível em: <https://diarionordeste.verdesmares.com.br/editorias/regiao/urca-abre-inscricoes-para-iii-simposio-1.564380>. Acesso em: jun. 2017.

TEIXEIRA, André. Juazeiro do Norte (CE) atrai número recorde de romeiros. **G1**, Ceará, 22 jan. 2012. Disponível em: <http://g1.globo.com/ceara/noticia/2012/01/juazeiro-do-norte-ce-atrai-numero-recorde-de-romeiros.html>. Acesso em: out. 2019.

WALKER, Daniel. Carta de Reconciliação do Padre Cícero gera polêmica. **Padre Cícero.net**, Juazeiro do Norte, 3 mar. 2016. Disponível em: <http://www.padrecicero.net/2016/03/carta-de-reconciliacao-do-padre-cicero.html>. Acesso em: em: Jun. 2017.

### Fontes outras

CENTENÁRIO de Juazeiro do Norte (2011). Direção de Arte: Erick Barreira. Redação: Carol Macedo. Ceará: Kroma, 2011. 1 vídeo (1 min). Disponível em: [youtube.com/watch?v=YFEQJb2OpXk](https://www.youtube.com/watch?v=YFEQJb2OpXk). Acesso em: jan. 2020.

DANTAS, Francisco Renato Sousa. **Sobre a Coleção Centenário – Literatura de Cordel**. Entrevista concedida a Robson William Potier. Juazeiro do Norte, 22 fev. 2020.

JOÃO de Cristo Rei. *In*: Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa5869/joao-de-cristo-rei>. Acesso em: 10 out. 2019. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

JUAZEIRO do Norte – O Centenário da Fé. Direção: Maurício Melo Júnior. Roteiro: Maurício Melo Júnior. Brasil: TV Senado, 2011. 1 vídeo (17 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GmqBHaIpts4>. Acesso em: out. 2019.

LUSTOSA, Maria do Rosário. **Sobre a Coleção Centenário – Literatura de Cordel**. Entrevista concedida a Robson William Potier. Juazeiro do Norte, 23 fev. 2020/6 mar. 2020.

MORAES, Kleiton de Sousa. Bartolomeu, Floro. *In*: ABREU, Alzira Alves de (coord.). **Dicionário histórico-biográfico da Primeira República (1889-1930)**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015. p.244-245.

NERUDA, Pablo. Ode à Tipografia. *In*: FULLGRAF, Frederico. Pablo Neruda: Ode à tipografia. **Fullgrafianas**. 29 dez. 2011. Disponível em: <http://fuellgrafianas.blogspot.com/2011/>. Acesso em: jun. 2020.

SANTANA NETO, Manoel Raimundo de. Apresentação. *In*: JUAZEIRO Centenário: “Terra de oração e trabalho”. Juazeiro do Norte: [s. n.], 2012. 1 folheto.

SIMPÓSIO Internacional sobre o Padre Cícero – Reconciliação... e agora?. **CEBs do Brasil**, Juazeiro do Norte, jul. 2017. Disponível em: <http://cebsdobrasil.com.br/2017/07/04/5o-simposio-internacional-sobre-o-padre-cicero-reconciliacao-e-agora/>. Acesso em: jun. 2017.

XAVIER JÚNIOR, Altamiro Pereira. **Centenário de Juazeiro**: publicações de cordéis (clássicos e inéditos). Juazeiro do Norte: Fundação Memorial Padre Cícero, 2010a. Projeto apresentado ao Banco do nordeste do Brasil (BNB) como proponente a financiamento para a edição de coletânea de 100 folhetos de cordel em comemoração pelo Centenário de Emancipação Política de Juazeiro do Norte.

XAVIER JÚNIOR, Altamiro Pereira. **Centenário de Juazeiro**: publicação de livros. Juazeiro do Norte: Fundação Memorial Padre Cícero, 2010b. Projeto apresentado ao Banco do nordeste do Brasil (BNB) como proponente a financiamento para a edição de livros em comemoração pelo Centenário de Emancipação Política de Juazeiro do Norte.

### Leituras complementares

ABRANTES DA SILVA, Alômia. **Paraíba, mulher – macho**: Tessituras de gênero, (desa) fios da História (Paraíba, Século XX). 2008. 243 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

AGAMBEN, Giorgio. **Profanações**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A feira dos mitos**: a fabricação do folclore e da cultura popular (Nordeste 1920 – 1950). São Paulo: Intermeios, 2013.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Falas de astúcia e de angústia**: a seca no imaginário nordestino, de problema a solução (1877-1922). 1987. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1987.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nordestino uma invenção do falo**: uma história do gênero masculino (Nordeste 1920 – 1940). Maceió: Edições Catavento, 2003.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. “**Quem é froxo não se mete**”: violência e masculinidade como elementos constitutivos da imagem do nordestino. Disponível em: [http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/artigos/segunda\\_remessa/froxo\\_nao\\_se\\_mete.pdf](http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/artigos/segunda_remessa/froxo_nao_se_mete.pdf). Acesso em: 6 jun. 2008.

AQUINO, Pedro Ferreira de. **O Santo do Meu Nordeste - Padre Cícero Romão Batista**. São Paulo: Ed. Letras & Letras, 1997.

ARARIPE JÚNIOR, Tristão de Alencar. **O reino encantado**. Rio de Janeiro: Tipografia da Gazeta de Notícias, 1878.

BAKHTIN, M. M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec, 2002.

BARBOSA, Ivone Cordeiro. **Sertão**: um lugar incomum na literatura do século XIX. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza, CE: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado, 2000.

BARROS, Luitgrade Oliveira Cavalcanti. **Juazeiro do Padre Cícero**: a terra da Mãe de Deus. 2. ed. Fortaleza: Editora IMEPH, 2008.

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BARTHES, Roland. **A Morte do Autor**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BARTHOLOMEU, Floro. **Joazeiro e o Padre Cícero**: depoimento para a História. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1923.

BASCHET, Jérôme. **A civilização feudal**: do ano mil à colonização da América. Tradução: Marcelo Rede. Prefácio: Jaques Le Goff. São Paulo: Globo, 2006.

BOLOGNIN, Renan Augusto Ferreira. **Entre a ausência e a presença**: as hierarquias fantasmagóricas das fotografias de *nove noites*, de Bernardo Carvalho. In: COLÓQUIO DE ESTUDOS LITERÁRIOS, 9., 2015, Londrina. **Anais eletrônicos** [...]. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, set. 2015. Disponível em: [http://www.uel.br/eventos/estudosliterarios/pages/arquivos/Renan%20Augusto%20Ferreira%20Bolognin\\_texto%20completo.pdf](http://www.uel.br/eventos/estudosliterarios/pages/arquivos/Renan%20Augusto%20Ferreira%20Bolognin_texto%20completo.pdf). Acesso em: jan. 2020.

BONALDO, Rodrigo Bragio. **Comemorações e efemérides**: ensaio episódico sobre a história de dois paralelos. 2014. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

BORGES, Jorge Luis. **Ficções**. Tradução: Carlos Nejar. São Paulo: Globo, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Linguísticas**. In: ORTIZ, Renato (org.). Pierre Bourdieu. São Paulo: Editora Ática, 1983. p. 156-183.

BOURDIEU, Pierre. **Gostos de Classe, Estilos de Vida**. In: ORTIZ, Renato (org.). Pierre Bourdieu. São Paulo: Editora Ática, 1983. p. 82-121.

BRAGA, Gabriel Ferreira. **Beato Zé Lourenço na literatura de cordel**. 2011. 36 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

CARVALHO, Gilmar de. **Lyra popular**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006.

CARVALHO, Gilmar de. **Madeira matriz: cultura e memória**. São Paulo: Annablume, 1998.

CARVALHO, Reinaldo Forte. **Cordel, Almanques e Horóscopos: e(ru)dição dos folhetos populares em Juazeiro do Norte-CE (1940 – 1960)**. 2008. 127 f. Dissertação (Mestrado em História e Cultura) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2008.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Vaqueiros e cantadores**. São Paulo: Global, 2005.

CATROGA, Fernando. **Memória, história e historiografia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

CAVIGNAC, Julie. **A literatura de cordel no nordeste do Brasil**. Tradução: Nelson Patriota. Natal: EDUFRN, 2006. Título original: La littérature de colportage au nord-est du Bresil.

CEBALLOS, Rodrigo. **Os “maus costumes” nordestinos: Invenção e crise da identidade masculina no Recife (1910 – 1930)**. 2003. 142 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

CERTEAU, Michael de. **A cultura no plural**. Campinas: Papirus, 1995.

CERTEAU, Michael de. **A invenção do cotidiano I: as artes do fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CERTEAU, Michael de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre Práticas e Representações**. Lisboa: DIFEL, 1990.

CHARTIER, Roger. **Inscrever e apagar: cultura escrita e literatura, séculos XI-XVIII**. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

CHAUÍ, Marilena. **O que comemorar?** São Paulo: PUC-SP, 2000. Conferência realizada no Simpósio Revisitando os Descobrimentos: Práticas, Espaços e Linguagens da Comemoração.

CORDEIRO, Maria Paula Jacinto. **Entre chegadas e partidas: dinâmicas das romarias em Juazeiro do Norte**. Fortaleza: Editora IMEPH, 2011.

CURRAN, Mark J. **História do Brasil em Cordel**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2001.

CURRAN, Mark J. **A Literatura de Cordel**: antes e agora. São Paulo: Hispania, v.74, n. 3, p. 570-576, set-1991. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/01475176655936417554480/p0000013.htm>. Acesso em: 28 mar. 2008.

DERRIDA, Jaques. **Essa estranha instituição chamada literatura**: uma entrevista com Jaques Derrida. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

DUMOULLIN, Annette. A Romaria em Juazeiro do Norte. **Estudos Bíblicos**, Petrópolis, n. 28, 1990.

FAORO, Raimundo. **Os donos do poder**: formação do patronato político brasileiro. 3. ed. rev. São Paulo: Globo, 2001.

FÁTIMA SILVA, Maria de. **Utopias e distopias**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009.

FERRO, Marc. **A História vigiada**. Tradução: Doris Sanches Pinheiro. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. 38. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

GINSBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais**: morfologia e história. 2. ed. São Paulo: Cia. Das Letras, 1989.

GUILLEN, Isabel Cristina Martins. Seca e migração no nordeste: reflexões sobre o processo de banalização de sua dimensão histórica. In: CAVALCANTI, Helenilda; BURITY, Joanildo (org.). **Polifonia da miséria**: uma construção de novos olhares. Recife: Editor Massangana, 2002.

LISBOA, K. M. I Comemorações, memória, história e identidade. In: RODRIGUES, J. (org.); NEMI, A. L. L.; LISBOA, K. M.; BIONDI, L. **A Universidade Federal de São Paulo aos 75 anos**: ensaios sobre história e memória. São Paulo: Unifesp, 2008. p. 35-91. ISBN 978-85-61673-83-3.

LOURENÇO FILHO, Manoel B. **Juazeiro e o Padre Cícero**: cenas e quadros do fanatismo no Nordeste. São Paulo: Melhoramentos, [19--].

MEDEIROS, Irani (org.). **Leandro Gomes de Barros**: no reino da poesia sertaneja. João Pessoa: Idéia, 2002.

MELO, Rosilene Alves de. **Arcanos do Verso**: trajetórias da literatura de cordel. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010.

MELO, Rosilene Alves de. **Imagens condensadas**: arte, memória e imaginação em Juazeiro do Norte. 2013. Tese [Doutorado em Ciências Humanas: Antropologia Cultural] – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.



MELO, Rosilene Alves de. **Almanaques de cordel: do fascínio da leitura para a feitura da escritura, outro campo de pesquisa.** *Revista IEB*, São Paulo, n. 52, p. 107-122, set./mar. 2011.

MERLEAU-PONTY, M. **O visível e o invisível.** São Paulo: Perspectiva, 1984.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção.** Tradução: Carlos Alberto R. de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MONTEIRO, Evandro Ziggiatti. Cidades invisíveis visitadas: Uma leitura de Ítalo Calvino para compreender a paisagem urbana. *Vitruvius*, São Paulo, ano 8, n. 085.02, jan. 2009.

MONTFORT, Luís Maria de Santo (1673-1716). **O segredo admirável do Santíssimo Rosário.** Tradução: Tiago José Risi Leme. São Paulo: Paulus, 2018.

MOTA, Leonardo. Quem escreveu a patente de Lampião. In: MOTA, Leonardo. **Nos tempos de Lampião.** 3. ed. Fortaleza: ABC Editora, 2002. p. 55-64.

NOBRE, Edianne dos Santos. **O teatro de Deus: a construção do espaço sagrado de Juazeiro a partir de narrativas femininas (1888-1898).** 2010. 196 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935.** Fortaleza: Museu do Ceará, 2006.

OLIVEIRA SILVA, Ana Carina. **Para uma Cartografia Imaginária: desfragmentação de “As cidades Invisíveis” de Italo Calvino.** 2013. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Departamento de Arquitectura, Universidade do Minho, Portugal, 2013.

PAZ, Renata Marinho. **Para onde sopra o vento: a Igreja Católica e as romarias em Juazeiro do Norte.** Fortaleza: Editora IMEPH, 2011.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sandra Jatahy. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 279-298, 1995.

PINHEIRO, Ilmário de Souza. **O fenômeno da romaria de Juazeiro do Norte: Implicações sociais e religiosas.** São Paulo: Lins, 2009.

POLESE, Edna da Silva de. **Movimentos messiânicos na produção ficcional da segunda metade do século XX: a figura do líder.** 2010. 276 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Universidade Federal do Paraná, Paraná, 2010.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O messianismo no Brasil e no mundo.** 2. ed. rev. São Paulo: Alfa-Omega, 1976.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. Da casa do santo ao santo da casa: espaço de devoção em Juazeiro. *Trajetos*, Fortaleza, v. 5, n. 9/10, 2007.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora UNICAMP, 2007.

RICOEUR, Paul. **O si mesmo como o outro**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa: a intriga e a narrativa histórica**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa: a configuração do tempo na narrativa de ficção**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa: o tempo narrado**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010.

RICOEUR, Paul. **Teoria da Interpretação**. Porto: Porto Editora, 1995.

ROMERO, Sílvio. **Estudos sobre a poesia popular do Brasil**. Rio de Janeiro: Laemmert & Cia, 1888.

ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade**. Tradução: Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

RÜSEN, Jörn. **História viva: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico**. 1. reimpr. Brasília, DF: Ed. UnB, 2010b.

RÜSEN, Jörn. **Reconstrução do passado: teoria da história: 1. reimpr.** Brasília, DF: Ed. UnB, 2010c.

RÜSEN, Jörn. Didática da história: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 1, n. 2, p. 7-16, jul./dez. 2006.

SÁ, Antônio Fernando de Araújo. **Filigranas da memória: história e memória nas comemorações dos Centenários de Canudos (1993 – 1997)**. 2006. Tese [Doutorado em História] – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2006.

SADDI, Rafael. O parafuso da didática da história: o objeto de pesquisa e o campo de investigação de uma didática da história ampliada. **Acta Scientiarum – Education**, Maringá, v. 34, n. 2, p. 211-220, jul./dez. 2012.

SADDI, Rafael. Didática da história como sub-disciplina da ciência histórica. **História e Ensino**, Londrina, v. 16, n. 1, p. 61-80, 2010.

SANTOS, Alcides Cardoso dos. **De cegos que veem e outros paradoxos da visão questões acerca da natureza da visibilidade**. Santa Maria: UFSM: PPGL-Editores, 2013.

SCHAMA, Simon. **Paisagem e memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SERRES, Michel. **O incandescente**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

SILVA, Wellington Pedro da. **Literatura de folhetos**: uma trajetória enunciativa da sociedade dos cordelistas mauditos. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2013.

SOUZA, Ricardo Luiz de. **Festas, procissões, romarias, milagres**: aspectos do catolicismo popular. Natal: IFRN, 2013.

TEIXEIRA DA SILVA, Amanda. **Juazeiro sem Padre Cícero**: cotidiano, memória e história no caderno de memórias de Agostinho Balmes Odísio. **Revista Tendências**, Crato, n. 8, 2015. Caderno de Ciências Sociais.

TEIXEIRA DA SILVA, Amanda. **Juazeiro sem Padre Cícero**: uma cidade que não se esqueceu (1934-1969). 2018. 308f. Tese (Doutorado em História) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

VIANNA, Arievaldo. **Leandro Gomes de Barros**: o mestre da literatura de cordel. Fortaleza: Quebra Bucho, 2016.

WHEINRICH, Harald. **Lete**: arte e crítica do esquecimento. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2001.

WHITE, Hayden. **Trópicos do Discurso**: Ensaios sobre a crítica da cultura. Tradução: Alípio correia de Franca Neto. São Paulo: EDUSP, 1994.

ANEXO A – CATÁLOGO DOS “CORDÊIS CLÁSSICOS” (CONFORME APRESENTADO PELA COLEÇÃO CENTENÁRIO – LITERATURA DE CORDEL)

Vol. 1

	Título	Autor	Pg.
1	A opinião dos romeiros sobre a canonização do Padre Cícero Pela Igreja Brasileira.	Expedito Sebastião da Silva	16
2	A pranteada morte do reverendíssimo Padre Cícero Romão Batista	José Bernardo da Silva	20
3	A profecia do Padre Cícero sobre os mistérios de Juazeiro	Autor desconhecido	12
4	A queimação dos panos ensanguentados da hóstia e depoimento do pe. Antônio Vieira	João Bandeira de Caldas	8
5	A verdadeira história da Lira Nordestina	José Lourenço e João Bandeira	24
6	A visita dos romeiros como era antigamente	Manoel Caboclo e Silva	12
7	A visita que fez Satanás a Juazeiro e seu triste desespero	João Pedro C. Neto	8
8	A xilogravura e seus artistas	Expedito Sebastião da Silva	12
9	As lágrimas do Salgadinho: o rio do Padre Cícero	Pedro Bandeira	8
10	As santas palavras do Padre Cícero Romão Batista e o bilhete encontrado pela Santa Beata Mocinha sobre a corrupção do mundo	Francisco Peres de Souza	12
11	Centenário da ordenação sacerdotal do Padre Cícero	Expedito Sebastião da Silva	16
12	Cinquentenário de Juazeiro e dados Históricos (Juazeiro em 1911)	José Bernardo da Silva	44
13	Discussão de um transviado com um romeiro	Estevão Rodrigues	12
14	Dr. Floro Bartolomeu da Costa médico, político e guerreiro	João Bandeira de Caldas	12
15	Em defesa da memória do Padre Cícero Romão	Expedito Sebastião da Silva	12
16	Em defesa de Juazeiro	José Edmilson Correia (Zé Mutuca)	12
17	Hino de Juazeiro	Edjaci Ferreira Silva	8
18	História da guerra de Juazeiro em 1914	João de Cristo Rei	12
19	Homenagem ao Pe. Cícero à :Nossa Senhora das Dores e aos romeiros de Juazeiro	João Bosco de Freitas	12

20	Inauguração, sermão e centenário da Matriz de Juazeiro	Manoel Caboclo e Silva	16
21	José Marrocos um mártir do milagre	José Flávio	16
22	Juazeiro ontem e hoje	José Edmilson Correia (Zé Mutuca)	16
23	Juazeiro primitivo	João Pedro C. Neto	12
24	Lágrimas do último adeus	Pedro Bandeira	16
25	Machadinha de Noé	Autor desconhecido	8

### Vol. 2

	Título	Autor	Pg.
1	Meu ABC de cordel a Juazeiro do Norte dedicado aos romeiros do padre Cícero	Paulo Nunes Batista	12
2	Meu Padim, 150 anos ao lado do romeiro	Tony Santos	12
3	Milagre do Padre Cícero e Maria de Araújo	Severino José da Silva (Severino do Horto)	20
4	O Caldeirão e o Beato José Lourenço	Francisco Edésio Batista	12
5	O Cruzeiro do Horto	José Bernardo da Silva	16
6	O homem que falou com o diabo em Juazeiro	João de Cristo Rei	24
7	O Incêndio do mercado de Juazeiro do Norte	Pedro Bandeira	12
8	O Juazeiro e o Padre Cícero	Leandro Gomes de Barros	12
9	O progresso e a elevação histórica de Juazeiro do Norte	Expedito Sebastião da Silva	48
10	O que diz meu Padrinho Cícero sobre a santa romaria	João de Cristo Rei	12
11	O sonho de Frei Damião com o meu padrinho Cícero de Juazeiro do Norte	Manoel Caboclo e Silva	12
12	O terrível massacre do Caldeirão do beato Zé Lourenço	Geraldo Amancio	16
13	O valor da oração e o mistério do rosário	Severino José da Silva (Severino do Horto)	16
14	Os milagres de Juazeiro	José Edmilson Correia (Zé Mutuca)	16
15	Os três maiores momentos da história do Juazeiro A chegada do Pe. Cícero, o milagre e a emancipação política.	Maria Rosimar Araújo	12
16	Padre Cícero do Juazeiro e quem é ele?	Maria do Rosário Lustosa da Cruz	12

17	Padre Cícero e Juazeiro ontem e hoje	Jackson Pires Barbosa	32
18	Padre Cícero e o homem com o diabo no corpo	Josenir Lacerda	16
19	Padre Cícero em Roma	Manoel Caboclo e Silva	8
20	Padre Cícero pelos caminhos da verdade	Abraão Rodrigues	36
21	Padre Joaquim de Alencar Peixoto O baluarte da emancipação política de Juazeiro	Maria do Rosário Lustosa da Cruz	16
22	Profecia de padrinho Cícero sobre a igreja do Horto	João de cristo Rei	8
23	Resumo biográfico de José Bernardo da Silva	Expedito Sebastião da Silva	24
24	Saudação ao Juazeiro do Norte	Patativa do Assaré	8
25	Síntese dos principais acontecimentos históricos de Juazeiro do Norte (história em quadrinhas)	Maria Lindalva Machado Ribeiro.	12

ANEXO B – CATÁLOGO DOS “CORDEIS CONTEMPORÂNEO” (CONFORME APRESENTADO PELA COLEÇÃO CENTENÁRIO – LITERATURA DE CORDEL)

Vol. 3

	Título	Autor	Pg.
1	100 anos no absurdo	Luiz Augusto Bitu (Guto Bitu)	12
2	A chegada do Padrem Cícero ao céu	Renato Dantas	44
3	Cultura popular no centenário de Juazeiro	Abraão Rodrigues	12
4	A Grande Batalha: Juazeiro contra o Crato viva o nosso centenário	Iderval Reginaldo Tenório	16
5	A história de General o homem que abre portas	Francisco de Assis Ales dos Santos	16
6	A morte do padre Murilo	João Antônio da Silva	12
7	A visita de D. Fernando a Roma Para a reabilitação do Padre Cícero	Cícero de Souza (Caboclinho)	8
8	Alerta, Potocolândia! Cartilha do maudito	Héloi Ferraz	24
9	Assunção Gonçalves A dama do Juazeiro Centenário	Maria do Rozário Lustosa da Cruz	12
10	Caixa de Graxa	Cícero José Alves Gonçalves (Soneca)	8
11	Cem anos de Independência política de Juazeiro do Norte	João Bandeira de Caldas	12
12	Cem anos de Juazeiro	Zé Govim	12
13	Cem anos de Juazeiro do Norte	Camilo B. Leonardo	12
14	Cem anos de Juazeiro do Padre Cícero Romão	João Edson da Silva (Dão de Jaime)	12
15	Centenário de Juazeiro do Norte	Aldemá de Moraes	12
16	Centenário de Juazeiro do Norte	Antônia Rodrigues Ferreira	16
17	Conheça Juazeiro	João Bandeira de Caldas	16
18	Embalando meninas em tempos de violência	Salete Maria	8
19	Fatos e invenções d Juazeiro Centenário	Cícero José Alves Gonçalves (soneca)	16
20	História com H maiúsculo	Pedro Bandeira	12

21	História de Juazeiro	Maria de Fátima Gomes	16
22	Homenagem ao Padim Cícero O cearense do século	Lucas Evangelista	12
23	Juazeiro Centenariado	Francisco de Assis Alves dos Santos	16
24	Juazeiro Centenário	José Irlando Moraes	16
25	Juazeiro Centenário	Ernane Tavares Monteiro	20

**Vol. 4**

	<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>Pg.</b>
1	Juazeiro Centenário da fé	Raul Poeta	12
2	Juazeiro Centenário Pautado no trabalho, modernidade e fé	Francisco de Assis Souza	16
3	Juazeiro do Norte: Um século de progresso e fé	Josenir Lacerda	16
4	Juazeiro oratório	Justino Paulo Bandeira	8
5	Juazeiro primitivo e atual	Luiz Severino (Severino do Horto)	8
6	Juazeiro, a árvore Símbolo do Ceará	Wanderley Pereira	12
7	Juazeiro, Pader Cícero e o progresso	José Gomes Sobrinho	8
8	Marrocos na história de Juazeiro	Pedro Ernesto Filho	12
9	Memórias e fatos religiosos	José Murilo Matos	8
10	Notícia do centenário causa rebuliço no céu	Rosangela Tenório	12
11	O centenário do município de Juazeiro do Norte	Antônio Batista de Souza	8
12	Juazeiro diversa no ano do centenário	Edilson Botelho	12
13	O santo do Juazeiro	Nezite Alencar	16
14	Ode à mudança de topônimo de Juazeiro do Norte para Juazeiro do Padre Cícero	José Rodrigues filho	12
15	Padim Ciço abençoou o Juazeiro nos 100 anos de vida gloriosa	Sebastiana Gomes de Almeida (Bastinha)	12
16	Padre Cícero e a Vampira	Francisca Pereira dos Santos (Franka)	36
17	Poema Centenário de Juazeiro	Silvio Granjeiro	8



18	Príncipe Ribamar	Justino Paulo Bandeira	8
19	Promessas ao Padim Ciço	Ângela Maria Pereira	12
20	Queima de arquivo os livros proibidos do Padre Cícero	Orivaldo Batista	8
21	Recortes de Nossa História Juazeiro do norte 1911 – 2011	Cícera Viana	20
22	Romaria	José Hugo	16
23	Sonho e realidade	Maria Rosimar Araújo	12
24	Uma festa de vaquejada em Juazeiro do Norte	Abraão Rodrigues	12
25	Visitando Juazeiro	Ernando Carvalho	12

**Projeto: “Centenário de Juazeiro do Norte –  
publicações de cordéis (clássicos e inéditos)”**

**Apresentado ao Banco do Nordeste**

**01/12/2010**

**Título do Projeto: Centenário de Juazeiro do Norte – publicações de cordéis (clássicos e inéditos)**

**I - ENTIDADE DE PESQUISA**

**Sigla:**FMPC

**Entidade Proponente:** Fundação Memorial Padre Cicero

**CNPJ:** 12.467.213/0001-07

**Natureza Jurídica:** Entidade de personalidade jurídica de direito público sem fins lucrativos

**Fone:** (88)3511-4487

**FAX:** (88)3511-4487

**Site na Internet:**

**Titular:** Altamiro Pereira Xavier Junior

**Cargo:** Presidente

**- ENDEREÇO -**

**Logradouro:** [REDACTED]

**Número:** [REDACTED]

**Complemento:**

**Bairro:** [REDACTED]

**Cidade:** Juazeiro do Norte

**Estado:** Ceará

**CEP:** [REDACTED]

**II - ENTIDADES PARCEIRAS**

**Sigla:** PMJN

**Entidade Proponente:** Prefeitura Municipal de Juazeiro do Norte

**CNPJ:** 07.974.082/0001-14

**Natureza Jurídica:** Entidade Pública

**Fone:** (88) 3566.1044

**FAX:** (88) 3571.5498

**Site na Internet:** [www.juazeirodonorte.ce.gov.br](http://www.juazeirodonorte.ce.gov.br)

**Titular:** Manoel Raimundo de Santana Neto

**Cargo:** Prefeito Municipal

<sup>390</sup> Observação: dados pessoais de pessoas mencionadas no texto do projeto, assim como, valores financeiros orçados (que não são considerados determinantes para que se compreendam as propostas do Projeto) foram encobertos por tarjas pretas.

**- ENDEREÇO**

Logradouro: [REDACTED]

Número: [REDACTED]

Complemento:

Bairro: [REDACTED]

Cidade: Juazeiro do Norte

Estado: Ceará

CEP: [REDACTED]

**III - OBJETIVO GERAL**

Através da publicação dos 1000 volumes, compostos por 100 cordéis cada um, o projeto “Centenário de Juazeiro do Norte – publicação de cordéis (clássicos e inéditos)” tem como objetivo preservar e difundir a literatura de cordel, assim como a xilogravura, elementos marcantes da cultura nordestina. Além de colaborar para divulgação do passado histórico de Juazeiro do Norte – Ceará, que comemora em 2011 o centenário de sua emancipação política.

**IV - OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Publicação de 1000 volumes compostos por 100 cordéis cada um, sendo 50 clássicos e 50 inéditos.
- Distribuição dos cordéis para escolas e bibliotecas do país.
- Sedimentar a cultura da região Nordeste do País.
- Incentivar a pesquisa relacionada a temas que estabelecem um vínculo com a literatura de cordel e a xilogravura, assim como a história e cultura do nordeste, tendo como enfoque a cidade de Juazeiro do Norte.

**IV – METAS**

- Edição (revisão, publicação e lançamento) de 100 cordéis, dentre eles 50 clássicos e 50 inéditos.
- Impressão de 1.000 exemplares de cada cordel.
- Distribuição dos volumes compostos pelos 100 cordéis para escolas e bibliotecas do país.

**V – VALORES**

- Total do Projeto: [REDACTED]
- Solicitado: [REDACTED]

Obs. Segue em anexo o orçamento detalhado.

**VI – JUSTIFICATIVA**

Juazeiro do Norte, que em 2011 comemora o centenário de sua emancipação política, é uma cidade situada no sertão do Ceará, a 514 km da capital Fortaleza. A cidade tem na figura de Padre Cícero Romão Batista um marco na construção da religiosidade e da cultura do seu povo e nos acontecimentos políticos da região do Cariri. Graças à figura de Padre Cícero, Juazeiro é considerado um dos maiores centros de religiosidade popular da América Latina, atraindo milhões de romeiros todos os anos.

Além da vocação religiosa, Juazeiro também manifesta grande efervescência cultural. Como sua população foi formada basicamente por imigrantes vindos de várias partes do Nordeste, a cidade atualmente é um caldeirão de cultura, reunindo elementos, tradições e costumes de vários estados da região.

Dessa grande mistura cultural nascem vários grupos folclóricos de reisado, maneiro-pau, lapinha, quadrilhas juninas, penitentes, entre outros, além da literatura de cordel e da xilogravura que ocupam um papel marcante como um traço da cultura local.

Saída do imprevisto dos repentistas, a Literatura de Cordel dá os seus primeiros passos no final do Século XIX, justo no momento que acontecia o milagre da hóstia ensanguentada com a Beata Maria de Araújo, quando da comunhão ministrada pelo Padre Cícero, no dia 06 de março de 1889. Era o mote para uma produção vasta de folhetos e romances sobre o assunto.

Em 18 de julho de 1909, era lançado o primeiro número do jornal O Rebate que iria fomentar a campanha da emancipação política do povoado de Juazeiro, então pertencente ao município de Crato. No número 20, no dia 29 de novembro do mesmo ano, apresenta o jornal, na sua coluna Lyra popular, o poema “Luta do Diabo com Antonio Silvino” de Leandro Gomes de Matos, abrindo a vertente de publicação de folhetos. Tinha-se aí, a coluna Lyra Popular encimada com a Xilogravura, que mais tarde seria a tônica das capas dos folhetos impressos em Juazeiro do Norte.

Acompanhando a afirmação de Juazeiro como espaço privilegiado à Literatura de Cordel, surgem os “folheteiros” que, seguindo o roteiro sagrado dos romeiros, vendiam orações, novenas e folhetos, estes com a forma de um auto popular, principalmente os que relatavam a construção do Juazeiro como lugar sagrado e a vida santificada do Padre Cícero.

É, porém, com a chegada de José Bernardo da Silva que Juazeiro passa a ser o maior produtor de folhetos do Brasil. Em 1932, o mascate alagoano instala a Folheteria Silva, depois Folheteria São Francisco e hoje Lira Nordestina. De uma oficina familiar, transforma a Folheteria Silva na maior editora de Literatura de Cordel, principalmente quando compra em 1949, os direitos autorais da folheteria de João Martins de Athayde, que possuía de grande acervo, um dos mais importantes do Nordeste.

A história da Lira Nordestina confunde-se com a história da literatura de cordel. No auge da confecção de folhetos, 10 mil eram impressos a cada dia e comercializados em todo o território nacional, tendo o Ceará, partindo de Juazeiro, como destaque na produção. No fim dos anos 60 começa um período de dificuldades. Tanto para a Editora quanto para o comércio de folhetos em geral, a queda de vendas coincide com a morte de seu fundador

em 1972. Após sucessivas tentativas da família de soerguer a Lira Nordestina, ela é, em 1988, adquirida pelo Governo do Estado, que em seguida, a deixou aos cuidados da Universidade Federal do Cariri.

Embora alguns temas como o cangaço e a religiosidade, e personagens como Lampião, Padre Cícero e Frei Damião, tenham conquistado de forma especial a imaginação popular, os temas das histórias foram se diversificando, com os principais episódios da vida nacional marcando presença nos versos dos cordelistas.

Assim como o cordel acompanha os temas da atualidade, também incorpora novas tecnologias de produção e divulgação, utilizando-se também da internet para difundir obras, colaborando para a disseminação dessa produção importante da cultura popular, presente de modo ampliado nos estados nordestinos.

Diante deste cenário, com a comemoração em 2011 do Centenário de emancipação política de Juazeiro do Norte, propomos este projeto que, através da publicação de 100 cordéis (sendo 50 clássicos e 50 inéditos), visa preservar e difundir a literatura de cordel, assim como a xilogravura, elementos marcantes da cultura nordestina.

Obs. Segue em anexo a lista dos cordéis a serem publicados e um CD com parte dos cordéis clássicos a serem reeditados.

## **VII – METODOLOGIA**

1. Compilação dos textos
2. Edição dos textos
3. Revisão dos textos
4. Impressão de 1.000 exemplares de cada cordel.
5. Confecção da caixa/embalagem dos cordéis
6. Lançamento de duas caixas com 100 cordéis, em Juazeiro do Norte, no mês de Julho de 2011.

## **VIII - GESTÃO DO PROJETO**

O projeto será gerenciado por uma equipe da Fundação Memorial Padre Cícero, que tem como finalidade preservar e divulgar a memória e a tradição material e imaterial da cidade. A gestão conta ainda com a parceira da Prefeitura Municipal de Juazeiro do Norte.

## **IX - PAPEL DOS PARCEIROS**

- Prefeitura Municipal de Juazeiro do Norte (Mantenedora da Fundação Memorial Padre Cícero) – Responsabiliza-se pela contrapartida.

## **X - INFRA-ESTRUTURA**

Não se aplica.

## XI - VIABILIDADE SÓCIO-ECONÔMICA

A viabilidade sócio-econômica do projeto de publicação e lançamento dos 100 cordéis se justifica pela documentação e divulgação da história e cultura do Nordeste, dando ênfase à cidade de Juazeiro do Norte em virtude de seu centenário de emancipação.

## XII - RESULTADOS ESPERADOS

**Preservação e difusão da literatura de cordel, assim como a xilogravura, que se configuram como elementos marcantes da cultura nordestina.**

Disseminar, através das publicações dos volumes, a história e cultura do sertão nordestino, em especial da cidade de Juazeiro do Norte, para a população em geral. Fator que contribui para sedimentar a cultura da região, além de fortalecer a autoestima da população local.

## XIII - CONTRAPARTIDA FINANCEIRA

A Contrapartida será viabilizada a partir da parceira Prefeitura Municipal de Juazeiro do Norte, que disponibilizará os serviços de acordo com a discriminação abaixo:

- Solenidade de lançamento dos cordéis: R\$ [REDACTED]

## XIV – BIBLIOGRAFIA

## XV - EQUIPE TÉCNICA

### a) COORDENADOR

**Nome:** Francisco Renato Sousa Dantas

**Titulação:** Licenciatura Plena em Educação Física e Desporto (UFPE) e cursos na área de Arte e Cultura

**Área de Conhecimento:** Educação Arte e Cultura

**Endereço:** [REDACTED]

**Número:** [REDACTED]

**Complemento:**

**Bairro:** [REDACTED]

**Cidade:** Juazeiro do Norte

**Estado:** Ceará

**CEP:** [REDACTED]

**Fone:** [REDACTED]

**FAX:**

**Celular:** [REDACTED]

**Lotação:**

e-mail: [REDACTED]  
 CPF: [REDACTED]

#### b) COORDENADOR ADJUNTO

**Nome:** José Carlos dos Santos

**Titulação:** Licenciatura plena em Filosofia na Universidade Estadual do Ceará (UECE); especialização em Filosofia e Epistemologia da Psicologia pela Universidade Estadual do Vale do Acaraú e mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

**Área de Conhecimento:** Filosofia

**Endereço:** [REDACTED]

**Número:** [REDACTED]

**Complemento:**

**Bairro:** [REDACTED]

**Cidade:** Juazeiro do Norte

**Estado:** Ceará

**CEP:** [REDACTED]

**Fone:** [REDACTED]

**FAX:**

**Celular:** [REDACTED]

**Lotação:** Prefeitura Municipal de Juazeiro do Norte. Secretário de Desenvolvimento Econômico, Turismo e Romaria. Secretário Geral da Comissão Organizadora do Centenário de Juazeiro.

e-mail: [REDACTED]

CPF: [REDACTED]

#### c) DEMAIS MEMBROS

Nome	Titulações/Qualificações	Área do Conhecimento	Entidade
Annette Dumoulin	Comissão do Centenário de Juazeiro do Norte	Especialista	FMPC
Ana Terezinha Stela Guimarães	Comissão do Centenário de Juazeiro do Norte	Especialista	FMPC
José Reginaldo Duarte	Comissão do Centenário de Juazeiro do Norte	Especialista	FMPC
Paulo Lemos	Comissão do Centenário de Juazeiro do Norte	Especialista	FMPC
Paulo de Tarso Gondim Machado	Comissão do Centenário de Juazeiro do Norte	Especialista	FMPC

Raimundo Rodrigues Araújo	Comissão do Centenário de Juazeiro do Norte	Especialista	FMPC
Romildo José de Siqueira Bringel	Comissão do Centenário de Juazeiro do Norte	Especialista	FMPC
José Carlos dos Santos	Comissão do Centenário de Juazeiro do Norte	Especialista	FMPC
Geraldo Menezes Barbosa	Comissão do Centenário de Juazeiro do Norte	Especialista	FMPC
Altamiro Pereira Xavier Júnior	Comissão do Centenário de Juazeiro do Norte	Especialista	FMPC

**d) ATIVIDADES POR MEMBROS -**

**Comissão Organizadora:** Altamiro Pereira Xavier Júnior, Francisco Renato de Souza Dantas, Geraldo Menezes Barbosa, Irmã Ana Terezinha Stela Guinarães, Irmã Annette Dumoulin, José Carlos dos Santos, José Reginaldo Duarte, Padre Paulo Lemos, Paulo de Tarso Gondim Machado, Raimundo Rodrigues Araújo e Romildo José de Siqueira Bringel. – **Curadoria e organização geral do Centenário de Juazeiro do Norte.**

**XVI - ORÇAMENTO (R\$ 1,00)**

**a) OBRAS CIVIS**

Discriminação	Unidade	Quantidade	Valor Unitário	Valor Total

Valor por Obras Civis: R\$ 0,00

**b) EQUIPAMENTO \ MATERIAL PERMANENTE**

Discriminação	Unidade	Quantidade	Valor Unitário	Valor Total

Valor por Equip./Mat. Permanente: R\$ 0,00

**c) MATERIAL DE CONSUMO**

Discriminação	Unidade	Quantidade	Valor Unitário	Valor Total

Valor por Material de Consumo: R\$ 0,00

**d) SERVIÇOS DE TERCEIROS**



Discriminação	Unidade	Quantidade	Valor Unitário	Valor Total
<b>Edição dos cordéis</b>				
Contratação de produtor	Mês	6	■	■
Contratação de revisor	Serviço	1	■	■
Contratação de Editoração Eletrônica	Serviço	100	■	■
Xilogravura	Unidade	102	■	■
Redator – 50 cordéis novos	Unidade	50	■	■
<b>Impressão Cordéis/Caixa</b>				
Cordel (8 páginas) – 1000	Unidade	80	■	■
Cordel (16 páginas) – 1000	Unidade	10	■	■
Cordel (32 páginas) – 1000	Unidade	5	■	■
Cordel (40 páginas) - 1000	Unidade	5	■	■
Caixa/embalagem - 1000	Unidade	2	■	■
<b>Divulgação/comercialização - Lançamento</b>				
Confecção de cartaz	Unidade	500	■	■
Confecção de convites	Unidade	3.000	■	■
Confecção de banners	Unidade	2	■	■
Assessoria de Imprensa	Mês	2	■	■
<b>Custos Administrativos</b>				
Gestão – Administração e prestação de contas do projeto	Mês	1	■	■

Valor por Serviços de Terceiros: R\$ ■

Valor Solicitado: R\$ ■

**d) OUTRAS RUBRICAS**

Discriminação	Unidade	Quantidade	Valor Unitário	Valor Total

Valor por Outras Rubricas: R\$ 0,00

**VALOR TOTAL:** R\$ 0,00

**XVII - DISCRIMINAÇÃO DA CONTRAPARTIDA FINANCEIRA**

	Valor Orçado	Banco do Nordeste	Elencar todos os parceiros
Valores	■	■	PREFEITURA MUNICIPAL DE JUAZEIRO DO NORTE
Percentual (%)			

**XVIII – DESEMBOLSO**

Parcela (Nº)	Valor (Em R\$)	Condições
1º	R\$ ██████████	
2º	0,00	

Valor Total do Desembolso: R\$ ██████████

#### XIX - FONTES E USOS

Discriminação	Recursos Próprios	Valor Orçado	Elencar demais parceiros	Valor Total
Pessoal	██████	██████		██████
Obras Civis	██████	██████		██████
Equip./Mat.Permanente	██████	██████		██████
Material de Consumo	██████	██████		██████
Serviços de Terceiros	██████	██████████	BNB/ETENE	██████████
Serviço de Terceiros	██████	██████████	Prefeitura Municipal de Juazeiro do Norte	██████████
Outras Rubricas	██████	██████		██████
<b>TOTAL</b>	██████	██████████		██████████

#### XX – CRONOGRAMA

Atividade/Mês	jan/11	fev/11	mar/11	abr/11	mai/11	jun/11	jul/11
Contratação de produtor	X	X	X	X	X	X	
Contratação de revisor		X	X				
Contratação de editoração eletrônica		X	X				
Confecção das Xilogravuras		X	X				
Impressão dos cordéis				X	X		
Confecção das caixas/embalagens				X	X		
Confecção de cartaz						X	
Confecção de convites						X	
Confecção de banners						X	
Coquetel de lançamento							X
Assessoria de Imprensa						X	X
Serviço de Prestação de contas							X

ANEXO D – O CORDEL E JUAZEIRO<sup>391</sup>

O cordel será sempre a poesia da voz. Mas esta voz não prescinde da letra para se perfazer. E depende do impresso para permanecer, poder ser lida mais vezes, e vir a se tornar um documento.

Assim o cordel se fez. A partir do que contavam os homens e mulheres, nas noites misteriosas, ao pé das fogueiras, para espantar o medo e criar os mitos.

O cordel é esse conjunto de histórias que contamos sem cessar, vindo de muitos lugares e nascido em um tempo que não podemos estipular.

O cordel é poesia para ser lida em voz alta. É assim que ele atinge sua culminância e se faz maior. Nada da leitura egoísta muda.

No cordel, o corpo todo fala para enunciar as verdades que estão guardadas pelas sextilhas, embaladas pelas rimas, acolhidas pela métrica e traduzidas pela melodia.

Juazeiro do Norte é um dos lugares do cordel. Graças ao romeiro alagoano José Bernardo da Silva, a cidade ganhou o maior pólo de edição de folhetos de cordel do Brasil, de todos os tempos.

A tradição se reforçou. O cordel ganhou força e movimentou uma engrenagem que mobilizava poetas, revisores, xilógrafos, impressores, na Tipografia São Francisco, a velha “casa das palavras”.

Depois saíamos para a feira e encontrávamos vendedores ambulantes, contando as histórias até um certo ponto, e parando na hora exata, para criar um clímax.

Quem quisesse saber do desfecho do relato que comprasse o folheto ou romance. Muitos compravam.

Em meio a crises, transformações e atualizações, chegamos aos dias de hoje. Mudou o cordel e mudamos nós. Os poetas de hoje são letrados. Não temos mais lamparinas. O pregão pode se fazer pela Internet. Poetas tem “sites”, “blogs” e podemos baixar um romance a um toque de tecla.

Mudaram os autores e mudaram os leitores. A emoção, no entanto, continua a mesma, de sempre.

Temos um novo cordel, que surge, rejuvenescido, que se expressa por outras vozes e que tem atitude.

Nesse contexto se revela e amplifica a voz de Rosário Lustosa. Ela tem uma relação visceral com o cordel. Escreve porque ama. Tem vários títulos. E agora resolveu

---

<sup>391</sup> Prefácio escrito pelo pesquisador Gilmar de Carvalho para abrir a obra: LUSTOSA, Maria do Rosário. **100 Anos de Juazeiro Registrados em Cordel: 1911 - 2011**. Juazeiro do Norte – CE: HB Gráfica, 2011.

homenagear o centenário de emancipação política do seu (nosso) Juazeiro do Norte, contando a história em cordel.

Faz isso com muita determinação, com o auxílio luxuoso de Renato Dantas (revisão histórica) e com a revisão ortográfica de Mano Grangeiro e Lindalva Alencar.

Rosário Lustosa coloca em cena um olhar feminino que dá todo o diferencial quando se quer fugir do hegemônico, do masculino, que tem prevalecido desde sempre.

Nada melhor que o cordel para contar como Juazeiro do Norte surgiu, cresceu e passou do Taboleiro Grande para a metrópole sertaneja de hoje. O cordel tem a ver com isso tudo, como tem a figura iluminada do Padre Cícero.

Agora é a vez de ouvir Rosário Lustosa contar a sua Juazeiro e fazer esta voz ecoar pelas escolas, disseminando a dicção do cordel, e uma visão de mundo que rejeita a versão oficial dos fatos e privilegia as pequenas coisas, as camadas subalternas, um jeito de olhar e ver o mundo diferente, generoso e outro. Os ouvintes e leitores agradecem esse presente.

Gilmar de Carvalho

ANEXO E – PENSANDO O MOVIMENTO DOS MAUDITOS<sup>392</sup>

“e foi assim que o poeta  
assombrado com as ausências  
resolveu:  
fazer parte da paisagem  
e repensar convivências”.

Hilda Hilst

## APRESENTAÇÃO

A literatura de cordel brotou e floresceu assentada sobre as bases de uma sociedade patriarcal, com relações de compadrio, cangaço, seca e misticismo religioso. No cerne destas questões, o poeta, através do cordel relatou toda essa realidade, e a recriou com suas narrativas. Esses poetas, de certa forma, representa(va)m todo um imaginário social e encontra(va)m no seu território- apesar do alto índice de analfabetismo do Nordeste na época- um imenso público de leitores ou “ouvidores”. O folheto estava intimamente ligado à oralidade, nascendo com as cantorias, repentes, emboladas... Hoje é tudo diferente. Essa literatura que em tempos passados, foi um grande veículo de comunicação dos sertões brasileiro, outrora, não disputavam com a TV, jornais, (sobretudo no interior) internet, etc. O contexto mudou brutalmente, inclusive com o acirramento do fenômeno da urbanização que transportou muitos camponeses para as cidades, o êxodo rural.

Ao passo que essa realidade muda, modifica-se uma rede de significados. O que antes era palpável hoje se desmancha no ar. Muda as temáticas, muda os conceitos, muda as representações do real. Há uma nova ressignificação do cordel. Essa mudança no entanto, é pouco entendida pelos intelectuais acadêmicos, alguns pesquisadores e poetas.

---

<sup>392</sup> Documento integralmente disponibilizado em: SILVA, Wellington Pedro da. **Literatura de folhetos: uma trajetória enunciativa da sociedade dos cordelistas mauditos**. Dissertação de mestrado - Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Departamento de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras. Mariana-MG: Out. 2013.

Até Einstein a Física Clássica só conhecia três dimensões. A noção de espaço-tempo acrescentou a esta disciplina a Quarta dimensão. Os teóricos na discussão do cordel, ainda não conseguiram nem chegar a terceira dimensão do debate, permanecem na clássica visão dual entre o que é popular e erudito, restringindo aliás, este tipo de poesia como popular e muitas vezes, a ela negando seu valor necessário. Neste sentido, para estes professores da clássica visão linear, nós jovens poetas fazemos um cordel *mau feito*, ou seja, porque não compartilha toda uma *tradição*. Para estes, representar a tradição, seria, sobretudo, repetir costumes, hábitos e conceitos de um contexto “passado”. Assim, ao ironizar com estas concepções, nos declaramos *os do cordel*, pois não fazemos a nossa poesia situada nos mesmos temas ou linguagem do período antecedente. Representamos neste momento nossa visão de mundo, diferentes singularidades. Para nós, colocar em evidência o cordel não é capitular nem a linguagem de antigamente, nem as temáticas, etc. Nosso objetivo é produzir poesia e utilizá-la como código de discussão política, entretenimento e fazer artístico. Somos os poetas de hoje que cospe bala de polícia, corrupção de governos, arsenais nucleares, etc. Somos os poetas bendizendo a realidade caótica contemporânea. Atuamos com novos códigos, intertextualizando várias linguagens, seja chamada erudita ou popular. Por isso somos: *linguagens*.

Não estamos interessados em resgatar um passado opressor e discriminador, ao contrário, somos a crítica deste passado onde o cordel esteve situado e foi palco de grandes sagas e pedaços da história, vista através das lentes dos poetas que em muitos casos reforçavam uma memória dominante reacionária. No entanto, não queremos negar a importância literária e estética dada por estes poetas à literatura brasileira. Sabemos, aliás, o quanto estes foram discriminados e relegados à segundo plano, estando em geral, fora do espaço oficial letrado e acadêmico. Mas o poeta dito popular resistiu, insistiu e produziu no Nordeste do Brasil uma das maiores narrativas de nosso século.

Toda arte é criada por alguém e motivados por contextos ou situações. Esses homens simples, são criadores de uma arte rica de musicalidade, ritmo, entonação, emoção, técnica e raciocínio, etc. Veja por exemplo algumas das contribuições daqueles que inventaram as cantorias e as regras do folheto.

Silvino Pirauá Lima criou a sextilha e introduziu o martelo agalopado na cantoria. Nicandro Nunes Costa criou o mote de um pé só; Manoel Raimundo de Barros criou a regra de um mote de 3 versos; Romano do Teixeira criou o Mourão de 5 pés; Manoel Leolpino de

Mendonça Serrador criou a estrofe de 7 pés; José Pretinho do Crato, criou o galope beira mar; Antonio Ugolino Nunes da Costa criou a oitava antiga; Vicente Granjeiro Lamdim introduziu a oitava em quadrão; Silvino Pirauá Lima escreveu os primeiros folhetos ou romances em sextilha; Firmino Teixeira do Amaral criou o trava-língua; Henrique Ferreira Dias criou o mourão de você cai; Benjamim Mangabeira criou o Gemedeira; Manoel Xelé criou o Gabinete repetido; Joaquim Francisco Santana criou a parcela; Antonio Ferreira da Cruz criou Nove palavras por seis; Manoel Noé criou o mourão voltado; Otacílio criou os 10 pés a quadrão com pergunta e resposta; ainda Manoel Xelé criou o martelo alagoano; Severino Borges Silva criou o quadrão a beira mar; Joaquim Vitorino Ferreira criou a meia quadra; Manoel Floriano Ferreira (Manoel Nenem) criou o martelo miudinho; Joaquim Cardoso de Farias criou a taboada grande; Azulão criou a taboada pequena; José Alves Sobrinho criou o Brasil de pai Tomaz, Preto Velho e pai Vicente, este Brasil caboclo de mãe Preta e Pai João; ainda Antonio Ferreira da Cruz inventou a língua da Angola; Leandro Gomes de Barros escreveu o marco do meio mundo; Joaquim Francisco escreveu o Marco da Lagoa; José Adão Filho escreveu o Marco paraibano; João Ferreira de Lima escreveu o Marco pernambucano; Manoel Tomaz de Aquino escreveu o Marco do Seridó; Ascendino Alves dos Santos escreveu o Marco do Cariri; Francisco Pequeno escreveu o Calunga; Romano Elias da Paz escreveu o Avião brasileiro; José Luís Júnior escreveu o Zepelin paraibano; Libânio Mendes de Lima escreveu o Jardim dos Cantadores; Manoel Camilo dos Santos, o Marco da Paraíba; Manoel Martins de Oliveira (Neto Martins) escreveu o Marco do Ceará; José Nunes Filho (oiticica), o Forte do Cabugi...

### **Justificativa**

Por que dizemos que não somos nem eruditos nem popular? Porque entendemos que na arte não deve existir fronteiras. Porque acreditamos que existem linguagens variadas e não queremos nos bitolar a uma ou outra forma de expressão, elegendo uma como ideal, sacralizando-a. Queremos praticar no exercício somatório dessas linguagens novas intertextualidades e gerar novos sentidos simbólicos, além de buscar com o ‘estranhamento’ da palavra no poema, a metáfora necessária para não cair no didatismo. Nossos poemas – folhetos, não têm necessariamente a necessidade de seguirem a mesma trilha de outrora.

Utilizamo-nos de recursos visuais, gramaticais etc, e mesmo mantendo formas tradicionais, não nos limitaremos a estes, visto que CRIAR é o nosso pressuposto fundamental.

Na linguagem (científica ou literária) subjazem ideologias. Os discursos não são inocentes, neutros. Daí porque assumimos que os novos sentidos propostos por nós traduzem, também, ideologias que são políticas.

Trata-se de perceber nas suas especificidades, como estão sendo jogadas essas linguagens. O cordel do camponês é diferente do cordel do intelectual (são resgates diferenciados, mesmo que este último queira imitar uma tradição). Não existe o cordel verdadeiro e o falso: todos são literatura de cordel. Enquanto uns atuam com elementos de um determinado imaginário, outros, lançam outros olhares, propiciando a esta escrita uma infinidade de probabilidades que não rima com os desejos idílicos daqueles que pretendem aprisionar o folheto a determinada tendência ou grupos sociais. A literatura não é propriedade privada de eleitos, iluminados, mais matéria de linguagem para quem assim a desvende.

Quando os “armorialistas” dizem que seu traço comum principal tem haver com o “espírito mágico dos folhetos do romanceiro popular” nordestino, isto é significativo. Reforçar os símbolos da arte dita popular é contestar e resistir à uniformização da arte. É defender nosso patrimônio cultural. E nada melhor que a magia das manifestações do povo para buscar esse encantamento. Entretanto, os ‘armorialistas’ não questionam que este espírito mágico também tem um espírito ideológico... Entendemos que nem tudo que é popular, do povo, merece nossa defesa, posto que muito do que é popular é profundamente reacionário. Para não sermos cooptados pôr conceitos e preconceitos postos e impostos pela classe dominante, é útil que filtremos com cautela todos estes elementos. Veja pôr exemplo, a visão popular sobre a mulher, sobre o negro (sobretudo na literatura de cordel), é uma visão em geral machista, racista, segregacionista e preconceituosa.

Getúlio devia ter tido  
Com isso mais precaução  
Mandar pegar todo negro  
Prender dentro de um purão  
Para limpar nossa terra  
E se o Brasil entrar em guerra  
Fazer Bucha pra canhão”  
(ABC dos Negros de Enoque Pinheiro Neto)



Quem não gosta de mulher  
 Tem o umbigo para traz  
 É um bicho analfabeto  
 Que promete e não faz  
 É ignorante absoluto  
 Cafajeste e sem cartaz.

(O Significado da Moda e a Sabedoria da Mulher Através dos Tempos- Abraão Batista)

Por isso, questionamos a defesa ingênua ufanista do popular, sua sacralização, e a falta de uma crítica aos aspectos retrógrados dessa cultura. O resgate puro e simples cai no erro de congelarmos o tempo e obedecermos somente a uma concepção ancestral de mundo, em geral, imbuída de sentimentos profundamente nefastos, que reforçam os modelos de exploração de sistemas opressores como o capitalismo.

Reivindicamos o popular, vez que não somos sectários, defendemos sua sabedoria. Este saber é fonte de nossa pesquisa. A visão de que o popular não tem um saber, que apenas executa uma prática ditada pela classe dominante, nós a rejeitamos, mas reiteramos: desgrazadamente, o popular também é vítima da massificação e recebe influências profundas de idéias atrasadas, recheadas de preconceitos. É uma faca de dois gumes. Neste sentido, devemos ter uma prática literária que desconstrua essa memória dominante, que criou os signos do bem e do mal de acordo com interesses políticos e econômicos dos que colonizaram este país. Devemos nos preocupar em não caímos no senso comum, no pragmatismo pueril encontrado neste popular. Nisso concordamos mais com Marilena Chauí quando diz que muito do que é popular foi ideologicamente imposto, do que com Ariano Suassuna, quando reserva à cultura popular um santuário de pureza. Ao nos ligarmos às raízes da cultura popular brasileira (que não é só nordestina) devemos ficar atento(a)s para as sementes daninhas que nascem e poderão prejudicar a colheita de novos valores libertários dando ao ser humano, seu direito à diferença e à liberdade de expressão.

Essa diferença, no entanto, deve postular uma alavanca. Passa pelo entendimento de que a arte deve ser a bússola promotora de uma visão revolucionária de desvendar o mundo. O direito à diferença de que falamos não é somente o de sermos branco, preto ou índio (é também), mas o direito de tomarmos a arte para um agir contra as ideologias bárbaras que sucumbem o povo a um estado de letargia, de apatia, de lerdade intelectual. Não necessariamente fazendo uma arte engajada no sentido de dizermos “abaixo o capitalismo e

viva o socialismo!” Mas uma arte que desconstrua as visões discriminadoras (do hipossuficiente), invocando para valorização de novas formas de ver o mundo sem reforçar os estigmas e preconceitos construídos. Os pretendem maldizer o estabelecido. O definido como belo, feio, pobre enfim.

Estamos também construindo ideologias. Ao desconstruir também estamos construindo, e assim, como a chamada cultura popular (porque a erudita também faz isso) ironiza com a mulher, o negro, o mulato, o pobre, o homossexual etc, nós também (os malditos) nos serviremos do irônico, do deboche como um elemento *estético*. Ao utilizar este recurso zombaremos com o real estabelecido, criado (não por acaso). Ironizaremos também, mas, não com o negro, a mulher... e sim com aqueles que reforçaram esta ideologia, ou seja: a igreja, os padres, o patrão, o babão... buscamos o “avesso do avesso do avesso”. Buscamos novos sentidos políticos, culturais e estéticos. Formar uma nova capacidade de olhar o mundo, de forma caleidoscópica e fazendo desconforto no estabelecido, no supostamente perene. Tudo nasce, cresce e perece, eis a lei.

A Sociedade dos Malditos não existe para reforçar o modelo estabelecido dos gostos temáticos, mas para dizer, por exemplo, que o Padre Cícero (grande motivo do cordel nordestino) foi um político esperto, comprometido com o poder, enfim. A igreja, obscurantista... Nosso olhar vê pelo ângulo oposto da luneta mágica da classe dominante, que tenta transformar a realidade num senso comum. Essa subversão que propomos, para alguns será sempre *mau dita*, afinal, não temos a obrigação de falar as mesmas coisas, ou de defender os mesmos mitos para dizermos que fazemos cordel. Não queremos fazer um fac-símile do folheto dos poetas que foram abençoados de popular, como têm feito a grande gama de cordelistas que defendem uma tradição, mesmo que seja forçada. Não devemos enxergar apenas o óbvio, mas o que fitamos nas entrelinhas.

Vejamos: alguém elegeu um grupo de donos para o cordel (em geral, pessoas do campo e de poucas letras), em seguida, os cordelistas letrados, que hoje defendem ‘uma verdade autêntica’ tematizam sobre coisas que falaram esses camponeses poucos letrados. Para manterem o que eles chamam de autenticidade, devem, portanto, utilizarem-se da mesma linguagem de outrora, - o que chamamos de fac-símile; e das representações sociais mais arcaicas e atrasadas como as discriminações sociais, sexuais e étnicas. Os mestres do saber institucionalizado se ofendem quando surgem outros grupos que estão se lixando pra essa concepção tradicionalista da história lenta. E os poetas “populares” estufam o peito e dizem

“nós fazemos cordel, vocês não; vocês saem da linha da tradição”. Então nós dizemos, é, realmente nós não fazemos o tipinho *folk*, e muito menos queremos resgatar todo um universo de práticas simbólicas, achamos que o fazer literário deve ser criativo e pleno de **mudanças**. Não queremos resgatar toda uma tradição, mas os elementos importantes e revolucionários, de resistência, que sem dúvida estão presente no que é do povo.

Acreditamos que nossa produção em cordel atrai um novo público, mais crítico, antenado. Um público que não será necessariamente rural, nem analfabeto, mas leitores consciente, letrados ou não. Nosso objetivo é inovar a produção de folheto, que está atualmente num período de retomada cada vez maior, não de morte. Respeitamos parte da produção histórica do cordel brasileiro, não somos dono da verdade. Divergimos em grande parte do teor discursivo do grande corpus de cordel brasileiro. Nosso intuito é comer antropofagicamente, seus aspectos nocivos à construção da liberdade de expressão humana, de cidadania e da identidade brasileira. Somos tupinambás. Somos Pataxos. Somos Cariris, hi-tec também. Cibernéticos. Undergroud. Mangubeat. Metropolitanos. Somos completamente humanos. Somos a soma de **lingua gens**.

Tudo isso passa também por uma discussão do ser ambiente o (eu)cológico. Defender uma nova natureza humana é começar a despoluir nossa mente (e corpo) dos preconceitos e das algemas de um real manipulado. Neste sentido, é de suma importância política a prática ecológica de plantarmos árvores de umburana ao término das oficinas de xilogravura. Não somente plantar, como, criar um evento ecológico em cima dessa prática elegendo no grupo presente, pessoas responsáveis para cuidar dessa planta. Essa postura a ser defendida entende a vida como *ARte* e a arte como *VIDA*, esta a ser preservada, cuidada e adubada com a cultura de um mundo melhor, porque a gente “não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte... agente quer saída para qualquer parte... prazer pra aliviar a dor...a gente quer fazer amor”.

**Para tanto nossos objetivos são:**

- Diversificar os códigos estéticos na literatura de cordel
- trabalhar com a intertextualidade
- Divulgar a literatura de cordel
- Lançar na região e no Brasil a *Sociedade dos Cordelistas Mauditos*

- Buscar na cultura da região os elementos revolucionários para composição do nosso movimento *maudito* que se desdobra em shows, performances, oficinas, exposição e mesas redondas
- Criar novas formas visuais no cordel
- Denunciar os costumes populares reacionário como a visão do negro, da mulher, do homossexual etc.
- Incentivar a leitura de poesias
- Incentivar a arte como defesa da vida exercendo uma prática (eu)cológica introduzindo a plantação da umburana (árvore que gera arte e faz a xilogravura) após as oficinas de gravura.